
Romanos

Exposição sobre Capítulo 5

A CERTEZA DA FÉ

D. M. Lloyd-Jones



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287

01059-970 – São Paulo – SP

Título original:

Assurance

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1971

Copyright:

D. M. Lloyd-Jones

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

Antonio Poccinelli

Capa:

Sergio Luiz Menga

Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust
para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:

2000

Impressão:

Imprensa da Fé

ÍNDICE

Prefácio	9
-----------------------	----------

1	11
----------------	-----------

Análise dos capítulos 5-8, mostrando que o principal tema não é a santificação, mas a certeza da salvação final – capítulo 5:1-11: as conseqüências da justificação – mediante nosso Senhor Jesus Cristo – “paz com Deus” antes de “a paz de Deus”

2	27
----------------	-----------

Os aspectos referentes ao homem e a Deus da “paz com Deus” – seis testes da nossa justificação – paz e segurança – características da paz verdadeira e da falsa

3	46
----------------	-----------

Acesso a Deus – nossa introdução, uma vez por todas, no estado de graça – privilégios e bênçãos desse estado – a segurança da nossa posição – ousadia e segurança

4	63
----------------	-----------

Gloriando-nos e exultando na esperança – “a glória de Deus” – a glorificação e a ressurreição física – a glória já iniciada na terra – o significado da glória

5	80
----------------	-----------

A reação cristã às provações, contrastada com a das seitas – não resignação, mas gloriar-se em – entendendo o propósito de Deus nas provações – o resultado final

6	97
A esperança leva, não à vergonha, mas à superação – a direta e experimental certeza do amor de Deus – o apoio de testemunhos – exortação a buscarmos este conhecimento do amor de Deus	
7	114
O Espírito Santo e a segurança – a prova da operação de Deus dentro de nós – a garantia da nossa perseverança na fé – a evidência da presença do Espírito pela obra que Ele realiza em nós	
8	129
Versículos 6-8, uma exposição do amor do Pai – nenhum conflito com a Sua justiça – o amor de Deus recomendado em relação ao tempo, ao envio e à morte de Cristo, e o caráter dos que são salvos	
9	145
O amor de Deus pelos pecadores – o sentido da impiedade – o homem justo e o homem bom – a morte de Cristo – o amor de Deus: a base da nossa segurança	
10	158
“Logo, muito mais agora” – salvação passada, presente e futura – o sangue de Cristo: a base da nossa justificação – a finalidade do pronunciamento de Deus quanto à justificação	
11	171
Argumento adicional do maior para o menor – aspectos objetivos e subjetivos da inimizade – a necessidade da morte de Cristo para a reconciliação – a segurança dos que foram inseridos em Cristo	
12	187
Gloriar-nos em Deus, e as causas de não fazê-lo – entendimento inadequado da justificação pela fé – falta de meditação – não raciocinar partindo das Escrituras – auto-exame e regozijo	

13	204
Nova seção – conexão com os versículos anteriores – ligação especial com “pela sua vida” – passagem vista como uma introdução dos capítulos 6-8 – as duas cabeças da raça humana – a importância da seção	
14	221
Análise geral da passagem – comparação e contraste entre Cristo e Adão – a universalidade do pecado e da morte – as explicações contrárias dadas pela filosofia evolucionista e pela Bíblia	
15	238
O sentido de “todos pecaram” – a imputação do pecado de Adão – o paralelo da imputação da justiça de Cristo – a doutrina do pecado original	
16	256
Nossa relação com Adão – o conceito realista e o conceito federal – defendida a autoridade dos apóstolos – Adão, tipo de Cristo: semelhanças e diferenças	
17	271
Os contrastes entre Adão e Cristo – o salário e o dom gratuito – a certeza e a abundância da graça de Deus – mais bênçãos ganhas do que as que Adão perdeu	
18	287
Universalismo, o “um” e os “muitos” – uso bíblico e limites contextuais – Paulo preocupado com a conexão, não com números – perigos da especulação	
19	302
Uma só ofensa e muitas ofensas – condenação e justificação – o reinado da morte – o dom da justiça e o nosso reinado na vida	
20	318
Os efeitos judiciais do pecado de Adão – os efeitos judiciais da obediência de Cristo – nossa posição em Cristo, não mais em Adão – a segurança do cristão, apesar do pecado	

21	335
A função da Lei – aumentando no homem o conhecimento do pecado – convencendo do pecado – incitando a pecar – levando os homens a Cristo – a necessidade de uma obra da lei	
22	353
A superabundância da graça – a fonte da segurança e da alegria – o homem sob o domínio do pecado – o reinado do pecado na sociedade moderna – o pecado e a morte	
23	372
O reinado da graça – a atividade da graça – a inauguração do reino da graça – graça e justiça – reverência e ousadia	
24	387
O programa do reinado da graça – visto na história bíblica, na profecia e na história da Igreja – visto no indivíduo, na “ordo salutis” – o poder da graça	
25	404
O poder do reinado da graça – a morte espiritual e a graça irresistível – a poderosa obra da graça em todas as partes da salvação – graça indelével	
26	421
A munificência da graça – a suprema vitória da graça – Aquele que torna possível este reinado – a vitória da graça na realeza de Cristo	

PREFÁCIO

Este volume consiste de 26 sermões pregados sobre o capítulo 5 da Epístola aos Romanos.

O que foi dito de maneira geral à guisa de introdução do volume anterior (que consiste de sermões sobre os capítulos 3:20–4:25) é igualmente aplicável aqui.

São sermões, não palestras ou preleções, e pelas razões ali dadas.

Como eu explico no texto, de há muito considero o capítulo cinco desta grande Epístola como o capítulo chave – absolutamente essencial para um verdadeiro entendimento dos capítulos 6-8.

Ao mesmo tempo, é um dos capítulos mais difíceis, especialmente nos versículos 12-19. Contudo, nada pode ser mais recompensador do que um cuidadoso e paciente acompanhamento do argumento do apóstolo.

Dois dos grandes temas relacionados com a vida cristã são tratados aqui, a saber, a segurança da salvação e a nossa união com Cristo. De muitas maneiras este capítulo dá-nos a base essencial para o gozo da nossa “tão grande salvação”.

Estes sermões foram pregados em consecutivas noites de sexta-feira na Capela de Westminster, de 25 de outubro de 1957 a 30 de maio de 1958 (com breves interrupções por ocasião do Natal e da Páscoa).

Mais uma vez apresento os meus mais profundos agradecimentos àqueles que mais me ajudaram na produção deste volume – a Sra. E. Burney, o Sr. S. M. Houghton, e minha esposa.

Agosto de 1971

D. M. Lloyd-Jones

1

“Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” – Romanos 5:1,2

Este capítulo cinco da Epístola aos Romanos não somente introduz uma nova seção, mas, em muitos aspectos, é a chave para o entendimento do restante da carta. Ao mesmo tempo ele contém consolador e revigorador ensino da mais elevada classe. É, portanto, uma passagem que exige diligente e detalhado estudo.

O apóstolo tinha acabado de fazer sua grande exposição da doutrina da justificação somente pela fé. Tinha tratado de todas as objeções, tinha considerado todos os argumentos concebíveis que poderiam ser apresentados contra ela; e, tendo tratado disso tudo, voltou a fazer uma declaração da grande doutrina e, no fim do capítulo quatro, mostrou que essa é uma mensagem que deve ser pregada a todos: “Ora não só por causa dele (Abraão) está escrito, que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor; o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”.

O apóstolo começa caracteristicamente a nova seção fazendo uso da palavra “pois” (“Sendo pois”). Às vezes penso que todo o segredo da vida cristã consiste em saber usar a palavra “Pois”, “Portanto”. De muitas maneiras, a vida cristã é matéria de lógica, matéria de dedução. Os cristãos que brilharam mais

esplendidamente através dos séculos sempre foram os que sabiam fazer uso da palavra “Portanto”. Correspondentemente, a causa de muitos fracassos na vida cristã acha-se na incapacidade de usar essa palavra e de deduzir o que poderíamos e deveríamos deduzir desta grande doutrina que estamos estudando.

Noutras palavras, o apóstolo vai mostrar-nos agora que, à luz do que estivera dizendo, há certas deduções inevitáveis que podem e devem ser tiradas. Quais são as deduções e conclusões a que chega o apóstolo? Parece-me que a melhor abordagem disso é considerar seu ensino em geral, fazendo uma análise geral dos capítulos 5, 6, 7 e 8. É importante fazer isso no início desta nova seção porque, como se sabe, estes capítulos, especialmente os capítulos 6, 7 e 8, de há muito são objeto de controvérsia e de entendimento errôneo.

Uma classificação e subdivisão comumente aceita destes capítulos é mais ou menos assim: dizem que nos onze primeiros versículos deste capítulo cinco o apóstolo extrai e registra os resultados da justificação pela fé. Depois, dizem-nos, no versículo 12 ele dá início à grande questão da santificação e continua tratando desse assunto até o versículo 13 do capítulo 8. Daí em diante, e até o fim do capítulo 8, ele mostra mais alguns resultados e conseqüências desta doutrina da justificação, levando à nossa glorificação final e ao nosso triunfo sobre todas as provações e tribulações. Há quem diga que a Epístola aos Romanos é muito simples: os quatro primeiros capítulos, justificação; os capítulos 5-8, santificação; e depois, os capítulos 9-11, o problema dos judeus; e então, o restante, instruções e exortações práticas.

A mim me parece que essa classificação está completamente errada. Rejeito-a por muitas razões – como espero demonstrar – mas particularmente porque, ao adotarmos essa classificação, privamo-nos de algumas das maiores riquezas desta seção, que estamos prestes a examinar.

Sugiro-lhes que essa análise é completamente insustentável

e inadequada, ainda que a única razão fosse que ela perde a real significação dos onze primeiros versículos deste capítulo. O de que Paulo verdadeiramente se ocupa nestes versículos não é meramente inferir certos resultados da justificação. É feito isso nesses versículos, porém eles fazem muito mais que isso. Os resultados são quase incidentais; há algo muito mais grandioso aqui. Na verdade, uma “Bíblia” popular não hesita em dizer que há sete resultados da justificação nestes onze versículos. Ela não nos diz quais são esses sete resultados. Tentei achá-los, mas falhei completamente.

Além disso, parece-me que essa classificação não trata adequadamente da tremenda doutrina que é introduzida no versículo 12 deste capítulo, a doutrina da nossa união com Cristo. De igual modo, ela certamente deixa de fazer justiça ao capítulo 6, que começa com a pergunta: “Que diremos pois?” Seguramente, nos capítulos 6 e 7 o apóstolo está tratando de objeções e dificuldades. Não é tanto de expor uma doutrina positiva que ele está tratando; está se ocupando mais de objeções e dificuldades que as pessoas apresentam contra a doutrina. Sou, pois, compelido a rejeitar essa classificação como sendo demasiada artificial e superficial. Naturalmente, num sentido a doutrina da santificação vai ser tratada nestes capítulos, mas não dessa maneira. Ela é apresentada de maneira inteiramente diversa.

Então, que é que em minha opinião constitui o objetivo destes capítulos? Pressuponho que deste ponto em diante, o apóstolo está primariamente interessado em mostrar-nos o caráter absoluto, a plenitude e a finalidade definitiva da salvação que nos vem do modo como ele já tinha descrito, a saber, como resultado da justificação pela fé. Tendo posto diante de nós essa doutrina da justificação somente pela fé, ele prossegue para mostrar que, se realmente cremos nAquele que ressuscitou Jesus, o nosso Senhor, dentre os mortos, “o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”, a nossa salvação é absoluta, completa

e final, e que nada jamais nos privará dela. Essa é, segundo o meu parecer, a legítima abordagem para a correta análise destes capítulos.

Permitam-me consubstanciar o meu ponto de vista. Afirmo que Paulo estabelece isso imediatamente nos dois primeiros versículos: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Ali ele nos leva à última e suprema finalidade da salvação – “a glória de Deus”. É isso que ele deseja ensinar-nos, que a nossa salvação – se de fato vemos e cremos nessa doutrina da justificação pela fé, e se assim descansamos nossa fé em Cristo – que a nossa final e completa salvação é certa, está garantida, é absoluta. Ele afirma isso imediatamente nos dois primeiros versículos.

Depois, nos versículos 3, 4 e 5, Paulo vai adiante e nos mostra que nada jamais a pode arrancar de nós; as maiores tribulações que nos sobrevenham não poderão privar-nos dela, se verdadeiramente ocupamos esta posição. Sejam quais forem as tribulações que nos venham, não farão diferença para nós. Nos versículos 6-11 ele passa a mostrar-nos por que esta nossa salvação é tão inabalavelmente certa e segura. Ele não está apenas traçando e expondo os resultados da justificação; está mostrando como a justificação torna a nossa salvação absolutamente segura e terminante. Nos versículos 6-11 diz ele que é assim porque é totalmente de Deus, baseada no amor de Deus, no caráter de Deus. Não somente isso; ele mostra que a nossa justificação se baseia na ação de Deus e no amor de Deus para conosco quando éramos completamente fracos e estávamos sem forças, quando, na verdade, éramos Seus inimigos. Todavia, afirma ele, esse é de todos o maior argumento; Deus enviou Seu único Filho para morrer por nós e pelos nossos pecados, e se Ele o fez mesmo quando éramos inimigos, é mais que certo que Ele jamais permitirá que

caíamos. Esse é o grande argumento do versículo dez: “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Noutras palavras, o argumento é este: se você sabe que está justificado diante de Deus mediante a morte e a ressurreição de Cristo, sua salvação completa está garantida. Se Deus fez aquilo, a obra máxima, quando éramos inimigos, não poderá deixar de fazer as coisas menores, necessárias para garantir a nossa final e total libertação do pecado em todos os seus aspectos e formas, e a nossa glorificação final. Aí está, proponho eu, a análise dos onze primeiros versículos – todos eles tratando deste caráter terminante, desta certeza absoluta da nossa salvação.

Nos versículos 12-21 ele não está tratando primeiramente da santificação, mas continua ainda com o mesmo assunto da certeza. Seu argumento é que a maior prova da nossa salvação final e da sua garantia é a nossa união com Cristo; é o fato de que estamos “nele”, como outrora estávamos em Adão. As outras explicações ficam necessariamente em dificuldade neste ponto. O seu problema é: por que o apóstolo começa a falar sobre Adão aqui? Qual é o seu objetivo ao fazê-lo? Do ponto de vista delas, realmente não há resposta. É interessante examinar os diversos comentários nesta altura e ver como são evidentes as suas dificuldades. Alguns nem tentam fazer qualquer classificação; meramente querem dar-nos a impressão de que o apóstolo introduz vários assuntos que não se relacionam entre si, e neste ponto, de repente, introduz a idéia de que antes estávamos em Adão e agora estamos em Cristo. Eles não conseguem ver o argumento em sua continuidade. No entanto, há um argumento contínuo aqui; é o fato de que estamos incorporados em Cristo como antes estávamos em Adão, que garante definitivamente a nossa salvação final. O homem que é justificado pela fé é o homem que está “em Cristo”, e, visto que ele está em Cristo, a sua salvação final está garantida.

Nos capítulos 6 e 7 Paulo trata de objeções a este ensino, especialmente ao ensino presente nos versículos 20 e 21 concernente à Lei. O ensino do apóstolo concernente à graça e à justificação somente pela fé parece sugerir que quanto mais pecarmos, maior porção da graça receberemos, e que, de qualquer forma, a Lei parece inútil e desnecessária. Ele se ocupa da primeira objeção no capítulo 6, começando com a pergunta: “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Essa era a objeção que estava particularmente na mente do judeu, levando-o a questionar: “Se você diz que tudo é tão seguro e certo que não importa o que fazemos, podemos pecar quanto quisermos; estamos “em Cristo”, você diz, e, portanto, estamos eternamente salvos, seja o que for que façamos ou deixemos de fazer; se você diz que a Lei não tem importância vital para nossa salvação, você está abrindo as comportas para a enchente do antinomianismo, você está incentivando as pessoas a pecarem; e elas poderão afirmar que, quanto mais pecarem, mais abundante graça haverá para elas e brilhará diante do mundo”. No capítulo 6 o apóstolo trata disso, dizendo: “Nada disso. Se vocês entenderem realmente esta doutrina da união com Cristo, verão que o seu efeito é precisamente o oposto. Qualquer homem que esteja de fato convencido desta verdade lutará com todas as suas forças e fará todo o possível a fim de aperfeiçoar-se para a glória final. Como João o expressa, “qualquer que nele tem esta esperança purificar-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). Quem realmente entende a verdade da justificação não diz: “Uma vez que estou em Cristo e estou salvo, posso sair a pecar”; diz exatamente o oposto”. No capítulo 7 ele se ocupa da outra objeção, que se refere ao real objetivo e propósito da Lei. Ele mostra que esse ensino nunca significou salvar-nos com respeito à justificação e à santificação. Seu objetivo era simplesmente mostrar-nos a nossa necessidade da salvação, a nossa completa incapacidade de obtê-la; na verdade, como ele diz em Gálatas 3:24, seu principal propósito era servir “de aio,

para nos conduzir a Cristo”. Noutras palavras, os capítulos 6 e 7 são um parêntese, uma interrupção do argumento principal, para tratar de duas importantes dificuldades e objeções.

Tendo tratado dessas dificuldades, Paulo volta, no capítulo 8, ao grande tema do qual se havia apartado no fim do capítulo 5, e o reassume com as palavras: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” – “em Cristo Jesus”, o tema do capítulo 5, versículos 12-21. “Deixem que eu volte ao meu tema”, ele parece dizer; e passa a fazê-lo. O grande interesse do capítulo 8 consiste em mostrar-nos em termos ainda mais claros a absoluta certeza e o caráter absolutamente terminante, definitivo, da nossa salvação, como tudo coopera para aquele fim no plano e esquema de Deus. Esse capítulo termina, em tom gloriosamente triunfal, com a grande interrogação: “Quem será capaz de separar-nos?” que ele responde com a vigorosa afirmação: “Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!” “Justificados pela fé”, estamos “em Cristo”, e nada nos pode separar do amor de Deus.

Permitam-me apresentar-lhes o que considero a mais forte prova de que esta é a análise verdadeira, fiel. Vocês devem ter notado que o apóstolo faz exatamente a mesma coisa nos dois primeiros versículos do capítulo 5, como o faz no versículo trinta do capítulo 8. Podem examiná-los: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Notem o que ele faz ali. Ele passa direto da justificação à glorificação. Não fala uma palavra sequer sobre a santificação. Vejam depois o versículo 30 do capítulo 8 – “E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também

glorificou”. Mais uma vez ele salta diretamente da justificação para a glorificação – do começo para o fim. Sua tese é que, se, afinal de contas, você ocupa este lugar e está neste plano de salvação, tudo está garantido para você. Uma vez que você está nisto, está nisto até ser glorificado. Por isso ele salta da justificação para a glorificação. Ele faz isso no início do capítulo 5, e o faz quando se põe a dar andamento à sua grande argumentação do capítulo 8, no versículo 30, e lhe dá prosseguimento até à triunfal explosão do fim do capítulo.

É de vital importância que entendamos estes capítulos cruciais e que saíamos do atoleiro de confusão no qual fomos metidos por aquela outra análise e suas diversas teorias quanto ao método de santificação, à interminável discussão sobre quem é “o homem de Romanos, capítulo 7” e ao leviano ensino que fala em passar logo do capítulo 7 ao capítulo 8. Como tudo isso é mecânico! E como lhe falta este tremendo elemento de certeza e de glorificação! É sem dúvida significativo que virtualmente não se tenha dado ênfase à glorificação, especialmente durante o século dezenove; e, todavia, é a esta verdade que o apóstolo dirige a atenção logo no início do capítulo 5 e que ele desdobra para nós em termos tão ardentes no capítulo 8, principalmente no que se refere à certeza de tudo isso.

Sendo este, pois, um esboço geral do conteúdo destes quatro capítulos, devemos agora passar a percorrê-los passo a passo, como o próprio apóstolo Paulo faz. Devemos permitir ao apóstolo conduzir-nos e expor suas grandes declarações em detalhe.

A “justificação pela fé”, diz-nos ele nos versículos 1 e 2, faz logo três coisas por nós. Dá-nos paz com Deus; coloca-nos firmemente no lugar em que se acham todas as bênçãos; e nos habilita a exultar na perspectiva de nossa glorificação futura e definitiva. Essa é a declaração que ele, então, passa a expor. Como ele o faz?

No versículo primeiro ele trata do primeiro resultado da

justificação. “Sendo pois justificados pela fé”, ou “Tendo sido justificados pela fé” – uma tradução melhor – “temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. Devemos fazer uma breve pausa. Notem que ele torna a mencionar, “por nosso Senhor Jesus Cristo”. Quantas vezes ele disse isso nos quatro primeiros capítulos! Ele introduz constantemente o nome do nosso Senhor, e nos faz lembrar Sua morte e Sua ressurreição. Ele tinha acabado de fazê-lo no fim do capítulo 4, e se poderia pensar que tinha feito muito esforço para não ter necessidade de dizê-lo de novo. Mas ele torna a dizê-lo. “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus.” Provavelmente nós teríamos parado ali; não assim, porém, com o apóstolo Paulo. “Por” ou “Por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.” Ele acha que jamais poderá dizer isso com exagerada freqüência; jamais poderá mencionar o bendito Nome demasiadas vezes.

Que mestre sábio ele é! Ele sabe como estamos sempre prontos a esquecer; por isso está determinado a fazer com que não esqueçamos isso. Todas as vezes que ele menciona estas bênçãos gloriosas, persiste em dizer-nos que as obtemos “por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”, que elas não podem ser obtidas independentemente dEle, e que todo aquele que pensa que conhece a Deus, ou que é abençoado por Deus, exceto em e “por nosso Senhor Jesus Cristo”, está se iludindo e bancando o tolo. Não há outro meio. Ele é o único. E se tão-somente víssemos isso como Paulo o via, nós também nos deleitaríamos como ele em mencionar o nome do “nosso Senhor Jesus Cristo”. Notemos isso de passagem – na verdade, o apóstolo nunca nos deixará esquecer-lo. Contudo, não sejamos tolos em deixar de anotar o que ele faz, e passá-lo por alto. Tratemos de sublinhá-lo, de contemplá-lo admirados; e perguntemos a nós mesmos se gostamos tanto do Nome como Paulo gostava, se gostamos de repeti-lo como Paulo gostava. E observemos, não apenas “Jesus”, mas “nosso Senhor Jesus Cristo”. A vocês agrada repeti-lo? Este é um dos melhores testes para verificar toda a nossa posição como cristãos. Não

recebemos nada à parte dEle. É tudo nEle. Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio, o fim, o Tudo em todos. Demos glória a Ele – “nosso Senhor Jesus Cristo”.

Que é que nós obtemos por meio dEle? A primeira coisa é “paz com Deus”. “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.” É o que ele coloca em primeiro lugar. Ele irá falar das bênçãos que recebermos de Deus mediante o Senhor Jesus Cristo. Mas essas virão em segundo lugar. Primeiro ele coloca – “paz com Deus”. Por que estou dando ênfase a isso? O motivo por que o faço é que atualmente há muitos que colocam as bênçãos em primeiro lugar, e convidam as pessoas a “virem a Jesus” para que possam receber esta ou aquela bênção, sem dizerem uma palavra sobre “paz com Deus”. “Não se importem com o arrependimento agora”, dizem eles, “isso virá depois”. “Vocês querem um Amigo? Precisam de ajuda? Precisam de consolo? Querem felicidade, paz e alegria?” São estas as coisas que eles põem na frente e que salientam, e assim dão ao cristianismo a aparência de seita e de que está em competição com as seitas. Eles partem de nós e das nossas diversas necessidades, dificuldades e problemas, e de nossos vários desejos, e depois nos convidam a “Vir para Jesus” como Aquele que pode satisfazer essas necessidades. As seitas dizem mais ou menos a mesma coisa; a única diferença consta em que é o seu ensino particular que, alegam elas, produz o resultado desejado.

Sempre deve ser um dos nossos objetivos mostrar a singularidade da mensagem cristã, e, assim, a primeira coisa que devemos acentuar é “paz com Deus”. Por quê? A razão é simplesmente que não poderemos receber bênção nenhuma de Deus enquanto primeiro não tivermos acesso à presença de Deus e não tivermos sido reconciliados com Ele. Não podemos orar a Deus como estamos, e, se desejamos que Deus nos abençoe, a primeira questão que temos de enfrentar é esta – como posso ter ingresso, como posso ter acesso a Deus, como posso ter uma audiência com Deus? Se você

estiver desejoso de obter algum benefício da rainha da Inglaterra, a primeira coisa que terá que discutir é: como poderei entrar no Palácio de Buckingham? Que devo fazer para conseguir admissão? E depois: como devo aproximar-me desta grande personalidade? Nessa esfera tudo é claríssimo. E, todavia, não damos nenhuma atenção a isso quando buscamos bênçãos de Deus. Vamos a Deus e esperamos receber tudo o que pedimos de imediato. Mas isso não é possível. Todas as bênçãos vêm por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; e primeiro temos que estar em paz com Deus.

Permitam-me ilustrar o que estou querendo dizer. Por certo vocês se lembram do incidente narrado no capítulo nove do Evangelho Segundo João, sobre a cura de um cego. Aquele homem disse uma coisa profundamente importante que muitos evangelistas modernos parecem esquecer. Vocês se lembram de que, depois de ter sido curado, as autoridades tentaram persuadi-lo, primeiro de que ele não tinha sido curado coisa alguma, e, depois, quando tiveram que admitir que ele fora curado, de que Aquele que tinha feito isso por ele era um pecador. O cego deu uma resposta deveras profunda; disse ele: “Deus não ouve a pecadores”. Seu propósito foi provar que o nosso Senhor não podia ser um pecador, tendo-se em vista o que Ele lhe tinha feito. O homem estava certo – certo neste sentido, que o pecador, como é, não pode ser ouvido por Deus. A primeira coisa que o pecador precisa descobrir é o caminho de volta a Deus, é como conseguir acesso a Deus.

Por isso começamos com “paz com Deus”. Antes de passarmos a considerar qualquer bênção, sempre devemos considerar amplamente a questão da nossa condição, do nosso estado, da nossa posição diante de Deus. É quase uma frustração querer entender como alguém pode ignorar isso. Todos nós estamos interessados em bênçãos e em nosso futuro neste mundo, mas devemos começar com a percepção de que pode ser que não estejamos vivos amanhã. Não há nada errado em buscar bênçãos, e devemos ser gratos a Deus pelas gloriosas bênçãos

que Ele nos dá; porém quem começa buscando bênçãos é tolo, porque poderá não estar aqui para gozar as bênçãos que está buscando. A nossa situação é, toda ela, incerta. “A vossa vida é um vapor”, como no-lo faz lembrar Tiago, e a primeira questão é a nossa situação diante de Deus, é a nossa relação com Deus. Sou obrigado a começar desse ponto por todos os motivos. Como posso pedir algo a Deus, se não sei como aproximar-me dEle? Antes de começar a pensar no que poderei fazer quando receber bênçãos, certamente devo encarar a possibilidade de morrer de repente e ter que estar diante de Deus no juízo. E então? É aí que devo começar. Por todas as razões do mundo, a primeira coisa é a minha relação com Deus. Tudo mais segue-se a isso e disso depende.

Isso estaria claro para nós? A tarefa principal do evangelho cristão não seria dar-nos bênçãos. Dou ênfase ao propósito *principal*. Sua função principal é reconciliar-nos com Deus. É “levar-nos a Deus”. É colocar-nos na situação em que podemos pedir bênçãos a Deus e em que Deus pode abençoar-nos. Não se deve colocar nada antes disso, jamais. Todo aquele ensino segundo o qual o arrependimento não tem importância, e não importa se você tem senso de pecado ou não, se você se dá conta ou não da sua necessidade de perdão, e que afirma que tudo o que você terá de fazer é atender ao apelo, “Vem a Jesus como estás”, é inteiramente antibíblico. Na verdade é ilógico. Você pode ir para a cama à noite e dormir bem como resultado de algum ensino que tenha esposado – “o poder do pensamento positivo”, a Ciência Cristã, ou outro ensino qualquer. Podem ter desaparecido todas as suas preocupações e você pode estar livre de inquietações. A trágica ilusão que há em seguir tais ensinos está no fato de que eles não o ajudam na questão mais vitalmente importante; na verdade eles a escondem de você e o aconselham a esquecê-la. Eles não o ajudarão, se você morrer de repente. Não o ajudarão no dia do Juízo. Você foi acalentado e induzido a uma falsa sensação de paz, e a sua situação será pior do que era anteriormente, porque,

pensando que tinha recebido tudo quanto necessitava, não estará mais buscando coisa alguma. Que perigo é deixar de observar a ordem e a disposição em que as coisas são expostas nas Escrituras, e invertê-las! “Sendo pois justificados pela fé”, o primeiro resultado é que “temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”.

Vejamos isso. Há desacordo sobre se devemos estudá-lo, como estamos fazendo, com base na Versão Autorizada ou se devemos seguir a tradução da Versão Revista (ambas inglesas). Nessa lemos: “Sendo, pois, justificados pela fé, tenhamos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. (A VA diz “...temos paz com Deus...”.) A diferença deve-se, mais uma vez, a variantes presentes nos manuscritos antigos do Novo Testamento. Alguns deles trazem: “Tenhamos paz”; outros dizem: “Temos paz”. Mas o certo é que não haverá nenhuma dificuldade aqui, se levarmos em conta o contexto. Que é que o apóstolo está fazendo neste ponto? Já declarei que, em minha opinião, ele está procurando fazer-nos lembrar a certeza da nossa salvação completa e definitiva. Se esse entendimento está correto, é certo que ele não nos está exortando a que tenhamos paz com Deus; ele nos está lembrando que já a temos. Depois, na próxima declaração, ele continua: “Pelo qual também temos entrada” – “obtivemos o nosso acesso”, é a tradução correta. Já temos isso. Não se trata de uma exortação; o apóstolo está simplesmente concitando-nos a dar-nos conta do que já temos. Neste ponto a Versão Padrão Revista (inglesa) está certamente em maior consonância com a tendência e a marcha do argumento de toda esta grande passagem. Não é uma exortação. Graças a Deus que não! É a maneira pela qual o apóstolo nos leva a ver o que já temos, e a regozijar-nos nisso.

Que se quer dizer com “Paz com Deus”? Começemos pelas negativas. O que temos aqui não é apenas “paz”; é “paz com Deus”. O mundo clama por paz. As pessoas estão mal e infelizes, e o que elas estão procurando e esperando anelantes

é paz, paz mental. Estão inquietas, sentem-se infelizes. Estão em busca de paz, e não se importam muito com a maneira de obtê-la, contanto que a consigam. Algumas se entregam à bebida, outras às drogas, outras se lançam aos prazeres, algumas voltam-se para as seitas – todas saem atrás de “paz”. Não é essa a sua necessidade principal, garante Paulo, como o faz o evangelho cristão em toda parte. O que você precisa é de “paz com Deus”, e é pelo método da justificação pela fé, e somente por esse método, que você pode obter essa paz. A Igreja Cristã não é simplesmente uma das numerosas agências que estão oferecendo às pessoas o fim dos sofrimentos com os seus nervos desgastados, e o fim de outros males mais, nem está em competição com elas. Este ensino de Paulo é teologia, é doutrina, é a verdade eterna de Deus. Seu interesse está posto, não na paz como tal, mas na “paz com Deus”.

A segunda negativa é muito importante. O que Paulo diz não é que temos “a paz de Deus”, mas que temos paz COM DEUS. Podemos ver a diferença pondo a nossa atenção em Filipenses 4:7: “Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus”. “A paz de Deus.” O que estou salientando é que não é disso que trata a passagem que estamos estudando. Aqui se fala de “PAZ COM DEUS”. Dou-me ao trabalho de acentuar isso porque, para meu espanto, os maiores comentários da Epístola aos Romanos, a saber, os de Charles Hodge e de Robert Haldane, parecem confundir esses termos, e falam em “paz de Deus” aqui. Não quer dizer que a interpretação que eles dão desta passagem não esteja essencialmente correta, porém eles não deveriam introduzir a expressão, “a paz de Deus” aqui. “A paz de Deus, que excede todo o entendimento”, é algo que diz respeito a uma situação inteiramente diversa daquela da qual o apóstolo está tratando no texto em foco. “A paz de Deus, que excede todo o entendi-

mento”, é algo de que a pessoa necessita quando está cercada de problemas, dificuldades e provações. Ela corre grave perigo de sucumbir à preocupação angustiosa, à aflição e à ansiedade. Todos nós somos tentados muitas vezes dessa maneira. Na ocasião o apóstolo estava lidando com pessoas já bem estabelecidas na vida cristã, não com o ingresso nessa vida. Mas em Romanos estamos considerando uma questão muito diferente; aqui não estamos estudando como resistir aos problemas, às dificuldades e às tribulações; aqui a questão é: como ficamos diante de Deus? O de que necessitamos neste ponto não é a “paz de Deus”, e sim “paz com Deus”.

Jamais experimentaremos “a paz de Deus”, enquanto não tivermos, primeiro, “paz com Deus”. É muito importante que entendamos que aqui o assunto não é como enfrentar as provações da vida, e sim, como enfrentar a Lei de Deus, o juízo e a justiça de Deus. De fato, o próprio Charles Hodge com muito acerto assinala que uma tradução melhor aqui seria: “Portanto, sendo justificados pela fé, temos paz com referência a Deus”, não paz com referência às provações, às tribulações e às circunstâncias difíceis, mas paz com referência a Deus. “Paz com Deus” é mormente matéria objetiva quanto à nossa relação com Deus e à nossa situação perante Deus. “A paz de Deus” é inteiramente subjetiva, é o modo como eu supero a fatal tendência para a ansiedade e para a preocupação angustiosa. Aqui o assunto em pauta é essencialmente teológico; no quarto capítulo de Filipenses é essencialmente prático e pastoral.

O apóstolo nos está fazendo lembrar que, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, e mediante a justificação pela fé, temos paz com referência a Deus. Ele quer dizer que, graças à justificação pela fé, aqueles obstáculos que existem entre Deus e o pecador são removidos, deixam de existir, e que há uma relação inteiramente nova. Anteriormente havia uma barreira, havia um estado de inimizade, havia um estado de guerra e de antagonismo; mas, sendo o pecador justificado pela fé, tudo

isso desapareceu, e se estabeleceu uma condição de paz entre Deus e o homem que crê que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos, “o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”. A seguir (antes de eu passar a desenvolvê-lo ainda mais minuciosamente), vamos examinar os aspectos para com Deus e para com o homem, desta paz.

Vemo-nos, pois, aqui, no início desta grande porção da Epístola, que se estende do capítulo 5 ao fim do capítulo 8. O tema é a certeza absoluta da nossa salvação, da nossa glorificação final e definitiva. A primeira coisa que me capacita a conhecer experimentalmente essa certeza é que “temos paz com referência a Deus”. Há paz entre Deus e mim, e entre mim e Deus. E tudo “por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

2

“Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” – Romanos 5:1,2

Passemos agora a examinar a “paz com Deus”, que resulta da justificação pela fé, nos dois aspectos – para com Deus e para com o homem. Com muitíssima freqüência isso é tomado, mesmo aqui, num sentido puramente subjetivo. Conquanto seja certo que há grandes conseqüências desta paz, como espero mostrar, é essencial que a examinemos primeiro de maneira mais objetiva. A paz envolve, necessariamente, duas pessoas, é uma relação entre duas pessoas; e no presente caso é paz entre o homem e Deus. Devemos ter em mente que é preciso que algo aconteça da parte de Deus, bem como da parte do homem, para que se possa obter paz. Devemos lembrar-nos de novo da situação que havia sob a Lei. O apóstolo nos tinha mostrado extensamente que da parte de Deus a situação era que a ira de Deus estava sobre nós. Ele tinha firmado esse postulado primário já no versículo dezoito do capítulo primeiro, onde ele diz: “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens”. Ele não se envergonha do evangelho porque o evangelho fala desse problema e nos livra dele.

Na passagem hoje em foco ele está dizendo a mesma coisa de modo diferente, asseverando que temos “paz” com Deus. Sem a justificação, sem o que foi feito por nós no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle, não há paz entre Deus e o homem.

Não há paz nenhuma, nem do lado de Deus nem do lado do homem, “pois a ira de Deus está contra toda a impiedade e injustiça dos homens” (VA). Nunca deveríamos esquecer isso, porém a humanidade está sempre muito pronta a esquecê-lo. É por isso que tanta gente passa por alto o Senhor Jesus Cristo e toda a obra que Ele realizou. É por isso que tanta gente ora a Deus sem mencionar o Senhor Jesus Cristo. Eles não vêem necessidade dEle. Eles dizem, “Deus é amor”, e acreditam que podem ir a Deus diretamente, apenas como estão. Isso é uma completa negação da fé cristã. Resulta da sua incapacidade de ver que não existe paz entre eles e Deus, nem mesmo da parte de Deus, e que a ira de Deus está sobre eles por causa da sua impiedade e injustiça. Antes de poder existir paz entre Deus e o homem, e entre o homem e Deus, é preciso acontecer algo com relação à ira de Deus, o que é um fato revelado.

O apóstolo já nos tinha dito o que aconteceu, no capítulo 3, versículos 24-26: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Como vimos, o grande problema que se confrontava com a mente de Deus era este – como pode Deus, ao mesmo tempo, perdoar o pecador e, ainda assim, permanecer justo e reto e eternamente o mesmo? A resposta é que Deus enviou Seu Filho ao mundo, e “o propôs” como “propiciação” por nossos pecados. Significa que Deus lançou os nossos pecados sobre Ele e derramou Sua ira contra o pecado sobre o Senhor Jesus Cristo. Unicamente porque fez isso é que Deus pode olhar para nós favoravelmente, desculpar-nos, perdoar-nos e reconciliar-nos conSigo. Isso tinha que acontecer antes de poder ser apaziguada a ira de Deus e de Deus poder olhar para nós e tratar-nos de uma nova maneira. O apóstolo assevera aqui que, à luz do que aconteceu em Cristo, o qual “por nossos pecados

foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”, até onde a referência é a Deus, a ira já não existe, e Ele está em paz com todos os “que crêem em Jesus”.

Entretanto era igualmente necessário que acontecesse algo da nossa parte, pois todos nós estamos por natureza em inimizade com Deus. Em consequência da cegueira causada pelo pecado e do fato de termos sido narcotizados pelo diabo, imaginamos que tudo está bem, e muitas vezes acreditamos que estamos agradando a Deus. Mas isso acontece porque somos ignorantes sobre Deus. Com nossa imaginação formamos um deus em nossa mente, projetamos os nossos pensamentos pessoais, e pensamos que isso é Deus. No momento em que nos damos conta da verdade acerca de Deus, ficamos inquietos e perturbados, e a nossa inimizade natural contra Ele se revela. É o que acontece com muitos que sempre se julgaram cristãos e que sempre foram religiosos e piedosos. De repente acordam para o fato de que o Deus que eles pensavam que estavam adorando, absolutamente não é Deus, não é o Deus revelado na Bíblia, não é o Deus que do céu revelou Sua ira contra toda impiedade e injustiça. No momento em que enxergam isso, odeiam a Deus, não estão mais em paz com Ele. Eles tinham uma paz falsa, surgida da sua própria imaginação, porém não estavam em paz com Deus.

Em muitos lugares o apóstolo ensina que “a inclinação da carne é inimizade contra Deus” (Romanos 8:7) e que por natureza somos todos “filhos da ira” (Efésios 2:3) e “separados da vida de Deus” (Efésios 4:18). O homem é isso, por natureza. Ele tem medo de Deus, um covarde medo de Deus, um “medo prenhe de tormento”. Ele tem medo até da idéia de Deus. Ele acha que Deus é um tirano ansioso por esmagá-lo. Não se atreve a pensar na morte e no túmulo, por causa do julgamento que virá logo depois. Como Paulo ensina aos coríntios, “o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1 Coríntios 15:56). No momento em que o homem compreende a verdade acerca de Deus, este sentimento surge dentro dele, e ele fica

alarmado e cheio de medo. Entre tal homem e Deus não há paz; ao contrário, o homem se sente angustiado, temeroso, perturbado e infeliz. Ele tenta encontrar paz, mas não consegue. Tem medo de Deus, tem medo da morte, tem medo do Juízo Final. É mais que evidente que, antes de poder existir paz entre tal homem e Deus, o homem precisa receber algum tratamento. E o que o apóstolo ensina na passagem que estamos estudando é que, como resultado da obra perfeita realizada pelo Senhor Jesus Cristo, e somente dessa obra, todas as causas da inimizade receberam o devido tratamento, e o homem pode estar em paz com Deus, como Deus está em paz com ele. Em ambos os lados há esta reconciliação, e há “paz com Deus”. Deus em paz conosco, nós em paz com Deus. A comunhão entre Deus e o homem, rompida pelo pecado e pela Queda, foi restabelecida.

Esse é o sentido desta declaração, segundo a qual, uma vez que fomos justificados pela fé, temos paz com Deus. É uma declaração tão vitalmente importante que devemos examinar-nos a nós mesmos à luz dela. A prova da nossa profissão de fé é se isso é verdade a nosso respeito. Teria sido de fato removido o nosso estado natural de medo de Deus e de inimizade contra Deus? O apóstolo estabelece no texto em estudo que essa é uma consequência inevitável da justificação. Notem que ele não diz que o cristão é um homem que está “esperando” que isso aconteça. “Sendo justificados – tendo sido justificados – pela fé, temos paz.” Não estamos em busca de paz, não estamos esperando obtê-la; nós já a temos, nós já nos regozijamos nela. Essa é a declaração, e é por isso que ela vem a ser um meio de submeter à prova a nossa profissão de fé cristã. O cristão é, necessariamente, alguém que vê isso com clareza; caso contrário, ele não tem paz. Não há prova mais completa da nossa profissão de fé que justamente esta: estaríamos gozando paz com Deus? É pena, mas há muitos na Igreja, sempre houve, que contestam isso inteiramente. Dizem eles que o cristão é alguém que está

esperando ser perdoado e que, por fim, irá para o céu. Mas não é esse o ensino do apóstolo. Temos paz, já estamos de posse dela. Ele dirá mais adiante, no capítulo 8: “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. É a mesma coisa. É, pois, evidentemente importante que nos certifiquemos de que estamos neste estado de “paz com Deus”.

Que é que isso significa experimentalmente, ou em nossa experiência? A primeira resposta é que aquele que tem paz com Deus é alguém cuja mente está em repouso quanto à sua relação com Deus. Ele pode entender claramente com sua mente a doutrina da justificação somente pela fé. Quer dizer que ocorreu uma mudança em seu modo de pensar concernente à sua relação com Deus. Quando é despertado para a verdade sobre Deus e sobre si mesmo, seus pensamentos poderiam ser descritos assim: ah, aí está Deus em Sua total e absoluta santidade, e aqui estou eu, um pecador, e “em pecado”. Aí está a santa Lei de Deus e os seus pronunciamentos. Eu pequei contra a santidade de Deus, contra Sua santa Lei, e não posso apagar o meu passado. Que possibilidade tenho de permanecer na presença de Deus? Com Jó, ele pergunta: “Como pode o homem ser justo para com Deus?” (ARA). Ele percebe que não pode, e se sente inquieto, perturbado e infeliz.

Em sua obra *Grace Abounding* (Graça Abundante), João Bunyan nos conta que estivera nessa condição e em agonia de alma durante dezoito meses. A questão de tempo não importa, mas todo homem que é despertado e convencido do pecado só pode ficar perturbado por causa disso. Como poderá encarar Deus depois da morte? Ele sabe que não poderá e, portanto, sente-se infeliz e inquieto. Não há paz; ele não sabe o que fazer consigo mesmo; não tem descanso. Ter “paz com Deus” é, obviamente, o oposto disso. Implica primeiro e acima de tudo que a mente do homem está em repouso, e ele tem esse repouso porque agora vê que este método de Deus, suprido em Cristo, é realmente um método que satisfaz todo o desiderato. Agora ele consegue ver como isto satisfaz a justiça, a retidão e a

santidade de Deus. Agora ele consegue ver como este método de Deus pode justificar o ímpio, como Paulo já tinha exposto no capítulo 4. Ele pondera isso e diz: “Sim, posso descansar nisso; uma vez que Deus “justifica o ímpio, Ele pode justificar até a mim”.

Notem que eu coloco essa apreensão e compreensão da verdade em primeiro lugar. Não há paz entre o homem e Deus enquanto o homem não assimila esta doutrina da justificação. É o único meio de se ter paz. E é algo que vem à mente, é doutrina, é ensino. Noutras palavras, não nos é dito: “Tudo está bem, não se preocupe. Tudo estará bem no fim; o amor de Deus lhe dará plena cobertura”. O evangelho não é isso. Aqui está tudo exposto, em detalhe, desta maneira explícita; e vem como verdade à mente. A primeira coisa que acontece é que a mente recebe iluminação, e o homem diz: “Agora vejo. É estonteante em sua imensidade, mas posso ver como Deus realizou isso. Ele enviou Seu Filho e puniu nEle o meu pecado. Sua justiça foi satisfeita, e, portanto, posso ver como Ele pode perdoar-me, apesar de eu ser ímpio, apesar de eu ser pecador”. A mente se satisfaz.

Você nunca terá paz verdadeira, enquanto sua mente não for satisfeita. Se você tem apenas alguma experiência emocional ou psicológica, isso poderá mantê-lo tranqüilo e dar-lhe repouso por algum tempo, porém, mais cedo ou mais tarde, surgirá algum problema, alguma situação o confrontará, alguma questão chegará à sua mente, talvez pela leitura de um livro ou numa conversação, e você não será capaz de responder, e assim irá perder a sua paz. Não haverá verdadeira paz com Deus enquanto a mente não tiver assimilado esta doutrina bendita e dela tiver tomado posse, tranqüilizando-se então.

Tendo dito isso, passo a dizer, em segundo lugar, que o homem que crê nesta verdade e que capta a sua importância, é alguém que sabe que Deus o ama, a despeito do fato de que é pecador, e a despeito do seu pecado. Anteriormente ele

era perturbado pela ira de Deus. A pergunta que fazia era: como Deus pode amar-me e abençoar-me? Mas, quando vê Cristo morrendo na cruz, sepultado e ressurreto, diz: “Eu sei que Ele me ama. Não posso entender isso, mas eu sei que Ele me ama. Ele fez isso por mim”. Não é mero sentimento, não é simples emoção; ele dispõe de sólidos fatos da história para provar que Deus o ama. Deus não nos diz meramente que nos ama; Ele deu a prova mais espantosa disso. O apóstolo continua a dizer isso e a comprová-lo neste mesmo capítulo, do versículo 6 ao 11. Nada é mais maravilhoso do que saber que Deus ama você; e nenhum ser humano pode saber verdadeiramente que Deus o ama, exceto em Jesus Cristo, e Este crucificado.

Minha terceira resposta à pergunta sobre como podemos saber que estamos justificados é também um teste bastante prático. O homem que foi justificado pela fé, e que tem paz com Deus, pode responder às acusações da sua própria consciência. É essencial que ele seja capaz de fazê-lo, porque surgirão pensamentos dentro dele que lhe vão sugerir: “É impossível! Como você pode estar em paz com Deus?” Olhe-se, examine o seu coração, veja os males que há em seu coração. Como pode dar-se o caso de Deus havê-lo perdoado, e de que Deus o ame?” Essas acusações surgem dentro de nossas mentes e de nossa consciência. Se você não é capaz de lhes dar resposta, obviamente você não se vê justificado pela fé, e se você não puder responder-lhes quando elas tentarem abalar a sua confiança, você tornará a sentir-se miseravelmente mal e infeliz; e não terá paz com Deus. Entretanto o homem verdadeiramente justificado pode responder a tais acusações, e dessa maneira ele retém a sua paz.

Não somente isso; em quarto lugar afirmo que ele não só pode responder às acusações da sua consciência, mas também pode responder com igual firmeza às acusações do diabo. Em nenhum outro lugar essa verdade foi expressa de maneira tão comovente como numa quadra daquele grande hino de John

Newton que começa com as palavras – “Ó vem, minha alma, ao trono da misericórdia, de onde Jesus responde à oração”. É a seguinte quadra:

*Sê Tu, Senhor, o meu escudo e o meu refúgio,
Para que, junto a Ti, por Ti amparado,
Eu consiga enfrentar meu cruel acusador,
E dizer-lhe que Tu por mim morreste.*

Pobre John Newton! Antes da sua conversão ele tinha estado envolvido com o tráfico e o comércio de escravos. Tinha sido um pecador vil e torpe. Dificilmente haveria um pecado que ele não tivesse cometido. Por isso vocês podem entender muito bem como o diabo procurava revolver o seu passado e atirá-lo sobre ele. O diabo ressuscitava aquilo tudo e o fazia passar como um panorama horrível diante dos seus olhos, e depois o desafiava: “Você ainda afirma que é cristão, que está perdoado e em paz com Deus?” Mas John Newton tinha a sua resposta, uma resposta que podia fazer calar o diabo. Na quadra acima ele diz praticamente o seguinte: “Que poderei dizer-lhe? Não poderei dizer-lhe que sou bom, não poderei dizer-lhe nada do meu passado, nem mesmo do meu presente. Há somente um modo de silenciá-lo; “Eu posso enfrentar meu cruel acusador, e dizer-lhe que Tu por mim morreste” – por mim e por meu pecado”.

No entanto, unicamente o homem que crê na doutrina da justificação pela fé é que pode fazer isso. O homem que vagamente acredita no amor de Deus não pode fazê-lo, pois o diabo não lhe dará ouvidos. O homem que diz, “Sou feliz”, logo se tornará infeliz pela ação do diabo, pois este é mais poderoso do que nós. Há somente uma coisa que o diabo não pode contestar, e essa é o argumento do “sangue de Cristo”. “E eles o venceram”, diz o livro do Apocalipse, “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho” (Apocalipse 12:11). O testemunho deles era um testemunho concernente

ao sangue do Cordeiro. É o único meio. Você pode fazer isso? Você pode fazer isso com confiança, e apesar do que possa estar sentindo momentaneamente? Se pode, e faz, o diabo será mantido em silêncio e deixará você em paz. Ele fará novas tentativas, mas você sempre poderá silenciá-lo e, assim, continuará em paz.

Outra maneira de pôr isto à prova é a seguinte: quando um homem pega o verdadeiro sentido da doutrina da justificação pela fé, deixa de ter medo da morte, deixa de ter medo do Juízo Final. Isso acontece necessariamente. O autor da Epístola aos Hebreus trata disso no capítulo dois de sua Epístola. Diz ele que Cristo livrou “todos os que estavam por toda a vida sujeitos à servidão” Que servidão? O “medo da morte”, controlado pelo diabo. Cristo derrotou o diabo e, portanto, os livrou da escravidão do medo da morte. Estas questões são muito práticas. Você já se visualizou deitado em seu leito de morte? Quais são seus sentimentos quando faz isso? Acaso continua com medo da morte? Continua com medo do julgamento de Deus? Se continua, você não pode dizer: “Fui justificado pela fé e estou em paz com Deus”. Se a sua fé não pode resistir a essas provas, não é fé verdadeiramente cristã. Quem foi justificado pela fé tem paz com Deus, e pode dizer com Toplady:

*O terror da Lei e de Deus
Nenhum mal me pode fazer;
A obediência e o sangue de Cristo
Ocultam as minhas transgressões.*

A última prova que sugiro é a que cada vez mais vejo que é valiosa em meus tratos pastorais com as pessoas acerca de problema espirituais. É a seguinte: você pode fazer tudo o que eu estive descrevendo, mesmo quando cai em pecado? Pode-se entender que um homem esteja com a mente e a consciência bem tranqüila quando está bem em sua vida e sem tropeços

morais; porém, que acontece quando ele cai nalgum pecado grave? Uma repentina tentação o subjuga e, antes de saber o que aconteceu, caiu. Eis aí a questão. Quando isso lhe acontece, você ainda pode empregar o argumento que estive descrevendo? Vejo que muitos são apanhados pelo diabo nesse ponto. Visto que caíram em pecado, põem em dúvida e questionam a sua salvação, duvidam da sua justificação, ficam a indagar se alguma vez foram mesmo cristãos. Perdem a paz que tinham e se vêem em tormento e em agonia. Retrocedem e se põem a duvidar de toda a sua posição perante Deus por causa daquele único pecado.

Qualquer homem que esteja nessa situação simplesmente traz à luz o fato de que, por pouco tempo ou por muito, e seja como for, ele não tem claro entendimento da doutrina da justificação somente pela fé. Sim, pois, se ele acredita que um só pecado pode pôr um homem fora da sua comunhão com Deus, ele nunca viu claramente que até então ele estivera em autêntica comunhão com Deus, não por algo que haja nele, mas graças ao Senhor Jesus Cristo e Sua obra perfeita. Quando alguém diz: “Porque pequei eu a perdi”, o que está realmente dizendo, por outro lado, é, “Eu a tinha porque era bom”. Ele está errado em ambos os aspectos. Noutras palavras, se vemos que a nossa justificação é total e inteiramente no “Senhor Jesus Cristo, e este crucificado”, devemos ver que, mesmo que caíamos em pecado, isso continua sendo verdade.

“Mas que doutrina perigosa!” talvez você diga. Toda doutrina é perigosa e pode sofrer abuso, como tem sofrido. Todavia esta é a doutrina da justificação somente pela fé. Já nos fora dito no capítulo 4: “Mas aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça”. Por isso, nunca devemos achar que estamos perdidos porque caímos em pecado. Se um homem retrocede na questão de sua salvação, de sua posição diante de Deus e de sua relação com Deus cada vez que cai em pecado, só podemos chegar à conclusão de que ele nunca entendeu claramente a doutrina

da justificação pela fé. O apóstolo certamente deixa isso bem claro na passagem que estamos focalizando. “Portanto, sendo justificados pela fé”, diz a Versão Autorizada. Contudo uma tradução melhor, a tradução certa, diz: “Portanto, tendo sido justificados pela fé”. “Tendo sido.” Está no tempo aoristo, e o aoristo indica que o ato foi realizado uma vez para sempre. Não é que o pecador continua sendo justificado; é um único ato. É uma ação declaratória de Deus que temos salientado com muita freqüência e na qual Ele declara que, desde que Ele nos imputou a justiça de Cristo, desde que já puniu em Cristo os nossos pecados, Ele nos proclama “justos” uma vez para sempre. Não se pode ser justo um dia e não justo no dia seguinte, e de novo justo um dia depois. É impossível. Trata-se de uma questão declaratória, forense, legal. Acontece uma vez para sempre; e, portanto, questioná-la por causa de algum pecado é tornar a demonstrar certa ignorância ou incerteza quanto à doutrina.

Aí estão, pois, seis provas que, em meu parecer, podemos aplicar prática e facilmente a nós mesmos.

Permitam-me, agora, fazer alguns comentários. Essa é a declaração, essa é a posição, mas, de novo, para eu ser prático e útil, são necessários alguns comentários. Apesar de tudo que eu estive dizendo ser a verdade quanto à justificação pela fé e quanto a todos aqueles justificados pela fé, ainda digo que às vezes a fé precisa lutar. Mas eu me apresso a dizer que a fé não somente precisa lutar, de fato luta e pode lutar; a fé sempre luta vitoriosamente, nesta questão da justificação. Há sempre o fator repouso e paz, e o fator certeza, com relação à fé. É-nos dito que Abraão estava “plenamente persuadido disso” – há sempre um elemento de conhecimento e de certeza na fé justificadora. E só pode ser assim, pois, do contrário, não poderíamos ter paz com Deus. Contudo, ao mesmo tempo, às vezes a fé pode ter que lutar, quando o diabo, por assim dizer, põe em ação todas as suas baterias. Os maiores santos deram testemunho de que até o fim de suas vidas o diabo vinha

levantar para eles a questão da justificação e tentava fazê-los vacilar. Mas a fé sempre tem poder para enfrentá-lo, a fé sempre pode silenciá-lo. Por vezes pode ser uma luta violenta, porém a fé tem condições de lutar, e luta.

Tomo a liberdade de usar outra ilustração. Neste assunto, a fé é notavelmente parecida com a agulha de uma bússola, sempre apontando para o norte magnético. Mas, se você introduzir um ímã muito forte nalgum outro ponto da bússola, esse fará a agulha girar, oscilando para lá e para cá, e se portar de maneira muito instável. O certo, porém, é que a agulha de uma boa bússola volta sempre ao verdadeiro centro, sempre acha lugar de repouso no norte. Ela pode experimentar agitação, pode experimentar alguma violência, mas sempre volta ao seu centro, sempre acha o lugar de repouso, e a mesma coisa é sempre verdade a respeito da fé. Portanto, o simples fato de que podemos ser tentados a duvidar, o simples fato de que podemos ter que lutar e expor todos os argumentos, e repassar toda a questão, não significa que não temos fé. Num sentido, essa é uma prova de fé, se chegamos sempre à posição de repouso. Esse é o meu primeiro comentário.

Dou ênfase ao fato de que há sempre o fator certeza ou segurança de fé, entretanto com isso não quero dizer que há sempre “plena” certeza de fé. Há uma grandiosa frase sobre a plena certeza da fé em Hebreus, capítulo 10, versículos 19-22: “Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, cheguemo-nos”, diz o texto, “em inteira certeza de fé”. Pois bem, a certeza de que estou falando e que estou descrevendo como um elemento constante da fé, não significa necessariamente essa “inteira” ou “plena” certeza. Há diferença entre certeza e plena certeza. O que eu estipulo como postulado é que há sempre alguma certeza. Você pode ser cristão, pode ser justificado pela fé e ter certeza da justificação, sem saber o que Paulo tem em mente quando diz: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16). Você pode ser cristão sem esta plena certeza

de fé; mas não pode ser cristão sem ser justificado pela fé, e isto sempre significa a presença de um elemento de certeza, a capacidade de sempre chegar a um lugar de repouso.

Às vezes sua fé pode ser apenas suficiente para levá-lo a esse lugar de repouso, porém ela o leva lá. Isso é certeza de fé, embora não seja a plena certeza de fé. Quantos já ficaram desanimados por causa disso! O diabo os põe em aflição porque lhes pode provar que eles não têm a plena certeza, e depois lhes diz: “Bem, se você não tem isso, você não tem nada”. Alguns dos chamados “pais” protestantes foram tentados a dizer isso, mas certamente erraram; e, sem dúvida, os puritanos estavam certos nesse ponto, como igualmente estavam certos os grandes líderes do Despertamento Evangélico ocorrido há duzentos anos. Você pode ser cristão sem ter a plena certeza de fé, todavia de maneira nenhuma pode ser cristão sem ter a justificação pela fé e o fator certeza que essa doutrina envolve.

Desafortunadamente, preciso fazer um terceiro comentário. Gostaria que não fosse necessário. “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus” – e eu já descrevi a paz. Mas, que lástima! Existe falsa paz; há pessoas que pensam que estão em paz com Deus, e não estão. Quais serão, então, as características da falsa paz? Temos que considerar isto porque está no Novo Testamento. A respeito de certas pessoas que tinham estado na Igreja Primitiva, João diz: “Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco: mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós” (1 João 2:19). Vejam vocês também as pessoas descritas no capítulo seis de Hebreus; todas haviam tido certas experiências, porém estavam definitivamente perdidas, nunca foram regeneradas. Temos que submeter-nos a testes, temos que provar-nos e examinar-nos a nós mesmos, dizem as Escrituras, e verificar se estamos na fé ou não (2 Coríntios 13:5).

Quais são as características da falsa paz? Geralmente a falsa paz resulta da idéia de que a fé significa simplesmente acreditar

e dar assentimento intelectual a certas proposições e verdades. Essa é a essência da heresia conhecida como sandemanismo (“Sandemanians”), à qual tenho feito referência anteriormente. Essa idéia se baseia, como os sandemanistas igualmente a baseavam, em Romanos 10:9: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus”. Eles ensinavam, e ainda ensinam, que todo aquele que disser: “Eu creio que Jesus é Senhor, eu creio que Ele é o Filho de Deus”, com isso estará salvo, e tudo estará bem com a sua alma. Mas nem tudo poderá estar bem. Você pode subscrever a verdade e dar-lhe assentimento intelectual, e, todavia, realmente não ser salvo desse modo. Há homens que têm “aparência de piedade, mas negando a eficácia dela” (2 Timóteo 3:5). A fé não é apenas uma questão de intelecto; é algo mais profundo, como eu tenho procurado demonstrar salientando o fator certeza.

Em segundo lugar, as pessoas que têm uma falsa paz geralmente se vêem descansando em sua fé, e não em Cristo e Sua obra. Realmente elas têm os olhos postos em sua crença, e não em Cristo e no que Ele fez. Essas pessoas dizem: “Agora eu creio e, portanto, tudo só pode estar certo comigo”. Elas se persuadem a si mesmas; é uma espécie de coueísmo. Não olham para Cristo; olham para a sua própria fé, e transformam a fé numa espécie de obra na qual se firmam.

Outra característica da falsa paz é uma coisa surpreendente e inesperada. O homem que tem falsa paz nunca é perturbado por dúvidas. No entanto, é aí que o diabo comete um erro. A falsificação é sempre maravilhosa demais, a falsificação sempre vai muito além da verdadeira experiência. Quando o diabo dá a alguém uma falsa paz que imita a verdadeira, ele produz uma condição na qual essa pessoa nunca é perturbada. É uma condição de natureza psicológica. Ela não enfrenta de fato a verdade e, assim, não há nada que a faça infeliz. Permitam-me colocá-lo na forma de uma pergunta bastante prática. Poderia você assistir um culto evangelístico sem se sentir incomodado de alguma forma? Se pode, melhor será que se examine

seriamente. Claro está que estou supondo que o evangelho está sendo pregado com fidelidade, que se trata do evangelho que começa falando da ira de Deus e do desamparo em que o homem se encontra. Não importa quanto tempo faz que você foi salvo, se você foi verdadeiramente justificado, a pregação o fará sentir-se infeliz, poderá até fazê-lo sentir-se temporariamente em condições miseráveis, e você tornará a dar graças a Deus pela justificação pela fé e por sua renovada aplicação a si próprio. Mas os crentes intelectuais nunca se perturbam, estão sempre na maior serenidade, sem nenhuma dúvida e sem nenhum problema. Eles dizem: “Desde que me decidi, nunca tive um momento de dificuldade”. Esse tipo de conversa sempre indica uma condição muito perigosa, é sempre muito suspeita, porque é boa demais para ser verdade.

Para expressar isso de outra maneira, digo que essa espécie de pessoa é sempre demasiadamente “saudável”. Os que têm esta falsa paz, esta imitação, são por demais verbosos, por demais levianos. Comparem-nos com a descrição que o Novo Testamento faz do cristão. O cristão do Novo Testamento é “sério”, “sóbrio”, e se aproxima de Deus com “reverência e santo temor”. Mas os que têm falsa paz não conhecem nada disso; são perfeitamente saudáveis, tudo está bem para eles, e são supremamente felizes. Não se vê nas Escrituras nada que se pareça com isso. Vocês podem imaginar o apóstolo Paulo falando dessa maneira, com esses clichês levianos saindo dos seus lábios? Seu falar é: “Sabendo o temor que se deve ao senhor, persuadimos os homens”; “Eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor”; e: “Operai a vossa salvação com temor e tremor”.

Outra característica da falsa fé é que ela só se interessa pelo perdão, não pela justiça, pela retidão. O homem que tem falsa paz só está interessado no perdão. Não quer ir para o inferno, e quer ser perdoado. Não pára para pensar em ser positivamente justo, não se preocupa em ser santo e em andar em santidade diante de Deus, pelo que é negligente quanto à sua

vida e não segue a santidade. Não dá ouvidos à exortação que se lê na Epístola aos Hebreus: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Ele é antinomiano, só interessado no perdão, e negligente com relação à vida cristã.

Outra invariável característica do homem que tem a falsa paz é que, quando esse homem cai de novo em pecado, considera-o muito superficialmente. Ele não é como a pessoa que há pouco estive descrevendo, cuja fé é sacudida por satanás quando ele cai. Este homem diz, logo depois de ter caído: “Tudo está bem, o sangue de Cristo me dá cobertura”. E se levanta e sai como se nada tivesse acontecido. Você não poderá fazer isso, se tiver alguma verdadeira concepção do que significa o pecado, e do que realmente é a santidade de Deus. Este homem, que tem falsa fé, cura-se a si mesmo demasiado rapidamente, demasiado facilmente, demasiado superficialmente. Isso porque considera o pecado em geral com demasiada superficialidade.

Quais serão as características da paz verdadeira? São exatamente o oposto do que acabei de descrever. Primeiro, o homem que tem a verdadeira paz nunca é exageradamente verboso, nunca é leviano. O verdadeiro cristão é alguém que vislumbra o inferno e que sabe que há somente uma razão para o fato dele não estar indo para lá. Isso lhe está presente sempre, e, assim, ele nunca é leviano no falar, nunca é superficial, nunca é frívolo.

Em segundo lugar, ele está sempre dominado por um sentimento de admiração e encantamento. Ele pode fazer eco das palavras de Charles Wesley:

*E não há de ser que pelo sangue do Salvador
Eu tenha de fato interesse ?
Morreu Ele por mim, causante de Sua dor;
Por mim, que à morte O levei?*

*Maravilhoso amor! Como pode ser
Que Tu, meu Deus, por mim morresses?*

Isso me parece inevitável. O homem que tem a paz verdadeira nunca deixa de ficar admirado por tê-la, maravilhado ante o fato de que foi justificado, de que Deus olhou para ele e por Sua graça o chamou.

O que acima foi dito leva à próxima característica, a saber, que este homem é humilde. Certamente vocês recordam que uma das características da fé que Abraão teve foi que ele “não duvidou da promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus” (Romanos 4:20). Percorram o Novo Testamento e sempre verão que a característica mais proeminente do cristão é que ele é humilde, “pobre em espírito”, “manso”, “modesto”. Compreendendo a verdade acerca de si mesmo e acerca de Deus, e compreendendo que ele deve tudo a Cristo, é humilde, é modesto. Essa é outra maneira de dizer que o seu sentimento de gratidão a Deus e ao nosso Senhor Jesus Cristo é sempre proeminente em sua vida. Não há nada que indique melhor em que posição nos encontramos do que o volume de louvor e de gratidão que caracteriza as nossas vidas e as nossas orações. Alguns estão sempre fazendo petições e declarações; mas este homem, tendo compreendido algo do que Deus em Cristo fez por ele, está sempre dando graças a Deus, está sempre louvando a Deus o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Isso é inevitável e incontestável. O homem que se dá conta da sua posição, deve realmente estar dominado por um sentimento de “encanto, amor e louvor”.

Depois, finalmente, este homem é sempre cuidadoso com sua vida. Não que ele possa justificar-se em consequência do seu zelo; é cuidadoso porque foi justificado. De novo isso é simplesmente inevitável. Ele não retorna às obras para tentar justificar-se; a posição que ele ocupa é essa graças ao que Cristo fez por ele, e agora ele quer mostrar gratidão a Cristo. Apercebendo-se do caráter terrível do pecado, ele quer

abandonar o pecado, e, ademais, seu ardente desejo é ser santo e ir para o céu. “Qualquer que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3).

As Escrituras estão repletas deste ensino. Permitam-me lembrar-lhes de algumas declarações grandiosas desta verdade. Em 1 Timóteo 1:19, lemos: “Conservando a fé, e a boa consciência”. O cristão não conserva somente a fé, mas conserva também a boa consciência, “rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé”. Que declaração terrível! “E entre esses foram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a satanás, para que aprendam a não blasfemar”. Himeneu e Alexandre afirmavam que tinham fé e que conservavam a fé; porém não conservavam “a boa consciência” e, por isso, “fizeram naufrágio na fé”.

Passemos a 1 Timóteo 3:9: “Guardando o mistério da fé em uma pura consciência”. A fé é uma dádiva que devemos levar num frasco precioso e delicado, tão maravilhosa ela é! Levem-na “em uma pura consciência”, diz o apóstolo – “guardando a fé em uma pura consciência”.

E depois, como citação final, vejamos Tito, capítulo 3, versículos 7 e 8, onde se lê: “Fiel é a palavra” (VA: “Este é um pronunciamento fiel”). De que ele estava falando? “Justificados pela sua graça...” “Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens”. Aquele que não tem o cuidado de manter boas obras está com isso proclamando que tem um falso sentido de paz. Quem tem a paz verdadeira está sempre cuidando de manter boas obras. Leva sua fé em uma consciência pura, e guarda não somente a fé mas também e ao mesmo tempo guarda esta consciência, esta boa consciência.

Aí estão, ao que me parece, as características da paz verdadeira. Você a tem? Como pode uma pessoa mantê-la? Há um só modo de mantê-la: é vivendo grande parte de sua vida segundo a Primeira Epístola de João, o capítulo primeiro

e os dois primeiros versículos do capítulo 2. É assim que você poderá manter a paz. Você a recebeu: “Tendo sido justificados pela fé, temos paz com Deus”. A paz lhe foi dada uma vez para sempre. O diabo virá tentá-lo, o pecado o fará vacilar. Volte! Volte para aquela passagem da Primeira Epístola de João, e verá que você pode manter, preservar e guardar a paz que lhe foi dada.

3

“Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” – Romanos 5:1,2

Vamos dar atenção agora à segunda consequência e resultado da justificação pela fé, que o apóstolo Paulo expõe com as palavras: “Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes”. Algumas traduções omitem a expressão “pela fé”; e certamente ela é desnecessária. A diferença entre as versões deve-se à diferença que há em alguns dos manuscritos mais antigos, e não há como decidir definitivamente sobre se a expressão deve constar ou não no texto. Mas, como eu disse, de qualquer forma é uma expressão desnecessária, porque o apóstolo já tinha dito que tudo é fruto desta fé. Portanto, podemos ler o texto desta maneira: “Pelo qual também temos entrada a esta graça, na qual estamos firmes”. Temo-la por meio de Cristo, porque é nEle que somos justificados pela fé.

O que quer dizer isso exatamente? A melhor maneira de responder a essa pergunta é observar cuidadosamente a tradução exata. Vejam a expressão “temos”, que se acha na Versão Autorizada (e em Almeida, Revista e Corrigida). Isso não nos dá o sentido completo. Deveria ser: “Pelo qual tivemos” – “tivemos entrada”. (Como Almeida, Atualizada: “obtivemos”.) Noutras palavras, Paulo está salientando que se trata de algo que nos aconteceu uma vez por todas. Houve tempo em que não tínhamos essa “entrada”. Agora a temos, diz ele.

Como é que nós a temos? Porque ocorreu num certo ponto do tempo, e, portanto, a temos agora. Noutras palavras, a tradução “temos entrada” não assinala como deveria o fato de que houve aquele ponto crítico, aquele momento, em que deixamos de estar fora e passamos a estar dentro. “Tivemos a entrada.”

A significação e a importância dessa ênfase particular deveriam ser óbvias. Isso nos relembra que a justificação pela fé não é um processo; é algo que acontece “uma vez para sempre”. A santificação, por outro lado, é um processo. Nós “crescemos na graça e no conhecimento do Senhor”. Tornamo-nos progressivamente santificados, mas não nos tornamos progressivamente justificados. A justificação é um ato único, e para sempre. É aquele ato no qual Deus nos declara que em Cristo Ele nos considera como se nunca tivéssemos cometido pecado (Lembremo-nos disso). Ele nos proclama justos e retos no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Os nossos pecados estão perdoados, fomos revestidos da justiça de Cristo, e Deus declara essa verdade. Isso é justificação. É um ato único e concreto. E o que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos estudando é que no momento em que Deus faz essa declaração, temos acesso a esta graça na qual estamos firmes. Antes estávamos fora da graça; agora estamos dentro. Portanto, tenhamos o cuidado de fazer a tradução exata aqui. “Pelo qual também” – pelo Senhor Jesus Cristo – “tivemos entrada” – nós a tivemos, e ainda a temos – “a esta graça, na qual estamos firmes.”

Também devemos examinar a palavra “entrada”. Há um sentido em que a palavra “entrada”, ou “acesso”, é correta, mas, outra vez, não é suficientemente forte. Acha-se somente três vezes no Novo Testamento. Nesta passagem de Romanos, e duas vezes na Epístola aos Efésios. Consta em Efésios 2:18, onde lemos que “por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito”. A outra ocorrência em Efésios é em 3:12, onde de novo temos esta mesma idéia, esta entrada à presença

de Deus – “No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele”. O que representa isso exatamente?

Em geral se concorda, e, certamente, eu estou de pleno acordo, que uma palavra melhor seria “apresentação”. É, a grosso modo, a mesma idéia que nos dá a palavra que empregamos com relação a pessoas “apresentadas” a uma corte. Isso ajuda a explicar o referido acesso. Nas condições em que você normalmente está, você não tem acesso à presença da rainha Elizabeth. Para que se torne possível, são necessárias certas formalidades e certos procedimentos. Há um modo pelo qual você pode obter acesso – você pode ser “apresentado à corte”, você pode ter uma apresentação. O apóstolo continua enfatizando a mesma idéia. Houve tempo em que estávamos em pecado, em que não tínhamos direito de entrar, não tínhamos ingresso à presença de Deus, nenhum acesso. Não tínhamos sido apresentados, e não podíamos chegar à Sua presença. Mas agora, diz ele, como resultado desta justificação pela fé, e por intermédio do Senhor Jesus Cristo, temos nosso ingresso, somos apresentados “a esta graça, na qual estamos firmes”.

De imediato se vê com clareza a importância que há em dar esse peso e esse sentido adicionais à palavra que traduzimos por “entrada” ou “acesso”. Quando vemos essa verdade desta maneira, não há nada que seja mais maravilhoso. O que o nosso Senhor Jesus Cristo faz é apresentar-nos a Deus. Como estamos, não podemos ir a Deus. Somos pecadores, somos vis, estamos corrompidos. A nossa justiça não passa de “trapo imundo”, diz a Escritura (Isaías 64:6, VA). Não temos nada que nos recomende, nossa roupa é indigna e imprópria, e não temos direito de, em nosso próprio nome, pedir que sejamos admitidos. No entanto, eis aí vem Aquele que pessoalmente tem direito de entrar e que, tendo dado aos nossos pecados o devido tratamento, pode levar-nos e apresentar-nos a Deus o Pai. Ele nos introduz, Ele nos apresenta ao Pai. Quem faz tudo isso é o Senhor Jesus Cristo – “Pelo qual também...”.

A paz que temos vem por meio dEle; e esta apresentação, este acesso, também é inteira e unicamente nEle. Ele nos veste com Sua justiça e nos leva pela mão. Ele é o grande Sumo Sacerdote que está à destra de Deus. Ele é o nosso Advogado. Todos esses termos são simplesmente explicações e elaborações, se lhes parece bem, desta grandiosa expressão empregada aqui, concernente à “apresentação”, à “introdução a esta graça, na qual estamos firmes”.

Que será “esta graça, na qual estamos firmes”? Aí temos também uma expressão sumamente interessante. Significa o estado de justificação em que nos encontramos. É algo em que entramos. Sempre devemos pensar nisso como um estado ou uma condição, e só assim é que derivamos e recebemos todos os benefícios ligados a este estado particular. Noutra palavras, o apóstolo nos está ensinando que, tendo sido justificados pela fé no Senhor Jesus Cristo, Ele agora nos introduz numa relação com Deus na qual podemos receber benefícios e bênçãos de Deus, benefícios e bênçãos que não podíamos receber antes.

Talvez a melhor maneira de examinar este assunto é usar o método que o próprio apóstolo usa mais tarde. No capítulo seis, versículo catorze, ele emprega esta importante expressão: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. Agora estamos “debaixo da graça”, ao passo que, anteriormente, estávamos “debaixo da lei”. O sentido disso é que, antes de crermos no Senhor Jesus Cristo, antes de sermos justificados pela fé nEle, antes de termos esta apresentação, esta entrada, Deus nos via de maneira legal, judicial. Estávamos “debaixo da lei”. Naquele tempo Deus não nos via como filhos; via-nos como rebeldes, por que nos havíamos rebelado contra Ele. O apóstolo já tinha provado isso fartamente: “Não há um justo, nem um sequer. Todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus”. Todos nós estamos sob “a ira de Deus”, diz ele no capítulo primeiro. Deus vê o homem dessa maneira, de maneira estritamente legal.

Todavia, a situação não é mais essa; não estamos mais “debaixo da lei”; estamos “debaixo da graça”.

É isso que o apóstolo está dizendo aqui, embora empregando linguagem ligeiramente diverso. Nós entramos, diz ele, numa situação gerada pela graça, tivemos nossa apresentação a Deus e estamos diante dEle de maneira inteiramente nova. Deus agora nos vê favoravelmente. O pecador tem sobre si o olhar severo de Deus. Isso é o que há de terrível quanto à situação do pecador. Deus não pode sorrir para o pecador. Deus olha com grande severidade o pecado, Deus odeia o pecado. Deus é “tão puro de olhos”, diz Habacuque, que Ele não pode “ver o mal” (1:13). Mas agora que tivemos esta introdução, Deus olha para nós favoravelmente, e Ele não somente nos aceita, Ele Se deleita em receber-nos e Se deleita em abençoar-nos.

Esse é o fato mais maravilhoso, quanto a sermos cristãos; todo o nosso relacionamento com Deus é diferente; mudou totalmente. É como o caso de um homem que passou toda a sua vida na rua, do lado de fora de um grande palácio. Dentro do palácio há recursos sem fim, há riqueza, e um grande banquete está sendo oferecido. Ele vê pessoas que estão alegremente usufruindo tudo aquilo; porém ele, trêmulo, está na rua e não pode participar. Ele não tem direito de entrar, não está apto a entrar. Subitamente, de maneira miraculosa e maravilhosa, ele é abordado e convidado a entrar, e lhe é dada uma veste própria para festas e recepções. Ele é introduzido e apresentado, toma o seu lugar e começa a participar da festa das riquezas da graça de Deus.

É isso que o apóstolo está dizendo. Estamos “firmes na graça”, diz ele. Não somos mais prisioneiros levados ao tribunal em que Deus é o Juiz. Não! Deus passou a ser o nosso Pai, e Ele tem prazer em ver-nos vindo a Ele. Ele nos recebe, Ele nos ama, e está pronto e disposto a abençoar-nos, a derramar Suas bênçãos sobre nós. Não é de admirar que o apóstolo se refira a isso como “esta graça, na qual estamos firmes”. Ele

nunca se esquece de que deve tudo à graça de Deus. E todos nós precisamos lembrar-nos disso. Todos os benefícios e bênçãos de Deus que temos desfrutado, ou que desfrutaremos, são total e absolutamente imerecidos. Não merecemos nada, senão punição. Nas mãos de Deus, o homem não merece coisa alguma exceto retribuição e castigo. Por quê? Porque se rebelou contra Ele. Quando Deus o fez perfeito e o colocou no Paraíso, o homem se rebelou deliberadamente contra Ele. Que é que tal criatura merece? E ele continua a conduzir-se da mesma maneira. Todos nós somos iguais, todos nós somos rebeldes contra Deus, por natureza. Pomos nossas vontades antes da de Deus, os nossos gostos e as nossas aversões antes dos dEle; nós O ignoramos, O insultamos, nós nos esquecemos dEle. Das mãos de Deus nada merecemos senão castigo e retribuição. Portanto, todas as bênçãos que estamos recebendo, todas as que já recebemos, e todas as que receberemos, é tudo proveniente da graça. Na graça estamos firmes, e pela graça estamos firmes.

Graça, jamais nos esqueçamos disto, significa benefícios dados a quem não os merece, favor mostrado para com gente que não merece favor nenhum; favor mostrado para com aqueles que, legalmente, merecem a punição mais severa que se pode conceber. Contudo, em vez de nos punir, Deus nos perdoa, Deus nos abençoa, Deus derrama favores sobre nós. É tudo pela graça. Não há nada em nós que lhe faça jus. É tudo porque Deus é o “Deus de toda a graça”, o Deus de amor. É tudo por causa das “abundantes riquezas da sua graça” – inteiramente imerecida de nossa parte, e inteiramente gratuita de Sua parte, não obstante sermos o que somos.

Essa é, agora, a situação do cristão, e não há nada que seja mais importante do que compreender isso. Obtivemos o nosso acesso, declara Paulo; estamos firmes nesta graça. É a realidade mais admirável e mais espantosa. Qual é o significado disso quanto a nós? A Bíblia está repleta de respostas a essa pergunta. Vocês podem ver, por exemplo, certa explicação disso na

Segunda Epístola de Pedro, no capítulo primeiro, onde o apóstolo lembra à Igreja Primitiva que “tudo o que diz respeito à vida e à piedade” já foi providenciado para nós. Estaríamos apercebidos disso? Estaríamos achando a vida dura e difícil? Seria uma luta constante? Não seria porque nos esquecemos de que “tudo o que diz respeito à vida e à piedade” foi providenciado para nós? Há “grandíssimas e preciosas promessas” feitas a nós que tivemos esta apresentação, que fomos justificados pela fé, que somos filhos de Deus. Há uma quadra de um hino que expressa isso muito bem; refere-se à oração, e diz:

*Vós estais vindo a um Rei;
Grandes petições trazei;
Sua graça e Seu poder são tais
Que nunca pedireis demais.*

Estaríamos vivendo à luz dessa verdade? Estaríamos vivendo como “filhos do celeste Rei”? Acaso vivemos como pessoas que compreendem que pertencem Àquele “cujas graça e poder são tais que nunca ninguém pedirá demais”? Não seria que, ao contrário, parecemos mendigos, vivendo numa condição de penúria espiritual? Se é este o caso, estamos de fato muito errados, somos muito pecadores.

Quando o Senhor Jesus Cristo estava na terra, nos dias da Sua carne, deixou perfeitamente claro o que nos era possível, quando declarou à mulher samaritana: “Qualquer que beber desta água”, disse Ele, apontando para um poço, “tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d’água que salte para a vida eterna” (João 4:13,14). Ele repete isso no capítulo seis do mesmo Evangelho, passagem na qual Ele diz: “Aquele que vem a mim nunca terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede” (João 6:35, VA; cf. ARA). Temos a narrativa de uma experiência ocorrida na vida de

Hudson Taylor, ocasião em que ele se deu conta dessa verdade. Ele tinha sido um homem extraordinário antes, homem de oração, homem de fé; mas ele nos conta que quando chegou à percepção real de que o nosso Senhor dissera “nunca” – “nunca terá fome, nunca terá sede” – toda a sua experiência passou por uma verdadeira revolução.

É isso que o apóstolo está dizendo aqui. Diz ele que “fomos apresentados a esta graça, na qual estamos firmes”. Deus é o nosso Pai, e todas as riquezas de Sua glória e de Sua graça estão à nossa disposição. O Senhor Jesus Cristo estava constantemente ressaltando essa verdade. Diz Ele aos discípulos – e essa verdade é tão válida para nós quanto o foi para eles – “Não temais... até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados” (Lucas 12:7). Vocês certamente se lembram da comparação. Ele nos diz que essa verdade é válida para os pardais, que “nenhum deles está em esquecimento diante de Deus” (ARA). E Ele argumenta que, se Deus assim veste os lírios e assim cuida das aves dos céus, quanto mais cuidará de nós – “Ó homens de pequena fé!” Olhando para os lírios, Ele diz: “Nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”. Seu argumento é que, se Deus faz isso por eles, quanto mais cuidará de nós? Por isso nos diz que não devemos inquietar-nos, ficar ansiosos. “Não vos inquieteis pois pelo dia de amanhã”. Nada de ficar sempre falando: “Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?”. Por quê? Porque Deus é o nosso Pai, porque estamos nesta relação de amor e graça com Ele, e não mais debaixo da Lei; e o Deus de toda a graça tem como suprir todas as nossas necessidades. Isso não é teoria; é disso que as Escrituras dão testemunho repetidamente, e o que se verifica na subsequente história de incontável número de filhos de Deus através dos séculos.

O apóstolo repete essa verdade naquela grandiosa declaração lírica do capítulo quatro da Epístola aos Filipenses: “Ora muito me regozijei no Senhor por finalmente reviver a

vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade. Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância: em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (versículos 10-13). Depois, no versículo 19, ele diz: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus”. Essa é a graça na qual estamos firmes! É isso que a justificação pela fé faz. Em vez de estarmos fora e pobres, agora, como filhos de Deus, estamos firmes diante dEle; e Ele nos olha amorosamente, por Sua graça. Essa verdade é algo que temos de desenvolver, compreender, e, talvez, especialmente no que diz respeito à oração. Eu já os fiz lembrar que nos únicos dois outros lugares em que esta palavra é empregada no Novo Testamento, ela está relacionada com a oração. “Por ele” – por Cristo, diz o apóstolo – ambos (judeu e gentio) temos acesso (introdução) ao Pai em um Espírito” (VA: “por um Espírito”). E no capítulo três de Efésios, versículo doze: “No qual temos ousadia e introdução (entrada, acesso) com confiança, pela nossa fé nele”.

Noutras palavras, devemos provar-nos para saber se de fato entendemos e percebemos que temos esta introdução a esta graça por meio do Senhor Jesus Cristo. A maneira pela qual podemos certificar-nos de que entendemos bem isso e de que estamos vivendo de acordo, é examinar-nos quando oramos. Oramos com confiança? Oramos tendo certeza? Oramos com ousadia? Estamos certos de que fomos introduzidos, ou passamos a maior parte do nosso tempo perguntando se realmente temos direito ou não, e se Deus nos está ouvindo? Agora, diz o apóstolo, tivemos a nossa introdução, a nossa entrada; você nunca deve pensar em si mesmo de novo em termos daquele homem patético que está

do lado de fora, na rua. Você não está fora; você está dentro. Não traga aquelas velhas lembranças à memória. Procure compreender que você tem tanto direito de estar na sala de banquete como qualquer dos outros que se acham lá, porque você foi introduzido, foi apresentado pelo Filho do Rei. É impossível haver apresentação mais elevada.

Este ensino fortalecedor, consolador, pode ser encontrado em toda parte nas Escrituras. O autor da Epístola aos Hebreus o diz a seu modo no capítulo quatro. Ele estivera lembrando a essas pessoas que “temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus”, que Ele não é um “sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Compreendendo isso, ele diz: “Cheguemos pois com confiança ao trono da graça” – (“ousadamente”, VA), com confiança, com segurança, com certeza. Tivemos a introdução; portanto, venhamos a Deus e oremos com esta “santa ousadia”. Mas o ponto que se tem em vista é: devemos vir com ousadia. “No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele” (Efésios 3:12).

Portanto, devemos provar-nos com isso. Qual é o caráter da nossa vida de oração? Estaríamos apercebidos de que não somente temos esta entrada, esta introdução, mas também que Deus nos está olhando favoravelmente, sorrindo para nós? Lembraríamos que Ele é o nosso Pai? Lembraríamos que Ele tem prazer em abençoar-nos, que Ele está muito mais interessado em nosso bem-estar do que nós mesmos? É o que tudo isso significa. Fomos introduzidos e apresentados a esta graça, e agora estamos rodeados destas “grandíssimas e preciosas promessas”. Somos “participantes da natureza divina” e, em nossa oração, devemos lembrar-nos sempre destas coisas. A dúvida deve ser mandada embora; a incerteza deve ser banida. Devemos lembrar-nos do que significa a justificação pela fé, o que significa o nosso estar em Cristo, e de que Ele é o Sumo Sacerdote que nos está introduzindo e nos apresentando a

Deus, junto ao trono da Sua graça. Só há uma conclusão a que se pode chegar: devemos vir com ousadia, com confiança. Ou, nos termos em que vemos de novo essa verdade na Epístola aos Hebreus, devemos vir “em inteira certeza de fé” (10:22).

Dou ênfase a isso porque tenho a crescente convicção de que isso explica uma das grandes causas de nossa fraqueza e de nossas dificuldades nos dias atuais. Verdadeiras multidões estão fora da Igreja porque nós somos cristãos que representam muito mal a vida cristã. Vivemos como mendigos espirituais, ao passo que fomos destinados a ser príncipes e filhos do Rei celestial. Precisamos compreender que estamos nesta graça, que esta é a relação em que estamos envolvidos. Devemos agir com base nisso, e ir a Deus com confiança, segurança e certeza. “Tivemos nosso acesso”, nossa introdução, e estamos na sala de banquetes, fomos levados para dentro. É um estado, uma condição. Não é você que entra e que sai disto. Ou você está dentro, ou não; ou você está “debaixo da lei” ou está “debaixo da graça”. Não pode ficar a meio caminho; não pode estar às vezes numa posição, às vezes na outra. Se Deus o declarou justo e reto, você está “sob a graça”, você está na esfera da graça, você está no Reino no qual Deus trata bondosamente todos os cidadãos, por Sua graça.

No entanto, até mesmo a isso devemos acrescentar algo, porque o apóstolo o faz. Alguma vez você se sentiu cativado, pergunto eu, pelo modo peculiar como ele nos descreve como estando neste estado? “Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes.” Por que ele descreve esta condição em termos de estarmos firmes? Por que não diz, “Pelo qual também tivemos a nossa introdução a esta graça na qual estamos”? Seria certo dizê-lo. Mas não é o que ele diz; ele diz que nós “estamos firmes” na graça. Mais uma vez devemos ter o cuidado de dar todo o peso e pleno significado à palavra. Que significa esta palavra “estar firme” (no original: “stand”)? O verdadeiro sentido da palavra – e não é idéia minha, não é minha teoria; vocês poderão vê-lo em todos os

melhores dicionários – todos concordam que é “estar fixo”, “estar integralmente”. “Tivemos a nossa introdução a esta graça, na qual estamos fixos”, ou “na qual estamos firmes ou firmemente” (como se vê em Almeida). Este sentido mais completo mostra que, nestes versículos, o apóstolo está primariamente interessado em salientar o que sugeri que é a principal tese e o principal propósito da parte inicial do capítulo cinco. Paulo está falando sobre a certeza, o caráter final, a segurança absoluta da fé; por isso ele tem o cuidado de nos lembrar que, não somente estamos nesta graça, mas também estamos firmemente fixos nela, que estamos firmes nela.

Podemos assinalar essa verdade mediante termos negativos. Não há nada incerto quanto a isso. Não somente somos admitidos ou introduzidos a esta graça, porém também somos confirmados nela; somos plantados nela, se vocês preferem esta expressão, somos fixados nela, somos estabelecidos nela. A palavra implica estabilidade e segurança. Significa, portanto, a continuidade e a solidez de algo estabelecido. É uma palavra muito forte. O desejo de Paulo não é meramente dizer que estamos nesta graça, mas que estamos seguros nela. Noutras palavras, a nossa situação não é que nos é apenas permitido estar por algumas horas nessa graça e depois nos vemos de novo fora, na rua. Não! Estamos firmes nela, estamos seguros, estamos fixos nela. O cair da graça não existe. Que tremenda contradição do ensino de todas as Escrituras é dizer que existe! “Mas”, indagará alguém, “que dizer de Gálatas 5:4, onde se vê a frase “da graça tendes caído”? A resposta é que ali o apóstolo está expondo um argumento hipotético. Eis o que ele está dizendo: “Se é dessa maneira que vocês falam, bem, então vocês estão abandonando completamente o fundamento e a posição da graça, vocês estão pensando de maneira falsa”. Naquela passagem ele está preocupado com ensino e modos de pensar, não com experiência, e ele lhes mostra a contradição deles. Nós estamos firmes na graça. Não há nada incerto quanto a isso. Não se trata de um procedimento

ou arranjo ou provisão temporária. É o oposto da vacilação, da queda e da fraqueza com as quais ele contrastara, no fim do capítulo anterior, a fé que Abraão teve.

Isso é tão importante que eu devo provar que constitui uma parte vital do ensino do apóstolo. Vejam, por exemplo, a maneira pela qual ele o diz ao concluir o vigoroso argumento no fim do capítulo oito: “Estou persuadido” – o que significa, “estou absolutamente certo” – “de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!”. Se você está na graça, você está dentro, e nunca estará fora. Contudo vejam também 1 Coríntios 15:1: “Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis” (VA: “estais firmes”). É evidente que Paulo gostava muito desta idéia de “estar firme”. Vejam isso igualmente em 2 Coríntios 1:24: “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo; porque pela fé estais em pé” (ou “estais firmes”). Depois há aquela grande e clássica declaração da mesma verdade na Epístola aos Efésios, capítulo 6, começando no versículo 11: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar firmes” – permanecer firmes – “contra as astutas ciladas do diabo”. Deus o capacitou a estar firme e lhe deu uma posição em que se firmar; e se você usar o que Ele provê, você será capaz de continuar firme contra as astutas ciladas do diabo. Paulo repete isso no versículo 13: “Portanto, tomaí toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes”. E de novo ainda no versículo 14: “Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça”, etc.

Noutras palavras, é isso que Paulo quer dizer também na Epístola aos Filipenses, capítulo primeiro, versículo seis, onde

ele diz: “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”. Mas essa idéia não é só de Paulo. O apóstolo Pedro diz precisamente a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo 5, versículo 12: “Por Silvano, vosso fiel irmão, como cuido, escrevi abreviadamente, exortando e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual estais firmes”. É uma tremenda idéia. Não nos intrometemos nesta graça; somos introduzidos e apresentados, estando firmes e eretos sobre os nossos pés. “Ah”, você dirá, “mas eu tenho sido um vil pecador, tenho sido um terrível pecador; como poderei ir à presença de Deus com ousadia?” Minha réplica é que, se você não for com ousadia, não entrará pela fé. Procure compreender que você vai pela mão de Cristo, que a Sua justiça está sobre você e que Ele o leva para dentro. Você deve entrar de cabeça erguida, com ousadia. Você está firme na graça; você não entra sub-repticiamente, nem de rastro, nem engatinhando! Cristo nos justifica, e nós vamos andando para dentro da Sua graça, e nela ficamos firmes.

Esta idéia acha-se até mesmo no Velho Testamento. Por certo vocês se lembram do contraste traçado no Salmo primeiro, versículo 5: “Pelo que os ímpios não subsistirão (VA: “não estarão firmes”) no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos”. Os ímpios serão incapazes de estar firmes. Quando o Tribunal se reunir pela última vez e os nomes dos ímpios forem chamados, as contas forem trazidas e a acusação for lida, eles cairão prostrados. Não conseguirão estar firmes, não poderão ficar de pé. Mas o filho de Deus, o homem piedoso e justo, será capaz de estar firme, de permanecer de pé. Esta é simplesmente outra maneira de descrever a ousadia que caracteriza o verdadeiro crente em Cristo. Podemos aperceber-nos disso de duas maneiras. Podemos aperceber-nos de que, estando nesta posição em Cristo pela graça, estamos seguros. A perseverança ou segurança final dos santos é garantida pela relação deles com o Senhor Jesus Cristo. O

apóstolo não usa ao acaso as palavras que emprega, não usa tais termos incidentalmente. Ele e os outros escritores do Novo Testamento concordam em dizer que nós estamos na graça, firmemente fixos, firmemente estabelecidos, seguros. Isso porque não olhamos para nós mesmos, não tendo nós justiça ou retidão própria. Isso acontece porque é tudo “em Cristo”.

Permitam-me desenvolver um pouco este ponto. Temos que aperceber-nos desta grande verdade e temos que agir com base nela em nossa vida de oração. E não somente em nossa vida de oração, mas também em nosso testemunho. Com isso não me refiro necessariamente a uma pessoa estar de pé num púlpito para dar um testemunho; refiro-me à nossa conversação com as pessoas. O cristão é humilde e, todavia, em Cristo ele se gloria. Ele sabe onde está, e não deve ter medo de dizê-lo. Isso não é presunção; é fé. E qualquer coisa que esteja aquém disso é desonrar a grande salvação realizada por Deus. Ou deixem que eu o diga da seguinte maneira: devemos estar perfeitamente certos da nossa posição, no sentido de que seguimos o conselho dado ao homem retratado por Tiago no capítulo primeiro de sua Epístola. Esse homem, se lhe falta sabedoria, é concitado a pedi-la a Deus: “Peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”. Tiago prossegue e diz: “Peça-a, porém, com fé”. Não deve duvidar, nem ser volúvel como as ondas do mar. Diz ele: “Peça-a com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar...”. Se tal homem realmente quer ter sabedoria, diz Tiago, deverá pedi-la com fé, crendo – “não duvidando”. Que possibilidade ele tem de fazer isso? Só pode fazê-lo por causa da sua relação com o Senhor Jesus Cristo, que o introduz; e, se ele se der conta disso, orará sem duvidar. Ele não pede em seu próprio nome. Sua oração é “no nome do Senhor Jesus Cristo”, “por amor de Cristo”; e tão logo ele ore nesse nome, não haverá necessidade de duvidar. “Em Cristo” ele tem direito de orar com toda esta confiança e segurança; e jamais deverá duvidar ou ser vacilante ou hesitante.

Isso nos leva à minha última palavra sob o presente título. O cristão deve ter segurança, deve ter certeza; é dever de todo cristão ter segurança. O apóstolo escreveu estas palavras a fim de nos dar esta segurança. Diz ele aos cristãos romanos: “Quero que vocês saibam que estão firmes na graça”. Essa é a glória peculiar à nossa fé protestante e à nossa ênfase protestante. A igreja católica romana, além de não ensinar a doutrina da segurança da salvação, prega e ensina contra ela. Por quê? A explicação é muito simples. Enquanto você estiver inseguro, será dependente da igreja, estará dependendo dos sacerdotes. Se você tiver segurança da salvação, não precisará de sacerdote, não precisará do auxílio de Maria, nem das obras de supererogação dos santos; você irá diretamente a Deus por meio de Cristo. A segurança da salvação milita contra toda a política e contra toda a atividade dessa igreja com seu ensino acerca do purgatório e sobre a necessidade de indulgências etc.; por isso essa igreja lança acusações contra essa doutrina. Naturalmente, essa é a razão pela qual a referida igreja coloca a sua tradição antes das Escrituras. Nesse ponto ela nega o claro ensino das Escrituras. Ela (a igreja católica romana) é completamente antibíblica, e só pode estabelecer o seu sistema e mantê-lo vigente desafiando as Escrituras.

Essa foi a grande descoberta feita por Martinho Lutero. Quase imediatamente após ter visto a doutrina da justificação pela fé claramente, ele viu todo o erro da igreja romana e do seu sacerdócio tirânico. Há unicamente um grande Sumo Sacerdote. “Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1 Timóteo 2:5). Não dependo servilmente da igreja, não tenho necessidade de nenhum sacerdócio humano, não me apóio em alguma crença mágica, numa graça transmissível recebida por meio dos sacramentos. Vou ousadamente ao Pai por meio do meu grande Sumo Sacerdote. Estou seguro, estou certo e estou firme em Sua graça. Quando captarmos esta grande e bendita verdade, seremos plenamente tomados por esta gloriosa consciência da segurança

da salvação. Saberemos que estamos nas mãos do Senhor Jesus Cristo, que, como Ele mesmo disse: “...ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28).

Não há nada mais maravilhoso do que ser introduzido a esta graça por Cristo, ser colocado ali por Ele, ser estabelecido ali por Ele, ser habilitado a estar firme nela por Ele, e saber que estamos seguros eternamente. Queira Deus, por Seu Espírito, capacitar-nos a entender isso! Nunca mais sejamos cristãos que se desculpam por serem cristãos, e nunca mais sejamos cristãos dominados pela dúvida, hesitantes e inseguros. Devemos olhar para Cristo, gloriar-nos nEle e declarar que nEle estamos firmes na graça. Devemos ir a Deus com confiança, sabendo que Ele é o nosso amoroso Pai Celestial, que tem prazer em ver-nos e em receber-nos, de um modo que vai além da nossa mais alta imaginação. Ele é “o Deus de toda a graça”. Jamais nos esqueçamos das “abundantes riquezas da sua graça”; lembremo-nos de que Sua graça é sem fim. Que direito temos nós de ser tão pobres e de viver como mendigos na esfera espiritual, quando a verdade a nosso respeito é que estamos firmes na graça?

4

“Sendo (ou, tendo sido) justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.” – Romanos 5:1,2

Agora vamos examinar o terceiro resultado e consequência da justificação pela fé que o apóstolo salienta, a saber, as palavras que se acham na frase final do versículo dois: “e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Mais uma vez, a primeira coisa que temos que fazer é assinalar o pleno significado das palavras que temos diante de nós. Vejamos a palavra “regozijemo-nos”, que é a tradução que se vê na Versão Autorizada (inglesa). Num sentido é certa, é fiel; mas não é adequada, não é suficientemente forte. A palavra que o apóstolo empregou é geralmente traduzida noutros lugares das Escrituras pelo verbo “gabar-se” ou “gloriar-se” (como se vê em Almeida). Tomemos como exemplo a afirmação que se lê no último versículo do capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Coríntios, onde o apóstolo diz: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”. É a mesma palavra empregada no texto que estamos estudando. É mais do que regozijar-se; é gabar-se, é gloriar-se. É óbvio que a pessoa que se gloria regozija-se, porém ela pode regozijar-se sem gloriar-se.

O que interessa ao apóstolo dizer aqui é que, pela doutrina da justificação pela fé, pela nossa fé nAquele que Deus entregou “por nossos pecados” e que “ressuscitou para nossa justificação”, por isso nos gabamos, exultamos, nos gloriamos nesta “esperança da glória de Deus”. A palavra aqui empregada

traz consigo essa idéia como parte do seu sentido essencial. Significa congratular-se consigo mesmo. Você se congratula consigo mesmo por algo que conseguiu fazer, ou por algo que recebeu, por algum favorecimento que lhe foi feito. Você se congratula com isso e depois se gaba disso, exulta nisso, gloria-se nisso. Essa é a palavra que o apóstolo utiliza aqui, e é importante atribuir-lhe seu pleno peso e sentido, porque é uma parte muito especial do argumento do apóstolo nesta altura.

Esta palavra é uma das mais características do estilo literário deste apóstolo; e até pode ser descrita como sua favorita. Concordo inteiramente com os que opinam que é uma palavra que tem muito a dizer-nos do caráter e do temperamento do apóstolo. Ele sempre se gloriava no que acreditava; já era assim antes da sua conversão. O apóstolo nunca foi um homem indiferente. Quando perseguia a Igreja, ele o fazia com todas as veras de sua alma, e no tempo em que ele achava que a sua justiça “segundo a lei” era irrepreensível, ele se gabava disso. Daí, sem dúvida ele não iria usar um termo mais fraco quando adentrasse a vida cristã. Como costumava gabar-se da sua justiça pessoal, agora se gaba da sua posição em Cristo; e se gaba e exulta nesta “glória de Deus”, a qual agora vislumbra com “esperança”.

Isso nos leva à próxima pergunta. Que será que ele quer dizer com “gloriar-se na esperança da glória de Deus”? Ele está olhando esperançoso para a glória de Deus, com confiança, com segurança. A simples previsão da glória divina é algo que comove seu ser. Isso nos dá a incumbência de inquirir o que exatamente ele quer dizer com isso. Permitam-me fazer uma pergunta. Aqui estamos nós; somos crentes no Senhor Jesus Cristo; cremos que somos justificados pela fé. Muito bem, diz o apóstolo, se você se apercebe do que está dizendo, deve gloriar-se na esperança da glória de Deus. Estaríamos fazendo isso? Mas, que significa isso?

O que é gloriar-se na esperança da glória de Deus, gabar-

-se dessa esperança? Primeiramente, significa que estamos olhando para o futuro com um espírito de exultação, de alegria, de orgulho, para vermos a glória de Deus. Certamente vocês se lembram das palavras do nosso Senhor Jesus Cristo numa das bem-aventuranças: “Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus”. O que essa bem-aventurança significa é o que ela diz: “eles verão a Deus”. O “regozijar-se na glória de Deus” inclui isso. O apóstolo estava olhando para diante, para essa realidade, antecipando a visão beatífica, a visão de Deus. Este é o fim supremo da nossa fé; esta é a meta final disso tudo. O verdadeiro objetivo da redenção e da salvação é levar-nos finalmente para aquele ponto onde estaremos e contemplaremos a glória de Deus – a visão beatífica.

A expressão também significa que está esperançoso para contemplar a glória do Senhor Jesus Cristo. O nosso Senhor expressou Seu desejo quanto a isso para o Seu povo. Em Sua oração sacerdotal, no capítulo dezessete do Evangelho Segundo João, lemos no versículo 24: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste: porque tu me hás amado antes da fundação do mundo”. Lembrem-se das palavras que Ele disse no começo dessa oração: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”. E depois, no fim da oração, Ele pede que nos seja concedido, a nós, Seu povo, que vejamos a Sua glória. Os apóstolos O tinham visto somente “na forma de servo”, nos dias da Sua humilhação, mas o Seu desejo é que eles O vejam como Ele realmente é, participante

da glória eterna com Seu Pai. E não somente os apóstolos, porém todos quantos viessem a crer nEle. Assim é que o apóstolo Paulo estava olhando para diante, na expectativa de contemplar a plena glória do Senhor Jesus Cristo, e ele afirma que todos os cristãos devem proceder assim, tendo em vista o fato da justificação pela fé. Não somente devemos olhar para essa realidade futura; devemos gloriar-nos na perspectiva dessa realidade, e exultar nela.

Com toda razão o apóstolo podia fazer uso dessa expressão porque, como sabemos, ele havia tido vislumbres dessa realidade. E não foi o único a tê-los. Talvez eu deva mencionar primeiro Estêvão, que o apóstolo pode ter tido igualmente em mente. Lembra-se da narrativa do martírio de Estêvão, em Atos 7:55? “Mas ele, estando cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus.” Que tremenda declaração! Eis aí este homem que está prestes a ser apedrejado até morrer, com seus inimigos rangendo os dentes para ele e fazendo o pior que podem, e todo o inferno, por assim dizer, despencando sobre ele; mas Deus não o esquece, e o que Estêvão experimentou mais conscientemente não foi a malignidade dos seus inimigos, nem o sofrimento, nem mesmo a morte, mas a visão da glória de Deus, a visão beatífica.

O próprio apóstolo Paulo, contudo, sabia sobre o que estava escrevendo quando redigiu essas palavras. Vocês se lembram do que lhe aconteceu no caminho de Damasco. Lá ia ele, “respirando ainda ameaças e mortes”, quando, de repente, viu aquela luz no céu, acima do mais refulgente brilho do sol. Sabemos algo do que significa olhar para a face do sol; e hoje lemos em nossos jornais descrições do clarão que se vê quando há explosão de bomba atômica; lemos sobre olhar para esses extraordinários clarões, cujos resplendor é tão forte que pode cegar a pessoa. O apóstolo viu algo além e acima do mais resplendente brilho do sol, e ficou cego e caiu. Mas ele viu também um rosto, o rosto de Alguém glorificado; glória tal

que ele nunca tinha visto antes. Ele clamou: “Quem és, Senhor?”; e Lhe veio a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Ele viu o Senhor ressurreto e a glória que jorrava de Sua face.

Por certo vocês se lembram também de que Pedro, Tiago e João receberam um vislumbre disso e alguma penetração nessa realidade no Monte da Transfiguração. Eles tinham subido com o nosso Senhor, e, enquanto subiam, Sua aparência era como eles conheciam; porém, subitamente O viram completamente transfigurado, “e o seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz” (Mateus 17:2). Que terá sido essa transfiguração? Era algo da glória que já Lhe pertencia e que Lhe retornou apenas por um momento. O apóstolo Pedro jamais se esqueceu daquela experiência. É por isso que, escrevendo sua Segunda Epístola, ele diz: enquanto estou convosco, quero lembrar-lhes estas coisas, “Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; mas nós mesmos vimos a sua majestade” (2 Pedro 1:16). “Estávamos com ele no monte santo quando ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória Lhe foi dirigida a seguinte voz:...”. Pedro ficou extasiado com o que viu, e foi isso que o levou a dizer a Jesus, na ocasião: “Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias”. Ele queria permanecer na glória; entretanto não devia ser assim. Ali só lhes foi dado um vislumbre da glória do Senhor.

Diz-nos o apóstolo que está esperançoso para ver esta glória “plenamente desfraldada”, como diz um hino. Esta mesma idéia aparece noutros lugares também, no ensino de Paulo. Por exemplo, diz ele em 1 Coríntios 13:12: “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face”. Já vemos um pouco desta glória, porém obscuramente, numa espécie de espelho, uma espécie de enigma num espelho; mas, não obstante, é algo da glória. Diz ele que está ansioso

para ver a glória do Senhor, não obscuramente, como num espelho, e sim então “face a face”.

Temos mais uma referência a isso em 2 Coríntios 3:18. Ele estivera contrastando o crente com o judeu não convertido, sobre cujos olhos ainda está um véu, de modo que ele não consegue enxergar a verdade das Escrituras, que ele lê todos os sábados na sinagoga. A situação do cristão, diz ele, é inteiramente diversa disso: “Mas todos nós, com cara descoberta” – retirado o véu – “mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho” (de novo um espelho) “a glória do Senhor...”. Já vemos algo disso, e seu efeito é transformar-nos de glória em glória. Nesta passagem ele nos diz que está olhando para o futuro, para o dia que virá quando será não “como num espelho”, porém em toda a sua plenitude e refulgência.

Há, depois, a passagem da Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 12, nos primeiros dez versículos, onde o apóstolo nos narra que, catorze anos antes, tivera uma experiência extraordinária. Ele não sabe dizer “se no corpo, se fora do corpo”, tão maravilhosa e gloriosa que fora. Ele não consegue analisá-la e dar-nos uma descrição minuciosa dela. Tudo o que ele sabe é que fora “arrebataado até ao terceiro céu” – isto é, ao lugar onde Deus habita e onde se há de ver a glória de Deus. De algum modo ele foi levado para lá, não sabe como, e ouviu coisas que não podem ser relatadas por causa da sua glória e da sua maravilha. Embora ainda vivendo e ainda no corpo, e embora ainda limitado daquela maneira, foi-lhe concedida esta visão, este vislumbre da glória, e ele ouviu um pouco da linguagem do céu e da eternidade. Tudo isso produziu nele um profundo anseio e desejo de ver aquela glória sem nenhum obstáculo e de gozá-la para todo o sempre.

Citei essas passagens porque é a única maneira de podermos ter uma pálida percepção do que o apóstolo nos está ensinando no texto em foco. O que esta passagem significa, então, é que a todos os que estão em Cristo, a todos os que são

justificados pela fé, é certo que virá esta visão beatífica. Estaremos firmes na presença de Deus e veremos a glória de Deus e de Cristo sem véu; não mais um pálido reflexo num espelho, mas “face a face”. É esse o seu primeiro significado.

Todavia significa algo mais, significa também que nós mesmos seremos glorificados. Isso é essencial porque, sem isso, jamais estaríamos aptos a estar firmes na glória de Deus que nos será revelada. Isso igualmente faz parte da salvação final e definitiva. Por alguma razão extraordinária, é uma realidade tragicamente negligenciada por todos nós, e pela Igreja em geral. Falamos muito sobre a santificação, no entanto quão pouco falamos da glorificação! Afinal, quando foi a última vez que vocês ouviram alguém dar ênfase a isso?

O que significa isso? Para entendê-lo, precisamos examinar por um momento o capítulo três desta Epístola, versículo vinte e três. Ali, mostrando a necessidade da doutrina da justificação pela fé e fazendo a introdução dela, ele diz: “Pois todos pecaram, e carecem da glória de Deus”. O que ele quer dizer é que, em consequência do pecado, todos fomos afastados de Deus, não estamos mais naquela comunhão com Deus que deveríamos estar desfrutando e que Adão tinha antes da Queda. Adão comungava com Deus diretamente. Deus vinha conversar com Adão. Adão via a glória de Deus, não em sua plenitude, mas certamente a via. Seu estado era de inocência, contudo ele caiu e, por isso, perdeu sua comunhão com Deus, aquela comunhão direta, aquela comunhão e amizade com Deus que ele estivera desfrutando. Daí por diante, a humanidade toda é destituída da glória de Deus. Fomos destinados à glória de Deus e a refletir a glória de Deus. Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança, e algo da glória de Deus estava no homem. Deus fez dele o senhor da criação; havia alguma glória nele. Mas ele a perdeu, e nenhum de nós a possui, porque “todos nós pecamos, e destituídos estamos da glória de Deus”. Todavia vamos recuperar esta glória. É isso

que o apóstolo está dizendo na passagem que estamos estudando.

Ele o diz outra vez, e o diz mais explicitamente, no capítulo oito, versículo trinta: “E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”. Esta é uma verdade que o apóstolo ensina constantemente. Vejam, por exemplo, 1 Coríntios 1:30: “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. Redenção aí significa glorificação. Toda esta riqueza é nossa no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle.

Outra grande declaração que o apóstolo faz a respeito acha-se no capítulo oito de Romanos, versículo 18: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”. Isso quer dizer, não somente que veremos a glória de Deus a nós revelada, como também que há uma glória de Deus a ser revelada em nós e por meio de nós. Noutras palavras, é uma referência à glorificação. O apóstolo prossegue: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus”. Os animais e toda a criação estão à espera desta manifestação da glorificação dos filhos de Deus. E ainda mais: “Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando” – o quê? – “a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”. A mesma verdade, expresso deveras explicitamente.

Que é que isso significa? Significa que aqui e agora estamos justificados, estamos sendo santificados; na verdade, como

Paulo afirma, “temos as primícias do Espírito”. Mas há uma coisa que não temos, uma coisa que nunca teremos perfeitamente neste mundo – a redenção final de nossos corpos. Nossos corpos sofrem as conseqüências da Queda. Não foi tão-somente o espírito do homem que caiu. Quando Adão caiu, todo o homem caiu – corpo, mente e espírito. Nossos corpos não são o que foram destinados a ser. Nossos corpos são fracos e estão sujeitos a doenças, a infecções, tosses, resfriados, dores, males e tudo mais. É tudo resultado da Queda. E não existe beleza real. Toda a beleza do ser humano, do homem mais elegante ou da mais formosa mulher, é apenas relativa, e nela estão as sementes da decadência. No entanto, quando formos glorificados, os nossos corpos serão perfeitos, ser-lhes-á tirado todo e qualquer vestígio do pecado, e todos os resultados e conseqüências do pecado serão removidos inteiramente. Não lhes restará nenhum sinal do pecado, e todos nós teremos gloriosa beleza.

Outra grande declaração desta verdade se vê em Filipenses 3:21, onde o apóstolo afirma que nós, cristãos, somos uma “colônia” do céu. “A nossa cidade”, diz ele, “está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido” – isto é, “o corpo da nossa humilhação” – para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (VA: “A nossa cidadania está no céu...”). O que o apóstolo está dizendo é que ele está olhando para o futuro, para aquele dia, que virá, quando ele será perfeitamente glorificado, plenamente salvo; não somente o seu espírito e a sua alma salvos, mas também o seu corpo.

É parte essencial da mensagem cristã pregar a redenção do corpo. É por isso que nunca devemos apartar-nos da doutrina da ressurreição física. Seremos ressuscitados, transformados e glorificados. Seremos gloriosos em nossos corpos, como Cristo o é num corpo agora glorificado. Foi o que Paulo viu no caminho de Damasco. Ele teve um vislumbre do corpo

glorificado do Senhor Jesus Cristo. Pois bem, é-nos feita a promessa de que vai acontecer isso conosco. Eis como o apóstolo João se expressa sobre isso em sua Primeira Epístola, capítulo três, versículo dois. Diz ele: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como (ele) é o veremos”. Seremos semelhantes a Ele! É assim que João expressa o que o apóstolo Paulo diz em Filipenses 3:20,21.

O que o apóstolo nos está dizendo no texto que estamos estudando é que ele se regozija na esperança disto: “ele vai ver Deus, ele vai ver o Senhor Jesus Cristo sem véu, e ele próprio vai ser glorificado. Naquele corpo glorioso não haverá “mancha, nem ruga, nem coisa semelhante”. Não haverá nenhum resto do pecado no espírito, no corpo, em parte alguma de nós. Seremos completos e perfeitos, glorificados num corpo glorioso, na presença do “Deus de toda a glória”.

À luz disso, podemos entender o sentido de três palavras proferidas pelo nosso Senhor e registradas no capítulo dez do Evangelho Segundo Lucas, versículo 20. Ele tinha enviado os discípulos para pregarem e para expulsarem demônios, e tiveram grande sucesso. Voltaram cheios de orgulho e num espírito de exultação, e Lhe disseram: “Senhor, até os demônios se sujeitam a nós pelo teu nome”. Estavam propensos a gabar-se. Disse-lhes o nosso Senhor: “Não vos alegreis por que se vos sujeitem os espíritos”. Certamente isso é coisa de que o cristão pode ufanar-se, é algo em que pode regozijar-se. Ele não lhes está dizendo que não se regozijem em coisa alguma, mas lhes está dizendo que não percam a cabeça por isso, que não pensem que é o fim. É apenas o começo, apenas uma pequena parcela – “alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”. É isso que realmente importa; visto que os seus nomes estão escritos no céu, vocês não somente verão satanás caindo, não somente vão ter poder sobre estes servos do diabo, estes seus emissários; vocês vão ser glorifi-

cados, vão ver Deus, vão julgar o mundo. “Alegrai-vos antes”, portanto, “por estarem os vossos nomes escritos nos céus.” Aquilo em que devemos regozijar-nos é, como o apóstolo nos diz aqui, esta “esperança da glória de Deus”.

Isso é algo que deve começar agora. Já lhes propiciei exemplos e citações para mostrar como a alguns servos de Deus foi dado certo vislumbre da glória; mas há claro ensino no sentido de que a nossa glorificação final começa neste mundo como um processo. Vê-se isso com clareza na grande declaração de 2 Coríntios 3:18: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados (estamos sendo transformados) de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”. O apóstolo diz isso de todos os cristãos – de si mesmo e dos cristãos coríntios a quem estava escrevendo. Aqueles de nós, diz ele, que contemplam como num espelho a glória do Senhor, estão sendo transformados conforme a mesma imagem. Uma estrofe de um conhecido hino de Charles Wesley expõe essa verdade deste modo:

*De glória em glória transformados,
Até no céu termos recanto
E nossas coroas a Ti entregarmos,
Cheios de amor, louvor e encanto!*

Enquanto estivermos a caminho do céu, estaremos sendo “transformados de glória em glória”. É o que se vê em 2 Coríntios 3:18.

Se estamos “em Cristo”, isso está acontecendo conosco agora; estamos sendo transformados conforme a imagem do Senhor. Que é que significa a regeneração? Significa que há em nós uma semente da vida divina. Nascemos de novo, este princípio da vida eterna foi posto em nós; fomos criados de novo, à imagem do Filho amado de Deus. Fomos “criados em justiça e verdadeira santidade”, segundo a imagem de Cristo.

Isso já aconteceu conosco. Se temos a vida de Cristo em nós, algo da glória de que falamos está em nós. Pode ser bem pequena, mas estamos “sendo transformados de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor”. A obra de glorificação já começou em nós, e não devemos pensar em pospô-la, deixando-a inteiramente para o mundo vindouro. Por isso nós, cristãos, devemos envergonhar-nos muito de estar como estamos e de viver como vivemos, muitas vezes andando cabisbaixos pelo mundo. Parece que nos gloriamos no que temos na terra e no que somos, menos que o homem do mundo se gloria no que ele faz e no que ele crê. Vejamos esta outra declaração desta verdade maravilhosa que o apóstolo faz na Epístola aos Colossenses, capítulo primeiro, versículo 27: “Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória”. Cristo em nós! Se somos cristãos, Ele está em nós. “Cristo em vós, esperança da glória.” Portanto, Isaac Watts tem toda a razão de dizer:

*Para os que vivem da graça
A glória seu início tem;
Celestial fruto aqui já grassa;
Da fé e da esperança vem.*

“Para os que vivem da graça.” Somos dos “que vivem da graça”, estamos firmes na graça, como já vimos. Mas nos damos conta de que a glória tem início na terra, e de que o “celestial fruto” – o fruto do céu – já se vê grassar no solo terrenal desta vida como resultado da “fé e da esperança”? Isaac Watts, nesse mesmo hino, nos lembra que, neste mundo, “Em solo de Emanuel marchamos”. Ainda não chegamos às “ruas de ouro”, porém a glória já teve início em nós.

Devemos apegar-nos ao fato de que tudo isso é absolutamente certo. Já chamei a atenção de vocês para a maneira pela qual o apóstolo salta da justificação para a

glorificação. Ele faz isso aqui, e torna a fazê-lo no capítulo 8, versículo 30. É de vital importância aprendermos a dar este salto. Não devemos ficar parados na justificação. Se vocês estão justificados, estão glorificados. O Deus que os predestinou é quem faz tudo; e se Ele os predestinou para a justificação, também os predestinou para a glorificação..

Vocês se regozijam neste salto? Vocês não podem dividir o Senhor Jesus Cristo. Se vocês estão em Cristo, estão em Cristo; e se Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação”, certo é que Ele é também glorificação para vocês. Vocês não podem dividi-lo e “tomar” só a justificação, ou só a santificação. É “tudo ou nada”. Vocês não devem dividir estas coisas. É antibíblico; na verdade é impossível. O que importa é a Pessoa de Cristo. Ele é indivisível. Temos todas estas realidades em Cristo, e o germe da minha glorificação está em mim agora tão certamente como a minha santificação, e tão certamente como a minha justificação nEle. É a nossa união com Cristo que garante tudo. É por isso que o apóstolo diz aos efésios que “já estamos sentados com ele nos lugares celestiais”.

Essa é a razão pela qual devemos ufanar-nos destas coisas. Essa é a razão pela qual nos estendemos sobre estes dois versículos. Que atitude superficial, a dos que dizem levianamente: “Ah, sim”, os dois primeiros versículos, “os resultados da justificação – paz com Deus, firmeza na graça, regozijo na esperança da glória de Deus”, e logo correm para o próximo versículo. Não temos o direito de ir para os próximos versículos enquanto não esgotarmos estas coisas. E, portanto, volto a perguntar: você tem conhecimento desta paz com Deus? Está realmente firme nesta graça, como filho de Deus? Você vai com confiança ao trono da graça e ora com santa ousadia? Você se regozija na esperança da glória de Deus? É preciso que não haja incerteza quanto a estas coisas. Não se trata aqui de uma esperança comum. Não se deixem enganar pela palavra “esperança”. Como o apóstolo emprega essa palavra, ela

significa algo que é absolutamente certo. É a “bendita esperança”, “a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós” (Hebreus 6:18-20).

Noutras palavras, bem entendida, a doutrina da justificação significa que nós temos segurança e certeza da salvação. É o que Paulo ensina, razão pela qual eu repito que não há nada que seja mais antibíblico do que o ensino católico romano neste ponto. O que também se pode dizer do ensino bartiano. O finado professor Karl Barth negava e contestava a possibilidade da segurança da salvação. Ele falava e escrevia ativamente contra essa doutrina. É por isso que, a despeito dos seus muitos protestos, sua teologia era mais filosófica que bíblica. Se vocês forem bíblicos, tomarão a mesma base que o apóstolo Paulo tomou. Paulo afirma que devemos gabar-nos disto, que devemos exultar e gloriar-nos nisto. Mas, como vocês poderão fazê-lo, se não tiverem certeza? Essa é, também, a razão pela qual toda e qualquer doutrina que ensine a possibilidade do cristão cair da graça é absolutamente contrária às Escrituras. Vocês não poderão exultar e gloriar-se na salvação final e definitiva se de repente puderem perder tudo. A resposta é que é tudo de Deus, é tudo em Cristo, é tudo pela graça e pela fé, “a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade” (4:16). Eu e vocês, vendo, crendo e entendendo esta verdade, estamos destinados a regozijar-nos na esperança da glória de Deus. Cabe-nos dizer: “Em solo de Emanuel marchamos, rumo aos mais belos mundos nas alturas”. Devemos dar atenção a estas exortações de John Cennick:

*Filhos do celeste Rei,
Enquanto marchais, cantai,*

e de Isaac Watts:

*Venhamos, nós que amamos o Senhor,
E nossas alegrias proclamemos;
Entoemos juntos suaves harmonias,
Circundando assim o glorioso trono.*

O argumento é totalmente firme e válido, biblicamente falando:

*Que a cantar se recusem aqueles tristes
Que jamais conheceram nosso Deus;
Contudo, que os filhos do celeste Rei
Difundam e propaguem sua alegria.
E então se multipliquem nossos cânticos
E seja enxugada toda lágrima;
Em solo de Emanuel marchamos
Rumo aos mais belos mundos nas alturas.*

Estejamos certos destas coisas, e tomemos posse delas. São inevitáveis, graças à justificação pela fé.

Deixemos que Henry Francis Lyte, num dos seus hinos, reforce a exortação de Isaac Watts:

*Apressa-te, portanto, da graça à glória,
Armado da fé e nas asas da oração;
Diante de ti está o dia eterno, o céu,
Para onde a mão de Deus te guiará!
Logo terminarás tua missão na terra,
Teus dias, peregrino, logo vão passar;
Depressa tua esperança será alegre gozo,
A fé, visão real, e a oração, louvor!*

Vocês têm alguma experiência desta glória? Vocês a contemplam com o rosto descoberto, como Paulo diz em 2 Coríntios 3:18? (VA). Você vê algo da glória do Senhor numa espécie de espelho? A Igreja atual é como é porque “contemplamos” estas coisas muito pouco, porque as

ignoramos. Ficamos preocupados com os que, relutantes, permanecem fora da Igreja, mas, quando eu e você conhecermos algo da glória de Deus, e quando aqueles outros virem que estamos sendo “transformados de glória em glória”, eles virão a nós espontaneamente, como sempre vieram a pessoas desta categoria. Foi quando um homem como George Whitefield veio a conhecer algo desta glória, viu-a, e começou a manifestá-la, e com ele Wesley e outros – foi quando isso aconteceu com esses homens, que eles foram usados por Deus e atraíram pessoas como ímãs. Então os templos ficaram pequenos demais, e eles tiveram que sair e pregar ao ar livre.

Se quisermos evangelizar os de fora, teremos que começar a partir da Igreja. Muitos permanecem fora em grande parte porque nos falta este senso da glória, e não nos gloriamos nela. Estamos num mundo no qual “o coração dos homens desmaia de temor”, no qual os homens perderam o rumo ou não sabem onde estão, nem o que fazer, nem para onde ir, e eu e vocês, que deveríamos poder ajudá-los, muitas vezes parecemos tão confusos como eles. Por isso não querem ouvir-nos. Todavia, se eles vissem algo da refulgência e da glória de Deus e de Cristo em nossos rostos, como aqueles israelitas viram no rosto de Moisés quando ele desceu do monte com as Tábuas da Lei nas mãos, eles começariam a ouvir-nos. Eles diriam: “Vejam aqueles cristãos. Apesar de estarem neste mundo, apesar da bomba de hidrogênio, apesar das diversas “cortinas”, apesar de tudo o que está acontecendo – olhem para eles, observem sua paz, sua equanimidade, o encanto de suas vidas e de suas personalidades”. Seriam atraídos e induzidos, e viriam até nós querendo saber o segredo do nosso diferente tipo de vida e de perspectiva.

Vocês se orgulham, vocês exultam e se gloriam na esperança da glória de Deus? Se não o fazem, e se gostariam de fazê-lo, posso passar-lhes a prescrição dada por Paulo sobre como tornar possível agir assim. Está em 2 Coríntios, capítulo 4, versículos 17 e 18: “A nossa leve e momentânea tribulação produz para

nós um peso eterno de glória muito excelente; não atentando nós (na medida em que não atentamos) nas coisas que se vêem mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas”. “Posso dizer”, declara Paulo, “que as coisas que estão acontecendo são uma leve tribulação, e por um momento, enquanto – na medida em que – eu olho, não para o que está ao meu redor, mas para Cristo, na medida em que eu vejo Seu rosto como num espelho, obscuramente, pela fé, na medida em que eu vejo a glória ali, aquela glória que me espera, e então todas as outras coisas não passam de uma leve tribulação.” Exatamente pelo mesmo motivo ele diz, escrevendo aos colossenses: “Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra” (Colossenses 3:2). Se você não tem visto nada da glória de Deus e de Cristo, é porque está olhando demais para outras coisas. Você está vendo demais os jornais e a televisão, o mundo e sua pompa. Afaste-se disso tudo e comece a olhar, a contemplar, as coisas que não se vêem, as coisas eternas. Ponha ali seu amor, seu pensamento. Isso requer esforço de vontade, e disciplina. Significa ser diligente no estudo das Escrituras e meditar nelas. Buscai Cristo ali; peça ao Espírito Santo que O revele a você. Peça-Lhe que Se manifeste a você. Uma vez que você tenha um vislumbre dEle e da glória que está à sua espera, você estará pronto a unir-se a Paulo e a dizer que se ufana, se gloria e exulta na esperança da glória de Deus.

5

“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” – Romanos 5:3-5

Estes três versículos, como sugerem as palavras iniciais, são uma continuação do que o apóstolo já vinha dizendo nos dois primeiros versículos. Nesses o apóstolo nos tinha dado as bases sobre as quais podemos ter certeza da nossa salvação como resultado da justificação pela fé. Os três elementos básicos são: “Sendo pois (tendo sido) justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. Segundo: “Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes”. E terceiro: “Nos gloriamos na esperança da glória de Deus”.

Tendo dito isso, o apóstolo continua dizendo: “E não somente isto”. O que ele estivera dizendo não é o fim; há mais alguma coisa, algo que em certo sentido é até mais forte. Essas três coisas são maravilhosas, mas, diz ele, eu posso ir adiante e dizer-lhes algo que é igualmente maravilhoso. Essas verdades, vocês podem ter pensado, eram bases suficientes para a segurança da salvação, e uma garantia da sua finalidade, isto é, do seu caráter final e definitivo, contudo há ainda mais algo.

Qual será esta prova adicional do fato de que estamos salvos, de que somos filhos de Deus, e de que estamos destinados àquela glória que nos espera? A resposta é: a maneira pela qual

a nossa fé nos habilita a enfrentar as provações, as dificuldades, os problemas e as tribulações da vida. Esse é o tema de que ele trata nestes três versículos. Ora, não é de admirar que ele faça isso, porque ele sabia muito bem, por experiência própria e pela experiência de outros, que os cristãos muitas vezes tinham que suportar duras e agudas provações e tribulações. Ele sabia, ademais, que havia aqueles que estavam sempre dispostos a argumentar, como o fazem ainda hoje, afirmando que o fato dos cristãos serem deixados sob tais provações põe em questão a salvação em geral. Portanto, é essencial que o apóstolo trate disso.

Este é um assunto extremamente importante. Cada vez mais fico impressionado com quanto espaço e atenção este particular problema recebe nas Escrituras do Novo Testamento. Não há nenhum outro tema que seja tratado mais freqüentemente. O nosso Senhor Jesus Cristo começou a tratar pessoalmente desse assunto bem perto do fim do Seu ministério. Quando Ele estava dando uma série de mensagens aos Seus discípulos e seguidores, eis uma das últimas coisas que Ele disse: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). O nosso Senhor dirigiu-Se aos discípulos e os advertiu de que no mundo eles teriam tribulações. Mas, ao mesmo tempo, Ele lhes disse que tenham bom ânimo, porque Ele venceu o mundo. O apóstolo Paulo advertiu os recém-convertidos, os seus novos seguidores, quase exatamente da mesma maneira. Lembrou-lhes que “por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22). Ele estava visitando as igrejas com Barnabé, e era isso que ele inculcava nelas. Ele exortava os cristãos a não ficarem surpresos quando lhes sobreviessem perseguições e tribulações, porém, ao mesmo tempo, ele lhes assegurava que isso não iria interferir em sua salvação final.

Esse é, pois, o nosso tema, e podemos firmar esta proposição: não há prova mais importante nem mais sutil da

nossa profissão de fé do que o modo como reagimos às provações, às dificuldades e às tribulações da vida neste mundo. Não há prova mais pura nem mais comovente do que esta em particular. Às vezes me aventuro a descrevê-la como a prova definitiva da profissão de fé cristã. Permitam-me mostrar-lhes o que quero dizer com isso.

É particularmente o meio pelo qual se pode diferenciar entre a fé cristã e as diversas seitas. A reivindicação que fazemos em favor desta mensagem, em favor deste modo de vida, é que é uma vida que nunca nos falha, que nunca nos deixa na mão. Pois bem, não se pode dizer isso de nenhum falso ensino, seja uma religião falsa, seja uma filosofia falsa. Na verdade, geralmente as seitas põem à mostra logo de início o seu caráter espúrio por prometerem demais. São as seitas que dizem: “Creia neste ensino, e você não terá problemas, nunca mais. Você nem se conhecerá mais, e não conhecerá mais o mundo. Você andarà a passos renovados e com brilhante perspectiva, e nunca mais terá qualquer problema”. Esta é sempre a linguagem das seitas, entretanto nunca a linguagem do Novo Testamento. Ao contrário, este diz: “No mundo tereis aflições”. De fato eu poderia argumentar no sentido de que o Novo Testamento nos ensina que o provável é que o cristão tenha mais dificuldades do que qualquer outro indivíduo. Isso virá mais adiante. Mas as seitas fazem estas grandes declarações e depois, na hora da crise, quando os homens precisam delas e do seu socorro acima de tudo, elas não conseguem ajudá-los.

Há uma excelente ilustração disso no Velho Testamento. É aquela grandiosa cena no Monte Carmelo, descrita no Primeiro Livro de Reis, capítulo 18, onde Elias, só e solitário, enfrenta uns 850 profetas falsos e os desafia, como também seu deus Baal, em nome do Deus vivo. Isso causou uma grande crise. Aos falsos profetas foi dada a primeira oportunidade de orar pedindo que caísse fogo do céu sobre o altar, e eles clamaram ao seu deus. Eles retalharam sua própria carne,

gritaram, oraram, rogaram; mas nada aconteceu; não se ouviu uma voz, nada que lhes respondesse. Ficaram completamente desconcertados, decepcionados e abandonados em plena agonia da crise. Depois, como decerto vocês se lembram, Elias orou a Deus, e Deus lhe respondeu mediante o fogo, e a fé confiante de Elias foi vindicada. A maneira de provar o falso e o verdadeiro é observar o que acontece na hora da crise, no tempo da real necessidade. Uma fé que não nos ajuda quando temos dela a máxima necessidade não é a fé cristã; pois esta jamais falha.

Para ser mais prático, deixem que eu me expresse assim: essa é uma excelente maneira de tirar a prova entre a fé verdadeira e alguma experiência meramente emocional ou psicológica. Há os que se tornaram cristãos porque tiveram algum sentimento estranho, alguma nova experiência, talvez numa reunião. Foi maravilhoso, foi magnífico, e eles falam a todos sobre isso, fazendo que alguns de nós quase se sintam como se nunca tivessem sido cristãos. Mas temos visto as mesmas pessoas algum tempo depois, quando lhes ocorreu algo errado, ou quando tiveram dificuldades e sofreram privações, e as vimos renunciarem a tudo em que elas alegavam crer. Por quê? Porque nunca tiveram a fé verdadeira. Haviām tido uma experiência emocional, haviām tido, talvez, uma experiência psicológica; tais coisas existem. Pensavam que agora tudo ia ser perfeito; assim, no momento em que vem a tribulação, essas pessoas perdem tudo. Para elas a salvação consiste em serem felizes, em viverem suas emoções; e, assim, tudo se vai. As provações e as tribulações logo dão cabo de uma experiência meramente emocional ou psicológica.

Ou permitam-me dizê-lo nestes termos: as provações e as tribulações sempre fazem distinção entre o que podemos descrever como “credulidade” ou “fideísmo” e a verdadeira fé. Aqui, de novo, há o perigo de pensar que apenas subscrever um ensino cristão significa fé verdadeira. A fé verdadeira inclui isso, porém é mais que isso, como já vimos muitas vezes quando

estivemos expondo a doutrina da justificação pela fé. Não se trata de mero fideísmo; e é importante compreender isso, porque as provações e as tribulações põem à prova o simples fideísmo. O homem que só tem esse tipo de credulidade ver-se-á falhar totalmente quando chegarem as provações e as tribulações. Ele não terá coisa alguma em que se apoiar.

É o que o Senhor ensina na parábola do semeador. Diz Ele que parte das sementes caiu em solo pedregoso. Brotou e cresceu depressa, mas, visto que a terra não era profunda, não criou raiz e não durou muito. Aplicando isso, o Senhor continua: tal homem “não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende” (Mateus 13:21). Com freqüência esse é o tipo de homem que tem alguma dificuldade ou algum problema em sua vida. Ele já tentou tudo. Depois vai a uma reunião cristã onde lhe dizem que ele só tem que crer nesta mensagem e aceitá-la, e tudo estará bem. “Tudo bem”, diz ele, “eu creio nisso”. Ele é orientado a dizer: “Creio no Senhor Jesus Cristo”, e o diz. Depois lhe garantem que ele está salvo. Mas o seu problema continua com ele, seu problema não foi resolvido; ele vê que as provações e as tribulações continuam vindo, e ele diz: “Ora, eu pensava que, se eu cresse nisso, nunca mais teria esse tipo de problema”. Como diz o nosso Senhor: “Chegando a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende”. Diz o tal homem: “Não pensei que seria assim. Por que Deus permite que aconteçam coisas como esta? Pensei que uma vez que eu cresse, nunca mais ficaria nesta situação”. Portanto, vocês vêem que as provações, as tribulações e as dificuldades constituem de fato uma prova completa e da mais vital importância da nossa profissão de fé.

E então, qual deve ser a reação cristã a essas coisas, quando nos sobrevêm? “Tribulações” (VA) ou “angústia” (ARC) significa aflições, pressões, depressões, dificuldades, talvez doenças ou perseguições; podem tomar quase qualquer forma.

Qual deve ser a reação do cristão às provações de todo e qualquer tipo que se possa conceber? É desnecessário dizer que não basta que ele não murmure e não se queixe, que não se sinta maltratado, que não questione sua fé e que não fracasse. Em segundo lugar, não é que ele agüente as adversidades de maneira filosófica. Suportá-las é melhor que fracassar, porém não é essa a reação cristã. O cristão, diz o apóstolo, não apenas se resigna às suas tribulações com espírito negativo.

Esta é uma distinção muito importante, especialmente hoje em dia. Cristianismo não é estoicismo, que é simplesmente uma resignação. O estoicismo suporta os males, agüentá-los, controla-se para não desistir. Com coragem e um tremendo esforço de vontade, o estoicismo vai adiante e simplesmente chega até o fim. Isso é estoicismo; é suportar, agüentar, não fracassar, não ir abaixo. A reação cristã não é essa. Esse ponto é sumamente importante. Muitas vezes me pareceu, durante a última guerra (a Segunda Guerra Mundial), e, na verdade, da última guerra em diante, que havia muita confusão entre estoicismo e cristianismo. “Queixo erguido”, “não soltar”, “agarrar-se a” não é uma fiel descrição do cristão. O cristão não é alguém que apenas exerce coragem. O que ele tem não é mera resignação passiva. Eis o que ele tem: “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações”. Mais uma vez temos a palavra que encontramos no fim do versículo dois, na expressão traduzida “e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”, e que nós vimos que significa “gabar-se de”, “exultar em”, “gloriar-se em”. Esta é a reação do cristão, sua resposta às tribulações; ele se ufana, exulta, gloria-se nelas.

Aqui de novo devemos assinalar um sentido que bem pode ser esquecido. Notem a expressão de Paulo. “E não somente isto”, diz ele, “mas também nos gloriamos nas tribulações.” Pois bem, essa palavra “nas” é muito importante. Ele não está dizendo que nos gloriamos apesar das tribulações. Muitas vezes as pessoas pensam que quer dizer isso; que, embora estejam acontecendo essas coisas, continuamos a gloriar-nos;

gloriamo-nos apesar delas. Não! Tampouco significa que nos gloriamos no meio delas. Significa isso, mas não somente isso. Coisa muita boa é podermos gloriar-nos no meio das nossas tribulações, entretanto o apóstolo vai bastante além disso. Diz ele que nos gloriamos em razão delas, por causa delas. Esse é o sentido da palavra “nas” aqui. Não apesar de, não no meio de, mas em razão de, por causa de – nós nos gloriamos por causa das nossas tribulações.

Como interpretar isso? Talvez o melhor procedimento seja considerar este tipo de ensino como o encontramos noutros lugares no Novo Testamento. Estou interessado em mostrar que o que temos aqui é típico e característico ensino do Novo Testamento. Não é apenas algo dito pelo apóstolo Paulo quando estava de bom humor e era arrebatado por sua eloquência. É o ensino universal do Novo Testamento. Veja como o Senhor Jesus Cristo o expõe em Mateus 5:10-12. “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.” “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” O nosso Senhor está nos exortando no meio dessas circunstâncias a exultar e a alegrar-nos. Nada poderia ser mais forte do que esses termos.

Ou vejam também Atos 5:41. Aí os apóstolos estão sendo perseguidos, encarcerados e ameaçados de morte, mas eis o que lemos a respeito deles: “Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”. Regozijando-se por terem sido lançados na prisão! Regozijando-se por terem sido considerados dignos de padecer afronta por Seu nome! Vejam Paulo dizendo algo semelhante aos coríntios: “A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória muito excelente”. (2 Coríntios 4:17). Isso é exultação. De novo nessa mesma Epístola, capítulo doze, versículos 9 e

10, ele repete o ensino com relação ao seu “espinho na carne”. Três vezes ele ora pedindo que seja retirado, e a resposta vem: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. “Muito bem” diz o apóstolo, “de boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte.” Aos filipenses ele diz: “Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele” (1:29). “Foi concedido” a vós. É, portanto, algo em que devemos gloriar-nos.

Ou vejam Tiago – pois todos os escritores são unânimes sobre isto; não há contradição – “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações (provações)...” (1:2). Ou, também, no versículo doze desse mesmo capítulo: “Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida”. Vamos agora à Primeira Epístola de Pedro, capítulo 4, versículos 12-14: “Amados, não estranheis”, diz ele, “a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar (experimental), como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições: para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Se pelo (por causa do) nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus”. Temos aí evidência suficiente para provar que o Novo Testamento está repleto deste ensino. A reação do cristão não consiste meramente em suportar a provação, em estar feliz apesar dela, em estar feliz no meio dela: é regozijar-se em razão dela, por causa dela.

Como será que isto funciona na prática? Não significa, é claro, que devemos alegrar-nos de fato quando estas coisas acontecem conosco. Não significa que no momento em que estas coisas nos acontecem começamos a louvar a Deus e a dar-Lhe graças irrefletidamente, menos ainda automaticamente.

Notem como o autor da Epístola aos Hebreus se expressa sobre este assunto: “Na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza” (12:11). Quando o cristão fica doente, ou quando tudo lhe vai mal, ele não gosta disso. O cristão não está destinado a ser antinatural ou a ser uma anomalia psicológica. O apóstolo não está ensinando uma espécie de masoquismo; não é o que temos na passagem que estamos estudando. Há pessoas na Igreja atualmente, como houve no passado, que pensam e ensinam isso. Em certo sentido, elas só se sentem felizes quando estão em péssimas condições. Quase chegam a ficar perturbadas quando tudo lhes vai bem. Elas cortejam as tribulações. O ensino bíblico não é esse, absolutamente. Logo de início estas coisas não são agradáveis, e ninguém gosta delas. O apóstolo não está dizendo que devemos gostar; o que ele está dizendo é que devemos gloriar-nos nelas – o que é uma coisa muito diferente.

Como, então, isto funciona? Podemos gloriar-nos nas tribulações porque a nossa fé nos habilita a vê-las de tal maneira que compreendemos que, longe de atuarem contra a nossa esperança, elas realmente a promovem, e, na verdade, a fomentam. Noutras palavras, a reação do cristão às tribulações não é automática. Não se trata de “Venha o que vier, sempre sou feliz”. O cristão é capacitado a gloriar-se nas tribulações em consequência da aplicação de sua fé. Visto que ele é um homem de fé, pode fazer certas coisas. As provações e as tribulações vêm, e a princípio ele se inquieta e se sente infeliz. Contudo não fica nisso; ele passa a dar-lhes o devido tratamento. Como o faz? O apóstolo nos dá a resposta: “Não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações”. Como? “Sabendo”; é assim por causa de alguma coisa que sabemos. É este conhecimento, com a sua aplicação, que nos capacita a exultar, a gloriar-nos e a regozijar-nos. Que conhecimento é este? É um conhecimento e um discernimento dos propósitos e métodos de Deus com relação a nós. Ou se vocês preferirem, o que a nossa fé faz é habilitar-nos a acompanhar o argumento

que o apóstolo agora passa a desenvolver. Essa é sempre a prova real da nossa fé. Seríamos capazes de seguir este raciocínio, esta argumentação que o apóstolo desenvolve aqui?

Paulo afirma que somos capacitados a regozijar-nos nestas coisas e a gloriar-nos nelas porque sabemos que “a tribulação produz a paciência”. É evidente que o termo importante aqui é a palavra “produz”. O apóstolo a emprega noutros lugares. Há um exemplo disso na passagem que já citamos, em 2 Coríntios 4:17: “A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós”. Obviamente ele tem em mente um processo, ou uma espécie de tratamento, que faz alguma coisa conosco. É um processo que leva a alguns resultados, que os leva a efeito em detalhe passo a passo, e produz um produto final, a saber, a paciência. Que é paciência? Paciência significa capacidade de ir em frente suportando pacientemente o que for preciso. Noutras palavras, significa perseverança.

Diz o apóstolo que as tribulações produzem ou acionam esta espécie de resistência, esta continuidade paciente. Como o fazem? Certamente todos nós podemos tomar nossa própria experiência para ver exatamente como acontece isso. No momento em que nos sobrevêm provações e tribulações, vemos que temos nova e viva necessidade do nosso Senhor. Estávamos indo adiante em nossa vida cristã de maneira até impensada, achando que sabíamos tudo e que tínhamos tudo. Mas, de repente, somos confrontados por estas provações, tribulações e dificuldades, e a princípio sofremos um retrocesso e não entendemos. Todavia, se temos a fé verdadeira, retornamos ao Senhor. Essa é a prova. Não ficamos somente a olhar para os problemas; recordamos o que o nosso Senhor nos disse e nos prometeu. E assim recorremos a Ele. O homem que não tem a fé verdadeira diz: “Ah, meus sentimentos religiosos eram pura imaginação, eram nulos e vazios!” Ele desiste, afasta-se, retrocede. Com o cristão não é assim. As novas condições o levam a dar-se conta da necessidade de um renovado suprimento da graça e do poder de Deus. Noutras

palavras, as provações e as tribulações o levam a pensar de novo no Senhor Jesus Cristo, Aquele que ele está sempre propenso a esquecer. As provações e as tribulações fazem mais pelo cristão; enviam-no a Cristo, levam-no a orar a Ele, fazem-no passar mais tempo com Ele, a insistir com Ele, a pedir-Lhe maior força e mais compreensão. Para dizê-lo doutra forma, as provações fazem uma coisa muito boa pelo cristão: levam-no de volta ao Senhor Jesus Cristo. Não levam a Cristo o homem do mundo; antes o afastam dEle. Mas as tribulações sempre levam o homem de fé de volta a Cristo.

Não somente isso, porém. As provações e as tribulações são excelentes para nós no sentido de que nos ajudam a conhecer a nós mesmos melhor do que nos conhecíamos. Estamos sempre exagerando em nossa auto-estima, e estamos sempre inclinados a pensar que conosco as coisas são sempre melhores do que realmente são. É por isso que precisamos ser sempre exortados a nos examinarmos. Estamos em boas relações conosco, e equilibramos as coisas com muita inteligência. Só quando nos sobrevém a provação ou a tribulação é que somos forçados a enxergar a nossa verdadeira condição e como, talvez, tenhamos nos afastado do nosso Senhor. Portanto, as tribulações são boas para nós em que, não somente nos levam a conhecer melhor o Senhor, mas também a conhecer melhor a nós mesmos. Achávamos que poderíamos resistir, porém vacilamos. Pensávamos que tínhamos fé capaz de arrostar o que viesse, e eis-nos aqui, tremendamente abalados, talvez por um problema relativamente pequeno.

Essas experiências são muito boas para nós porque nos dão um quadro fiel de nós mesmos, e nos damos conta de que não somos tão fortes como pensávamos. Levam-nos de volta a um senso de dependência de Deus, o que resulta em termos uma concepção muito melhor da vida cristã do que a que tínhamos. Antes era muito superficial, e agora é muito mais profunda. Ficamos apercebidos da nossa fraqueza e do poder do inimigo, mas, acima de tudo, damo-nos conta do poder de

Deus. Assim é que passamos a ter uma visão mais equilibrada, mais profunda, mais ampla e mais fiel. O resultado é que, quando surgirem ainda outras provações, não ficaremos confusos e agitados; estaremos mais firmes: "...a tribulação produz a paciência". Tendo passado por tais experiências, temos agora uma descrição mais fiel da vida cristã. Já não se trata de: "e todos eles viveram felizes para sempre". Neste mundo teremos tribulações, e estas nos ajudarão a tornar-nos mais firmes, porque "a tribulação produz a paciência".

No entanto, a coisa não pára aí – "e a paciência a experiência". Desafortunadamente, essa não é uma boa tradução. Num sentido está certa, mas ela não assinala o melhor significado. "Experiência" aqui significa "prova", "provação", "comprovação". Se vocês preferirem, significa experiência resultante de experiências específicas, a experiência que é consequência de uma prova ou de uma experiência específica. É uma prova, uma provação, uma comprovação. Noutras palavras, o que o apóstolo está dizendo na passagem em foco é que esta "resistência paciente" nos leva a uma prova de que somos real e verdadeiramente cristãos. Pudemos passar no teste.

O nosso Senhor apresenta este aspecto também na parábola do sementeiro, como já vimos. A semente é lançada, logo brota e floresce, e a alegria resultante é maravilhosa. Mas vem a perseguição e há um fenecimento, ou os cuidados e as ocupações deste mundo sufocam a Palavra. O resultado da semeadura parecia excelente, porém não é. Não dura. A parábola indica que essas tribulações nos provam e mostram o que realmente temos. Pois bem, é isso que o apóstolo diz na passagem em estudo. Esta persistência paciente é um teste maravilhoso; e quem passa no teste está dando prova de que é um verdadeiro cristão.

Tiago também diz isso, a seu modo característico: "Meus irmãos, tende grande gozo quando caídes em várias tentações: sabendo (de novo a mesma palavra) que a prova da vossa fé

obra a paciência”. “A prova da vossa fé”, o teste da vossa fé produz a paciência. Exatamente as mesmas palavras! Também no versículo 12 ele o diz mais uma vez: “Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for tentado (quando for experimentado ou provado), receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam”. O que a paciência faz é provar, é testar a nossa fé. Pedro tem precisamente a mesma idéia, como se vê em sua Primeira Epístola: “Em que (na salvação) vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, para que a prova da vossa fé (a provação, o teste da vossa fé), muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo” (1:6,7) Esta persistência paciente fornece um teste ou prova que determina se somos verdadeiramente aprovados como cristãos e filhos de Deus, e não meros “falsos professantes”, como costumavam dizer os puritanos.

Como será que as provações e tribulações fazem isso? O próprio fato de que Deus nos está provando deveria ser uma prova de que somos filhos de Deus. Esse é o argumento empregado em Hebreus, capítulo 12. É por isso que o cristão deve regozijar-se quando tentado. Quanto ao cristão, não há nada mais suspeito do que ele nunca ter provações. “Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem”, disse o nosso Senhor. (Luc. 6:26). Há algo seriamente errado com quem é elogiado por todo o mundo. Há pregadores que são elogiados por evangélicos bíblicos e por liberais – todo o mundo os louva. Sempre fiquei preocupado com tais homens. “Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem.”

Vê-se, pois, que de muitas maneiras as provações são boas. Dão-me a certeza de que Deus se interessa por mim. “O Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho”. “Se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos”, diz Hebreus, capítulo 12.

Quão terrivelmente errado é representar a mensagem cristã como se dissesse que nunca mais você terá tribulações! É mais provável que ocorra exatamente o oposto. O cristão que não estiver experimentando algum tipo de provação ou correção fará bem em tornar a examinar-se seriamente.

As tribulações funcionam desta maneira também: não somente assinalam o amor de Deus por mim, mas também, ao mesmo tempo, testam e provam o meu amor a Deus. Se eu só amo a Deus quando tudo vai bem, não sou cristão verdadeiro. Verdaderamente cristão é quem pode dizer com Jó: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (13:15). Quando você estiver por baixo, por assim dizer, e tudo estiver contra você, e o diabo lhe disser: “Onde está o seu Deus? Onde está o amor de Deus?”, se você puder voltar-se e dizer-lhe: “Para trás de mim, satanás; você não está entendendo. Este é o método de Deus pelo qual Ele me está aperfeiçoando e me conduzindo para a glória. Preciso disso. Há ângulos e cantos que precisam ser aparados, existe ainda muita impureza em mim. Não correspondo ao Seu evangelho como deveria, e Deus está fazendo isso para o meu bem. Meus pais terrenos me disciplinavam e me castigavam para se satisfazerem a si mesmos, porque eles me amavam; quanto mais o Pai dos espíritos o faz pelos que Lhe pertencem!”. Se você disser isso ao diabo, tudo estará bem com você. Dado este entendimento espiritual, mesmo no meio de provações e tribulações, o meu amor a Deus torna-se maior do que nunca. Agora posso ver que Ele Se preocupa tanto comigo, que Ele me ama muitíssimo, que Ele quer que eu seja perfeito.

“A vossa fé é muito mais preciosa do que o ouro”, diz Pedro (1 Pedro 1:7). Como se purifica o ouro? Pondo-o na fornalha, e o fogo queima e elimina a liga, a mistura, tudo o que é impuro. Coloca-se o metal no cadinho, e tudo o que é escória é eliminado, e nada fica, senão o ouro puro. É isso que fazem conosco as tribulações e as provações. Elas nos testam, nos provam, e nos livram de tudo o que há em nós, exceto o que é bom e

verdadeiro. Tudo mais se vai, mas esta fé verdadeira torna-se mais brilhante e mais gloriosa do que nunca.

Os cientistas precisam testar o aço antes de usá-lo na construção de um avião ou de uma ponte. Pode ele agüentar a tensão? Pode resistir às variações da pressão atmosférica nas diferentes altitudes? Eles o testam para ver se é seguro, se é confiável. É isso que as tribulações fazem conosco. E quando você tiver passado na prova, saberá que a sua fé está melhor do que você nunca tinha esperado que estivesse. Ela fica purificada e mais forte. “A tribulação produz a paciência, e a paciência produz experiência, teste, prova” – e faz com que sejamos aprovados.

Sabemos que Deus nos ama, e temos prova de nosso fiel amor a Deus. Isso mais uma vez nos leva à esperança – “e a experiência (a prova) a esperança”. Em que consiste esta esperança? É a mesma esperança da qual o apóstolo havia falado no versículo 2: “e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Ele começa com a esperança e termina com a esperança. Que teria acontecido? Nada, senão aquele grande argumento de Hebreus, capítulo 12. Começamos partindo desta esperança; por causa da justificação pela fé, na verdade nos regozijamos (ou nos gloriamos) na esperança da glória de Deus. Dizemos que entendemos isto. Depois vêm as provações, e elas parecem levar-nos para longe dessa esperança e contradizê-la. Mas não é isso; elas nos trazem de volta à esperança. Não somente nos trazem de volta a ela, porém também nos tornam muito mais seguros dela do que estávamos no princípio. Tendo passado por tudo isso, estamos muito mais certos de que pertencemos a Deus. Temos visto que nos regozijamos nesta esperança da glória de Deus porque somos filhos de Deus, e porque foi Ele que deu início ao processo. Entretanto, tendo passado pela fornalha da aflição, pelas provações e tribulações, tenho mais certeza desse fato do que tinha. Assim, a minha esperança agora é maior do que no início. A esperança é a mesma, mas estou mais seguro dela.

Essa é a razão pela qual nos gloriamos nestas coisas. Elas fortalecem a esperança, tornam-nos mais seguros da esperança, e realizam isso do modo como estive indicando. Deus já me disse em Sua Palavra que sou Seu filho em Cristo, que levou sobre Si os meus pecados. Creio nisso, e me foi dada a certeza disso. Mas agora Ele me dá mais esta prova. Ele Se interessa tanto por mim que está me aperfeiçoando, está dando continuidade a este tratamento da minha pessoa. Ele Se alegra de mim, e quer levar-me à perfeita imagem do Seu amado Filho. Conduzindo-nos de volta ao Senhor Jesus Cristo, mostrando-nos o amor de Deus por nós, dando-nos novas experiências do poder, da graça e da força de Deus, suficientes para todas as provações e para todas as necessidades, estas coisas nos dão uma prova absoluta do propósito de Deus a nosso respeito. Não sabíamos que Ele tinha tão amoroso interesse por nós. Pensávamos que sabíamos, porém era tudo teórico; realmente não sabíamos. Em seu amor por nós há aspectos e fases que jamais por um momento teríamos imaginado, mas agora os conhecemos, têmo-los experimentado, e temos mais certeza de Deus do que nunca antes. Portanto, gloriamo-nos por causa das tribulações; damos graças a Deus por elas. Dizemos com o escritor do Salmo 119:71 “Foi-me bom ter sido afligido”. Estou melhor do que antes, tenho mais certeza de Deus, estou mais seguro de que sou Seu filho, estou mais seguro do Seu amor, estou mais seguro do amor do Senhor Jesus Cristo.

De fato, como diz um original expositor: “A esperança cristã é tanto a mãe como a filha da paciência”. A esperança cristã é, ao mesmo tempo, a mãe e a filha da paciência. Como assim? Bem, começa com a esperança – aí está a mãe. E é devido termos esta esperança que podemos suportar, com paciência, as tribulações. Portanto, a esperança é a mãe da paciência. Sim, mas como pude mostrar, a paciência, por sua vez, leva a uma percepção ainda maior da esperança. Assim, a paciência também leva à esperança, e, portanto, é, em parte,

sua mãe. A esperança é, ao mesmo tempo, mãe e filha da paciência. No primeiro caso, a paciência é filha da esperança original, mas no segundo caso, é mãe desta maior, mais profunda, mais ampla, mais segura e mais sólida esperança que temos.

Dessa maneira o apóstolo nos mostra como podemos gloriar-nos nas tribulações, porque “a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança”.

6

“E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” – Romanos 5:5

Evidentemente, temos aí uma parte da exposição que o apóstolo vem fazendo desde o começo do capítulo. Seu objetivo prioritário é mostrar a certeza e o caráter final e definitivo da salvação como resultado da justificação somente pela fé. Que temos isso, ele mostra de três maneiras: a justificação pela fé dá-nos “paz com Deus”; habilita-nos a estarmos firmes na graça; e nos capacita a nos regozijarmos e a nos gloriarmos “na esperança da glória de Deus”. Depois, nos versículos 3 e 4, ele passa a mostrar-nos que as provações e tribulações que nos sobrevêm, longe de abalarem esta esperança, tornam-na mais segura. O apóstolo faz isso por meio da grande argumentação em torno da esperança, que temos exposto.

Contudo, nem mesmo aí ele terminou tudo; o apóstolo ainda deve levar-nos ao seu clímax, e o clímax é o que temos no versículo cinco. Num sentido ele completou o argumento, mas acrescenta algo, diz algo que o salienta. Tendo chegado à “esperança”, ele acrescenta: “e a esperança não traz confusão”. Que é que significa isso? O primeiro ponto que devemos entender é que ele está se referindo ao presente, não ao futuro. Ao que me parece, alguns expositores se enganaram completamente aqui, imaginando que o que o apóstolo está dizendo nesta passagem é que o homem que tem esta esperança não ficará decepcionado no grande dia do Juízo Final, que não será posto em confusão quando chegar o exame final e

definitivo. Isso é perfeitamente verdadeiro, claro, mas certamente aqui o apóstolo não está se referindo ao futuro, mas sim ao presente, à experiência concreta do cristão durante a sua existência neste mundo. Portanto, o que ele quer dizer é que jamais seremos postos em confusão, tanto nesta vida como no grande dia do Juízo Final. Mas, primariamente, jamais seremos postos em confusão nesta vida. Haverá provas, haverá problemas, haverá tribulações, haverá dificuldades, porém, se você tiver esta esperança, você nunca será posto em confusão, nunca se sentirá envergonhado, nunca ficará decepcionado, nunca se sentirá derrotado. “A esperança não traz confusão.”

A melhor maneira de entender isto é examinar o capítulo primeiro da Segunda Epístola a Timóteo, onde o apóstolo expressa isso, com muita clareza, no versículo doze. Ele está falando exatamente sobre este mesmo ponto ali. Ele era prisioneiro quando escreveu essa carta a Timóteo, e estar na prisão é muito desanimador. Ele estava se sentindo velho – “Paulo, o velho”, como ele se referiu a si mesmo (Filemom 9) – tinha-se tornado um homem enfermo, e aqui, na prisão, achava-se numa condição e em circunstâncias capazes de deixar qualquer pessoa deprimida. Mas ele não está deprimido; ele diz: “Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho”. É isso! Estou no meio destas provas, dificuldades e tribulações, mas não estou envergonhado. Não me envergonho da minha situação e da minha vocação, em nenhum sentido estou decepcionado, “porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia”. Sua esperança não lhe causa vergonha; ele não fica desapontado, não fica abatido por causa de sua fé e de sua crença. Com efeito ele diz: estou nestas circunstâncias, mas está tudo bem comigo.

Lembremo-nos de que ele está escrevendo a um jovem, Timóteo, que não via estas questões com a clareza com que o apóstolo as via, e que parece propenso à depressão. O apóstolo

lhe diz, no versículo 8: “Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim que sou prisioneiro seu”. Ele está tratando da mesma idéia relativa a não estar “envergonhado”. O homem que não entende com clareza a fé cristã está sujeito a ser levado a envergonhar-se pelas circunstâncias; e a tentação que investia contra Timóteo era que ele se envergonhasse do apóstolo e da vida cristã. Ele não via com clareza que resposta dar aos que diziam: “Pois bem, aí está esse apóstolo fazendo afirmações tremendas. Lembramo-nos da sua pregação cheia de segurança. Mas vejam-no agora, prisioneiro e encarando a morte – como explicar isso? Por que Deus o permite? Por que o Senhor Jesus Cristo deixa um Seu servo especial passar por tudo isso, se o evangelho que você prega é verdadeiro?”

No momento em que nós ficamos em dúvida e não conseguimos responder a pessoas que dizem coisas como essas, ou já estamos envergonhados ou somos levados a envergonhar-nos. Por isso o apóstolo exorta Timóteo: “Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor”. Observe também como ele volta a isto no fim do capítulo, ao se referir ao caso de Onesíforo: “Bem sabes isto, que os que estão na Ásia, todos se apartaram de mim... O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias”. Noutras palavras, Onesíforo era tão forte na fé, e tinha tal entendimento que, longe de evadir-se ou decepcionar-se e abandonar o apóstolo achando que, afinal de contas, não havia nada no evangelho, ele não se envergonhou da prisão de Paulo, mas o visitou muitas vezes no cárcere e o serviu.

Essa é a idéia e o sentido da expressão: “A esperança não traz confusão”. Mas devemos levar o sentido um pouco adiante, e o fazemos pela percepção de que, neste ponto, o apóstolo está fazendo uso de uma figura de linguagem que não é incomum em suas Epístolas, e que é conhecida como “litotes”. É um meio de fazer uma afirmação positiva usando a negação do seu

oposto. Há um exemplo notável disto no capítulo primeiro desta Epístola, versículo 16, onde o apóstolo diz: “Não me envergonho do evangelho de Cristo”. O que ele quer dizer é: estou orgulhoso do evangelho. Gabo-me dele. Para mim é o que há de mais grandioso no mundo. Mas ele diz isso negativamente. Dizem que esta é a figura de linguagem favorita dos ingleses. Eles não gostam de termos positivos; preferem falar com negativas e em formas negativas de entendimento! “Não me envergonho de”, em vez de “Estou orgulhoso de”. Noutra ocasião o apóstolo disse que era cidadão de uma “cidade não pouco célebre” (Atos 21:39). O que ele quer dizer é que se trata de uma grande cidade. Às vezes esta maneira de falar dá mais força à declaração; e aqui temos um exemplo disto na expressão: “A esperança não traz confusão”. O que significa realmente é que a esperança, longe de causar-nos vergonha, ou de produzir em nós uma tendência para envergonhar-nos, faz exatamente o contrário; leva-nos a gloriar-nos.

Dessa maneira retornamos ao que ele disse no princípio – “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações”. E aqui ele diz o que a esperança sempre faz. A esperança não nos faz sentir envergonhados. O homem que realmente tem esta esperança e que a vê, não somente vai sobrepujar as provações e tribulações; vai gabar-se delas, vai gloriar-se nelas. Mas o apóstolo diz isso em termos bastante fortes; não somente isso não derruba você, mas realmente o firma sobre os seus pés. Isso ele torna a dizer no capítulo oito, versículo 37: “Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou”. “A esperança não traz confusão” é simplesmente outro modo de dizer que somos “mais que vencedores”. Não somente suportamos a provação, não somente passamos por ela, mas vamos além; somos capacitados a regozijar-nos, a exultar e a gloriar-nos nisso tudo.

Essa afirmação é muito importante, e, portanto, não admira que o apóstolo foi adiante e fez esse acréscimo. Esse tem sido o testemunho universal dos santos e dos mártires

através dos séculos. Esta é a esperança que estava diante deles e que eles viam tão claramente que eram capacitados por ela a sofrer a morte de maneira tão gloriosa. O registro histórico começa com Estêvão, e tem tido continuidade daí em diante. É isso que há de glorioso na história dos mártires. O que os capacitou a sofrer tão gloriosamente? A resposta é que eles estavam seguros da esperança; sendo justificados pela fé, eles se regozijavam na esperança da glória de Deus. Conheciam-na, estavam certos dela, e por isso podiam sorrir em face dos homens cruéis que os estavam levando à morte.

É uma história maravilhosa! Leiam a história dos mártires de todas as épocas através dos séculos, e em cada caso verão que o segredo deles era que sabiam exatamente para onde iam. Tinham tido tais visões e vislumbres da glória para a qual estavam indo que tinham certeza disso. “A esperança não traz confusão.” Antes, dá-nos certeza. Faz que sejamos “mais que vencedores”, e, quando somos habilitados a contemplá-la firmemente e sempre, podemos até gloriar-nos nas coisas que normalmente produzem depressão, nas coisas que normalmente nos derrotam.

Essa é a grande asserção do apóstolo. Mas o que exatamente nos habilita a fazer isso? Como podemos chegar a esta posição? Que é que nos dá essa espécie final de certeza acerca da esperança que nos é proposta? Que é que nos dá a segurança suprema da bendita esperança que jamais murchará? O apóstolo responde a essas perguntas em sua próxima asserção, que é, na verdade, uma declaração grandiosa. “A esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” “Porque”, diz o apóstolo. Esta é, em parte, a explicação dada a seguir do que ele estivera dizendo. O termo que ele emprega, “porque”, significa “por esta razão”. Ou, se lhes parece melhor, vocês podem entender isso como uma espécie de razão adicional e complementar. Não importa a opção feita; ambas são verdadeiras.

Parece-me que, como esta grande declaração não tem sido bem captada e bem entendida como devia ser, e como eu acho que o seu pleno conteúdo e seu sentido completo não se vêem nem nas exposições feitas por Charles Hodge e Robert Haldane, precisamos examinar cuidadosamente estas palavras. O primeiro aspecto que devemos analisar é a expressão “o amor de Deus”. Aí não há necessidade de argumento, porque a maioria concorda que, nesta passagem, “o amor de Deus” significa, não o nosso amor a Deus, mas o amor de Deus por nós. Naturalmente, esse é um ponto vitalmente importante. O apóstolo não está falando sobre o nosso amor a Deus – isso virá depois – está falando sobre o nosso conhecimento do amor de Deus por nós.

Depois chegamos ao termo “derramado”, que é a expressão realmente importante. Que quer dizer ela? Na realidade significa “despejar”. É a mesma expressão que se vê no contexto da vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste, descrita no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos. No versículo 17 lemos esta citação que Pedro faz de Joel: “Nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne”. E no versículo 33: “De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis” – “derramou”. Esse é o sentido da expressão usada aqui e contém a idéia de profusão, de forte jorro – “despejou” o Espírito, como a Versão Autorizada (inglesa) a traduz aqui.

A palavra subsequente é “em”. Aqui esse termo não significa “sobre”, nem “dentro”, mas “em” mesmo, como consta na tradução (tanto da VA como da ARC). Significa que o que foi derramado penetrou todas as partes, enchendo tudo até transbordar.

A última expressão é “nossos corações”. Que significa “coração” nesta passagem? Sem dúvida refere-se ao centro do nosso ser e da nossa personalidade. Por certo o seu sentido não se restringe apenas a “mente”, nem apenas a “entendimento”;

inclui as emoções, os sentimentos e as sensibilidades. O apóstolo seleciona cuidadosamente as palavras que emprega. Diz ele que o amor de Deus é derramado em nossos corações “pelo Espírito Santo que nos foi dado”. O Espírito Santo foi dado a todos nós, cristãos, e é o Espírito Santo que derrama no coração o amor de Deus. Quando ele o faz para alguém, este se gloria nas tribulações e se gloria na esperança da glória de Deus.

É muito importante dar a estas expressões todo o seu peso e seu pleno significado. A idéia presente na expressão “derramou” é a de profusão, abundância e transbordamento – verdadeiras torrentes. O que isso implica deveria ser óbvio. Se o amor de Deus é derramado em nossos corações dessa maneira, não se pode duvidar disso, não há incerteza a respeito, porque toda a idéia aí presente é de superabundância e de grande profusão. Portanto, o que Paulo nos diz nesta passagem é que o Espírito Santo nos dá, da maneira aqui descrita, uma transbordante certeza do amor de Deus para conosco. O Espírito Santo faz-nos, pois, plenamente certos e seguros do amor de Deus por nós em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Mais adiante veremos que o apóstolo repete este ponto no capítulo oito, versículos 14-16: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para, outra vez, estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos (VA: o Espírito de adoção), pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. É a mesma idéia. O apóstolo João diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo quatro, versículo 16: “E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem”. Alguém traduziu essa frase nestes termos: “Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, e nesse amor confiamos”. Conhecemos, cremos, e estamos certos do amor de Deus e, portanto, nos entregamos a ele confiantemente. E isso também está no

contexto da obra do Espírito Santo.

Qual será a natureza desta certeza concernente ao amor de Deus por nós? Não é meramente algo em que cremos; não é meramente algo que deduzimos; certamente não é algo que discutimos e sobre o que argumentamos. Não é nada disso, porque as crenças e as deduções são indiretas, e esta convicção é direta. O apóstolo não está dizendo que, como resultado da nossa fé e da elaboração deste argumento, chegamos à conclusão de que Deus nos ama. Ele já tratou desse aspecto. Não é o que ele diz aqui. Ele diz: “O amor de Deus é derramado em nossos corações”. É algo que o Espírito Santo faz, não algo a que chegamos como resultado de um argumento. Permitam-me mostrar-lhes a diferença entre estas duas coisas.

Até este ponto o apóstolo estivera fazendo deduções e nos estivera conduzindo nos passos da sua argumentação. Conforme avançamos pela vida, experiências adversas nos sucedem e aprendemos a dizer: “Pois bem, então, o próprio fato de que Deus está permitindo que isto me aconteça é prova de que sou Seu filho; porque “o Senhor ama a quem ele castiga” (VA), só pode ser para o meu bem”. Elaboramos o argumento. Tudo isso é dedução. Dessa maneira estou deduzindo o amor de Deus. Por meio da minha fé elaboro o argumento e, desse modo, posso chegar àquela espécie de segurança e certeza. Isso é bom e certo, mas, diz o apóstolo, há algo que vai mais longe. Além e acima da sua inteligente apreensão dessa verdade, além e acima da sua intelectual e inteligente dedução dela, há uma direta e imediata certeza dada pelo Espírito Santo no seu coração. Você fica maravilhado pelo amor de Deus derramado em seu coração, e não há mais incerteza.

Certamente essa realidade é da maior importância e do maior valor. Estou convencido de que não há nenhum aspecto da verdade cristã que tenha sido tão tristemente negligenciado como este ensino particular. Essa é uma das conseqüências diretas do pernicioso ensino que diz: “Tome posse disso pela fé”. Nada tem militado tanto contra este glorioso, experi-

mental e imediato conhecimento do amor de Deus em nossos corações. Isso não é uma coisa que você toma pela fé; é algo que o Espírito Santo faz para você. Ele derrama no coração o amor de Deus, e isso leva a certos resultados inevitáveis, como o apóstolo mostra neste capítulo. Diz o apóstolo Pedro que a relação dos cristãos com o Senhor Jesus deve ser nestes termos: “Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso” (1 Pedro 1:8).

Noutras palavras, esta é a mais elevada forma de certeza possível ao cristão. É, reitero, uma forma de certeza que você não pode obter por dedução. Há formas e tipos de certeza que podem ser obtidas por dedução. Você pode argumentar que as Escrituras nos dizem: “Quem crê nele não é condenado” (João 3:18). Eu creio, logo não sou condenado, logo posso ter certeza. Isso está mais que certo. Você pode ir além e dizer: “Na Primeira Epístola de João eu leio que existem provas da vida e da filiação. Eu me examino à luz dessas provas, e encontro em mim evidências dessas coisas, e deduzo que sou filho de Deus”. Isso também é bom; é outra forma de certeza, mais elevada e melhor do que a primeira. Mas a mais elevada forma de certeza é a que temos na passagem que estamos estudando. Aqui você não pode deduzir o amor de Deus; o Espírito Santo o derrama em seu coração. A mesma coisa Paulo descreve nesta mesma Epístola, capítulo 8, versículo 16: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”.

Deixem que eu lhes ofereça alguns testemunhos em apoio do que estou dizendo. Há uma declaração feita por Henry Venn, consagrado e piedoso ministro da Igreja da Inglaterra que viveu há uns duzentos anos e morreu em 1797. Venn foi de grande ajuda para Charles Simeon, de Cambridge, quando este era jovem. Primeiro ele foi ministro em Huddersfield, e depois foi para uma pequena localidade chamada Yelling, nos limites de Cambridgeshire e de Huntingdonshire. Ele exerceu

poderosa influência na chamada “Seita Clapham”. Vou citar uma carta escrita por Henry Venn para a Condessa de Huntingdon. Ele a escreve logo depois da morte de sua esposa, que partiu deixando-o com cinco filhos. Sua situação era trágica, mas esta é a maneira em que ele escreve para a Condessa: “Sou agora um testemunho vivo da verdade que com tanto empenho você mantém, e da necessidade dessa verdade em nossas miseráveis condições aqui embaixo. Se eu não soubesse que o Senhor é meu, se não estivesse certo de que o Seu coração sente mais amor por mim do que posso imaginar, se isso não estivesse evidente para mim, não por dedução e por argumentos, mas pela consciência, por Sua luz brilhando em minha alma como o sol brilha para os meus olhos mortais, em que situação deplorável eu estaria agora!” Vocês notam o que ele diz? Ele acentua que essa verdade não se lhe tornou evidente “por dedução e por argumentos, mas pela consciência”, “por Sua luz brilhando em minha alma como o sol brilha para os meus olhos mortais”. E continua: “Perdi tudo o que eu poderia desejar ser, perdi-o na minha companhia de cuidados e de alegrias, e a perdi quando a sua operosidade, o seu talento, o seu terno amor e o zeloso cuidado dos seus filhos estavam começando a ser percebidos pelas duas filhas mais velhas e a impressioná-las, despertando-as para a excelência dessas qualidades. Perdi-a quando sua alma era um jardim irrigado, quando seus lábios se abriam para falar por Deus, e Ele estava abençoando o testemunho que ela dava do perdão que há no sangue de Jesus, perdão gratuito, pleno e eterno. Não obstante, posso dizer: *Está tudo bem*. Aleluia! Pois o Senhor Deus onipotente reina. Em todo e qualquer tempo, e em tudo o que me pertence, faça Deus o que Lhe parecer bem”. E então vem algo mais importante ainda: “Se não existisse o Espírito Santo para fortalecer-me poderosamente agora, se apenas houvesse a confiança na Palavra da Promessa, sem um poder e agente todo-poderoso para explicá-la, inculcá-la e aplicá-la, quão fracas penderiam minhas mãos, e tão débeis

seriam meus joelhos que eu desfaleceria e cairia sob a pressão da minha cruz!” (*Life and Times of the Countess of Huntingdon*, Vol. 2, página 7 – Vida e Tempos da Condessa de Huntingdon). Notem de novo a distinção que Venn traça entre ler as verdades e promessas de Deus na Palavra e refletir sobre elas para auferir conforto, e a ação do Espírito Santo inculcando-as nele. Venn prossegue: “Mas, ao contrário, eu transbordo de esperança, graças ao poder do Espírito Santo que me foi dado. Regozijo-me na tribulação, pela experiência que agora tenho, mais do que possivelmente poderia ter numa provação menos rigorosa, de que o Varão de Dores é como ribeiros de água numa terra seca, e inspira canções durante a noite”. Não é maravilhoso?

Vejamos agora o que Charles Simeon diz sobre esta verdade. Aqui está a posição realmente evangélica, como era nos fins do século dezoito e no princípio do século dezenove. Aqueles homens não acreditavam no ensino que diz “Tome posse disso pela fé”, que se introduziu nos últimos cinco lustros do século dezenove e que agora é tão popular. Aqueles homens conheciam estas coisas, conheciam-nas interiormente, pela ação do Espírito Santo. Tinham tanta certeza delas como da luz do sol brilhando sobre os seus corpos. Eis o que a respeito diz Simeon: “Esta é uma bênção que, embora não apreciada e não compreendida por aqueles que nunca a receberam, é, contudo, desfrutada com a maior certeza por muitos dos escolhidos de Deus. Dificilmente poderíamos descrevê-la, pois consiste principalmente de uma impressão causada na mente por manifestações do amor de Deus à alma. Vejam vocês o que ele diz: longe de ser algo que se deduz de um argumento, ele declara: “Dificilmente posso expressar isto com palavras”. Qualquer pessoa que tenha conhecimento desta bênção dificilmente a pode descrever, porque é algo interno e experimental, algo do que se tem absoluta certeza, mas que é tão glorioso que é difícil encontrar palavras para expressá-lo. “É uma bênção”, diz ele, “...não apreciada e não compreendida

por aqueles que nunca a receberam” – gente que pensa que isso não passa de “entusiasmo”, naturalmente; gente que pensa que se trata de uma espécie de subjetivismo. Simeon diz, porém: “...é, contudo, desfrutada com a maior certeza por muitos dos escolhidos de Deus”.

Vocês encontram algo exatamente idêntico numa obra escrita pelo piedoso John Fletcher, de Madeley, e conhecida como *Seis Cartas a um Cavalheiro sobre as Manifestações Espirituais do Filho de Deus*, nas quais ele demonstra que esta verdade é ensinada claramente nas Homilias da Igreja da Inglaterra.

É disso que o nosso Senhor fala no capítulo catorze do Evangelho Segundo João, onde Ele diz: “Eu me manifestarei a vós”. É Sua promessa concernente ao que verdadeiramente ocorreria quando viesse o Espírito Santo. Ele ainda não tinha vindo daquela maneira, mas Cristo diz aos Seus entristecidos discípulos que Ele virá, o “outro Consolador” que Ele lhes enviará. Trata-se aqui do que Paulo noutra passagem denomina “selo” e “penhor” do Espírito. É Deus, mediante o Espírito Santo, dando-nos este conhecimento absolutamente certo de que somos Seus filhos, de que somos herdeiros da glória que virá. Ele no-lo dá na forma de um “penhor”. Ele nos dá “prelibações”, antecipações dessa glória, exemplos, prestações dela, para torná-la real para nós.

Não “tomamos posse disso pela fé”; conhecemo-lo; provamo-lo; sentimo-lo. É o amor de Deus sendo feito real por meio desta impressão causada na mente e no coração pelo Espírito. É algo que se sente; é experimental; afeta as emoções e os sentimentos; é direto e imediato, não mediato e indireto. Não há certamente nada que seja mais precioso em todas as Escrituras, e, todavia, quão pouco se ouve a respeito disso hoje em dia. Parece ter desaparecido do ensino evangélico. Dá-se isso por causa daquele ensino “psicológico” sobre “tome posse disso pela fé e não se preocupe com os seus sentimentos”. Que seria, se Henry Venn estivesse nessa posição! Ele mesmo diz

que não sabe o que teria feito, se Deus não tornasse o Seu amor tão simples e claro para ele, direta e imediatamente. Ele estava certo e seguro disso nas profundezas de sua alma. Ele não “tomou disso pela fé”; ele sabia que lhe fora dado por Deus a fim de prepará-lo para a dolorosa provação que lhe sobreviria. E pôde até clamar “Aleluia!” Ninguém jamais teve o amor de Deus “derramado” em seu coração sem experimentar isso; e essa experiência sempre leva àquele brado!

Como Charles Simeon diz, você pode ser cristão sem ter essa forma suprema de certeza. Você não pode ser cristão sem o Espírito Santo, mas pode ser cristão sem ter o amor de Deus derramado em seu coração. Permitam que eu coloque essa verdade na forma de perguntas. Você pode dizer que o amor de Deus foi derramado em seu coração? Você pode falar como Henry Venn? Talvez não, e é por essa razão que dou ênfase ao fato de que você pode ser cristão sem isso. Como cristão, você tem o Espírito Santo habitando em seu ser, porque, “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9). Se o Espírito de Deus não estiver em nós, não somos cristãos. Mas você pode ser cristão sem esta experiência mais completa e adicional. Em certo sentido, era isso que o apóstolo Paulo estava pedindo, em oração, que os efésios experimentassem. Eles já tinham conhecimento disso, em certa medida, mas queria que eles conhecessem ainda mais “o amor de Cristo que excede todo o entendimento” (Efésios 3:19). Está além da possibilidade de apreensão intelectual, mas é real. O apóstolo queria que eles tivessem esse conhecimento num sentido experimental.

Nem todos os cristãos tiveram esta experiência, porém está disponível a todos; e todos os cristãos deveriam tê-la. Não depende da sua grandeza natural, nem da grandeza do seu intelecto, nem de qualquer outra coisa. Ouçam o que Henry Venn continua dizendo: “O meu bendito Senhor enviou-me dois pregadores (mensageiros), imediatamente após a perda que eu sofri. Um deles era uma pobre e aflita viúva, enferma,

muita enferma no corpo, com dois filhos pequenos e fracos, quase sem roupas; e quando lhe perguntei como estava, ela me respondeu: “Ah, meu senhor, desde quando o senhor (você) partiu, nem posso contar-lhe quanto o meu Salvador fez por mim. Apesar de eu ter perdido completamente a vista de um olho depois da sua partida, tenho melhor luz do que a que o sol pode dar-me. Sinto-me tão pecadora, e Ele tão cheio de amor por mim, que estou feliz, e só lhe peço que não me leve para o asilo, para o meio de tanta gente, porque eu acho que, estando sozinha como estou, posso gozar mais plenamente o amor e a presença do Senhor Jesus. Mas, se o senhor achar bom que eu vá, ainda posso ir com fé e alegria”. A maneira ponderada pela qual ela disse isso, e o ar do seu semblante, eram tais como eu acho que nunca ví iguais. Era como se ela estivesse vendo o seu Senhor e que Ele estivesse dando atenção a cada palavra que ela dizia. Isso foi um sermão para o meu coração, e oportuno como a chuva sobre a grama podada”.

Permitam-me concluir com mais uma citação. É de um homem chamado Richard Robarts, um ministro que morreu de tuberculose quando tinha trinta e seis anos de idade, muito menos conhecido que Venn e que Simeon. “Muitas vezes”, escreve ele, “todos à minha volta achavam que eu ia morrer logo. Minha tosse era terrível, e eram também terríveis as dores que eu sentia no peito e no lado; e acima de tudo o abatimento que me oprimia em momentos era quase esmagador. Mas, apesar de estar afundando dessa maneira, eu sentia mais as consolações e o apoio da religião do que nunca tinha experimentado antes. Ah, com que forte e firme confiança pude olhar para o meu Redentor, com que alegria me dispus a entregar minha alma em Suas mãos! Que gloriosas manifestações do Seu amor e da Sua misericórdia Ele fez à minha alma, e quanto me regoziquei em acreditar que dentro de alguns dias eu estaria com Ele na glória eterna! Por minha querida esposa e por meus

amigos eu queria viver, e achei que era meu dever usar todos os meios adequados para conseguir minha recuperação, que, contudo, eu e todos os demais, penso eu, considerávamos impossível sem um milagre; mas, por mim eu gostaria de estar com Cristo. Assim, fiquei suavemente suspenso, por assim dizer, entre o céu e a terra, e, de fato permaneci em geral assim daí por diante.”

Mais tarde, um amigo lhe disse: “Eu gostaria de ter a sua felicidade”. Nessa altura Richard Roberts não conseguia falar, mas escreveu numa lousa o seguinte: “Creia sempre no Senhor Jesus Cristo, e você poderá ser muito mais feliz do que é. Se eu tivesse sido mais fiel neste sentido, teria gozado mais consolo e teria feito mais pela glória de Deus”. E o registro prossegue: “No transcurso deste dia ele experimentou um êxtase de júbilo celestial. Seus olhos se banharam de lágrimas, e ele proferiu palavras de louvor, consolação e triunfo; parecia que ele fora transportado para o paraíso. Era evidente que ele tinha experi-mentado um antegoço do céu. Todos os que estavam no quarto pensavam que ele estava morrendo. Ele expressou o desejo de ver sua irmã, que ele amava sinceramente. “Ah”, disse ele, “estou feliz em meu Deus, em Seu amor. Vou possuí-lo para sempre. Vou entrar na Cidade cujas ruas são de ouro puro, sim, a Nova Jerusalém do alto, a Cidade do Deus Vivo.” Eis aqui a última citação: “Desde o último ataque que sofri, há três semanas, o Senhor tem estado perto e tem manifestado o Seu amor à minha alma num grau extraordinário. Senti-me profundamente humilhado sob o senso da minha indignidade e da minha passada infidelidade, mas me senti firmemente fixo sobre a Rocha dos Séculos, e tenho podido antecipar minha partida do corpo com indescritível prazer. Uma coisa tem ocupado muito a minha mente, a saber, a grande propensão que eu sempre tive de sentir-me aquém da plenitude de Deus. Por vezes parecia ao meu alcance, às vezes parecia que a minha alma tomava posse dela, mas nunca pude gozar um constante senso dela, de

toda a grandiosa salvação de Deus. Contudo, nunca desisti da esperança de possuí-la plenamente, e confio em que agora vou obter o que o meu coração deseja”. E assim a narrativa prossegue.

Tiremos algumas conclusões destas citações. Esta experiência é dada a um homem como Robarts pouco antes de morrer, dada a Henry Venn antes da grande provação da perda de sua esposa, dada àquela viúva em sua pobreza. Mas, de acordo com o ensino das Escrituras, como eu o entendo, é algo que está disponível a todos nós, algo que, como diz Robarts, nós devíamos estar gozando sempre. É só quando somos levados para o leito de morte que abandonamos as coisas vãs da vida e percebemos que nada mais importa senão esta realidade espiritual e a buscamos com todo o nosso ser, e a encontramos. Por isso termino citando as palavras de Thomas Goodwin, o grande puritano: “Requeste-O pela bênção! Requeste-O pela bênção! Peça-Lhe que lhe dê a bênção! Não desista!” Esse foi o seu modo de expressar o que o nosso Senhor disse, nestas palavras: “Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lucas 11:13).

Você pode dizer que o amor de Deus foi derramado em seu coração? A afirmação do apóstolo é que é o homem em cujo coração o amor de Deus foi derramado que realmente pode regozijar-se e gloriar-se nas tribulações. Ele tem grande certeza desse amor, não crê meramente nele e não tem que procurar lembrar-se dele; conhece-o experimentalmente. Portanto, se sentimos que não podemos dizer com sinceridade que “nos gloriamos nas tribulações” e que “nos gloriamos na esperança da glória de Deus” vindoura, é realmente porque não conhecemos como devíamos o amor de Deus por nós; não o conhecemos como devíamos, nem como podemos conhecê-lo. Como conclama Goodwin, busque o Senhor e peça-Lhe a bênção, peça-Lhe que Se manifeste a você; insista com Ele

que o faça, dizendo:

*Ó Amor Divino, quão sublime és!
Quando o meu anelante coração
Irás inteiro tomar?
De sede feneço e morro para provar
A grandeza do amor de redenção,
Do amor de Cristo por mim!*

Peça-Lhe essa bênção. Não se contente com menos. Ele prometeu manifestar-Se àqueles que guardam os Seus mandamentos, àqueles que realmente O buscam desta maneira. Você verá que, através dos séculos, os santos têm podido testificar este conhecimento “imediato”, este “derramamento” do amor, como Henry Venn o descreve. Não é resultado de dedução ou de raciocínio, mas é a ação do Espírito Santo difundindo o amor por todo o centro das nossas vidas, e tornando-nos tão certos e seguros dele como do brilho do sol nos céus.

O amor de Deus foi derramado no seu coração? Você se regozija em Cristo “com gozo inefável e glorioso”? Isso, parece-me, foi dado universalmente aos cristãos primitivos para dar início ao cristianismo e à Igreja, e para mostrar-nos o que é possível. Isso aconteceu com as pessoas no dia de Pentecoste, aconteceu com incontáveis outros cristãos através dos séculos, aconteceu com aqueles que verdadeiramente O buscaram. Porque você não deveria ter esse conhecimento, para aquecer-se ao sol do Seu amor, mais seguro do Seu amor do que de qualquer outra coisa do universo? Requeira-O pela bênção! “A esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.”

7

“E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” – Romanos 5:5

Retomamos este grande versículo por causa da interessante declaração que o apóstolo faz na parte final. Diz ele: “...porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. Já vimos que existem diferentes tipos de certeza, e que a que é produzida pelo amor de Deus derramado em nossos corações é a mais elevada de todas. Não há nada mais elevado. Nenhum cristão jamais teve algo superior a isso; e, graças a Deus, é certeza possível a todos nós, embora não possuída por todos nós. Você pode ser cristão sem ter essa experiência. Mas há outros tipos de certeza, e é para um outro tipo de segurança em particular que chamo a atenção agora. Há uma certeza inferior àquela que a pessoa conhece que teve o amor de Deus “derramado” em seu coração, a qual já ilustramos com o caso de Henry Venn e de outros. Podemos ilustrá-la também com base na vida de George Whitefield e de Jonathan Edwards. Eles descrevem como este amor de Deus foi “derramado” em seus corações e como este amor parecia vir sobre eles em ondas até que elas se fundiram sob a sua glória e eles sentiram que sua estrutura física quase entrou em colapso. Mas existe uma certeza que fica aquém dessa certeza suprema e definitiva que todos nós devemos gozar, e que é a certeza descrita pela expressão “o Espírito Santo que nos foi dado”. Temos aqui, pois, um acréscimo ao que vimos estudando. Não deve ser considerado como uma declaração

isolada. Devo salientar que é uma parte integrante da argumentação do apóstolo nesta passagem. Faz parte do seu argumento relacionado com a certeza da salvação. Quem sabe o que é ser justificado pela fé deve ter certeza da salvação. Esse é todo o argumento aqui. Se tão-somente entendêssemos bem isso, diz ele, necessariamente o resultado seria essa bênção.

Ao passarmos a estudar este ponto, devemos deter-nos por um momento para observar o método do grande apóstolo, e a maneira pela qual a sua mente segue passos lógicos. O que ele faz nesta passagem é tipicamente característico desse método. Primeiro ele faz algumas afirmações, como as que temos nos cinco primeiros versículos. Depois, tendo feito isso, ele os considera cada um em particular. Quando chegarmos ao versículo 6, veremos que ele trata particularmente do amor de Deus derramado no coração pelo o Espírito Santo. Ele trata disso do versículo 6 ao versículo 11. No entanto, na passagem que estamos analisando, ele introduz a doutrina do Espírito Santo pela primeira vez nesta grande Epístola; se bem que veremos que não vai tratar plenamente dessa doutrina antes do capítulo oito.

Por que me dou ao trabalho de dizer isso? Faço-o pelo seguinte motivo: muitos erram em sua interpretação dos capítulos 7 e 8 porque esquecem que o apóstolo introduz o Espírito Santo no capítulo 5, versículo 5. Eles se habituaram a dizer que o Espírito Santo não é mencionado antes do capítulo 8. Mas é mencionado aqui, embora a doutrina concernente a Ele e à Sua obra só seja desenvolvida e explicada plenamente no capítulo 8. Como eu disse, este é o método de Paulo; ele faz uma exposição abrangente, depois toma e desenvolve uma das declarações particulares, depois outra, e mais outra, até concluir. No entanto, aqui nestes cinco versículos temos uma declaração completa a respeito da grande certeza de que estamos falando. As particularidades não são distintas e separadas; pertencem umas às outras, são todas inter-relacionadas. Na

verdade, como eu entendo este aspecto, esse é o real propósito do argumento do apóstolo neste ponto específico desta Epístola. Lembremo-nos disso apenas de passagem, notemos o seu método, e observemos particularmente que ele nos apresenta introdutoriamente a doutrina do Espírito Santo.

Por que ele faz isso nesta altura? Por que fez este acréscimo? Porque é uma parte essencial do todo. A exposição não seria completa se ele não tivesse acrescentado esta frase acerca do “Espírito Santo que nos foi dado”. Qual é o ensino? Eu gostaria de dividi-lo da seguinte maneira: primeiro, o Espírito Santo é dado a todos os cristãos sem exceção. Não há necessidade de ver dificuldade sobre isso. Temos a prova absoluta dessa verdade nesta mesma Epístola, capítulo 8, versículo 9, onde Paulo diz: “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Sem ter recebido o Espírito Santo, você não pode ser cristão. Não há dúvida a respeito disso; é impossível, é inconcebível. Isso significa que o Espírito Santo habita em todos os cristãos.

Esta é uma doutrina sumamente estupenda, mas faz parte do ensino do Novo Testamento. Ei-la aqui de novo, nesse mesmo versículo: “Vós, porém, não estais na carne, mas no espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós”. Depois vem a declaração: “Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. A seguir, no versículo 10: “E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça”; e, no versículo 11: “E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”.

Não devemos pensar no Espírito Santo apenas como uma influência sobre nós; o Espírito Santo nos foi “dado”, o que significa que o Espírito Santo habita dentro de nós. Essa foi a promessa do nosso Senhor, como a vemos registrada no capítulo catorze do Evangelho Segundo João: Ele “habita convosco, e estará em vós”. Com relação a este assunto, temos

uma exposição ainda mais específica na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 6, versículos 19 e 20: “Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” Nada é tão específico e tão explícito como esta declaração. É uma doutrina estupenda. Quem a pode entender? Quem pode entender o fato de que o Espírito Santo habita dentro de nós em nossos corpos, que usa os nossos corpos como Seu tabernáculo? Quem pode entender a declaração do nosso Senhor quando Ele afirma que Ele e Seu Pai virão habitar dentro de nós? Quem pode entender o real sentido de Apocalipse 3:20: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”? Mas aí está; este é o ensino, que o Espírito Santo habita dentro de nós e em nossos corpos. Nossos corpos são o templo do Espírito Santo.

É evidente que este é um ponto vitalmente importante em toda esta questão de certeza. Por isso firmo o meu segundo princípio: o fato de Ele ter sido dado a nós é uma garantia do caráter final e definitivo da nossa salvação. É isso que o apóstolo está interessado em mostrar nesta altura.

Contudo, como isso prova e estabelece a certeza da salvação? Colhamos algumas das respostas a essa questão. Uma resposta é que o fato de que o Espírito Santo está em nós é, em si mesmo, uma prova positiva de que Deus começou a agir em nós, e de que Ele está interessado em nossa glorificação final e suprema. É o mesmo argumento que o apóstolo emprega em Filipenses 1:6: “Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”. Não há nada que seja mais seguro do que isso, como também não há nada que seja mais maravilhoso.

*A obra que a Sua bondade começou,
O braço do Seu poder completará;*

*Sua promessa é sempre Sim e sempre Amém,
E anulada não foi, e jamais o será.*

Se o Espírito Santo está em seu ser, você sabe que Deus tem interesse por sua vida. Ele começou a agir em você; e, se Deus começa algo, Deus o continuará. Deus nunca inicia uma obra e depois a abandona. Tão certamente como Deus começa, Ele continua, Ele terminará. A certeza de que estamos falando é absoluta. Portanto, podemos fazer essa dedução.

Depois, de igual modo, isso é uma prova do nosso novo nascimento, pois este é sempre obra do Espírito. Não se pode dizer de um homem que o Espírito Santo habita nele, a menos que ele tenha nascido de novo, que ele tenha nova natureza. No homem natural não existe nenhum receptáculo para receber a presença do Espírito Santo. Unicamente a nova natureza pode recebê-lo. A obra de regeneração é preliminar e preparatória para a vinda do Espírito para habitar em nós.

Precisamos dividir estas coisas no pensamento. Não há divisão no tempo quanto a esta questão particular, mas temos que dividi-las na mente para podermos ter conceitos claros. Assim, o fato de que Ele está em nós é uma prova da nossa regeneração.

Igualmente, o fato de que nos é dado este novo princípio de vida, o fato de que nascemos do Espírito, é uma garantia da nossa perfeição final. É inconcebível que esta obra de Deus na alma se desvança e desapareça ou seja destruída. É por isso que você não pode cair da graça. Que idéia monstruosa, a de que um homem pode ser cristão um dia, depois pode pecar e cair da graça e deixar de ser cristão; e, então, mais tarde, pode ser cristão de novo! Esse conceito implica numa noção muito defeituosa da regeneração. Um verdadeiro entendimento da regeneração como obra e ato de Deus o Espírito Santo na alma torna isso completamente impossível. O homem regenerado pode pecar e transviar-se, porém continua sendo filho de Deus, continua sendo um participante

da natureza divina. A “semente” ainda está nele, e sempre estará; não pode desaparecer. Não existe argumento mais forte a favor da certeza final e definitiva da nossa salvação completa do que esse. É nisso que devemos colocar a nossa ênfase, e não em nosso ato de crer e de manter-nos firmes. O fato de que a nossa salvação é obra realizada por Deus é aquilo que garante a nossa glorificação final; e o Espírito Santo em nós é uma garantia dessa obra.

Outra maneira de expor a matéria é dizer que a presença do Espírito Santo em nós é uma garantia de que continuaremos na fé, e de que seremos mantidos na fé e em contato com Deus. Esse é o claro ensino de Filipenses, capítulo 2, versículos 12 e 13: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”. Que é que isso significa? É realmente a resposta aos que estão constantemente dando ênfase à nossa atividade, à nossa escolha, à nossa decisão e ao nosso querer, na verdade, à nossa “inclinação para querer”. No plano de salvação dessas pessoas, tudo sempre depende de nós – nossa decisão inicial por Cristo, nossa posterior decisão de “render-nos plenamente” e nossa “permanência” em Cristo. E a conclusão lógica dessa maneira de pensar é que podemos perder tudo o que acaso temos.

Não é esse o ensino das Escrituras. Se fosse, e se fôssemos deixados entregues a nós mesmos, sem dúvida não haveria esperança para nós. Se Deus só realizasse uma obra inicial em nós e deixasse o restante conosco, como se poderia ter certeza da salvação? Todos nós somos preguiçosos, somos todos omissos, todos nós somos influenciados pelo mundo, somos fracos, somos todos muito frágeis. Que garantia tenho de que continuarei com perseverança e de que finalmente me apresentarei perfeito a Deus? O que me garante isso é o fato de que o Espírito Santo está em mim. Ele age e opera em mim “tanto o querer como o efetuar”. Noutras palavras, Ele me influencia constantemente, Ele me eleva, Ele me censura, Ele

me faz gostar da Palavra e desejá-la.

O Espírito Santo me influencia de incontáveis maneiras. Ele está por trás do meu desejo e do meu anelo pelo bem. “Deus (por intermédio do Espírito Santo) é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar.” Nós já não experimentamos isso? De repente, talvez, depois de um árido período da história da sua alma, ou quando talvez você tenha de fato se tornado culpado de algum pecado e se tenha tornado omisso, negligente, de repente você se lembra de algo – um versículo das Escrituras vem à sua memória, ou a estrofe de um hino. Que será isso? É a operação do Espírito Santo que está em você. Ele opera em nós tanto o querer como o efetuar. Ele produz santos desejos. Ele guia e dirige a mente e o coração do cristão para a verdadeira piedade, e, assim, o fato de que Ele está em mim é uma garantia de que serei mantido em contato com Deus e de que prosseguirei com Ele até o fim. Que coisa maravilhosa! Não sou eu, não é a minha fidelidade, não é o meu frágil ato de posse dEle e o meu frágil apego a Ele; é “Sua poderosa ação de apoderar-Se de mim”.

Deus mantém Seu poderoso controle de nós mediante a obra do Espírito Santo, que Ele colocou dentro de nós. Ele está sempre dentro de nós. Como o apóstolo Paulo nos lembra no capítulo oito, “não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis”. Nessas ocasiões não entendemos o que estamos dizendo, porém Ele entende, e Ele produz essas orações dentro de nós. Isso continua a acontecer interminavelmente dessa maneira.

Mas, vejamos esse ponto de outro modo. Ele garante igualmente o nosso crescimento. Em certo sentido, estas coisas são todas uma só; todavia dá-nos grande conforto e encorajamento ver seus diferentes aspectos. O Espírito Santo garante o meu crescimento, e cuida para que eu não fique atrofiado. Como Ele o faz? Revelando a verdade. “Nós não recebemos o espírito do mundo”, diz o apóstolo aos coríntios, “mas o Espírito

que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus” (1 Coríntios 2:12). Que será isso que nos é dado? Como o apóstolo passa a explicar, são as coisas que o homem natural não recebe porque lhe são loucura. “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito.” Os príncipes deste mundo não entendem estas coisas, mas Deus no-las revelou; e continua a revelá-las a nós; Ele as desvenda para nós, e, assim, leva-nos adiante.

De igual maneira, Deus ilumina as nossas mentes. É por isso que o apóstolo ora com tanta constância fazendo o tipo de oração que ele fazia pelos efésios. Diz ele: “Não cesso de dar graças a Deus por vós lembrando-me de vós nas minhas orações; para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder” (Efésios 1:16-19).

O Espírito Santo faz isso tudo e, por isso, Ele é uma garantia do nosso crescimento e do nosso desenvolvimento. É Ele que nos capacita a entender. João diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo 2: “E vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo” (versículo 20). Foi assim que o apóstolo João escreveu àqueles cristãos primitivos. Ele era idoso e sabia que em breve os deixaria. Como podia mostrar-se tão feliz a respeito deles, apesar daqueles anticristos e falsos mestres que estavam perturbando a Igreja Primitiva? Eis sua resposta: “E a unção, que vós recebestes dele, fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permanecereis” (versículo 27). Que maravilhosa fonte de segurança e de certeza é esta! Deus nos dá Seu Espírito, e o Espírito habita em nós e garante o nosso

crescimento e o nosso desenvolvimento.

Mas, por último, termos o Espírito Santo habitando em nós é uma garantia de que finalmente nos tornaremos aptos para entrar na glória que Deus preparou para nós. O apóstolo menciona isso no início do capítulo. É a terceira coisa inevitável se de fato sabemos o que é ser justificado pela fé. É que “nos gloriamos (nos regozijamos) na esperança da glória de Deus”; “nos gabamos da esperança da glória de Deus”. Ali se diz que é pela fé, porém aqui nos é dada a garantia, e nos é mostrado como isso vai acontecer.

Quantas vezes você pensa em sua salvação dessa maneira? “A glória de Deus”! Veremos Cristo como Ele é! “Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus”! Alguma vez você pensou nisso? Mas, “Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Qual de nós habitará com as chamas eternas?” “Quem subirá ao monte do Senhor?” Que esperança temos de chegar lá, de ver o Senhor, de entrar naquela glória e de viver naquela esfera onde não existe pecado algum e onde não há nenhuma das coisas que nos cercam no presente mundo? É-nos dito que nada que seja manchado ou impuro entrará ali; os “cães e os feiticeiros, e os que se prostituem” ficarão de fora. Quem pode conceber essa pureza absoluta? “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma.” Como posso chegar lá, eu, ou você, ou quem quer que seja? Como podemos gloriar-nos, exultar-nos e gabar-nos desta esperança da glória de Deus? Há somente uma resposta: é porque o Espírito Santo está em nós, e Sua obra peculiar consiste em santificar-nos, em livrar-nos do pecado. “Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade.”

O Espírito Santo é o grande Santificador, e Ele nos purifica, nos limpa, nos expurga. Ele tem Seus métodos e meios, e Ele é a garantia de que finalmente estaremos na presença de Deus, “irrepreensíveis, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. E a única maneira pela qual posso saber com certeza que chegarei lá é o fato de que o Espírito Santo me foi

dado, e está em mim. Não nos esqueçamos de que nesta passagem o apóstolo está falando sobre certeza. Jamais devemos tirar este versículo cinco do seu contexto. Ele faz parte da grande argumentação sobre certeza, e é desta maneira, incluindo-se a obra e o processo de santificação, que esta certeza nos é dada.

Pois bem, agora permitam-me ser prático. Permitam que, em terceiro lugar, eu faça esta pergunta: como, então, podemos saber que o Espírito Santo nos foi dado? O assunto é amplo, e só poderei dar-lhes alguns títulos. Tomem como resposta a declaração que se vê em 1 Coríntios 12:3. Ali o apóstolo está tratando dos dons do Espírito, mas, antes de fazer isso, ele diz: “Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo”. Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, senão pelo Espírito Santo. Se o Espírito Santo não estiver na pessoa, ela não poderá dizer que Jesus é o Senhor.

Mas o que é que isso significa? Evidentemente não significa apenas proferir as palavras “Jesus é o Senhor”, pois qualquer pessoa pode pronunciá-las. Está claro que significa mais que isso. Refere-se realmente à confissão cristã completa, e com isso quero dizer que o homem que diz “Jesus é o Senhor” no sentido visado aqui é o homem que, ao fazer essa confissão, está fazendo certas afirmações sobre a Pessoa do Senhor Jesus. Ele está dizendo que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus e o Senhor da glória. Está confiando na doutrina da encarnação e da Pessoa de Cristo. Está dizendo que Ele há duas naturezas, porém uma só Pessoa. Está asseverando que Ele é plenamente Deus mas, ao mesmo tempo, é plenamente homem. Verdadeiro Deus, verdadeiro homem! Duas naturezas numa só Pessoa, sem mistura! Isso faz parte do que se pretende ao dizer que Jesus é Senhor. Quem fala assim crê em tudo o que nos é dito nas Escrituras sobre o que aconteceu em Belém, sobre o Menino e Seu nascimento da virgem, Maria, “concebido pelo Espírito

Santo”, e que aquele Menino não é outro senão o eterno Filho de Deus. O homem que diz “Cristo é o Senhor” está testificando a singularidade, a glória, a maravilha e a sublimidade da Sua Pessoa. Isso é parte integrante daquela confissão.

Mas isso não se restringe à Pessoa; inclui também Sua obra. Jesus é o Senhor. De que modo? Ele é o Senhor do universo. Ele é a Palavra, o Verbo, por quem todas as coisas foram feitas, e sem Ele nada do que foi feito se fez. Todavia significa mais: faz referência à obra que Ele realizou quando esteve na terra. Ele é o Senhor neste sentido. Completemos a citação de 1 Coríntios 6:19,20: “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço...”. Ele é meu Senhor porque me comprou, resgatou-me, pagou o preço da minha libertação. Eu era escravo do pecado e do diabo; Cristo me comprou, e Lhe pertenco.

Paulo se descreve como “escravo de Cristo”. Cristo é o Senhor; Paulo o escravo. O homem que diz “Jesus é Senhor” está dizendo isso; está confessando que crê que o Senhor Jesus Cristo morreu por ele e por seus pecados, que Ele adquiriu seu perdão pelo preço do sangue de Cristo. Ninguém pode dizer isso sem o Espírito Santo. O homem do mundo não crê nisso, como também não crê na Pessoa. “Ao qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se o tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória”. E eles até ridicularizam a expiação e a morte sacrificial de Cristo na cruz. Eles a desprezam com insultos, zombaria e ignomínia. Por quê? Porque não receberam o Espírito. “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.” “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las” – Por quê? – “porque elas se discernem espiritualmente.” Somente o Espírito capacita o homem a dizer isso.

Você crê no Senhor Jesus Cristo? Você crê que Jesus é o Filho de Deus, e que Ele morreu por seus pecados no Calvário,

e que, devido Ele ter feito isso, “Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai”? Esse é o conteúdo da expressão “Jesus é o Senhor”. É uma das declarações mais completas que o cristão pode fazer. Inclui toda a doutrina da Pessoa e de Sua obra, Sua vida, Sua morte, Seu sepultamento, Sua ressurreição, Sua ascensão, Sua exaltação, Sua segunda vinda. Ele é o Senhor de tudo e de todos. Você deseja saber se o Espírito Santo lhe foi dado? Bem, aí está como você pode ficar sabendo disso. Você crê nestas coisas? Seriam elas as coisas mais vitalmente importantes em sua vida? Você sabe que era por natureza um pecador condenado e sem esperança, e que, embora começasse tudo de novo e tentasse viver uma vida virtuosa e benéfica e se dedicasse a boas obras, nunca seria cristão, e nunca estaria apto para ver a glória de Deus? Você crê, e sabe, que a sua única esperança de chegar à glória é que Cristo desceu do céu e levou sobre Si os seus pecados, morreu por você, sofreu na cruz a punição que você deveria sofrer, e ressuscitou para justificar você? Você crê genuinamente na justificação somente pela fé, que Deus justifica o ímpio, o pecador, e isso unicamente por causa de Cristo e de Sua obra expiatória e sacrificial na cruz? Você entregou o seu ser e o seu futuro eterno a isso? Você desistiu de confiar em si mesmo, em suas boas obras e em todos os seus bons pensamentos? Você deu cabo disso tudo, e pode dizer que não tem coisa alguma, senão Cristo? Oxalá você possa dizer –

*Minha esperança é baseada apenas
No sangue de Jesus e Sua justiça;
Não confio na mais fina estrutura,
Mas totalmente apóio-me em Seu nome.
Em Cristo, a firme Rocha, firme estou;
Toda outra base é areia movediça.*

Se você pode dizer isso, o Espírito Santo está em você. Ninguém pode dizer isso, dizê-lo de fato, se o Espírito Santo não estiver nele, se não lhe tiver sido dado por Deus. É uma prova absoluta.

Mas ainda há outras coisas. Vejam todos os testes sugeridos na Primeira Epístola de João. “Fé nele.” E aqui está como sabemos que cremos nEle, diz João: “pelo Espírito que nos tem dado”. Vejam o último versículo do capítulo três da mesma Epístola: “E nisto conhecemos que ele está em nós: pelo Espírito que nos tem dado”. Não somente isso, porém. “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 João 3:14). Se você pode dizer com sinceridade que prefere estar na companhia do povo de Deus a estar no mais grandioso palácio da terra, com as maiores personalidades da terra, não sendo estas cristãs, garanto-lhe que você tem o Espírito Santo em seu ser. O mundo nos despreza, não se interessa por nós e nos considera tolos. Mas se você ama “os irmãos”, pode estar certo de que o Espírito Santo está em você. Se você gosta do companheirismo e da conversa dos santos, se você gosta de falar sobre a alma, sobre a salvação, sobre Deus, sobre Cristo, sobre o céu e sobre a glória vindoura, digo-lhe que o Espírito Santo está em você. Você não gostaria dessas coisas se não fosse assim.

E depois? Que dizer dos mandamentos de Deus? Diz o apóstolo João que, se o Espírito Santo estiver em nós, “os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3). Os mandamentos de Deus são muito pesados para o homem do mundo, que diz: “O seu cristianismo é muito estreito, proíbe tudo o que eu aprecio e que me causa prazer, e manda que eu seja um tipo aborrecido e desinteressante”. O cristão diz: “Os Seus mandamentos não são pesados”; ele concorda com eles. Por quê? Porque o Espírito que está nele o faz faminto e sedento de justiça. Ele quer ser santo, limpo e puro; e, se esse é o desejo de você, o Espírito Santo está em você. Seria sua aspiração conhecer melhor o Senhor Jesus Cristo? É seu anelo amá-lo

mais? Se sua resposta for sim, digo-lhe de novo que o Espírito Santo está em você. Não importa quão fraco seja o seu amor, nem quão fraco o seu desejo. Quero lembrar aos meus ouvintes uma das minhas citações favoritas de Blaise Pascal: “Não Me estarias procurando, se já não Me houveras encontrado”. Quem quer ter Cristo tem Cristo. O próprio fato de que você quer tê-lo é prova de que o Espírito está em você. O não regenerado não quer tê-lo; ele está “em inimizade contra Deus” e em inimizade contra Cristo. Faça aplicação a si mesmo desses testes tirados da Primeira Epístola de João.

Depois aplique a si próprio o teste do “fruto do Espírito”. “O fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22,23). Estariam estas virtudes em você? São manifestas? Se a resposta é sim, há presumível evidência de que o Espírito Santo está em você. É triste e penoso alguém estar incerto quanto a se é cristão ou não, quanto a se o Espírito está nele ou não. Fomos destinados a gozar estas bênçãos. Fomos destinados a estar gozando paz com Deus, fomos destinados a desfrutar a graça de Deus e a permanecer firmes nela. Fomos destinados a gloriar-nos, em antecipação, na glória de Deus para qual estamos indo. Devemos conhecer estas coisas e ter certeza delas. Se o Espírito está em você, Ele o levará a ter cada vez mais certeza destas coisas.

Permitam-me acrescentar uma palavra. Estes cinco versículos são magníficos, são maravilhosos. Vocês se dão conta do que eles nos dizem? Eles nos dizem que as três Pessoas da Trindade santa e bendita estão interessadas em nós e em nossa salvação. Temos paz com Deus o Pai, por meio do Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo nos é dado. É coisa vergonhosa se nós, cristãos, somos letárgicos, frios, sem vida e sem alegria! Por que não compreendemos que as três benditas Pessoas da santíssima Trindade estão interessadas em nós e preocupadas conosco, e têm feito coisas maravilhosas para resgatar-nos, redimir-nos, e introduzir-nos em Sua família? Deus o Pai

planejou isso e enviou Seu Filho para realizar a obra. Ele veio naquele primeiro dia de Natal, teve Sua vida neste mundo, morreu numa cruz, foi sepultado, ressuscitou e voltou para a glória. O Filho e Sua maravilhosa obra! E agora o Espírito é dado, e está em nós para guardar-nos e preparar-nos para a glória futura. As três Pessoas da Trindade santa e bendita estão engajadas nessa obra, preocupam-Se conosco e Se empenham ativamente em nossa salvação. Devemos prostrar-nos diante de Deus e oferecer-Lhe nosso humilde louvor, adoração e serviço!

Os cinco versículos lembram-nos a importância fundamental da fé. Tudo isso nos vem da justificação pela fé. “Sendo justificados pela fé” temos todas estas coisas. A fé é o alicerce. A fé leva à esperança. Que é fé? “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1). A fé produz esperança e, quanto mais clara e conscientemente nós tivermos essa esperança, mais conheceremos o amor de Deus por nós, e, por outro lado, mais amaremos a Deus. Vocês notaram os dois grupos de três? Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo. E em mim, a fé, a esperança e o amor. Vocês estariam exercendo esta fé? Vocês têm esta esperança? Estaria em seu coração pelo menos uma tênue luz, senão mais, de amor a Deus o Pai, a Deus o Filho e a Deus o Espírito Santo?

8

“Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.” – Romanos 5:6-8

É importante que vejamos com clareza a conexão desta grande declaração e como é colocada. Na verdade, o apóstolo, a seu modo invariável, compele-nos a dar atenção ao contexto iniciado com o termo “Porque”. Noutras palavras, ele vem dando seqüência a algo que vinha dizendo. Ele vai introduzir um argumento para consubstanciar algo precedente, a saber, a certeza, o caráter final e definitivo da nossa salvação em Jesus Cristo. Quem sabe que foi justificado pela fé deve gozar grande certeza; paz com Deus, permanecer firme na graça de Deus, regozijar-se na esperança da glória de Deus. E nada pode abalar isso, pelas razões dadas por Paulo.

O objetivo geral desta declaração, que começa no versículo 6 e prossegue até o fim do versículo 11 – e, na verdade, vai além desse versículo, como veremos – é consubstanciar esse fato, é torná-lo ainda mais seguro e certo. Nos versículos que logo vamos examinar, versículos 6 a 10, o apóstolo elabora em detalhe uma linha de argumento que já tinha introduzido. No versículo 5 ele tinha se referido ao amor de Deus – “o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. O interesse de Paulo é que compreendamos plenamente o que isso significa, e assim é isso que ele se prontifica a fazer no início do versículo 6. Noutras palavras,

ele quer que vejamos que não há nada que possa dar maior segurança e certeza da nossa salvação, e do seu caráter final e definitivo, do que este grande amor de Deus .

Podemos dividir essa parte da seguinte maneira: nos versículos 6, 7 e 8 ele faz uma declaração positiva acerca do amor de Deus; faz uma exposição a respeito. Depois, nos versículos 9 e 10, ele traça o que constitui deduções lógicas e inevitáveis daquela declaração. As duas partes juntas visam mostrar quão absolutamente segura e definitiva é a nossa salvação. No momento em que somos justificados, como já vimos, e como Paulo vai mostrar-nos de novo no capítulo 8, podemos dar aquele salto para a glorificação. Estas coisas vão juntas porque todas elas são realizadas “em Cristo”. O amor de Deus em nossos corações dá-nos grande segurança disso, de modo que o apóstolo acha muito importante que entendamos este amor, sua natureza e seu caráter. A seguir, tendo nos levado a entender a verdade do que Deus fez por nós em Seu amor, nos versículos 9 e 10 ele nos irá mostrar que, necessariamente, segue-se que Deus proverá todo o necessário para a nossa salvação final e definitiva.

O versículo 6 é um dos mais grandiosos versículos da Bíblia. Não hesito em afirmar que não há nenhuma declaração mais grandiosa do amor de Deus do que a que lemos nesse versículo. Podemos descrevê-la legitimamente como uma exposição que o apóstolo faz de João 3:16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.” O versículo 6 diz tudo, realmente; é a declaração completa; e o que o apóstolo faz nos versículos 7 e 8 é desenvolvê-la. Para não correr o risco de deixar que alguém não entenda a grandeza dessa declaração, Paulo a descerra e a expõe.

Há um sentido em que é certo dizer que o que o apóstolo está dizendo aqui já dissera no capítulo 3, nas vigorosas

afirmações que se iniciam no versículo 24: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Aí está; mas aqui ele o diz novamente.

Por que o repete? Faz isso não somente porque é um bom professor – a essência do bom ensino é a repetição, porque somos todos propensos a esquecer – mas também porque ele tem um objetivo diferente em mira nesta altura. Na outra passagem, no capítulo 3, seu objetivo era mostrar que não existe nenhum método ou meio de justificação senão este. Aqui, o que ele está interessado em mostrar não é tanto o caminho da salvação; está mais interessado em mostrar que o amor sempre teve como plano este caminho da salvação. É o amor de Deus que o apóstolo está desejoso de expor aqui. Portanto, embora ele esteja repetindo virtualmente a mesma declaração, seu motivo e seu objetivo são diferentes. Toda a declaração é destinada a mostrar-nos o amor de Deus. É por não conhecermos nem compreendermos esse amor como deveríamos que estamos nas condições em que estamos. A maior característica dos maiores santos de todas as eras sempre foi a sua compreensão do amor de Deus para com eles. É isso que o apóstolo expõe aqui. Não o nosso amor a Deus, mas o Seu amor por nós. A nossa salvação, a nossa segurança da salvação, não depende do nosso amor a Ele, graças a Deus! Toda a nossa perspectiva seria sumamente precária, se fosse esse o caso. Não, é o amor de Deus por nós que importa, e é isso que o apóstolo escancara ante os nossos olhos nesta passagem.

O primeiro princípio é que a nossa salvação se deve inteiramente a Deus e ao Seu amor. É essencial que eu coloque meus dizeres nestes termos. Às vezes, e até

descuidadamente, cristãos evangélicos são tentados – e esta é a tentação peculiar dos evangélicos – a afirmar que toda a questão da expiação e da salvação é algo que o Filho de Deus realizou para influenciar o Pai. A idéia é que o Filho, tendo realizado a obra, apresenta-Se ao Pai e pleiteia com Ele, como se fosse, e tem que persuadi-LO a nos perdoar tendo em vista o que Ele fez por nós. É errada essa forma de expressão, mas é freqüente. Há hinos que se fazem culpados justamente desse erro. Lembro-me de um hino galês que especifica e explicitamente faz isso, dizendo que o Filho está pleiteando com o Pai e dizendo: “Eu morri por eles, ó deixa que eles vivam!” Certamente isso é uma perversão do ensino das Escrituras.

Embora devamos sempre salientar o fato de que a obra foi realizada pelo Filho, jamais devemos esquecer-nos de que foi o Pai que enviou o Filho para realizá-la. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito”; “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.” A ação é sempre de Deus, Deus é o Autor do movimento inicial; a salvação deve-se a Deus o Pai. É errado representar Deus o Pai como passivo, como simplesmente reagindo e respondendo aos apelos e às súplicas do Filho para nos conceder a salvação e o perdão com base no que o Filho fez por nós.

Dou ênfase a este ponto por esta boa razão: vocês poderão observar que os não evangélicos, que não crêem na doutrina da expiação vicária, constantemente nos acusam do erro que eu acabo de refutar. Visto que, necessariamente, nós temos que acentuar a doutrina da ira de Deus, eles dizem que nós retratamos Deus como Alguém que, em Sua grande ira, opõe-se ao homem, e que nós afirmamos que há uma espécie de divisão na Trindade, com o Filho tomando um lado e o Pai o outro. Mas não é essa a nossa posição. O fato de proclamarmos e pregarmos a doutrina da ira de Deus, como faz o apóstolo, não significa que ensinamos alguma divisão da Trindade santa e bendita. O apóstolo nos fala da ira de Deus contra toda

a impiedade e injustiça dos homens, porém depois prossegue e diz que o mesmo Deus enviou Seu Filho como propiciação para os nossos pecados. Portanto, jamais devemos permitir que seja dito que existe conflito entre o Pai e o Filho.

Lembro-me de uma discussão em que me envolvi sobre precisamente esta questão há algum tempo, quando essa mesma coisa me foi dita. Um dos presentes fez a seguinte colocação (peço desculpas por seus termos, mas foi isto que ele disse): “Sua doutrina da ira de Deus, e seu conceito de propiciação na expiação, parecem envolver uma espécie de esquizofrenia na mente do Deus eterno; faz pensar que há como que um conflito entre a justiça e o amor, entre a retidão, a compaixão e a misericórdia”. Mas não há necessidade de falar em conflito, porque no mesmo grande e eterno Deus há ódio ao pecado e, ao mesmo tempo, este perene e sempiterno amor ao pecador. Não há conflito, não há incompatibilidade; as duas coisas estão ali. Jamais entenderemos o amor de Deus, enquanto não enxergarmos o que o pecado é para este santo Deus, cuja ira está sobre ele.

Partamos, pois, deste princípio, que a salvação é inteira e absolutamente de Deus, e é resultado do grande e eterno amor de Deus. Sim, porquanto vocês podem notar que o apóstolo nos diz que foi Deus que planejou tudo. Isso vem à luz nas palavras “a seu tempo” (VA: “no devido tempo”). “Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.” Que é que significa isso? Outra tradução seria, “no tempo determinado”; traz até a idéia de “no tempo próprio”; mas contém especialmente a noção de tempo determinado. Que tempo determinado será esse? Significa que, no passado, antes da fundação do mundo, antes de haver sido criado o mundo, antes da criação do homem, antes da existência do próprio tempo, Deus planejou este extraordinário e glorioso meio de salvação. Planejou-o em detalhe; planejou que, em determinado ponto do tempo, Seu Filho viesse ao mundo para fazer a expiação, unicamente mediante a qual seria possível a

salvação. O apóstolo dá muitas vezes expressão a esta idéia. Ele diz exatamente a mesma coisa no capítulo quatro da Epístola aos Gálatas, versículo 4: “Vindo a plenitude dos tempos” – “a seu tempo”, “no devido tempo” – “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei para remir os que estavam debaixo da lei para remir os que estavam debaixo da lei”.

É muito importante que entendamos isso. A salvação não é uma reflexão posterior. Nada é pensamento subseqüente no que se refere a Deus. Deus vê o fim desde o princípio. Ele conhece todas as coisas. Do ponto de vista da salvação, não há necessidade de demonstrar a importância disso tudo. O chamado acaso não existe. Deus planejou tudo antes da fundação do mundo. Há um sentido em que podemos referir-nos ao nosso Senhor como “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). Tudo isso é trazido à nossa presença pela expressão “a seu tempo”.

Noutras palavras, não devemos pensar no amor de Deus em termos do nosso amor. O nosso amor é impulsivo e passível de mudança. O amor de Deus é imutável e eterno. E a salvação foi planejada na eternidade. Não é acidental nem contingente nem casual. Deus sempre viu a totalidade, do começo ao fim. Há um plano de salvação, há um esquema de salvação, e o seu propósito foi estabelecido antes dos tempos. Devemos tirar as conclusões certas disso. O próprio planejamento e propósito da salvação é uma gloriosa manifestação do amor de Deus. O apóstolo está interessado em mostrar-nos o amor de Deus; e nisto há uma poderosa demonstração desse amor, que, mesmo antes de haver sido feito o mundo, Deus tinha conhecimento de nós e estava interessado em nós, e os nossos nomes foram inscritos em Seu livro da vida. Deus tem cuidado de nós e nos tem amado com “amor eterno” – expressão utilizada no Velho Testamento (Jeremias 31:3). Não há maior prova do amor de Deus para conosco do que o fato de que Ele tinha conhecimento de nós e nos escolheu antes da fundação do

mundo. Antes mesmo de vivermos, foi planejado que Cristo morresse por nós.

Mas podemos tomar a expressão “a seu tempo” noutro sentido. Ela mostra que a nossa salvação não só é inteira e completamente resultado do amor de Deus, mas também, em particular, que é resultado do que Deus fez por causa do Seu amor. “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.” Que tempo foi esse? Qual o significado desse particular ponto da história no qual Cristo veio ao mundo? Quando foi exatamente essa “plenitude dos tempos”? Essa mesma expressão se vê em Efésios 1:10: “De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos”. Qual será esse ponto particular dos tempos?

A resposta é que esse particular ponto da história foi aquele em que ficou provado, além de toda e qualquer dúvida, que o homem é incapaz de salvar-se. Foi aquele ponto da história quando a Lei que Deus tinha dado aos filhos de Israel tivera plena oportunidade de fazer o seu trabalho. Os filhos de Israel tinham possuído essa Lei durante quase mil e quatrocentos anos, quando o “seu tempo”, “o devido tempo” chegou. Longo tempo fora concedido para provar que “nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei”. Estamos sempre prontos a alegar que não tivemos tempo suficiente e que, se tão-somente tivéssemos mais tempo ou mais oportunidade, as coisas seriam diferentes. Bem, os filhos de Israel, que afirmavam que tinham suficiente força moral para pôr em prática a Lei e que com isso se salvariam, receberam de Deus catorze séculos para provar sua pretensão, e falharam completamente, como vimos no capítulo 3.

Mas esse “devido tempo” foi também o ponto dos tempos em que a filosofia igualmente havia tido sua oportunidade. Aquele grandioso e florescente período da história do pensamento e da busca da verdade e da realidade fundamental e suprema já tinha passado. Ah, a sabedoria de Deus! Ele tinha dado ao homem todas as oportunidades de salvar-se por

seus próprios esforços e recursos. “Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1 Coríntios 1:21). Notem o “Depois que” (VA) – esse é o “devido tempo”.

De igual maneira, a civilização, a lei e a cultura romanas tiveram sua oportunidade. A extraordinária civilização do Egito também tinha se elevado e tinha desaparecido. Assim também tinha acontecido com a Assíria, a Babilônia e a China. O mundo tivera plena oportunidade e tempo para salvar-se, mas tinha falhado completamente. Assim, quando Deus enviou Seu Filho, em todos os aspectos foi “a seu tempo”, “no devido tempo”. Suficiente tempo havia sido dado para provar que nenhuma outra coisa poderia salvar o homem. O homem falhou, e, portanto, a salvação só pode ser, inteiramente, resultado da graça de Deus e do amor de Deus. É isso que o apóstolo está dizendo – “Estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo”. Mas essa é uma grande demonstração e uma grande prova do amor de Deus. “Deus credencia o seu amor, Deus prova o seu amor para conosco”, e é dessa maneira que Ele o faz.

Se tudo isso prova, credencia e demonstra o amor de Deus, o que Deus concretamente fez prova-o e credencia-o ainda mais. Só o fato de que Deus pensasse nisso, concebesse-o, planejasse-o e tivesse o propósito de realizá-lo, é, como lhes estive mostrando, uma tremenda prova do amor de Deus. Mas vejam o que Deus realmente fez na prática. Notem os termos: “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo”. Cristo! Quem é Ele?

Eu quase ia dizendo que não há nenhuma necessidade de tomar tempo para responder tal pergunta. E, todavia, há algo bastante errôneo em dizer isso. Não tomar tempo para falar sobre o Senhor Jesus Cristo! Nunca seremos capazes de gastar tempo demais pregando sobre Ele. Não se pode tomar Cristo como questão pacífica e encerrada. É porque não nos damos

conta da verdade acerca dEle que a Igreja está como está. Quem foi enviado? Cristo. Como se pode conhecer o amor de Deus? Olhando para Cristo. Quem é Ele? É o unigênito Filho de Deus. Você duvida do amor de Deus? Se duvida, volte e considere o que aconteceu “a seu tempo”, naquele determinado ponto do tempo. “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.” Aí está quem é Cristo. E aí começamos realmente a ver o amor de Deus.

Usemos as Escrituras para expor e elucidar as Escrituras. João tem uma esplêndida afirmação desta mesma verdade em sua Primeira Epístola, capítulo 4, versículo 9: “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos”. Ou vejam em que termos isso é dito na parábola contada pelo nosso Senhor e que está registrada no Evangelho Segundo Mateus, capítulo 21, começando no versículo 33. É a parábola dos trabalhadores na vinha. Havia um homem que era dono de uma vinha e a tinha deixado aos cuidados de alguns trabalhadores. No devido tempo, ele enviou um servo para receber os frutos, mas aqueles homens maus disseram: “Matemos esse sujeito, e poderemos ficar com os frutos”. O proprietário enviou outro servo, e outro e mais outro, e eles os feriram ou mataram ou apedrejaram. Finalmente o homem disse a si mesmo: “Vou enviar meu filho; eles respeitarão meu filho, eles honrarão meu filho”. O que realmente o Senhor lhes estava dizendo era isto: “Eu sou o Filho. Deus enviou Seus servos; enviou a vocês uma sucessão de profetas, e vocês mataram os profetas. Mas Deus agora me enviou, a mim, Seu próprio Filho. Eu sou o Filho”. Cristo Jesus, o Filho de Deus! Aí vemos o amor de Deus. É deste modo que Deus nos recomenda Seu amor, é deste modo que Ele prova o Seu amor: não enviou apenas servos, tais como Moisés e Arão, e os grandes profetas, mas enviou Seu próprio Filho, Seu único Filho. Vejam nas entrelinhas toda a glória da encarnação – a vinda do Filho de Deus da glória da eternidade para um mundo como este, mundo de pecado, de vergonha,

de miséria e de tristeza.

A seguir devemos passar ao outro termo. “Cristo”, diz ele, “morreu”. ”Isso é da maior importância. Vocês notam o que ele seleciona? Não é a vida, não é o ensino, não são os milagres; mas, “Cristo morreu”. É isso que ele ressalta com o fim de mostrar e provar o amor de Deus para conosco. É assim que Deus credencia o Seu amor para conosco, em que Cristo não somente veio, mas também que Ele morreu. Como será que isso recomenda o amor de Deus? Há duas coisas principais aqui. A primeira que devemos captar é que é por Sua morte que o Senhor Jesus Cristo nos salva. Ele não nos salva por Sua vida; não nos salva por Seu ensino; não nos salva por Seu exemplo. Todos esses aspectos são gloriosos e de inestimável valor; mas Ele não nos salva por eles. Para salvar-nos Ele teve que morrer por nós. Por que Ele veio ao mundo? De acordo com a Epístola aos Hebreus, capítulo 2, versículo 9, foi “por causa do sofrimento da morte” e para provar “a morte por todo homem”. Se Ele não morresse, não poderia salvar homem nenhum. É por isso que o apóstolo seleciona a morte de Cristo.

Devemos ser precisos e cuidadosos em nossa exposição. Não devemos valorizar em demasia a palavra “pelos” em nosso texto: “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo *pelos* ímpios.” Nem sempre é o termo mais forte que é empregado nas Escrituras nesta conexão. Mas esse termo nos diz que Ele morreu por nós e que pelo fato de morrer por nós Ele nos salva. Há outros termos, mais fortes, que dizem que Ele morreu em nosso lugar, em vez de nós, por amor de nós. O termo “pelos” realmente não diz isso, mas diz claramente que Ele morreu a propósito da nossa salvação e a propósito do nosso pecado; Ele morreu a fim de nos salvar. Não é o termo mais forte, pelo que não devemos basear a doutrina da expiação neste único versículo. As declarações do capítulo 3, versículos 25, 26 e 27, são muito mais fortes; neles é empregada a palavra “propiciação”; e ainda virão palavras mais fortes. Mas, como

não temos a palavra mais forte aqui, devemos ligar Escritura com Escritura. Aqui o apóstolo está falando de forma muito geral. Diz ele: “Cristo morreu pelos ímpios”. Noutras palavras, é isso que salva os ímpios.

Mas o que neste ponto está acima de tudo na mente do grande apóstolo – por isso a palavra traduzida por “pelos” é um termo mais geral, e não o termo mais forte – o que o apóstolo está mais preocupado em provar é o amor de Deus e a suprema manifestação e demonstração desse amor por nós. A própria vinda do Filho de Deus a este mundo é uma grande demonstração do amor de Deus – de que Ele teve que Se humilhar; de que o Pai teve que Lhe pedir que Ele o fizesse, que nascesse de uma virgem, que vivesse neste mundo e crescesse como um menino e trabalhasse como carpinteiro, usando as mãos que, por assim dizer, tinham feito o universo, para fazer coisas comuns – e assim também tudo o que Ele disse e fez é demonstração daquele mesmo amor.

Mas na realidade não vemos o amor de Deus nem nesses fatos. O amor de Deus se vê em sua plenitude na morte de Cristo na cruz, em Seu ato de dar-se até à morte. O argumento concernente a isso segue-se nos versículos subseqüentes. Diz o apóstolo: “Difícilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer” (ARA). A morte é o último ato, é final, não se pode fazer nada depois dela. E não somente isso; há também a forma particular de morte, a morte na cruz, a vergonha, a ofensa, a ignomínia relacionadas com a morte de Cristo e ligadas a ela. É realmente aí que vemos a profundidade e a altura do amor de Deus. O apóstolo voltará a dizer isso muitas vezes, e gloriosamente, como em 8:32: “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós”. Tudo isso está, é claro, em João 3:16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu...”. A dádiva de Deus não se limita a enviar Seu Filho ao mundo; inclui entregá-lo à morte. Esse é o conteúdo do verbo “deu” em João 3:16; e é isso que o apóstolo está dizendo aqui. Ele “o

entregou por todos nós”. “O qual por nossos pecados foi entregue”, como nos diz o último versículo do capítulo 4, “e ressuscitou para nossa justificação”.

A morte do nosso Senhor na cruz é a suprema manifestação do amor de Deus. Quando vocês contemplam a cruz no Calvário, que é que sentem? Isaac Watts nos conta o que ele sentia:

*Quando contemplo a cruz atroz e horrível,
Onde morreu o Príncipe da glória,
Meu maior ganho perda considero
E derramo desprezo em meu orgulho.*

*Se a natureza inteira fosse minha,
Oferta diminuta ela seria;
Amor tão admirável e divino
Requer minha alma, minha vida, meu tudo!*

E entre essas duas quadras ele nos arrebatava com os pormenores do sofrimento:

*Vejam! De Sua frente, e mãos, e pés
Tristeza e amor em santa mescla escorrem;*

a coroa de espinhos e todas as demais tremendas coisas! Vejam isso, diz ele, contemplem-no. É assim que se conhece o amor de Deus. Não fiquem à espera de um sentimento, nem supliquem por um sentimento. Vão ao Calvário e olhem a cruz, contemplem-na, considerem-na, meditem nela e em tudo o que ali estava envolvido. Peçam ao Espírito Santo que lhes dê iluminação e entendimento. Essa é a maneira pela qual podemos conhecer e entender o amor de Deus. Foi essa a obra realizada por Deus. Ele a tinha projetado antes da fundação do mundo; mas foi no Calvário que a obra foi realizada concretamente. Cristo, o unigênito Filho de Deus, “humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”, exclama

Paulo, enquanto vai descendo passo a passo com o Senhor na grande passagem de Filipenses 2:5-8 – “e morte de cruz.” Ele o fez por causa do Seu amor. Foi inteiramente gratuito; foi por Sua graça, por Seu amor, por Sua misericórdia, por Sua compaixão.

Mas se vocês ainda não estão convencidos, diz praticamente o apóstolo, deixem que eu os leve um passo mais adiante, e aqui está o terceiro princípio: considerem o caráter das pessoas para as quais essa obra foi realizada. Se fosse feito isso em favor de pessoas boas, piedosas e verdadeiramente amorosas, seria maravilhoso, mas não foi em favor de pessoas caracterizadas por essas virtudes, diz o apóstolo. Na passagem que estamos estudando ele fala algo sobre nós, e observem que ele emprega três termos. Estávamos “fracos”; éramos “ímpios”; éramos “pecadores”. Noutras palavras, outra maneira de medir este amor é medir a profundidade das deploráveis condições das pessoas pelas quais Deus em Cristo realizou a obra de redenção.

“Fracos.” Que é que significa isso? Significa “incapacidade total”, significa que estávamos completamente vazios, sem nenhum poder espiritual. A expressão técnica empregada teologicamente é a que já usei – incapacidade total do homem, no sentido espiritual. O homem é totalmente incapaz, não tem absolutamente nenhuma força, nenhum poder, no que se refere à sua salvação.

Em que aspectos ele é incapaz? Ele não é capaz de entender a verdade espiritual. “O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las...” (1 Coríntios 2:14). A explicação dessa incapacidade é que essas coisas “se discernem espiritualmente”.

Isso está claro para vocês? Vocês sentem que não conhecem o amor de Deus como deveriam? Se for assim, talvez seja porque vocês nunca se deram conta das suas condições pessoais, de que não têm força nenhuma e de que são totalmente

incapazes. Somos por natureza inteiramente incapazes de entendimento espiritual. Outro modo de dizer isso é que estamos “mortos em ofensas e pecados” (Efésios 2:1) – espiritualmente mortos. Isso não é teoria minha. Cito declarações do apóstolo.

Outro aspecto em que estamos “fracos” é que somos totalmente incapazes de agradar a Deus. O homem nasce neste mundo totalmente incapaz de agradar a Deus. A nossa justiça não passa de “trapo da imundícia” (Isaías 64:6). O homem não gosta de ser descrito nesses termos, e não acredita neles. Houve tempo em que nem o apóstolo cria nisso. Diz-nos ele em Filipenses, capítulo 3, que em certo tempo, no passado, ele tinha muito orgulho da sua justiça pessoal. Era judeu, “circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus, segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível”. Que homem maravilhosamente bom ele era, que justiça ele tinha, e como agradava a Deus! Um fariseu que dedicava toda a sua vida à religião e a agradar a Deus! E ele se orgulhava muito de si mesmo. Mas veio a entender que tudo isso era inútil e que ele era inteiramente incapaz de agradar a Deus. Ele olha para trás, para aquela maravilhosa justiça em que ele tanto se gloriava e de que tanto se gabava, e declara que aquilo não passa de “esterco”, é refugo, é coisa vil. “As nossas justiças (são) como trapo da imundícia”; pois “o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação (Lucas 16:15). O homem é, por natureza, totalmente incapaz de agradar a Deus; ele é “fraco”, “sem força” (VA).

O homem é igualmente incapaz de obedecer a Deus. Este ponto não tem por que deter-nos, porquanto o apóstolo ocupou mais de quatro capítulos desta Epístola para provar isso. E ele o provou, e chegou a extraordinárias conclusões, como, por exemplo: “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do

pecado” (Rom.3:20). Ter conhecimento do pecado não significa que se pode lidar com ele, e, antes de podermos ser salvos, temos que lidar com ele. Conhecer a Lei e suas exigências não é suficiente; “O homem que fizer estas coisas viverá por elas”, lembra-nos Paulo no capítulo 10, versículo 5. E, por natureza, somos incapazes de fazer estas coisas.

O que o apóstolo diz na passagem em foco é que, como somos por natureza, somos total e completamente incapazes de salvar a nós mesmos, de libertar-nos da justa e reta condenação de Deus e de Sua santíssima Lei; somos inteira e absolutamente destituídos de capacidade espiritual. O homem não pode fazer nada quanto à sua salvação – absolutamente nada.

Este primeiro termo, “fracos”, é da maior importância. É na medida em que compreendemos a nossa falta de poder e a nossa incapacidade que compreendemos o amor de Deus. A maneira pela qual o compreendemos é, segundo o apóstolo, dar-nos conta de que “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios”. Preciso fazer a pergunta mais uma vez? Você confia em alguma coisa, em qualquer coisa, que haja em você? Você se orgulha de sua fé no evangelho? Se a resposta é sim, seu orgulho é vão, pois significa que você está tentando alegar que tem com que pode justificar-se diante de Deus. Você está se apegando desse modo a alguma coisa, seja o que for? “Fracos”, “sem força”, significa sem nenhuma espécie de poder. Você não tem nada, absolutamente nada, de que se gabar; só podemos gloriar-nos em Deus, inteiramente em Deus. Que ninguém se jacte, “que nenhuma carne se glorie”. “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:29,31). São esses os termos das Escrituras. Gloriarmo-nos no Senhor é resultado da nossa compreensão de que estamos fracos, sem forças, que somos totalmente incapazes de qualquer coisa que seja de natureza espiritual e incapazes de agradar a Deus de modo algum, que a nossa natureza, em consequência do pecado, é tão corrompida, vil e torpe que as nossas melhores

ações são pecaminosas, que o homem nada, absolutamente nada, pode fazer com vistas à sua salvação; mas, acima de tudo, o entendimento de que a nossa salvação é inteiramente de Deus e se deve unicamente ao eterno e sempiterno amor de Deus. Que amor! O que o demonstra e o recomenda é a maravilha do fato de que Ele teve que fazer algo em favor de pessoas que se acham em situação tão vergonhosa e desvalida. Originaria-mente, elas foram feitas e criadas à imagem de Deus, mas tornaram-se “fracas”, “sem força”, “sem poder”, completamente incapazes, e se acham num estado de total incapacidade. Contudo, apesar disso, Deus não somente enviou Seu Filho unigênito, o Senhor Jesus Cristo, a este mundo, mas O enviou para morrer por nós na cruz do Calvário!

Amor tão admirável, divino...

9

“Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.” – Romanos 5:6-11

Retornamos à terceira grande prova do amor de Deus por nós, Seu povo, prova que consiste no caráter do povo pelo qual tudo isso foi feito. Como vimos, podemos ver o amor de Deus sob dois aspectos – o que foi feito, e as pessoas pelas quais isso foi feito. No primeiro caso estamos, por assim dizer, verificando a altura do amor de Deus; e isso já temos considerado. Agora vamos tentar medir a profundidade do Seu amor. Cristo teve que descer a um ponto muito baixo para elevar-nos, e vamos examinar a profundidade da posição da qual Ele nos tirou, da nossa condição anterior ao início da mudança ocorrida conosco graças a esta poderosa operação de salvamento. O argumento do apóstolo é que nada senão o amor de Deus pode explicar isso. Temos examinado a primeira expressão, que diz que estávamos “fracos”, “sem força”. Essa é a doutrina bíblica da incapacidade do homem de fazer alguma coisa a favor de sua salvação.

O que ele nos diz em segundo lugar sobre nós, como

éramos por natureza, é que éramos “ímpios”. “Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.” Que significa isso? Significa, primeiro, que somos diferentes de Deus. Ser ímpio é ser diferente de Deus. O apóstolo já o dissera no capítulo três, versículo vinte e três, onde lemos: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” Explicamos esse texto dizendo que o seu sentido é que fomos destinados à glória de Deus, a viver para a glória de Deus e a refletir a glória de Deus. Noutras palavras, ser ímpio significa que a imagem de Deus no homem foi desfigurada. No capítulo primeiro de Gênesis lemos que Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança”, e, a seguir lemos que “criou Deus o homem à sua imagem”. O homem foi feito à imagem de Deus; e havia algo da glória de Deus nele. Mas, diz o apóstolo, em consequência do pecado, fomos “destituídos da glória de Deus”.

Outra maneira de dizer isso é que nos tornamos ímpios. A imagem de Deus infundida no homem, esta estampa do próprio Ser de Deus, consiste em parte do seu intelecto, do seu entendimento, da sua faculdade de raciocínio, de examinar-se objetivamente, e da sua capacidade de estar em comunhão com Deus. Isso foi desfigurado. Não somente isso; o homem foi feito senhor da criação. Mas perdeu muito disso, em consequência da Queda e por causa do pecado, e ele não é mais semelhante a Deus. A imagem de Deus no homem não foi destruída totalmente, mas ficou terrivelmente desfigurada; tanto que o homem não é mais reconhecível como alguém feito à imagem de Deus. O homem é ímpio. Ora essa é a trágica verdade a respeito do homem, e isso nos mostra claramente a enormidade do pecado. Deus assim honrou o homem, revestindo-o de Sua imagem. Essa era a realidade mais grandiosa no que se refere ao homem – não as suas capacidades e faculdades físicas. Estas eram maravilhosas, mas o que dava ao homem sua real dignidade e glória, acima de tudo mais, era a imagem de Deus. Mas, em consequência do pecado, a imagem

ficou desfigurada e o homem é ímpio.

A segunda verdade sobre a impiedade do homem é que ele não tem amor a Deus. O homem não é só diferente de Deus; ele não O ama. De fato o apóstolo vai mais longe, nesta Epístola, e diz explicitamente que, não somente o homem não tem amor a Deus, mas também, na realidade, é inimigo de Deus. Vemos isso no versículo 10: “Se nós, sendo inimigos”. O homem é, por natureza, ativamente oposto a Deus; não tem prazer em Deus, nem na Lei de Deus. O apóstolo diz isso ainda mais explicitamente no capítulo 8, versículo 7, onde se lê: “A inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Isso é o que ele quer dizer por “impiedade” – sem amor a Deus, sem desejo por Deus, de fato odiando-O e Sua santa lei.

O Velho Testamento ensina muitas vezes a mesma verdade. “Deus”, diz o salmista a respeito do ímpio, “não está em seus pensamentos”; ele vive como se Deus não existisse; vive sem Deus, longe de Deus. Talvez em parte alguma o apóstolo Paulo estabeleça isso mais claramente do que no capítulo dois de Efésios, onde ele descreve os efésios como eram antes da sua conversão, “separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo”. Assim são as pessoas pelas quais Cristo morreu, gente ímpia.

Mas a quem se aplica essa descrição? Somente uma dedução se pode tirar do que o apóstolo diz, e é que o mundo inteiro é ímpio. Todo homem que agora é cristão já era ímpio. Há muitos que não estão dispostos a conceder isso. Há pessoas que argumentam que não devemos dizer que todo o mundo é ímpio por natureza, “porque, afinal de contas”, dizem elas, “há os que não são cristãos, que não aceitam a fé cristã, mas não se pode dizer que eles são ímpios. Eles crêm em Deus, fazem suas orações, vão a alguma igreja e são membros de alguma igreja. Podem não crer que unicamente o sangue de Cristo os salva, não acreditam na obra expiatória de

Cristo, mas crêem em Deus e prestam culto a Deus”. O apóstolo só tem uma resposta a isso, e é a seguinte: essas pessoas são ímpias. Todos nós somos ímpios por natureza. “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.”

Mas vamos aprofundar isso um pouco mais. Vocês poderão alegar que, se tais pessoas dizem que crêem em Deus, oram a Deus e estão interessadas em agradar a Deus, e se dedicam bastante a fazer o bem para honrar a Deus, certamente não podem ser descritas como ímpias. Contudo são ímpias, e por esta razão: o deus que elas pensam que estão cultuando não é Deus. É um deus criado por sua imaginação, é apenas uma projeção do seu pensamento. “Ninguém vem ao Pai”, disse Cristo, “senão por mim.” Ninguém pode ter um verdadeiro conceito de Deus, a não ser no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle, e mediante a revelação dada por Ele. Alguém dizer que crê em Deus não prova que crê; sua idéia de Deus pode ser completa-mente errônea.

Vocês logo descobrirão se a pessoa crê realmente em Deus ou não. Digam-lhe o que o Deus da Bíblia diz a respeito de Si mesmo. Tomem, por exemplo, a declaração bíblica acerca da “ira de Deus”. Vejam as declarações que Deus fez acerca de Si mesmo quando deu os Dez Mandamentos a Moisés. Com relação a isso, muitos estão dizendo hoje em dia – às vezes de púlpitos cristãos! – que não crêem naquele “Deus tribal dos judeus, aquele Deus que Se sentava no topo do Monte Sinai”. Que pena! Eles dizem que não crêem no Deus do Velho Testamento. Com isso se declaram ímpios, pois o Senhor Jesus Cristo cria no Deus do Velho Testamento. Ele cria plenamente no Velho Testamento. O Deus do Velho Testamento é o Deus do Novo. É o mesmo Deus.

É dessa maneira que justificamos as declarações do apóstolo. O mero fato de que as pessoas acham que crêem em Deus, e que estão agradando a Deus, não nos diz coisa alguma. O que prova que um homem é piedoso, que é crente, ou não, é se ele crê na revelação de Deus e em Seus procedimentos,

revelação que temos nas Escrituras. Esse homem submete-se a isso? Acaso ele se vê como perdido e condenado? Ele vê a completa e absoluta necessidade que tem de confiar única e exclusivamente na obra redentora de Cristo em seu favor? Essa é a prova – “Cristo morreu pelos ímpios”. Ele não morreu para aquele fariseu que se punha de pé lá na frente, no templo, e dizia: “Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... nem ainda como este publicano” (Lucas 18:11). Ele não morreu por gente desse tipo, pois aquele homem não via nenhuma necessidade de Cristo. Achava que estava tudo bem com ele. Mas ele não estava adorando a Deus, estava adorando a si mesmo. O fariseu não louvou a Deus; louvou a si próprio. Ele se julgava muito piedoso, porém não era. Como o apóstolo diz mais adiante, no capítulo dez desta Epístola, a respeito dos seus patrícios, os judeus: “Eles têm zelo de Deus, mas não com entendimento. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”. “Eles pensam que estão agradando a Deus”, diz praticamente o apóstolo, “porém não estão. Antes eu era assim, um fariseu orgulhoso, satisfeito comigo mesmo, e, como eu pensava, piedoso; entretanto, o tempo todo eu estava agradando a mim mesmo; não havia nenhuma justiça em mim.”

Tratemos de entender bem este assunto. Isso de gente naturalmente boa e piedosa não existe – “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. “A mente carnal é inimizade contra Deus” (VA), e quando vocês expõem diante dos homens a plena revelação de Deus, eles logo tornam claro para vocês que são ímpios. Eles dizem: “Se Deus é isso, eu O odeio, não O quero”. O deus deles é uma fantasia da sua própria imaginação, uma projeção das suas idéias pessoais. Eles são ímpios. Por natureza todos nós somos ímpios e estamos em oposição a Deus e em inimizade contra Ele. Cristo não só morreu por pessoas fracas, morreu também por nós quando éramos ímpios. Essa é a medida do amor de Deus.

Consideremos, porém, o argumento dos versículos 7 e 8, onde, em certo sentido, ele está apenas desenvolvendo isso. “Porque”, diz ele – e aqui ele está expondo essa verdade para a nossa razão, para a nossa experiência e para o nosso conhecimento da vida – “Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.” Devemos entender claramente os termos que ocorrem na passagem que estamos estudando; doutro modo, não poderemos seguir o argumento do apóstolo.

Qual será, por exemplo, a diferença entre o homem justo e o bom? Teriam vocês suposto que o justo é melhor do que o bom? Segundo o apóstolo, não é. Que é um justo? É um homem reto, íntegro; é alguém que cumpre a Lei, que honra os Mandamentos. É o homem que obedece às regras e aos regulamentos e que é muito correto em seu comportamento. Que é um homem bom? É o que faz todas essas coisas, e vai mais longe. O bom não é somente um homem reto, íntegro; é também governado pelo amor; ele anda a segunda milha; se lhe pedem a capa, ele dá também seu casaco. Ele não é meramente correto; vai além disso.

Permitam que lhes mostre a diferença por meio de uma ilustração. Um homem pode tocar piano corretamente, apertar sempre a tecla certa e manter o tempo certo, e, todavia, tudo o que se pode dizer sinceramente sobre a sua execução é que é apenas correta. Mas outro homem toca piano, e, digamos, toca a mesma peça; e vocês logo percebem que há algo mais. Este homem é um artista; põe vida na execução, e o faz de tal modo que emociona vocês e os comove. O primeiro era correto, porém lhe faltava esse algo extra que o segundo possuía. Esse é o tipo de diferença que há entre o homem justo e o bom.

Vejamos como o apóstolo explana isso. Diz ele: “Difícilmente alguém morreria por um justo” (VA), e prossegue: “pois talvez, possivelmente, por um justo alguém ousaria morrer” –

e tem havido pessoas que têm morrido por homens bons. Não se vê gente dando sua vida por alguém que é apenas reto e correto; mas as pessoas amam quem é bom, e se ligam tanto a ele que dizem: “Eu morreria por ele”. Há na história muitas ilustrações disso. Todavia, mesmo neste caso, não há nenhuma garantia de que uma pessoa morreria por outra; é incerto; é tão-somente uma possibilidade. Paulo está construindo a sua argumentação. “Mas agora”, diz ele, “Deus recomenda seu amor para conosco”, e com isso ele quer dizer, Deus “o prova”, Deus o torna visível e claro. Deus o torna tão claro que não há como questioná-lo. “Deus prova o seu amor para conosco...” Como o faz? “...em que Cristo morreu por nós.” Qual era a verdade a nosso respeito? Certamente não éramos homens bons; nem mesmo retos éramos; éramos ímpios.

É assim que o apóstolo prova sua tese. Primeiramente ele sobe do justo para o bom. Depois chega ao fim e desce. Onde estamos? Certamente não na classe dos “bons”. Que dizer dos “retos” ou “justos”? Nem mesmo justos nós somos. Bem, então que é que nós somos? Pecadores! Nada, absolutamente nada de louvável existe em nós! Deus mostra o Seu amor e prova o Seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, não porque éramos louváveis, amáveis e bons. Bem, embora não sendo nem louváveis nem amáveis, éramos de alguma forma corretos e cumpridores da Lei? Não! Nem mesmo justos nós éramos! A verdade a nosso respeito é que éramos pecadores, e pecador é exatamente o oposto do homem bom e do justo. O pecador é um ofensor. O pecador é alguém que errou o alvo; é alguém que fica aquém; é a pessoa a quem falta algo. Não há nada de justiça ou retidão nele. O próprio termo sugere a idéia de torpeza; em vez de excelência moral, fracasso moral. Não somente não cumprimos a Lei; somos culpados de transgredir a Lei; quebramos a Lei. É isso que o pecador é. São essas as expressões empregadas na Bíblia para descrevê-lo. Noutras palavras, ele não é somente culpado de torpeza e de delitos morais, de ações errôneas e de iniquidade, e, por causa disso,

culpado perante Deus; ele é repreensível perante a Lei, merece o desprazer divino, merece a ira de Deus.

Essa é a verdade acerca do pecador. Ele é alguém que deliberadamente zomba da Lei, não se interessa por Deus, não gosta de Deus, odeia a Deus. Por isso ele contrapõe a sua vontade à vontade de Deus. Diz ele: “Deus falou? Muito bem, farei o contrário. O mandamento é este? Vou quebrá-lo. Ele diz que eu não devo cobiçar, mas eu quero tal coisa, e a terei”. Portanto, ele ofendeu deliberadamente a Deus, rebelou-se contra Ele, atacou-o, zombou de Sua Lei, desprezou Sua voz, seguiu deliberadamente seu próprio caminho e se fez culpado à vista de Deus.

Essa é a espécie de pessoa pela qual Cristo morreu. “Jesus não veio chamar os justos, mas os pecadores.” Não os homens bons, os louváveis, e sim os vis e odiosos! Paulo diz a mesma coisa em Efésios 2:2: “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Como eles andavam? “Nos desejos da (nossa) carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também” (versículos 1-3). Temos uma descrição parecida na Epístola a Tito, capítulo 3, versículo 3: “Porque também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros”. Pecadores! Criaturas odiosas! Feias, torpes, vis, desprezíveis, desesperadas! Lançam os seus epítetos, e ainda não terão dito o suficiente. O pecador é uma abominação, é uma monstruosidade no universo de Deus, é completamente vil e odioso.

Só quando nos apercebemos disso é que podemos seguir o argumento do apóstolo. O argumento é o seguinte: Deus prova o Seu amor para conosco em que, enquanto éramos como éramos, quando merecíamos a ira de Deus por Sua justiça, e merecíamos castigo, perdição e banimento para longe dos Seus

olhos, Deus de fato enviou Seu Filho para morrer por nós. Se isso não prova o amor de Deus por nós, nada jamais o fará, nem nunca poderá fazê-lo. Os que mais têm sabido apreciar o amor de Deus são sempre os que têm percebido mais profundamente a sua pecaminosidade.

Permitam-me lembrar-lhes como o nosso Senhor ensinou esta verdade em Lucas, capítulo 7, no trecho final, no incidente concernente à mulher pecadora e a Simão, o fariseu. O fariseu tinha convidado o nosso Senhor para uma refeição em sua casa. Aquela mulher veio e caiu aos pés do nosso Senhor, lavou os Seus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Simão admirou-se de que o nosso Senhor permitisse que tal mulher Lhe fizesse isso, ou, na verdade, que Ele pudesse ter alguma coisa a ver com tal pessoa. O nosso Senhor respondeu-lhe, e aqui está o Seu ensino:

Ele contou uma parábola acerca de dois devedores e depois a aplicou, primeiro mostrando que os que recebem muito perdão é que amam muito, e que aqueles que só tem noção de um pequeno perdão amam pouco. “Os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama.” Essa é a prova. A mulher apercebeu-se da profundidade do seu pecado e da sua vergonha, e de que esta Pessoa tinha poder para perdoá-la e libertá-la do seu pecado, pelo que chorou lágrimas de alegria. Nada seria demasiado bom para Ele; ela lavaria os Seus pés ou faria qualquer coisa para mostrar seu amor e sua gratidão. Ela compreendeu quão grande era o Seu amor e quanto ela Lhe era devedora. Mas o fariseu não tinha consciência da sua pecaminosidade, e assim Lhe faltava sentir amor e mostrar amor. Quando Cristo entrou em sua casa, ele não Lhe deu água para lavar Seus pés, nem Lhe ungiu a cabeça com óleo. Por quê? Porque ele não se apercebera do seu débito, da sua necessidade.

Portanto, quão importante é que entendamos este argumento sobre o amor de Deus para com pecadores indignos; e,

certamente, o apóstolo diz isso com a maior clareza! Eis a prova do amor de Deus: estávamos fracos, sem forças, éramos ímpios, éramos pecadores, e, apesar disso, Deus enviou Seu Filho unigênito, o Senhor Jesus Cristo, não somente ao mundo por nós, mas também até mesmo à cruz, à vergonhosa e cruel morte na cruz. Seu sangue foi derramado para que fosse possível sermos reconciliados com Deus.

Resumamos agora todo o argumento dos versículos 6 a 8. O argumento do apóstolo é que não existe absolutamente nada em nós que nos recomende. Por que Cristo veio ao mundo? Foi em resposta a algum apelo procedente da humanidade? Absolutamente não! Foi em resposta a algum bem existente no homem? Foi por causa de alguma divina centelha remanescente, e de alguma manifestação dela? Nada disso! Não havia nada na humanidade que a recomendasse a Deus, nada na natureza humana, nada em nenhum de nós que nos recomendasse de alguma forma a Deus e ao Seu amor. De fato, a verdade a nosso respeito era, e é, que havia em nós tudo o que era errôneo, vil, odioso, tudo na medida para colocar Deus em antagonismo conosco – inimigos, odiosos, vis, ímpios, pecadores como éramos. Devemos compreender que a nossa salvação é inteiramente gratuita e provém única e totalmente do amor de Deus em Sua graça infinita. Esse é o argumento do apóstolo. Ele torna a expressá-lo, de maneira muito comovedora, em sua Epístola aos Efésios, capítulo 2:4-10: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas...”. Ele fala das “abundantes riquezas da sua graça” e da Sua bondade para conosco. Em nós nada existe senão pecado; toda a bondade e todo o bem procedem de Deus. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus.” É tudo pela graça, “para que ninguém se glorie”. Isso nada tem a ver com as nossas obras, na verdade não tem nada a ver conosco, de modo nenhum.

Concluo fazendo uma pergunta: teríamos percebido

que tudo isso deve ser para nós a maior fonte de segurança e de certeza, além do testemunho direto do Espírito Santo? Esse é todo o argumento do apóstolo. Ele quer que as pessoas a quem se dirige se alegrem em sua salvação e na “esperança da glória de Deus”, e ele mostra que elas só se alegrarão nisso quando entenderem e sentirem o grande amor de Deus para com elas. É por isso que digo que esta demonstração, esta prova do amor de Deus é uma das mais profundas fontes de segurança e certeza que podemos ter.

Como será que este elemento gratuito em nossa salvação me supre das bases da certeza? Deixem que lhes diga nestes termos: imaginem qual seria a nossa situação se a nossa salvação não fosse inteiramente gratuita. Se, por exemplo, eu acreditasse que Cristo tinha morrido por mim porque eu amava a Deus, porque eu estava procurando agradar a Deus, porque eu era um homem bom que estava lutando para cumprir a Lei e tinha conseguido sucesso até certo ponto, se eu acreditasse que a minha salvação fosse resultado do fato de que eu era esse homem bom, então, o corolário inevitável seria que eu poderia dizer a mim mesmo: “Que acontecerá se, no futuro, nesta ou naquela ocasião, eu amar menos a Deus, que acontecerá se eu falhar no cumprimento dos Seus Mandamentos, se eu deixar de buscar a Deus e de agradá-LO, e se eu viver como vivia no passado? Se a minha salvação depender do que sou, do que tenho feito e do que eu desejo, se nalgum sentido a salvação depender de mim, que segurança poderei ter? Posso mudar, posso vacilar, posso falhar”.

Se em qualquer sentido ou em qualquer medida a nossa salvação dependesse de nós, a nossa situação seria sempre precária. Poderíamos falhar em qualquer momento, e então perderíamos tudo. Mas, graças a Deus, diz o apóstolo, não é essa a nossa situação. A nossa salvação depende inteiramente do amor de Deus. E devido a minha salvação depender do amor de Deus, e unicamente disso, e de nada que haja em mim, estou certo dela, estou seguro dela. Por quê? Porque Deus

não muda, nem pode mudar, e se eu estou dentro do âmbito e do escopo do amor de Deus agora, sempre estarei. O amor de Deus, o caráter gratuito da minha salvação, a minha percepção de que eu era fraco, sem forças, que eu era ímpio, pecador, e que foi inteiramente a despeito disso que Cristo morreu por mim, estes fatos são a base fundamental e suprema da minha segurança, da minha certeza. E sobre esta base estou seguro, não somente de que estou salvo agora, mas de que continuarei salvo, e de que, uma vez que estou justificado, estou igualmente glorificado, e, portanto, eu me regozijo na esperança da glória de Deus.

Essa é a exposição da tese do apóstolo. Nos versículos 9 e 10 ele faz uma extraordinária dedução da tese exposta. Ele tem tanto interesse em que captemos esta verdade e em que nos regozijemos na plena certeza da esperança, que não se despede do tema nem mesmo concluída esta grande declaração. Deveria ser o bastante, mas o apóstolo não se satisfaz. Ele martelou o prego, por assim dizer, porém agora quer rebitá-lo. Nos versículos 9 e 10 é o que ele faz, para que não haja dúvida a respeito.

Contudo, estaria clara para você a grande lógica, a grande argumentação do apóstolo? Você se viu como “fraco” ou “sem forças”, “ímpio”, “pecador”? Você se apercebeu de que a sua salvação não depende em nenhum sentido de você? Você conhece o amor de Deus, este maravilhoso amor que Deus está credenciando, provando, firmando para você? Foi por que se deu conta destas coisas que Samuel Davies, aquele poderoso e eloqüente pregador da América, sucessor de Jonathan Edwards como presidente da instituição que é hoje a Universidade de Princeton, há duzentos anos escreveu o seu grande hino:

*Grande Deus de prodígios mil,
Todos os Teus caminhos
São sublimes, divinais, incomparáveis;*

*Mas as límpidas glórias de Tua graça
Mais sublimes e inigualáveis fulgem.
Que deus há perdoador como Tu?
Quem pode oferecer graça tão rica e livre?*

*Tão horrendas ofensas para perdoar,
Vermes tão atrevidos e culposos!
Esta é Tua grande prerrogativa,
E ninguém desta honra compartilhará.
Absortos em encanto, trêmulos de júbilo,
Obtemos de nosso Deus o perdão,
Perdão pelos pecados do mais denso negror,
Perdão ao preço do sangue de Jesus!*

*Ah, que esta estranha e incomparável graça,
Este divino milagre do amor,
Encha de gratos louvores a terra inteira
E as hostes angélicas nas alturas.
Que Deus há perdoador como Tu?
Quem pode oferecer graça tão rica e livre?*

Estudem e reestudem esse hino. Samuel Davies disse tudo – “Vermes tão atrevidos e culposos!...”. É o que éramos, mas, apesar disso, Deus enviou Seu Filho, “por nós e por nossos pecados”. Cristo morreu pelos ímpios, não somente quando éramos fracos, porém quando éramos pecadores, vis, condenados, e quando estávamos debaixo da ira de Deus! Só se pode dizer uma coisa: “Que Deus há perdoador como Tu? Quem pode oferecer graça tão rica e livre?”

10

“Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” – Romanos 5:9,10

Para captarmos a força destes dois versículos, devemos lembrar-nos do que o apóstolo tinha acabado de dizer. A expressão “muito mais agora” logo nos lembra a conexão existente entre esta declaração e o texto que a precede. O apóstolo estivera mostrando que Deus empenha Seu amor por nós, mas tal é o interesse de Paulo acerca disso que ele vai mais longe ainda e, nestes dois versículos, 9 e 10, ele tira deduções do que tinha acabado de dizer. Para dizê-lo de outra maneira, ele elabora um argumento baseado em sua declaração concernente ao amor de Deus. Sugiro-lhes que o argumento destes dois versículos é o mais poderoso de todas as Escrituras, no que se refere à segurança da salvação, ou quanto ao caráter final e definitivo da nossa salvação. Há somente um meio de segurança que supera este: o direto e imediato testemunho do Espírito Santo, ao qual nos referimos quando tratamos do versículo 5 e que o apóstolo menciona no capítulo oito, versículo 16, com as palavras: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. Essa é a forma suprema de segurança. Não há nada que a supere. Mas estes dois versículos, do ponto de vista do argumento, da razão e da dedução lógica, constituem a mais elevada e a mais vigorosa afirmação que, com respeito ao presente tema, se pode achar em toda a amplitude das Escrituras.

Estamos tratando aqui das duas declarações mais gloriosas que se pode encontrar em qualquer parte. É admirável observar a maneira pela qual o apóstolo pode, só neste parágrafo, continuar dizendo a mesma coisa e, todavia, de modo diferente. A razão é que este tema da cruz e da morte de Cristo é interminável. Isaac Watts “o contempla”, e essa é a única coisa que se pode fazer com o tema em foco. Olhar a cruz de relance e pensar que você já disse a última palavra sobre ela, significa que você nunca a viu verdadeiramente. O tema é interminável; é o tema que ocupará a nossa atenção por toda a eternidade. Assim Paulo continua a escrever sobre ele destas diferentes maneiras.

Sigamos, então, o argumento do apóstolo, à medida que ele extrai sua poderosa dedução, começando com as palavras: “Logo, muito mais agora”. Se tudo o que eu estive dizendo é verdade, parece-me, então, que ele está dizendo que algumas outras coisas se seguirão necessariamente.

Devo chamar a atenção para um ponto que, num sentido, é apenas mecânico e, contudo, é muito importante. Notem que ele emprega a expressão “muito mais” nestes dois versículos. Versículo 9: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”. Versículo 10: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Veremos a mesma expressão outra vez neste capítulo, nos versículos 15 e 17: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos” (versículo 15). E no versículo 17: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. O que se vê aí é o emprego de argumentação e da razão. Esta é uma questão muito importante da qual espero tratar num estágio posterior. Agora simplesmente assinalo de passagem que não é contra a

espiritualidade raciocinar e ser lógico. Na verdade, como espero provar, ser lógico, raciocinar e argumentar é ser altamente espiritual.

Este elemento de razão e de lógica é particularmente característico dos escritos deste apóstolo, em particular. Não parece que tenha havido nele muito de poeta, porém era um mestre da lógica, do debate e do raciocínio. Estes eram os dons de que ele se utilizava constantemente, somos informados pelo livro de Atos dos Apóstolos, quando saía para pregar. Costumava entrar na sinagoga e “arrazoava com eles pelas Escrituras, provando e alegando”. Esse era o seu método, e que método maravilhoso! Pois é o que ele está fazendo aqui – “muito mais agora”. E nós devemos aprender a fazer isso. O cristão não deve viver baseado em seus sentimentos; ele é essencialmente o tipo de pessoa que capta a verdade e sabe raciocinar com base nela. Aprendamos deste grande mestre a fazer isso.

O que ele está dizendo é, praticamente, que esta verdade deveria ser óbvia para nós. Segue por uma necessidade lógica, segue-se como a noite segue ao dia. Não há necessidade de discutir sobre isso, pois é óbvio; é questão de lógica. Assim ele o expõe diante de nós. Mas observem o tipo de argumento que ele utiliza nos dois versículos, 9 e 10. É o argumento que parte do maior para o menor. Se o maior é verdadeiro, o menor será necessariamente verdadeiro. Isso é muito boa lógica, lógica legítima. Se a proposição maior pode ser estabelecida, não pode haver dificuldade em estabelecer a menor. Essa é a tese que ele defende nos dois versículos.

Examinemos primeiro o argumento como está no versículo 9. Ele firma a dedução que tira dos versículos 6, 7 e 8. Depois a repete no versículo 10 mais detalhadamente e com maior força. Que privilégio, e espero que seja com deleite, é observar o trabalho desta mente grandiosa. Aí está o modelo para todos os mestres, aí está o mestre por excelência, e ele ilustra perfeitamente o ditado segundo o qual o segredo e a arte de ensinar é a repetição. O verdadeiro mestre diz uma

coisa, torna a dizê-la, mas com uma pequena variação e com algum acréscimo, e depois elabora e desenvolve o ponto.

Assim passemos ao argumento do versículo 9. Aqui parece que ele está imaginando alguém que está levantando uma questão e dizendo: “Você esteve nos falando do amor de Deus por nós, e nos disse que o amor de Deus é tão grande que Cristo morreu por nós e que os nossos pecados estão perdoados. Mas, como podemos estar seguros agora de que não vamos estar perdidos final e definitivamente? Temos que continuar vivendo neste mundo, e continuamos sendo fracos e falíveis, e muitas coisas poderão acontecer conosco. Como podemos estar certos de que finalmente não seremos condenados e não estaremos perdidos? Seria possível a nós ter um tipo de segurança, uma certeza de que a nossa situação está estabelecida eternamente, que a nossa salvação é realmente definitiva e que não temos necessidade de ter nenhum temor nem dúvidas nem pressentimentos?” Essa é uma questão que o apóstolo levanta; e a coloca, observem, em termos de estarmos “salvos da ira”. Essa é a questão crucial e, portanto, devemos ter claro entendimento disso.

Esta é obviamente uma referência ao futuro. A ira da qual ele fala é o dia do Juízo, algo que ainda está por vir. O apóstolo já havia se referido a isso no capítulo dois, versículo 5: “Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus”. Haverá um grande dia em que a ira de Deus contra o pecado, em que o reto julgamento de Deus sobre o pecado e o mal, se manifestará, será revelado, será declarado. É o tremendo dia ao qual a Bíblia se refere continuamente – “O dia a declarará”, “a ira vindoura”. É isso o que se quer dizer aqui com “ira”, e a questão é: como podemos escapar e saber que estamos livres daquele grande dia do Juízo que há de vir?

Neste ponto é vitalmente importante lembrar-nos de que o termo “salvo” (ser salvo) é empregado nas Escrituras em três tempos e sentidos diferentes. É preciso evitar confusão sobre

isso. Primeiro há o fato de que fomos salvos. Em que sentido fomos salvos? Já fomos salvos da culpa do pecado. Isso é algo que já aconteceu. “Tendo sido justificados pela fé, temos paz com Deus.” Está no passado. Fomos salvos nesse sentido.

Mas há outro sentido em que ainda estamos sendo salvos. Estamos sendo salvos do poder do pecado e da corrupção do pecado. A nossa relação com o pecado não é meramente de culpa; desafortunadamente há mais que isso. A nossa dificuldade e o nosso problema não consistem meramente no fato de que cometemos certos atos de transgressão e, portanto, somos culpados diante de Deus. O pecado de Adão afetou a própria natureza do homem. Esta se corrompeu e o homem caiu sob o poder e o domínio do pecado. Assim há necessidade de sermos salvos também neste aspecto. Não é tão-somente da culpa do pecado, que vemos quando encaramos a Lei de Deus, que precisamos ser salvos; necessitamos ser salvos também deste poder terrível que nos tiranizava e ainda tende a tiranizar-nos; e, além disso, precisamos ser salvos também da corrupção do pecado, daquele efeito do pecado sobre a nossa própria constituição que a macula, perverte-a e a torna impura. Precisamos ser salvos disso; e o cristão *está sendo salvo* disso. Entra aí a santificação, que é um processo que se dá dentro de nós no presente.

Há, contudo, ainda outro tempo verbal pelo qual podemos pensar na salvação como totalmente futura. Este é o sentido em que o apóstolo está principalmente pensando aqui, porque haverá um dia em que seremos salvos final e completamente. Significa que não somente seremos libertos do poder e da corrupção do pecado, mas também que os nossos corpos serão libertos do pecado. É a nossa glorificação. Vimos no versículo 2, como veremos de novo no capítulo 8, versículo 23, que “não só ela (a criatura, a criação), mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”. Esse é o aspecto final da salvação, e nesse aspecto final, seremos completa e inteiramente libertos do pecado em todos os

aspectos, e nos apresentaremos “irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória” (Judas, versículo 24).

Eis a questão que o apóstolo levanta aqui: “Como posso ter certeza de que terei essa salvação final e completa? Acima e além do recebimento do perdão e da libertação da culpa, como posso saber que vou ser inteiramente liberto e que de modo nenhum perderei a minha salvação nalgum ponto entre o agora e o dia do Juízo?” Essa é a questão; e aqui está o seu argumento em réplica: “Muito mais agora”, diz ele, “sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (ou, no texto do autor: “tendo já sido justificados”). “Já fomos”, o apóstolo está dizendo, “justificados pelo seu sangue.” Essa é a base do argumento; e por isso podemos estar certos e seguros de que “seremos por ele salvos da ira”.

Agora, para conseguirmos obter toda a força do argumento, devemos ter claro em nossas mentes o significado das nossas expressões. Mais uma vez precisamos estar certos de que entendemos claramente o que é ser justificado. Não podemos correr riscos neste assunto.

Ser justificado não significa somente ser perdoado. Significa isso, e muito mais. Ser justificado significa que Deus nos declara justos. É uma expressão jurídica e forense; é algo que Deus, e somente Deus, faz. Ele declara que nos considera justos, e o faz porque nos atribuiu, pôs em nossa conta, a justiça do Senhor Jesus Cristo. Ele nos veste com a justiça de Cristo, põe Seu manto sobre nós. E assim estamos na presença de Deus vestidos com a justiça de Cristo, como já vimos nos dois primeiros versículos.

Agora chegamos a um ponto muito importante. Diz ele: “muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue”. É uma nova expressão, introduzida repentinamente. Já o tínhamos visto dizer no capítulo 3, versículo 24: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça”. No versículo 28 daquele capítulo ele diz: “Concluimos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. Mas aqui ele diz: “Sendo

agora justificados pelo sangue de Cristo”. E no versículo 10: “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho...”.

É interessante notar que ele varia as suas expressões dessa maneira; e, se não entendermos por que ele faz isso, bem poderemos ficar em confusão. Como é que estas várias expressões se enquadram no ensino sobre a justificação? É unicamente a graça de Deus que possibilita a justificação. E então a justificação nos vem por meio da fé como canal. Aí está *como* nos vem a justificação. Todavia – e este é o ponto importante – o que realmente no-la proporciona, a base da nossa justificação, é a justiça do nosso Senhor e Sua obediência à santa Lei de Deus, obediência que inclui Sua morte, Seu sangue derramado na cruz. Este é o ponto crucial, o ponto focal.

O que torna possível a justificação, no sentido em que Deus a projetou como o meio pelo qual salvar-nos, é a graça de Deus. Portanto podemos dizer que somos justificados pela graça de Deus. Aí ela está como uma idéia, como um pensamento na mente de Deus. A própria idéia de justificação flui da graça; esse é o seu princípio. Portanto, é certo dizer que somos justificados pela graça de Deus.

Mas isso não constitui toda a verdade, porque nós sabemos que a graça de Deus só chega a nós por intermédio da fé, por meio do canal da fé. Jamais devemos perder de vista essa verdade. Portanto, podemos dizer que somos justificados pela fé. No entanto, isso ainda deixa a questão sobre como a justificação chega a nós. O que ou quem foi que deu o devido tratamento ao problema da nossa culpa e providenciou esta justiça que temos e que nos vem pela fé? A resposta é: o Senhor Jesus Cristo e especialmente Sua morte na cruz, o derramamento do Seu sangue, Sua vida derramada. Assim o apóstolo tem o direito de dizer que somos justificados pelo sangue de Cristo, que somos justificados por Sua morte. O essencial para a nossa justificação é o que aconteceu na cruz. “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (3:25).

Lembremo-nos também do que o nosso Senhor disse acerca de Si mesmo como sendo Ele “o bom Pastor” que “dá a sua vida pelas ovelhas” (João 10:11). É isso que torna possível a justificação. Pela graça Deus imaginou e planejou o caminho, e depois enviou o Filho para levar a efeito o plano. A justificação passa a ser nossa mediante o canal da fé. Mas tratemos de entender claramente que não é a nossa fé que nos justifica: é o sangue de Cristo, Sua morte, que nos salva; Sua justiça, e nada mais. A base de tudo é a Pessoa do nosso Senhor e Sua obra redentora a nosso favor.

Procuremos ver com igual clareza que não é a nossa regeneração que nos salva. Não é o fato de que nascemos de novo que nos salva. É a justiça de Cristo que nos salva. Deus justifica o ímpio, e o ímpio ainda não foi regenerado. É quando ainda somos ímpios que somos declarados justos. A regeneração vem praticamente ao mesmo tempo, contudo é algo diferente. Deus não nos regenera primeiro para depois dizer que estamos justificados porque fomos regenerados. Não! Ele justifica o ímpio inteiramente pela justiça de Cristo. Estas distinções são da maior importância.

Permitam-me ir mais longe: tampouco somos justificados pela nossa santificação, pelas nossas boas obras e por nossa progressiva libertação do pecado. Este versículo é um grande poste de sinalização para o qual devemos estar sempre olhando – “Tendo sido justificados pelo seu sangue”. É Seu sangue que nos reconcilia, é Sua morte que constitui a base e o alicerce de toda essa obra. Este versículo é um dos mais importantes das Escrituras porque se contrapõe a todas as noções falsas. Não as nossas obras, não a nossa fé, não a nossa regeneração, não a nossa santificação – nada, absolutamente nada, que esteja fora de Cristo em Sua obediência ativa e passiva e em Sua justiça que Deus imputa a nós.

Aí estão, pois, as expressões, e este é o argumento que o apóstolo baseia nelas: “Se Deus”, diz ele, “nos amou tanto ao ponto de fazer isso por nós, ao ponto de justificar-nos enviando

Seu Filho para a morte na cruz a nosso favor – se Deus já fez isso por nós, então – e certamente não há nenhuma necessidade de argumentar sobre isso – Ele nos salvará também da ira pelo mesmo Cristo”. Por quê? Porque Ele já fez aquilo que é maior, mais grandioso. Ele já tomou a decisão fundamental, e, visto que Ele é Deus que nunca muda, não pode voltar atrás. A decisão de Deus o Pai foi justificar todos os que “crêem em Jesus”. Entretanto isso envolveu o ato de enviar o Senhor Jesus, não somente ao mundo, mas também para a morte na cruz e para o derramamento do Seu sangue. Deus não somente decidiu fazer isso; Ele o fez. E se Ele fez isso, não há nada que Ele não faça por nós.

O argumento do apóstolo é que este método, este meio de salvação que Deus planejou, é um todo completo, e, portanto, se fomos justificados pelo sangue de Cristo, estamos ligados a Cristo, estamos em Cristo, e, portanto, seremos completamente e perfeitamente salvos por Ele. É óbvio que o apóstolo se regozijava neste argumento. Essa a razão pela qual ele o utilizava com tanta freqüência. Vejam, por exemplo, a maneira como ele o expressa na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo primeiro, versículos 9 e 10: “Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro. E esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura”.

O apóstolo declara a sua tese ali com essa simplicidade. Ele estava apenas fazendo um sumário da sua mensagem enviada àquelas pessoas porque não lhe tinha sido possível demorar-se muito com eles. Ele coloca todo esse ensino como numa casca de noz. O que Cristo já fez por nós “livra-nos da ira futura”. Todos os passos e partes particulares da salvação fazem parte de um todo completo. Noutras palavras, o apóstolo está dizendo mais uma vez o que já dissera nos dois primeiros versículos deste capítulo – que a justificação garante a nossa salvação final e definitiva. É a isso que ele quer que nos

apeguemos, que, se Deus proporcionou a nossa justificação pelo sangue de Cristo, não precisamos ter nenhuma preocupação, nenhuma inquietação, quanto à nossa salvação definitiva, final e completa no mesmo Cristo.

O nosso Senhor ensinou pessoalmente esta mesma doutrina. Vejam, por exemplo, o que Ele diz no Evangelho Segundo João, capítulo 5, versículo 24: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas, passou (já passou) da morte para a vida”. Essa é a afirmação mais explícita que se pode imaginar. Diz o nosso Senhor: o homem que ouve as Minhas palavras e crê nAquele que Me enviou, já tem a vida eterna e não entrará em julgamento e condenação. Por quê? Porque já passou da morte para a vida. Entendemos bem isso? Vemos que Deus já decidiu a nossa bem-aventurança e o nosso destino eterno em nossa justificação? Esse é o argumento de Paulo.

Aí está a situação. Éramos fracos, ímpios, pecadores, e, como o apóstolo dirá no próximo versículo, éramos até “inimigos”, e eis aqui está Deus em Sua eterna justiça e santidade. Ora, a primeira coisa que acontece conosco é que somos justificados, e, como vimos, isso significa, não somente que fomos perdoados, mas também que Deus nos declara justos aos Seus olhos. Ele nos veste com a justiça de Cristo capacita-nos a permanecer diante dEle nessa justiça, e declara que não tem nada contra nós. Vocês seriam capazes de perceber que isso já é julgamento? O nosso julgamento já se realizou. Deus já chegou à decisão fundamental com relação a nós. Quando Deus, como o Juiz Eterno, faz a declaração e esta promulgação no Tribunal de que Ele nos considera justos, Ele está pronunciando Seu julgamento sobre nós, e Deus nunca volta atrás em Sua Palavra. É final. Estamos justificados e, portanto, como diz o nosso Senhor, “já passamos da morte”, do reino da morte, passamos para além desse domínio “para a vida”. Assim é que já fomos julgados, e, portanto, nunca mais estaremos sob condenação.

Será que nos apercebemos de quão tremenda realidade é a justificação? Quando Deus justifica um homem, Ele está realmente fazendo um pronunciamento final concernente a esse homem. Quem está justificado está salvo – salvo por toda a eternidade. De Suas ovelhas diz o nosso Senhor: “Ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28). “É Deus quem os justifica. Quem os condenará?”, pergunta o apóstolo Paulo no capítulo 8, versículos 33 e 34 desta Epístola. Esse é o argumento. Um vez que é Deus quem justifica, quem pode condenar? “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus” à luz do fato de que é Deus que os justifica? A justificação é o feito mais momentoso e mais glorioso que podemos obter ou experimentar.

Foi por isso que Martinho Lutero ficou tão comovido quando se deu conta do significado da justificação. Foi por isso que essa compreensão levou à Reforma Protestante. Já não era uma questão de obras, já não era uma questão de penitências, já não era uma questão de confissão a sacerdotes, e dos sacerdotes fazerem várias coisas por nós, já não era uma questão de transubstanciação e de dependência da chamada “presença real” de Cristo no sacramento para edificar-nos e fazer-nos merecedores do perdão. A salvação deixou de ser algo incerto, algo contingente. Deixou de haver a terrível possibilidade de finalmente não sermos salvos, sendo necessárias as ministrações da igreja (católica romana) durante a vida inteira, e, na verdade, até mesmo depois da morte por causa do purgatório. Deixou de haver necessidade de que outros orassem por nós depois da nossa morte, acendessem velas por nós e orassem aos santos para que fosse abreviado o nosso tempo no purgatório. Tudo isso foi abolido.

Pergunto: que foi que aboliu tudo isso? A percepção da veracidade da doutrina da justificação somente pela fé. A justificação é final e definitiva no que se refere à nossa permanência diante de Deus. A justificação significa que Deus faz o pronunciamento, e o pronunciamento que Ele faz é que

Ele nos perdoou definitivamente e nos considera como justos aos Seus santíssimos olhos. Não há nada que eu e vocês possamos jamais conhecer ou saber neste mundo que de algum modo seja comparável ao fato de sabermos que Deus nos justificou e que somos justos aos Seus olhos.

“Como poderei saber isso?” alguém perguntará. Já respondi a essa pergunta quando discuti os dois primeiros versículos. Mas vou repeti-lo – “Paz com Deus.” Paz com Deus, saber que você está perdoado, que pode responder às acusações da consciência e da Lei, e de tudo mais que esteja contra você! Estar firme na graça do Senhor e conhecê-LO como seu Pai, ver algo da glória que o espera, regozijando-se na antecipação dessa glória! Ser capaz de rir do mundo, dos seus pomposos tesouros e das suas deslumbrantes recompensas, e de tudo o que ele tem! Ver através disso tudo, ver além dessas coisas, ver algo da glória que espera por você, e ter dentro de você um espírito que clama “Aba, Pai”! É assim que se pode saber isso! Entretanto o argumento presente nesta passagem é que tudo isso está na justificação. E é por isso que o apóstolo começa o capítulo oito dizendo: “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Eles já estão inteiramente fora dos domínios da condenação. Quando chegarmos ao capítulo 6 – de fato, no fim deste capítulo 5 ele já estará introduzindo essa verdade – veremos o apóstolo argumentar tudo isso em detalhe. Ele nos dirá que estamos mortos “para o pecado”, “mortos para a lei”, e que o pecado e a Lei não têm nada a ver conosco, porque fomos e estamos justificados.

Aí está, pois, o argumento. Se isso é verdade a meu respeito agora, se Deus fez esse pronunciamento a meu respeito agora, Ele nunca voltará atrás. Não pode, pois isso significaria que Ele estaria contradizendo e negando a Si mesmo. Em Deus isso é inconcebível. Por isso Paulo diz: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”. Foi graças ao seu entendimento e à sua percepção disso que Toplady pôde expor em arroubos de encantamento

A Certeza da Fé

o extraordinário argumento em seu grandioso hino:

*A obra que Sua bondade começou,
Seu braço forte completará;
Sua promessa é Sim e Amém,
E ela jamais frustrada foi!*

*Quer no futuro, ou no presente,
No céu, na terra, coisa alguma
Pode anular o Seu propósito,
Nem minh'alma separar do Seu amor.*

*Das palmas de Suas mãos jamais meu nome
A eternidade apagará;
Impresso está em Seu coração
Por Sua graça, e é indelével.*

*Até o fim vai permanecer;
Garante-o firme o Seu penhor!
Sim, mais feliz, não mais segura,
A grei remida está no céu, na glória!*

Observem a declaração: “Sim, mais feliz, não mais segura, a grei remida está no céu, na glória!” Esse é o ponto vital. A segurança dos espíritos glorificados não é maior, embora seu gozo dela o seja.

No versículo 10 Paulo o dirá de novo e o desenvolverá, com algo adicional. O que supremamente importa para cada um de nós é que entendamos estas coisas, regozijemo-nos nelas e as repitamos para nós mesmos todos os dias da nossa vida; pois é quando pudermos fazer isso que poderemos juntar-nos ao apóstolo e dizer com ele o que ele diz no versículo 11: “E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação”.

11

“Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” – Romanos 5:10

Temos aqui uma daquelas grandes e gloriosas declarações que dão singularidade a este apóstolo em especial. Vimos que de fato o apóstolo, num sentido, está repetindo o que já tinha dito no versículo 9; mas ele o faz de tal maneira e com tal ênfase adicional que nem se nota a repetição; o que se faz é dar graças a Deus que Paulo o tenha dito de novo, e ainda com maior magnificência. Isso é algo que acontece freqüentemente nos escritos de Paulo; tem-se a impressão de que ele afirmou alguma verdade com perfeição, porém depois ele a repete de maneira ainda mais maravilhosa. Isso não se deve à grandeza dele como homem, grande como ele certamente era; a grandeza do tema é que explica esse fato. Seja o que for que se diga sobre o amor de Deus em Cristo Jesus, sempre haverá mais alguma coisa para se dizer. Este é o tema de que se ocupam os anjos na glória, é o cântico, o hino de todos os remidos. É o tema de que nos ocuparemos por toda a eternidade.

Mais uma vez devemos procurar ter claro em nossas mentes o que estamos fazendo. O interesse do apóstolo é que todos nós tenhamos segurança da salvação, que estejamos bem entendidos e certos do caráter final e definitivo da nossa salvação, que nos demos conta de que, se fomos justificados pela fé, estamos seguros eternamente. Ele elaborou o seu grande argumento em termos do amor de Deus por nós em Cristo Jesus e deduziu que, se Deus enviou o Seu Filho para a morte

de cruz por nós, tudo o mais se seguirá necessariamente. Mas parece que ele ainda sente que pode dizê-lo com mais clareza e com maior força ainda. Seu desejo é que os cristãos romanos se apossassem desta verdade, que constitui o mesmo argumento, em sua essência, e que ele repete com estas palavras magníficas e emocionantes.

Para podermos apanhar sua plena força, devemos analisar a declaração, e com isso não a estaremos diminuindo. Há quem parece pensar que, com uma grande declaração como esta, tudo o que você necessita fazer ou deve fazer é simplesmente lê-la ou recitá-la, e depois impetrar a bênção apostólica. Mas isso poria abaixo o próprio objetivo que Paulo tem em vista. Poderíamos comover-nos estética ou artística ou emocionalmente fazendo aquilo, porém ficaria nisso. É essencial que a examinemos e a analisemos palavra por palavra para apreciá-la de veras; e, naturalmente, ao fazermos isso, estaremos fazendo simplesmente o que o próprio apóstolo fez.

Há tolos que pensam que no momento em que você entra na esfera da lógica, despediu-se da eloquência. Mas não é isso. Aqui temos lógica e eloquência entretecidas. De fato eu diria que você jamais será verdadeiramente eloquente, se não for lógico. Não poderá ser eloquente sobre coisa nenhuma. É preciso que você tenha algo para dizer, se quiser ter verdadeira eloquência, e quanto maior for o tema e maior for o uso do raciocínio, maior será a eloquência.

Jamais devemos separar os dois aspectos, o intelecto e o coração; ambos andam juntos. Bem pouca coisa poderá comover você sentimentalmente. Mas não nos interessa o mero sentimento; estamos interessados na verdadeira emoção, em que o coração se comova. O sentimento é aparência ilusória, a emoção pertence ao domínio da realidade. Jamais devemos satisfazer-nos em trabalhar pela emoção passageira; devemos desejar sempre sentir e discernir a profundidade da verdade. Isso só acontece quando adotamos o método do apóstolo e nos tornamos lógicos e analíticos. Se no fim da nossa análise não

enxergarmos a glória deste versículo de maneira muito mais clara e emocionante, significa que trabalhamos muito mal.

O método do apóstolo também consiste em aplicar a razão e a lógica à situação, pelo que ele o introduz com as palavras “Porque se” ou “Pois se”. É essencialmente o mesmo argumento do versículo 9: se isso é verdade, muito mais será assim. É pura lógica. Diz ele: se Deus já fez o maior, não poderá falhar em fazer o menor – pois não agir assim não faria sentido. É inimaginável. Ele o diz tão enfaticamente que dizer qualquer outra coisa pareceria ridículo. Mas a questão vital é esta: seria ridículo para nós? Para ver se é ridículo para você, faça a seguinte prova: você tem plena segurança da salvação? Se não tem, provavelmente é porque você não acha ridícula a situação resultante da não aceitação do argumento do apóstolo.

O argumento do apóstolo divide-se em duas partes. Vejamos primeiro aquilo que é maior e que Deus já realizou por nós. Somente quando compreendermos isso é que veremos que a outra segue-se inevitavelmente. Qual foi a grande, a maior realização já feita por Deus? Basta examinar a série de declarações apostólicas para descobrir a resposta. “Quando éramos inimigos” ou “enquanto éramos inimigos”, Deus fez algo por nós. Essa é uma declaração muito importante e muito significativa; e devemos ter todo o cuidado de ligar a ela o sentido certo. Acaso significa quando estávamos num estado de inimizade contra Deus? Certamente inclui esse aspecto, porém parar aí é falhar completamente quanto à principal tese do seu argumento. Este não se refere apenas ao fato de que outrora estávamos num estado subjetivo e numa condição interna na qual sentíamos inimizade para com Deus. Não é esse o significado primordial do que ele diz aqui. O que o apóstolo está interessado em salientar é a nossa posição objetiva aos olhos de Deus. Podemos descrevê-la como uma espécie de posição técnica, jurídica. O nosso estado ou condição, a nossa posição – a nossa relação com Deus era a de inimigos.

Os termos “técnico” e “jurídico” podem ser explicados

por analogia. Falamos de países que estão “em guerra” um com o outro, ou em “estado de guerra” (em estado beligerante). Antes de chegarem a esse estado, muitas vezes rompem suas relações diplomáticas, mas ainda não se acham tecnicamente num estado de guerra. Terão que dar outro passo para então estarem de fato em guerra; terão que declarar guerra. Somente depois disso é que os dois países estarão técnica e juridicamente em guerra. Agora são inimigos e estão em estado de guerra. Essa é a posição que o apóstolo está descrevendo na passagem que estamos estudando. Nesta altura ele não está interessado – e vou poder demonstrar isto – em nossos sentimentos de inimizade contra Deus. O que ele está dizendo é que as relações mútuas e a atitude são de guerra e de inimizade. Nós estávamos nesta posição, nesta posição jurídica, de inimigos de Deus. Deus nos via como inimigos, e estávamos em inimizade contra Deus. O interesse do apóstolo é com a relação e o estado em geral, não com os nossos sentimentos subjetivos.

Provo isso da seguinte maneira: o argumento geral de Paulo baseia-se no fato puro e simples de que Deus fez algo com relação a nós e por nós, apesar de estarmos naquela situação; e se Ele fez o que fez por nós quando ainda estávamos naquelas condições, quanto mais fará por nós agora que estamos em outras e novas condições! Livremo-nos da idéia de que só se visa a um estado subjetivo, embora isso esteja incluído.

Podemos ilustrar mais um pouco esta verdade citando o que o apóstolo diz mais adiante nesta Epístola, no capítulo 11, versículo 28. Falando dos judeus ele diz: “Quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais”. Com isso ele quer dizer que os judeus, como povo, agora, tecnicamente falando, estão na condição de inimigos de Deus. Esse é um modo de vê-los, diz ele, mas é possível olhá-los de outra maneira – “quanto à eleição, (eles são) amados por causa dos pais”. São amados por causa dos seus pais, embora no presente estejam na posição externa de inimigos. Portanto, está claro que o apóstolo está pensando

numa condição puramente objetiva, tanto no capítulo 11 como neste versículo que estamos analisando. Ali estávamos nós, inimigos de Deus. Essa era a relação existente entre Deus e o homem, e entre o homem e Deus, quando Deus realizou este estupendo feito em nosso favor!

Mas, vamos adiante. Diz ele: “Quando (ou enquanto) éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho”. Notem primeiro a frase: “reconciliados com Deus”. Ele afirma que nós fomos reconciliados com Deus. O sentido de “reconciliação” ou de “ser reconciliado” é também da mais profunda importância para nós. Deveríamos tomar isso como se referindo a algum estado subjetivo existente em nós? Estaria o apóstolo dizendo que enquanto éramos inimigos a nossa atitude para com Deus foi mudada? Estaria ele dizendo que enquanto éramos inimigos fomos reconciliados com Deus em nossas mentes, que nós deixamos de odiá-LO e de sentir inimizade por Ele, e começamos a amá-LO, a desejar obedecer-Lhe e servi-LO? Mais uma vez a resposta é a mesma. Isso está incluído, contudo certamente não é a coisa principal, certamente não é a única coisa.

De novo, se isso não estiver claro para nós, não teremos a mínima possibilidade de seguir o argumento que o apóstolo expõe neste versículo. A reconciliação significa primariamente uma mudança na relação existente entre Deus e o homem e entre o homem e Deus. Noutras palavras, envolve e implica – e digo isto deliberadamente e com reverência – uma mudança na atitude de Deus para conosco, antes de levar a uma mudança em nossa atitude para com Deus. Esse é o ponto em foco. A reconciliação não se aplica somente a nós e ao que acontece dentro de nós. Começa com a atitude de Deus para conosco.

Esta é uma questão controvertida, infelizmente, como vimos quando tratamos da palavra “propiciação” no capítulo 3, versículo 25. São muitos os que não gostam desta idéia de “propiciação”, argumentando que certamente nada é necessário da parte de Deus, e que a única mudança que se faz

necessária é da nossa parte. No entanto, este versículo que estamos considerando seguramente resolve a questão uma vez por todas. Se fosse certo o argumento que afirma que tudo o que é necessário é uma mudança em nós, que nós temos necessidade de ser reconciliados na mente e no coração com Deus, que é sempre o mesmo, então o argumento do apóstolo teria que ser lido nestes termos: “Pois, se quando éramos inimigos a nossa atitude para com Deus foi mudada pela morte de Seu Filho, muito mais, em vista do fato de que a nossa atitude para com Deus foi mudada, seremos salvos pela Sua vida”. Mas isso tira do argumento do apóstolo sua força real; o argumento é esvaziado. Essa forma de expressão coloca toda a ênfase em mim e em minha atitude subjetiva para com Deus, como se isso fosse a grande realidade.

Mas não é esse o argumento do apóstolo. Eis o que ele está dizendo: “Se, enquanto você era um inimigo aos Seus olhos, a atitude de Deus para com você era tal que Ele enviou Seu Filho para morrer por você, haveria a possibilidade de que a Sua atitude para com você mude agora que Ele considera você como Seu filho?” É evidente que não, pois seria um absurdo e significaria que Deus é um Ser caprichoso. Desde que Deus planejou um meio pelo qual tratar você assim, enquanto você era um inimigo aos Seus olhos e estava sob a Lei, para salvá-lo, e pela morte de Seu Filho, certamente Ele não poderá jamais reverter isso, e, especialmente, desde que Ele também adotou você como Seu filho, nunca poderá voltar atrás nisso!

Noutras palavras, se tivermos um conceito subjetivo da reconciliação e pensarmos nela apenas como algo em nós, todo o valor do argumento apostólico se perderá. Já não subsistirá a questão do maior e do menor. Mas quando tomarmos o texto em seu verdadeiro significado, e entendermos que a reconciliação envolve algo em Deus bem como no homem, então veremos a ênfase e a lógica do argumento.

Deixem que eu expresse o ponto da seguinte maneira: a

totalidade desta porção bíblica está voltada para o amor de Deus por nós, não para o nosso amor a Deus. Poderíamos contestar isso? O tema exclusivo do versículo 5 em diante é o amor de Deus por nós. Nesta altura Paulo não está interessado em nós e em nossa atitude para com Deus, e em nosso amor a Deus. Toda a causa que ele está defendendo é que, se tão-somente entendermos o amor de Deus por nós, veremos a certeza e a segurança definitiva da nossa salvação. Ele não está discutindo o nosso amor, não está interessado em nossa atitude para com Deus. É a atitude de Deus para conosco que importa. Firme-se nisso, diz ele, e você terá segurança. Assim é que envolver neste ponto o nosso sentimento subjetivo de amor a Deus é contradizer todo o propósito do parágrafo inteiro.

O que o apóstolo diz em 2 Coríntios, capítulo 5, nos ajudará a ver e a entender isto mais claramente. No versículo 18 ele diz: “E tudo isto provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo”. Ele nos reconciliou como éramos, ou seja, como pecadores, consigo mesmo, por Jesus Cristo – “e nos deu o ministério da reconciliação; isto é, Deus estava em Cristo” – Deus, notem, realiza tudo. “Deus estava em Cristo (e por intermédio de Cristo) reconciliando consigo o mundo”. Como foi que Ele o fez? “Não lhes imputando os seus pecados.” Em sua função estrita, a lei exige que Deus impute os nossos pecados a nós. Pecamos contra Deus, transgredimos a Lei, e a Lei, segundo a justiça comum, exige que o seu veredicto e a condenação por ela imposta sejam postas em execução. Paulo, porém, afirma que Deus nos reconciliou consigo não nos imputando os nossos pecados. Esse é o primeiro passo. O próximo é que Ele imputou os nossos pecados ao Senhor Jesus Cristo (versículo 21). “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós.” E depois? Depois Ele imputa a justiça de Cristo a nós, “para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”.

O grande problema era: como Deus nos pode tratar com amor? E a resposta é o que Deus realizou “em Cristo”. Esta

questão de reconciliação deve ser considerada de maneira objetiva. Devemos compreender que a reconciliação começa em algo que Deus fez para poder não imputar a nós os nossos pecados e para poder deixar de nos tratar como inimigos. Esse era o primeiro aspecto essencial. Portanto, é algo que vem da parte de Deus, não da parte do homem. O que vem da parte do homem acontece depois. Só depois que Deus realizou esta obra é que o homem a vê, e então sua atitude muda, e ele se regozija nesse fato. Isso acontece quando o homem chega ao conhecimento daquilo que Deus fez por nós. Essa é a mensagem de reconciliação. É isso que nos conta que Deus encontrou um meio de nos tratar, não mais como inimigos, e sim como pessoas a quem Ele ama e que Ele está pronto a perdoar. O que sucede conosco é apenas uma consequência disso.

Noutras palavras, o que o apóstolo quer dizer com reconciliação nesta passagem é que a ira de Deus não está mais sobre nós, que Ele já não nos olha com ira, mas com misericórdia. Estamos de volta, por assim dizer, ao versículo 18 do capítulo primeiro: “Porque” – é por isso que ele se ufana tanto do evangelho, que “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé”; “Porque” – esta é a razão pela qual ele tanto se deleita e se gloria nEle – “do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens.” Essa era a condição em que nós nos encontrávamos. A ira de Deus estava sobre nós, e éramos Seus inimigos. O que é espantosamente admirável e incrível é que Deus tenha algum contato conosco. E o que faz com que a mensagem cristã seja “boa notícia” é que ela nos garante que, embora fôssemos inimigos e estivéssemos sob a ira de Deus, Seu amor é tão grande que Ele planejou um meio pelo qual reconciliar-nos conSigo.

Como é importante, pois, entender estas expressões – entender que tanto o termo “inimigo” como o termo “reconciliado” têm primariamente um conteúdo objetivo, e que o

conteúdo subjetivo é apenas secundário. Conforme prossigamos com o argumento, veremos isso com maior clareza ainda.

A próxima afirmação é que tudo isso foi feito em nosso benefício “pela morte de seu Filho”. Foi assim que Deus efetuou esta reconciliação, esta mudança na relação. Ambas as palavras precisam ser salientadas, as palavras “pela” e “morte” de Seu Filho. Já demos essa ênfase nos versículos 6, 7 e 8 deste capítulo, e também no versículo 9, onde temos a palavra “sangue”. Não temos necessidade de repetir o que foi dito, mas, não permita Deus que alguém deixe de aperceber-se do crucial significado da morte do Filho de Deus! Deus nos amou tanto, apesar de que éramos Seus inimigos, que até enviou Seu único Filho, Seu Filho unigênito, Seu bem-amado Filho, a essa morte, morte de cruz – por nós. Da parte do Filho isto significou separação de Deus, significou um rompimento da comunhão entre Pai e Filho pela única vez em toda a eternidade, e assim levou ao brado pelo desamparo – “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Vocês vêem o argumento do apóstolo? De novo falamos com reverência e deliberadamente, mas não há mais nada que até mesmo Deus pudesse fazer. Todavia Ele fez isso. O argumento é do maior para o menor. Na verdade, ele devia ter dito do máximo ate o mínimo. Nem mesmo Deus poderia fazer algo além disso: Ele deu, Ele enviou Seu Filho unigênito para a morte na cruz. É João 3:16 mais uma vez: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Deus fez isso literalmente: “fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho”.

Mas agora devemos colocar a ênfase na “morte”, para expormos a força total do argumento. Deus nos reconciliou conSigo, não simplesmente por ter enviado Seu Filho ao mundo, nem pelo ensino do Filho. Há muitos que aqui ficam aquém da verdade plena. Acham eles que somos salvos por crermos que o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo para

contar-nos que Deus é amor e que Ele nos ama, e que quando cremos nisso somos reconciliados. Isso é ser reconciliado com Deus pelo ensino de Seu Filho. Outros dizem que o nosso Senhor veio ao mundo a fim de contar-nos o que temos de fazer para salvar-nos, e para animar-nos a fazê-lo mediante a vida que Ele viveu. Isso de novo significa que somos reconciliados com Deus pelo ensino de Seu Filho, ou pelo exemplo de Seu Filho.

Contudo não é isso que o apóstolo diz, não é isso que a Bíblia diz. Somos reconciliados com Deus pela “morte” de Seu Filho. O apóstolo não nos deixará escapar disso. É por isso que no versículo 9 ele diz: “pelo seu sangue” – “justificados pelo seu sangue”, pelo sangue de Cristo. Para que ninguém pudesse ficar filosofando sobre o sentido da morte, ele diz “sangue” – sangue, “sangue” literal. Há pessoas que detestam o que elas chamam “teologia do sangue”, porém não há teologia digna do nome que exclua o sangue de Cristo, Seu sangue derramado. Aí está a base da reconciliação, da justificação, da salvação.

Mas eu tiro uma segunda dedução. Este, evidentemente, era o único meio pelo qual Deus poderia reconciliar-nos consigo. De outro modo, isso jamais teria acontecido. Seria concebível que Deus teria enviado Seu único e bem-amado Filho para a vergonha, o sofrimento e a ignomínia da cruz se isso não fosse absolutamente essencial? Se o ensino pudesse salvar-nos, o ensino necessário nos teria sido dado. Teria Deus permitido que Seu Filho sofresse aquela agonia no Getsêmane, e ainda mais na cruz, quando clamou, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste”, se não fosse absolutamente essencial? É inimaginável! Este não é somente o método de Deus para a nossa reconciliação com Ele; era o único método. Não havia outro. Por quê? Essa é a questão. Que foi que exigiu isso? Por que isso teve que acontecer? Por que não havia nenhum outro meio, senão que o Filho de Deus fosse crucificado na cruz? Há somente uma resposta a essa pergunta:

é a justiça de Deus, como já vimos no capítulo 3, versículo 26: “Para que Deus seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”.

Não há outra explicação. Tentem pensar numa, se é que podem. Por que o Filho de Deus teve que morrer na cruz? Há somente uma resposta: porque Deus é justo, por causa da justiça de Deus. “Ah”, mas vocês dirão: “Deus é também amor.” Concordo. Entretanto vejam vocês o perigo que há em separar estes atributos de Deus. Deus é um só, é indivisível, e Deus age sempre como Deus uno. Não se deve contrapor o amor de Deus à justiça de Deus. Deus sempre age na plenitude do Seu ser, sempre age com amor; ao mesmo tempo, Ele sempre age com justiça, e nunca se deve dizer que o amor de Deus age independentemente da Sua justiça ou da Sua retidão. Tampouco se deve dizer que a justiça e a retidão de Deus agem independentemente do Seu amor. Deus age como Deus, e jamais devemos pôr uma cunha entre estes atributos.

Deus é santo, Deus é luz, e nEle não há treva nenhuma. É por isso que a propiciação foi essencial, é por isso que tinha que ser apresentada uma oferta a Deus e por isso Cristo teve que sofrer o castigo pelos nossos pecados. A justiça de Deus não pode ser posta de lado, e Deus não pode fingir que não vê o pecado. Ele sempre o viu, e disse que o puniria; e o puniu. E, tendo-o punido na Pessoa do Seu Filho unigênito, Ele pode olhar para mim e para vocês e pode perdoar-nos gratuitamente. Sua justiça foi vindicada. Ele é “justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”.

Essa é a tese geral do argumento do apóstolo nesta passagem. Embora estivéssemos num estado de inimizade, Deus viu um meio de perdoar-nos e de amar-nos livremente, um meio de reconciliar-nos conSigo, um meio que, ao mesmo tempo, vindica o Seu caráter glorioso e o Seu Ser essencial. Sua justiça refulge tão gloriosamente como sempre refulgiu, e igualmente refulge em glória o Seu amor. Todos os atributos são desfraldados em sua divina perfeição naquele ato que

ocorreu no Calvário. É isso que Paulo está dizendo. Esse é o meio pelo qual Deus nos reconcilia consigo, e é o único meio. Não há reconciliação para ninguém que não creia que Cristo morreu por seus pecados. Não há acesso à presença de Deus, “a não ser pelo sangue de Jesus”.

É inútil dizer: “Agora tenho um novo conceito sobre Deus; posso ver agora que Deus é amor e que a minha antiga inimizade já não existe”. Se você não vê que depende completamente da morte do Filho de Deus, do sangue de Cristo, aquilo que você imagina que é seu conceito sobre Deus como Deus de amor é falso, porque você está negando a Sua justiça e a Sua retidão eterna. Deus é eternamente imutável; Ele é “o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação”, e tudo o que Ele faz é expressão de todos os Seus gloriosos atributos juntos. Na cruz do Calvário, na morte de Seu Filho, no sangue de Jesus, eu vejo a justiça e o amor brilhando juntos em toda a sua glória. Essa é a maior realidade, a maior de todas, à qual o apóstolo está se referindo e a qual leva à inevitável conclusão da segunda grande declaração deste versículo que passamos a analisar agora.

À luz disso – Que mais? “Muito mais.” Tendo realizado o maior feito de todos, Deus realizará o menor; não deveríamos até ousar dizer que Ele terá que fazer isso? “Muito mais, estando já reconciliados.” Agora Deus não me vê como inimigo. Ele me vê como amigo, e não somente como amigo, mas como filho. Agora a relação é a que existe entre Pai e filho. Pode-se conceber que Deus, que realizou essa obra, a maior de todas, quando eu era inimigo, de repente irá me abandonar ou vá falhar comigo, agora que sou Seu filho? É um ultraje ao próprio caráter de Deus imaginar tal coisa. Falar em cair da graça é, além de tudo mais, um absurdo, como já vimos. Graças a Deus, Seu amor é tal que “não se desprenderá de você”. Esse é o fundamento mesmo da argumentação do apóstolo.

Mas, examinemos a palavra “salvos”. Como vimos, essa palavra significa, nesta passagem, salvação plena e final. Eis,

pois, o argumento: a parte difícil da nossa salvação era a nossa justificação; e se Deus tratou desse problema e o resolveu, o resto, se posso dizê-lo com reverência, é simples. O real problema era como lidar com o estado de inimizade. Era tão grande esse problema que nada menos que a morte de Cristo na cruz poderia dar-lhe o devido tratamento. No entanto, como Deus solucionou esse problema, o maior de todos, quanto mais fácil será o restante! Uma vez estabelecida a justificação, o restante se seguirá facilmente.

A seguir vejamos a última expressão: “seremos salvos pela sua vida”. Há aqui, preliminarmente, um ponto técnico. Tenho estado citando a Versão Autorizada (inglesa): “seremos salvos pela sua vida” (como se vê, igual a Almeida). Outras traduções dizem, mais corretamente: “seremos salvos em sua vida”. A afirmação que o apóstolo faz não é que seremos salvos “pela” mas “em” Sua vida. A palavra empregada não é “por”, “pela”, e sim “em”. E esta indica o estado ou condição em que alguma coisa é feita, ou o estado ou condição em que alguém existe, age ou sofre. Portanto, o que Paulo nos diz é que vamos ser salvos no estado ou condição da vida de Cristo. Procurem ver a importância deste argumento. Antes estávamos fora da Sua vida, fora do Seu amor, digamos – éramos inimigos. Agora estamos na vida de Cristo; e, portanto, a nossa posição é absolutamente certa e segura. Se Deus enviou Seu Filho para a morte por nós quando estávamos fora como inimigos, quanto mais Ele fará por nós agora que estamos dentro como filhos! Se um homem faz algo por outro que está à porta de sua casa e que o tinha ofendido, odiado, roubado, e que tinha sido seu inimigo – se lhe mostra bondade, quanto mais provável é que mostrará bondade a seus filhos, que procedem do seu próprio corpo! Esse é o argumento.

Deixem que o diga na forma de outra ilustração. A operação difícil é a de enxertar-nos em Cristo. Quando você enxerta um novo ramo numa árvore, você faz nela uma incisão com uma faca e depois enfia o ramo no talho que fez. Essa é a

parte difícil do processo. Uma vez que você tenha feito o enxerto, o resto acontece facilmente. A seiva flui através da árvore para o ramo enxertado, dando-lhe vida e força; e assim ele se desenvolve. Uma vez realizado concretamente o ato de enxertia, você só fica esperando pelos resultados, e o fruto vem. “Quanto mais seremos salvos em sua vida”!

Vamos, porém, desenvolver isso em detalhe. “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho”; certamente nada poderá falhar daí em diante, porque Ele não continua morto, Ele está vivo! O autor da Epístola aos Hebreus expressa esta verdade perfeitamente no capítulo 7, versículos 22-25, dizendo: “De tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador, e, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número” (ele está falando daqueles que estavam sob a antiga dispensação) “porque pela morte foram impedidos de permanecer, mas este, porque permanece eternamente” – quer dizer, porque Ele está vivo para sempre – “tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente” (até o fim) “os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”. Vocês se apercebem da força disso? Talvez vocês digam: “É muito bom dizer que os meus pecados estão perdoados e que eu estou salvo. Mas, e se eu cair em pecado outra vez? Isso não cancelaria tudo, e eu não voltaria à estaca zero?” Nada disso, porque Ele vive “sempre para interceder por nós”.

João diz a mesma coisa no capítulo primeiro da sua Primeira Epístola. O argumento ali é essencialmente o mesmo. Diz ele: “Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros”. Muito bem, que será se eu cair em pecado; perderei essa comunhão? Não! “E o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.” Nós de fato caímos em pecado, mas “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar

de toda a injustiça”.

De novo, no capítulo 2 da sua Primeira Epístola: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (versículos 1 e 2). Nisso, e somente nisso, está a garantia da nossa segurança. Cristo morreu para reconciliar você com Deus, e Ele está vivo, Ele está no céu como seu Advogado, intercedendo em seu favor. Ele não deixará que você se perca. Esse é o argumento.

Contudo Ele não trata somente daqueles nossos pecados posteriores à salvação. Ele também nos guardará do pecado. “Ora”, diz Judas no fim da sua Epístola – “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar.” Ele (Cristo) está vivo e pode “guardar-nos de tropeçar, e (pode) apresentar-nos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória”. “Quanto mais seremos salvos em sua vida!” Ele está sempre ali; Ele foi adiante de nós; Ele nos dará vida, força e poder.

Mais ainda porém; fomos enxertados nEle, participamos de Sua vida, haurimos vida dEle. “E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça” (João 1:16). Temos que lutar contra o mundo, contra a carne e contra o diabo, é verdade. Mas, eles poderiam destruir-nos? Nunca! Se Cristo morreu por nós, não deixará que nos percamos; Ele nos levará através disso tudo até o fim, até a glória. Se Deus pôde dar o devido tratamento aos problemas da justiça e da retidão eterna, pela morte de Seu Filho, certamente não será derrotado pelo problema menor do mundo, da carne e do diabo. Não! Cristo já os venceu em Sua morte, Ele já “os expôs à vergonha pública”. O diabo perdeu o seu poder; “agora será expulso o príncipe deste mundo” (João 12:31). Cristo triunfou e está vivo na glória, e nós estamos nEle. Esse é o argumento – “muito mais seremos salvos em sua vida!” Nós estamos unidos a Ele, estamos “nele”, somos “membros

do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos”.

Foi por isso que tivemos que rejeitar a tradução da Versão Autorizada – “Muito mais seremos salvos *pela* sua vida”. Estamos *em* Sua vida, fomos enxertados em Cristo. “Vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular” (1 Coríntios 12:27). Na passagem que estamos focalizando, no fim do versículo 10, o apóstolo nos dá uma pista do que ele vai empreender no versículo 12. Ali ele vai começar a tratar da grande doutrina relacionada com o fato de que estamos “em Cristo” e não mais “em Adão”. No versículo 10 temos os primeiros indícios disso. Agora estamos na vida de Cristo e, visto que estamos na vida de Cristo, estamos eternamente salvos, estamos eternamente seguros.

Estivemos examinando o mais poderoso argumento que vocês jamais viram na vida, maior do qual vocês jamais encontrarão. “Pois se, enquanto (quando) nós éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, quanto mais, tendo sido reconciliados, seremos salvos em sua vida!” Cristo está no céu, diz o apóstolo Paulo aos efésios, e nós fomos vivificados com Ele. Fomos ressuscitados com Ele, e agora estamos sentados com Ele nos lugares celestiais (Efésios 2:5,6). “Aos que justificou a estes também glorificou.” É certo e seguro assim. Queira Deus dar-nos graça para podermos levar a bom termo este poderoso argumento, para que possamos regozijar-nos em nossa grande salvação!

12

“Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.” – Romanos 5:10

Talvez vocês tenham imaginado que nas maravilhosas declarações dos versículos 9 e 10 o apóstolo concluiu o seu argumento. Não é isso. Ele ainda sente que tem algo para acrescentar; e assim vamos ao versículo 11, que põe término à primeira metade deste capítulo. No versículo 12, como veremos, ele toma outro tema, que não é muito diferente; é mais uma continuação do anterior, seguindo outra linha. O fim deste primeiro argumento, desta primeira seção, acha-se no versículo 11. Paulo o introduz dizendo: “E não somente isto”, como querendo dizer: tudo o que eu acabei de dizer é verdade, mas não é tudo. “Não somente isto.” “Isto” é verdade, porém, por causa disso, há algo mais que também é verdade. “Mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação”, (“...nos gloriamos em Deus... a expiação”, VA). Temos aí algo mais que o apóstolo pede que consideremos.

Começemos pela expressão traduzida na Versão Autorizada (inglesa) por “nos alegamos em Deus”. O verbo é exatamente o mesmo que o apóstolo emprega nos versículos dois e três. No versículo dois temos: “e nos gloriamos na esperança da glória de Deus, e no versículo três: “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações”. Como vimos,

a melhor tradução desse verbo é “gloriar-se”, “gloriar-nos”. “Mas também”, diz ele, “nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a expiação”. Portanto, o acréscimo consiste em que, se entendemos o ensino ministrado, não somente temos segurança, certeza, salvação garantida, mas, em acréscimo, e além disso tudo, nos gloriamos em Deus.

Qual a diferença entre isso e o que ele diz no versículo 2, “e nos gloriamos (ou nos regozijamos) na esperança da glória de Deus”? Seria que as duas expressões se equivalem? A resposta é que há uma real diferença entre os dois versículos. No versículo 2 Paulo declara que estamos com os olhos postos no futuro, e nos gloriamos no fato de que vamos compartilhar e gozar a glória que Deus preparou para nós. Nesse versículo estamos olhando para o porvir, para o nosso gozo do estado de glória no qual vamos entrar depois desta existência, depois da morte, depois do túmulo. No entanto, o que ele diz aqui, no versículo 11, é que nos gloriamos em Deus; não nos gloriamos somente na glória que vamos compartilhar com Ele, e sim em Deus mesmo. Essa é a diferença entre as duas declarações. Uma coisa é olhar com anelante antecipação e com regozijo aquele estado final e definitivo de glorificação em que o próprio corpo será glorificado e será inteiramente liberto do pecado, quando então habitaremos numa terra em que não há suspiros nem tristeza nem pecado nem vexame; mas é algo muito maior e mais grandioso gloriar-nos em Deus aqui e agora. Aquela é gloriar-nos no que Deus nos vai dar e no que Ele nos dá numa atual antecipação mediante o Espírito, porém esta é gloriar-nos no Doador, em Deus.

Que é que o apóstolo quer dizer com a declaração de que nos gloriamos ou nos regozijamos ou exultamos em Deus? A resposta mais simples e mais conveniente que posso dar-lhes é lembrar a vocês a primeira pergunta, e sua resposta, que se lê no Breve Catecismo da Assembléia de Westminster. A pergunta é: “Qual é o fim principal do homem?” E a resposta:

“O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”. Esse é o sentido aqui – “gozar”, “fruir” Deus. Glorificar a Deus significa regozijar-se em Deus, gozá-lo ou fruí-lo para sempre. Significa amá-lo, ter prazer nEle, ter Deus como o maior deleite.

Encontra-se esta idéia muitas vezes nos Salmos. Vejam, por exemplo, o início do Salmo trinta e três: “Regozijai-vos no Senhor, vós, justos, pois aos retos convém o louvor”. E logo depois: “Cantai-lhe um cântico novo: tocai bem e com júbilo”. A seguir vejam o Salmo trinta e quatro: “Louvarei ao Senhor em todo o tempo: o seu louvor estará continuamente na minha boca. A minha alma se gloriará no Senhor: os mansos o ouvirão e se alegrarão”. Depois o salmista convida todos a se juntarem a ele: “Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o seu nome”. Aí está um homem que “se gloria em Deus”, e nem sabe bem como expressar-se. “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome”, como diz o Salmo 103.

Uma bela expressão deste gloriar-se vê-se também no chamado “Magnificat”, no qual Maria principia a sua exultação com as palavras: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador” (Lucas 1:46,47). É isso que significa “nos gloriamos em Deus”. A grande pergunta que devemos fazer a nós mesmos é se essa é uma fiel descrição de nós. Para o apóstolo essa é uma dedução inevitável, uma parte da lógica poderosa. “Não somente isto.”!

Por que isto deve seguir-se inevitavelmente? Uma razão é que Deus é a fonte e o manancial de todas as bênçãos que temos e que podemos desfrutar. Muitos dos nossos grandes hinos expressam esta verdade:

*Resgatados, curados, restaurados, perdoados,
A quem mais entoar Seu louvor senão a Ti?*

E mais:

Louvemos a Deus, de quem todas as bênçãos fluem.

Todas as bênçãos procedem do Senhor.

E de novo:

*Vem Tu, Senhor, de todo bem a fonte;
Para Tua graça eu louvar, meu coração afina!*

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes...”. Tudo vem dEle. O cristão, o homem que entende tudo o que o apóstolo vem dizendo, necessariamente gloria-se e se regozija em Deus. A verdadeira fé cristã sempre deve levar a isso. Vou além: a verdadeira fé cristã sempre leva a isso. Por isso fiz a pergunta: estaríamos nós gloriando-nos, regozijando-nos e exultando em Deus?

Na Epístola aos Filipenses o apóstolo diz isso na forma de uma exortação, virtualmente na forma de uma ordem. “Quanto ao mais, irmãos meus”, diz ele, “alegrai-vos no Senhor” (Filipenses 3:1, ARA). Mas ele não consegue parar aí; no capítulo 4, versículo 4, ele diz: “Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos”. Esta é a norma da vida cristã; esta deveria ser a principal característica do cristão. É o selo, a marca por excelência, da verdadeira fé cristã – “Regozijai-vos sempre no Senhor”. Há alguma coisa gravemente errada no cristão que não apresenta esta característica. Não regozijar-nos sempre no Senhor é pecaminoso.

Para nos ajudar, o apóstolo nos diz aqui por que devemos regozijar-nos em Deus, e como podemos regozijar-nos em Deus. Como sempre, é “por nosso Senhor Jesus Cristo”. E depois ele torna isso mais claro e mais específico, dizendo: “Pelo qual (por meio do qual) agora alcançamos a expiação (VA)”.

É uma pena que os tradutores da Versão Autorizada (inglesa) tenham empregado a palavra “expiação” aqui, porque a palavra é a mesma que no versículo 10 é traduzida por “reconciliados”. Quer dizer: “Pelo qual agora alcançamos a reconciliação”. Em última análise isso não tem importância; porém eu chamo a atenção para o fato de que a tradução deveria

ser “reconciliação” pela seguinte razão: você pode estar discutindo com pessoas heterodoxas e que realmente não têm nenhuma doutrina da expiação, e você lhes diz: “Mas no versículo 11 do capítulo 5 da Epístola aos Romanos lemos: “Pelo qual agora alcançamos a expiação”. Imediatamente elas vão contestar, para sua consternação, dizendo: “Essa é uma tradução ruim; deveria ser “reconciliação”. Tecnicamente elas estarão certas; é “reconciliação”.

Isso nos lembra que não devemos basear nosso argumento em prol da doutrina da expiação numa única palavra. O argumento a favor da expiação, e da idéia vicária, substitutiva, da expiação, não depende da palavra “expiação”; e devemos ter o cuidado de não falar tanto em termos de expiação. É “reconciliação”, palavra que já interpretamos, e vimos que isso só acontece “pelo sangue de Cristo”, que é a propiciação pelos nossos pecados. O que o apóstolo quer dizer é que nos regozijamos em Deus por intermédio do Senhor Jesus Cristo, que nos reconciliou com Deus da maneira demonstrada por ele nos versículos 9 e 10 – por Seu sangue, por Sua morte. Certamente, argumenta ele, não temos como refrear-nos nisso, certamente isso não precisa de argumento ou de demonstração. O homem que sabe que foi reconciliado com Deus, que os seus pecados estão perdoados, que ele foi feito filho de Deus por meio do Senhor Jesus Cristo, e especialmente por meio daquilo que Ele realizou na cruz, certamente é inevitável que tal homem terá que gloriar-se e regozijar-se em Deus.

Essa é a exposição. Passemos agora à aplicação, começando com a pergunta: estaríamos nós gloriando-nos e regozijando-nos em Deus? Compreendemos que é nosso dever agir assim? Talvez ajude examinar algumas das causas da nossa negligência em regozijar-nos em Deus como devíamos. Permitam-me lembrar-lhes de novo que não nos regozijarmos e não nos gloriarmos em Deus mediante Cristo, faz-nos culpados; cometemos pecado. “Não somente isto, mas também nos alegramos em Deus” – nos gloriamos nEle, diz o apóstolo; e

todos nós devemos gloriar-nos dessa maneira em Deus.

Que será, então que explica nossa falha nisso? Primeiro, falhamos em não captar bem a verdade da justificação somente pela fé. Isso deveria ser óbvio porque, como vimos, o objeto e o propósito desta seção consistem em mostrar as conseqüências da justificação somente pela fé. Portanto, se eventualmente não somos levados a gloriar-nos em Deus, significa que num ou noutro ponto não seguimos o argumento, ou talvez ainda não tenhamos entendido claramente a justificação propriamente dita. Se ainda confiamos em nossas obras e em nossos esforços, ou em nossa bondade, não é de admirar que não nos estejamos gloriando em Deus, porque significa que estamos nos gloriando em nós mesmos. Você não poderá gloriar-se em Deus e em si próprio ao mesmo tempo. O homem que se gloria em si mesmo não se gloria em Deus. Como o fariseu do templo, descrito na parábola contada pelo nosso Senhor, ele apenas dá graças a Deus por ser o que é. “Cujo louvor está em si mesmos, e não em Deus.” Como o Senhor disse uma vez aos fariseus: “Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e não buscando a honra (a glória) que vem só de Deus?” (João 5:44). Tais fariseus nunca se regozijam em Deus; quanto possam regozijar-se, regozijam-se neles mesmos; e sempre há algo de mesquinho nisso.

A segunda razão é que existem muitos cristãos que, embora não caiam nessa categoria, não obstante continuam em parte com os olhos postos em suas obras. Em certo sentido, eles viram a inutilidade de confiar só em sua justiça própria, e têm alguma idéia da justificação pela fé, mas continuam pensando que precisam suplementar isso. Eles ainda olham em parte para si mesmos e para as suas obras com vistas à sua salvação. Eles põem o “eu” para fora pela porta da frente, por assim dizer, e, antes de saberem onde estão, o “eu” vem se arrastando para dentro pela porta de trás. Como é difícil manter-se fora dessa confiança nas obras! Todos nós temos alguma experiência disso. “...tendo começado pelo Espírito,

acabeis agora pela carne?” (Gálatas 3:3). Todos nós estamos sujeitos a isso. De maneira insidiosa, o eu e a autoconfiança, as nossas obras e a nossa bondade, estarão sempre retornando e entrando sorrateiramente em nosso pensamento. Entretanto é preciso que não entrem, e ninguém pode gloriar-se verdadeiramente em Deus enquanto restar alguma consideração por estes méritos próprios.

Uma terceira causa de fracasso quanto a gloriar-se o homem em Deus e de regozijar-se nEle é o resultado da fixação do nosso olhar em nós mesmos e na miséria e nas trevas do nosso coração. Alguns podem ficar surpresos ao me ouvirem dizer isso, porque constantemente exorto as pessoas a se examinarem a si mesmas. Faço isso por causa do ensino evangélico popular que diz: “Não olhe para si mesmo, olhe para o Senhor”. O auto-exame é de vital importância e é essencial. O homem que nada sabe do estado miserável do seu coração é, para dizer o mínimo, um pobre espécime de cristão. Mas é importante não levar isso ao extremo da morbidez e da introspecção e passar a vida toda examinando a nós mesmos e as trevas dos nossos corações. Pois, se o fizermos, certamente não ficaremos sabendo o que é gloriar-se o homem em Deus.

Mas deixem que eu diga isto: se eu tivesse que escolher entre um e outro, preferiria o cristão que pode até ser um pouco mórbido, porém que conhece a miséria do seu coração, ao tipo de cristão leviano, superficial e morno que ainda não chegou a conhecer nem a dar-se conta da torpeza e vileza da sua natureza e da profundidade do pecado que nele há. A alegria do segundo não é regozijo em Deus; ele não compreende a situação e, portanto, sua alegria é falsa. Todavia não nos permitamos reagir tão fortemente contra a alegria falsa, meramente psicológica, que nos privemos da verdadeira alegria que fomos destinados a ter. Conheço cristãos que têm feito isso, e, em consequência, vão mundo afora – para usar uma frase de Milton – “zombando dos prazeres e vivendo dias

laboriosos”. Nunca souberam o que é regozijar-se em Deus da maneira descrita pelo apóstolo na passagem que estamos estudando e na Epístola aos Filipenses.

Aí estão, pois, três razões que explicam esta incapacidade parcial de entender a justificação pela fé. O homem que se examina a si mesmo e que encontra pecado e negror, não pára aí. Essa descoberta o leva a Cristo. Assim, a explicação dessa falta de alegria em Deus é uma falha ocorrida nalgum ponto, com a incompreensão da obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo, o que Ele de fato fez e cumpriu por nós. É a incapacidade de compreender o caráter “consumado” da obra que Ele realizou e a “suficiência” da Sua obra, de uma vez por todas – para sempre.

São muitos os que falham neste ponto. Não captam plenamente o que o apóstolo expõe em toda esta passagem; não enxergam a ação completa, a totalidade e a plenitude da obra que foi realizada na cruz e na ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Não captam nem compreendem a verdade de que fala o último versículo do capítulo 4: “O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”. Não compreenderam isso como deveriam, e o resultado é que continuam um tanto confusos acerca da justificação. Não vêem o seu caráter absoluto e, portanto, não se alegram, não se regozijam e não se gloriam em Deus como deveriam. Essa é a primeira razão: alguma confusão ainda sobre a justificação somente pela fé.

Uma segunda causa da incapacidade de gloriar-nos em Deus como deveríamos é não meditar quanto deveríamos, é não passar tempo suficiente estudando e desenvolvendo a doutrina e suas implicações. Muitas vezes a nossa leitura das Escrituras é demasiadamente superficial. Lemos uns poucos versículos, um breve comentário a respeito, e depois fazemos uma breve oração e corremos para o trabalho ou para alguma outra coisa. Mas, antes de podermos conhecer algo da alegria em Deus, temos que tomar tempo com estas coisas e meditar

nelas. Para fazer uso das palavras de Isaac Watts, você deve *contemplá-las*: “Quando contemplo a maravilhosa cruz”. Uma simples leitura apressada e descuidada das Escrituras traz pouco proveito e nunca leva à verdadeira alegria. Assim como temos que “tomar tempo para ser santo”, também precisamos tomar tempo para ler e estudar as Escrituras.

Esta é, suponho eu, a principal explicação da diferença que há entre o tipo moderno de cristão e o antigo, do qual lemos que tinha grande conhecimento desta “alegria do Senhor”. Somos demasiado ocupados e demasiado ativos. Mesmo correr de uma reunião para outra não substitui a meditação e aquele estudo completo das Escrituras que leva à compreensão das suas doutrinas. Se você deseja apenas entretenimento “espiritual”, você não conhecerá a “alegria do Senhor”; só ficará ouvindo alguém contar como é maravilhosa. Precisamos refletir pessoalmente nestas coisas. O cristão tipo borboleta nunca sabe bem o que é gloriar-se em Deus. Gloriar-se em Deus é sempre resultante da confrontação com as grandes doutrinas, do freqüente estudo delas e da persistência delas em nossas mentes.

Que é que isto significa exatamente? Significa que você reflete em Deus mesmo, em Sua natureza, em Seu Ser, em Seu caráter. Você reflete no que Deus fez – como Ele mostrou e manifestou o Seu amor, com simplicidade e clareza. Você vê como Ele expôs tudo isso por meio dos Seus servos na Sua Palavra. Você medita na graça, no amor, na bondade e na compaixão de Deus. Você faz a mesma coisa com relação ao Senhor Jesus Cristo. Devemos vê-LO, devemos olhar para Ele, devemos pensar nEle, meditar nEle, contemplá-LO e contemplar o Seu amor.

Vocês já notaram, por exemplo, que nestes onze versículos Cristo é mencionado nove vezes? O apóstolo começou com o versículo primeiro – “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. Maravilha! Então vamos entoar loas à paz! Não; “por nosso

Senhor Jesus Cristo”. Paulo providencia para que não O deixemos fora. Depois, aqui, ele conclui o argumento, no versículo 11: “E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus”. Ponto final? Não! “Por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação.” Somente os que conhecem o Senhor Jesus Cristo conhecem verdadeiramente a Deus. É na medida do que compreendemos que tudo nos vem por meio do nosso Senhor Jesus Cristo que louvaremos a Deus e O honraremos, nos gloriaremos nEle e glorificaremos o Seu nome, e exultaremos nEle. Meditemos nisto, contemplemos estas coisas; tomemos tempo para lê-las e relê-las, e para desenvolver exaustivamente o argumento.

Isso nos leva ao terceiro tema ou princípio importante salientado pelo apóstolo. Às vezes nos falta esta experiência de gloriar-nos em Deus porque não raciocinamos e não inquirimos suficientemente com base nas Escrituras, e não extraímos delas as nossas deduções. Esse exercício é muito mal entendido e muito negligenciado. Se vocês realmente seguiram o ensino desta seção, terão chegado à conclusão de que na vida cristã não há nada mais importante do que saber raciocinar, argüir e deduzir do ensino escriturístico. Isso constitui uma parte essencial e vital da fé. Que é fé? Fé é, em primeira instância, uma atividade, especialmente uma atividade da mente. É aí que tendemos a errar. Temos tanta preocupação em contrastar a fé com a razão que caímos em erro. Dizemos corretamente que ninguém jamais pode entrar na vida cristã pelo uso da sua razão, que ninguém jamais pode fazer-se cristão por meio do seu entendimento. E então dizemos: “Logo, a fé nada tem a ver com a razão”. Nesse ponto erramos. É muito importante estarmos certos quanto à relação entre fé e razão. Isaac Watts, num conhecido dístico, diz:

*Onde falha a razão, com seus poderes todos,
Lá a fé prevalece, e o amor adora a Deus.*

E, claro, Isaac Watts está certo. Nesses versos ele está pensando em nosso ingresso na vida cristã e no que se pode dizer sem mentir, mesmo da vida cristã, quando somos tentados e caímos, recorrendo de novo à razão “natural”, em lugar da razão da fé. Na “vida da fé” a razão e o argumento desempenham um papel de vital importância. Mas não se trata da velha espécie de razão e de argumento; é o exercício do raciocínio com fé, o raciocínio que vem da fé, o raciocínio para a fé. “A fé”, diz-nos a Palavra, “é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1). Significa que temos certas declarações e que deduzimos outras coisas delas. Há toda a diferença do mundo entre confiar somente na razão, em detrimento da fé, e a fé que raciocina e argumenta, fé que o apóstolo está acionando nesta seção.

Entretanto, deixem que eu mencione outro perigo, o perigo de ficarmos demasiado confiantes em nossos sentimentos. A fé leva aos sentimentos e os inclui, porém os sentimentos não vêm em primeiro lugar. O primeiro elemento da fé é intelectual; o emocional segue-se a ele. Como diz uma frase de um Salmo: “Provai, e vede que o Senhor é bom” (Salmo 34:8). Você só pode ver depois de ter provado. Devemos entender claramente qual é a posição que os sentimentos ocupam. Não devemos confiar demais neles, nem tampouco os devemos excluir. A fé é como andar numa faca de dois gumes; se você for longe demais num dos lados, terá problema.

Então, que é fé? Fé realmente significa crer em Deus, fé em tudo o que Ele diz sobre Si mesmo, em tudo o que Ele diz sobre o que fez por nós, em tudo o que Ele diz sobre o que fará, e entregar-nos completa e absolutamente a essa verdade. Que é fé? Fé significa raciocinar e argumentar com base na revelação. A fé não significa que eu tento raciocinar pessoalmente com relação a Deus, mas sim que, crendo na revelação dada por Deus, raciocino a partir dela. Fé significa tirar as inevitáveis deduções do que Deus disse.

É exatamente isso que o apóstolo faz nesta seção: “Se nós,

sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais...”. Ele parte de uma revelação e dela tira a sua dedução. É isso que a fé faz. É o que devemos fazer com relação ao amor de Deus, e devemos fazê-lo com relação ao caráter de Deus e a absoluta certeza de que Ele completa tudo o que começa. Devo argumentar em termos como estes: “Deus é o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação”. Deus vê o fim desde o princípio. O que Deus planeja acontece. Portanto, se Deus começa alguma coisa, não pode deixá-la incompleta e inacabada. Seu caráter insiste em Sua continuidade, Sua integridade eterna o exige. Faço esse raciocínio. Sei que Deus é absoluto e imutável, “de eternidade a eternidade”, sempiternamente o mesmo; e assim eu sei que Ele nunca mudará. Logo, se Ele voltou Seu coração para mim, Ele nunca me abandonará. Ele não pode começar a realizar uma obra em mim e depois largá-la. Não! O que Ele começa Ele completa. “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6). Eu deduzo isso; e isso é fé.

Além disso eu deduzo que Ele jamais poderá falhar. Não somente o pecado que há em mim não pode impedi-LO de levar a efeito o Seu propósito, não somente o pecado que há fora de mim não pode impedi-LO, mas nem o próprio diabo e o inferno podem impedi-LO, nada o pode, porque é Deus que está levando a efeito o Seu propósito. Isso é deduzir, é argumentar, é raciocinar; e isso é fé.

Fé é fazer tudo isso com muita ousadia. Por certo vocês recordam o que nos é dito no capítulo 4, da atitude de Abraão a este respeito – “E não duvidou... por incredulidade”. Ele creu em Deus apesar do fato de que o que Deus lhe dissera parecia completamente impossível. Ele raciocinou ousadamente, e foi avante. E eu e vocês devemos fazer isso; não devemos hesitar acerca destas coisas. “Mas”, vocês dirão, “isso não é presunção? Você não está indo longe demais?” Presunção! Não é presunção; é a prova final da fé. Argumentar

desta maneira não é presunção; é simplesmente exercer a fé. Como diz Charles Wesley:

*Fé, preciosa fé, a promessa vê,
E só isso olha e sempre olhará;
Ri-se dos impossíveis,
E brada: feito será!*

Permitam-me desafiá-los. Se eu e vocês não raciocinamos, não argumentamos e não fazemos deduções partindo desta extraordinária revelação de tal maneira que isso nos leve a gloriar-nos em Deus, significa então que não entendemos a verdade, talvez que nunca nos tornamos realmente cônscios dela; ou ainda que, tendo visto a verdade, não cremos realmente em Deus, não confiamos nEle. Vocês podem tornar a dizer que isso soa maravilhoso, mas que vocês terão que voltar para as ruas de Londres (ou de qualquer cidade) e enfrentar o mundo, a carne e o diabo, e que vocês são fracos. Dizendo isso, vocês revelam sua falta de entendimento! Não crêem que Deus é suficientemente forte para sobrepujar tudo e todos e para garantir a salvação final e definitiva de vocês. Ou vocês não enxergaram a verdade, ou realmente não confiam em Deus.

Devo insistir neste ponto. A incerteza nestas coisas não é sinal de humildade ou de incomum espiritualidade e piedade; é sinal de incredulidade, o que é desonrar a Deus. É uma indicação de que se está dando ouvidos ao “acusador dos irmãos”, ao Adversário, e não a Deus. Não hesito em fazer a afirmação de que o único lance de lógica da qual eu e vocês podemos estar absolutamente certos neste mundo é a lógica dos versículos 9, 10 e 11 deste capítulo. Argumento estanke e final como esse não existe em nenhum outro domínio, seja na ciência em geral, seja na matemática, seja em que esfera for. Apesar das pretensões arrogantes, “resultados seguros” não existem em nenhuma outra parte. Ficou provado que alguns

dos maiores cientistas erraram. A falácia ocorre num ponto ou noutro, e em um ou dois séculos, e muitas vezes mais cedo, é descoberta. Sei que existe um único argumento que jamais poderá ser refutado e que nunca falhará num jota sequer. É o seguinte: “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos (por Ele e) pela sua vida”. Isso nunca poderá falhar; é absolutamente certo e seguro. Esta é a única lógica que pode ter garantia.

Digo, pois, que não deduzir o que o apóstolo deduz, não argumentar, não raciocinar dessa maneira, não regozijar-se em Deus, o que é resultado inevitável desse raciocínio, é sinal de incredulidade – esse pecado horrível, o pecado dos pecados! O cristão abatido, infeliz, é culpado de incredulidade. O cristão a quem faltam alegria e certeza, ou não entende claramente a verdade, ou então é culpado de algo muito pior – ele não confia em Deus, que lhe revelou essa verdade. Que vergonha para nós! Não temos o direito de ficar na incerteza ou sem alegria. Ter certeza não é presunção, e não ter alegria não é ser humilde. O apóstolo Paulo é humilde e, todavia, tem a tremenda certeza que se vê nos versículos 9, 10 e 11. E, quanto à humildade, ei-la aí nos versículos 6, 7 e 8: “Estando nós ainda fracos”. Você não poderá mostrar maior humildade do que dizendo isso de si próprio. Diz ele também que nós somos “ímpios”. Não se pode pensar em nada que seja pior que isso, e Paulo ainda acrescentou – “sendo nós ainda pecadores”.

Quão tolos nós somos! Consideramos a humildade e o regozijo como antagonísticos. “Tenho muito medo da alegria falsa”, gememos, “tenho muito medo da presunção.” Esse jeito de falar mostra que a pessoa entendeu tudo errado. Há um perfeito equilíbrio aqui; a humildade e a alegria andam juntas, e jamais se deve pensar nelas como antagonísticas. Em última análise, só quem se sente completamente desvalido e sem esperança acerca de si mesmo é que realmente confia em Deus. E se regozija em sua salvação porque Deus lha deu como um

dom gratuito. Muitos são os que não têm esse equilíbrio em seu pensamento e em suas experiências. Vêm tão bem a doença do seu coração que não vêem mais nada com clareza. E param aí. Eles nunca se gloriam em Deus, e a impressão que dão é de que são infelizes. Estão sempre se analisando e se dissecando espiritualmente, mas seu verdadeiro problema é que lhes falta este equilíbrio em seu pensamento. O verdadeiro exame introspectivo deve levar-nos a Cristo; e então vemos a obra consumada que Deus O enviou para realizar, e acabamos por regozijar-nos. Se o seu exame de si mesmo não culmina em regozijo, é errado, é falso. Há equilíbrio nestas questões, e devemos ter sempre os dois lados. Não fiquemos tão ansiosos por corrigir o falso que acabemos negando o verdadeiro.

Posso ilustrar isso relatando uma experiência. Uma vez ouvi um homem pregando sobre “O arco-íris nas nuvens”, após o Dilúvio. O pregador era um homem bom, competente e piedoso; porém tinha tal aversão pelo tipo de evangélico leviano e superficial, e tinha tanto medo da alegria falsa, que, apesar de o texto do seu sermão falar sobre “o arco-íris nas nuvens”, terminou o culto mandando-nos para casa debaixo de negras nuvens! Temia tanto que nós saíssemos levando uma alegria carnal que apagou o arco-íris e engrandeceu a nuvem! Isso não é bíblico, não é o equilíbrio das Escrituras, não é a proporção da fé. A Palavra de Deus fala do arco-íris e da nuvem, e é preciso que não queiramos ser mais sábios que as Escrituras. Portanto, que o moderno evangélico, leviano, não diga: “Não há nada além do arco-íris”, pois, na verdade, há nuvens e escuridão – o juízo de Deus. Mas que o outro – e digo isso com igual ênfase – que o outro não dê tanta ênfase à nuvem que elimine o arco-íris. “Não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.” Como diz Johann Casper Lavater:

*Que eu nada sou, e Tu és tudo,
Quero aprender diariamente.*

Sim, diz Isaac Watts:

*Quando contemplo a cruz atroz e horrível,
Onde morreu o Príncipe da glória,
Meu maior ganho perda considero
E derramo desprezo em meu orgulho.*

Mas ele não fica o tempo todo despejando desprezo sobre o seu orgulho. Não! Ele prossegue:

*Não permitas, Senhor, que eu me glorie,
A não ser em Tua morte, ó Cristo, ó Deus!
Todas as coisas vãs que mais me encantam
Ofereço ao Teu sangue em sacrifício.*

*Vejo de Tua frente, e mãos, e pés
Tristeza e amor correrem cruz abaixo;
Como unir-se esse amor a tal tristeza,
Ou de espinhos compor tão bela coroa?*

*Se a natureza inteira fosse minha,
Oferta diminuta ela seria;
Amor tão admirável e divino
Requer minha alma, minha vida, meu tudo!*

Ele está se gloriando em Cristo e em Sua horrível mas gloriosa cruz. “Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”, diz o grande apóstolo aos Gálatas (6:14). Não fique detido em si próprio, não fique firmado na lama do desespero, do fracasso e de uma condição miserável e abjeta. Olhe para o Senhor Jesus; olhe para o céu, para a glória que há em Cristo e em Sua gloriosa cruz, em Sua ressurreição, em Sua ascensão, em Sua posição celestial ao lado do Pai, em Seu retorno, em Seu glorioso Reino! “Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor.” “Regozijai-vos sempre no Senhor;

outra vez digo, regozijai-vos” (Filipenses 3:1; 4:4).

Vocês acompanharam o argumento? Viram a certeza e a segurança da sua posição? Vocês têm contemplado com regozijo a glória que os espera? Se vocês têm feito isso, se têm visto estas coisas, se seguiram o argumento apostólico, o poderoso raciocínio de Paulo, vocês não podem deixar de gloriar-se e de regozijar-se em Deus com aquele que diz:

*Nas alturas louvai ao Deus santíssimo;
Das profundezas venha-Lhe louvor;
Em Suas palavras tão maravilhosas,
Com toda a segurança em Seus caminhos.*

*Quão sábio e amoroso é o nosso Deus!
Quando tudo era pecado e vergonha,
Cristo, o segundo Adão, entrou na luta
E veio efetuar nosso resgate.*

Foi Deus o Pai que planejou tudo isso e enviou Seu Filho ao mundo, e mesmo à morte de cruz, por nós. O Filho veio e concluiu completamente a obra. E o Pai e o Filho nos deram o Espírito Santo para aplicar a salvação que foi assim planejada na eternidade e posta em execução no tempo.

*Glória seja a Deus o Pai,
Glória seja a Deus o Filho,
Glória seja a Deus o Espírito,
Grande Jeová! Três em Um!
Glória, glória, enquanto as eternas eras passam.*

13

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça. Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:12-21

O versículo 12 introduz uma nova seção, ou ao menos uma nova sub-seção, desta Epístola. Mostrei anteriormente que uma nova seção iniciou-se no primeiro versículo deste capítulo.

O apóstolo arrematou o primeiro tema no fim do versículo 11. Agora ele toma um novo tema, que ele introduz com as palavras “Pelo que” (VA: “Por conseguinte”). Esses termos sugerem uma ligação com o que vem antes; não obstante, espero mostrar que temos aqui um importantíssimo ponto de transição. Quer dizer que precisaremos passar algum tempo considerando a expressão “Por conseguinte”. Isso envolverá uma boa dose de pensamento, e precisaremos obedecer à exortação de Pedro, “Cingindo os lombos do vosso entendimento, sede...”, no manejo que faremos do que se pode denominar a mecânica da interpretação. Teremos que fazer isso, pois, de outro modo, não estaremos capacitados a apreciar como devemos as reais riquezas desta nova seção da Epístola.

A seção começa no versículo 12 e vai até o fim do capítulo. Quando consideramos os versículos anteriores, saboreamos com prazer as gloriosas declarações concernentes ao amor de Deus por nós e tivemos o gozo de contemplar esse amor em seus vários aspectos. Essa classe de atividade é puro prazer. Mas nem sempre podemos ter isso. É certo ter gozo, porém não podemos viver disso. Não se pode ter um corpo vivo e funcionando sem um esqueleto; por isso, é preciso começar pelo esqueleto. Não se pode levantar um edifício sem erigir um andaime. É absolutamente essencial. Para chegarmos às grandes e emocionantes doutrinas temos primeiro que lutar com o problema da exegese correta. Muitas vezes a negligência nisso foi a causa de heresias. Envolve trabalho duro, no entanto é essencial, e é sempre gratificante.

Somos de imediato confrontados pela questão da exata significação do uso da expressão “Por conseguinte” aqui. Por que o apóstolo faz uso dela neste ponto, quando vai ocupar-se de um novo tema? O termo por ele empregado também pode ser traduzido pela palavra “Portanto”. Este problema tem deixado inquietos não somente os leitores comuns da Bíblia, mas também os comentadores desta Epístola; e tem levado a muito desacordo e discussão. Alguns podem ser tentados a

dizer: “Isso importa? Por que não vamos adiante com a interpretação? Por que aborrecer-nos em observar a ligação?” Minha esperança é que poderei mostrar que a ligação é de fato muito importante. Vocês não entenderão realmente as Epístolas paulinas se não entenderem a maneira de funcionar da mente do apóstolo e a razão pela qual ele diz algo onde ele o diz, e quando o diz, e não nalgum outro ponto. Em todo caso, é pouco inteligente passar por uma expressão como “Por conseguinte” e simplesmente saltar por cima dela sem pensar. Quando um homem como o apóstolo Paulo diz “Por conseguinte”, ele tem algum motivo para isso, e deixar de fazer perguntas a fim de descobrir esse motivo é um insulto ao escritor que estamos lendo.

De passagem, será que posso dar um pouco de instrução quanto ao método de leitura da Bíblia? Se vocês querem realmente desfrutar com prazer a sua leitura e o seu estudo da Bíblia, sempre façam perguntas a ela. Assim, quando Paulo diz: “Por conseguinte”, perguntem: “Por que ele diz isso?” Com que propósito e objetivo ele o diz aqui?” Depois procure a resposta.

Alguns dizem que, do versículo doze ao fim do capítulo, o apóstolo está meramente acrescentando uma espécie de epílogo ao que vinha dizendo. Eles argumentam no sentido de que ele estivera expondo a doutrina da “justificação somente pela fé” desde o versículo vinte e um do capítulo três, onde ele a introduzira com as palavras “Mas agora”, e que isto o ocupara até o fim do capítulo 4. Então dizem eles que no capítulo 5, versículos 1-11, ele tinha tirado deduções da doutrina; e agora, numa espécie de epílogo, faz um resumo final. Não é nada mais que um epílogo do que fora dito. Espero mostrar, à medida que prosseguirmos, que essa é uma explicação totalmente inadequada do “Por conseguinte” do apóstolo.

Outros, discordando da idéia de epílogo, dizem que Paulo introduz esta questão de Adão e da nossa relação com ele, e a comparação de Adão com o Senhor Jesus Cristo, apenas porque

este era um assunto de interesse para ele como judeu rabínico, e que o conteúdo desse trecho não passa de um parêntese entre a doutrina da justificação, que termina no capítulo 5, versículo 11, e a doutrina da santificação, que ele introduz no primeiro versículo do capítulo 6. Para tais pessoas, a expressão “Por conseguinte” é apenas uma expressão empregada para transição, em si mesma nada importante, e os versículos 12-21 não têm nenhuma verdadeira ligação com o que foi dito antes, nem com o que se seguirá.

Outra idéia que devo mencionar abertamente por causa da sua popularidade é a que se vê na Bíblia de Scofield, assim chamada. Ali o conceito sobre este “Por conseguinte” é que esta expressão se refere ao capítulo três, versículos 19-23, e, portanto, deve ser considerada como indicando uma retomada da discussão sobre a universalidade do pecado que – atenção para a palavra – foi “interrompida” pela passagem sobre a justificação pela fé e seus resultados. Assim é que, aqui, Paulo retorna àquele tema que tinha sido “interrompido” e passa a mostrar mais uma vez a universalidade do pecado. Em acréscimo, diz Scofield – e ele tem um título grande aqui – o apóstolo dá início à sua doutrina da santificação neste ponto, e continua a expô-la até o capítulo 8, versículo 13. O título é: “O pecado em nós e o remédio do evangelho” (“Indwelling Sin and the Gospel Remedy”).

Devo dizer que discordo totalmente dessa análise. Para começar, esse conceito não parece revelar compreensão do sentido de Romanos 3:21 – o “Mas agora”. O que Scofield chama de “interrupção” acerca da justificação não começa no versículo 24, e sim no versículo 21; e, longe de ser uma interrupção, tudo o que Paulo estivera dizendo tinha levado a isso. O apóstolo tinha mostrado a universalidade do pecado na segunda metade do capítulo primeiro e no capítulo 2, e também no capítulo 3, até ao fim do versículo 20. Ele tinha feito isso com o fim de apresentar o seu glorioso evangelho e de mostrar sua necessidade absoluta. O ensino sobre a

justificação não é nenhuma “interrupção”; é, na verdade, o grande tema da Epístola, o tema central da mensagem cristã. A idéia de que o apóstolo toma aqui um tema interrompido, parece-me, faz grave injustiça ao capítulo três, ao capítulo quatro e à primeira parte do capítulo cinco, e, para mim, erra completamente o alvo quanto ao versículo que estamos examinando agora. Além disso, o apóstolo não introduz repentinamente a doutrina da santificação aqui; ele está, como espero mostrar, fazendo algo muito diferente. A nota de Scofield mostra o perigo de tornar-nos escravos da classificação, e de separarmos justificação e santificação. Noutras palavras, essa exposição realmente não explica a expressão “Por conseguinte”; deixa-a no ar. É vista apenas como uma expressão de conjunção sem importância, sem relevância e sem sentido.

A única idéia mais que menciono é a do grande Charles Hodge. Diz ele que esta passagem, versículos 12-21, é introduzida aqui como uma ilustração da doutrina da justificação; e, ao que parece, ele a limita a isso. Concordo que ela tem relação com a doutrina da justificação e que, em certo sentido, é uma extensão dela, mas rejeito a opinião de que não é nada mais que uma ilustração dessa doutrina. O texto vai além disso, a algo ainda mais glorioso. Naturalmente, Charles Hodge, em seu comentário, introduz esta outra questão; porém parece que ele não vê a força da expressão “Por conseguinte” e a razão pela qual o apóstolo a empregou aqui. Não devemos limitá-la à justificação, uma vez que vai além dessa doutrina.

Rejeitando essas explicações do uso da expressão “Por conseguinte” no texto que estamos estudando, passemos a encarar o assunto positivamente. O que terá levado o apóstolo a introduzir neste ponto esta passagem sobre Adão, e a comparação de Adão com o Senhor Jesus Cristo, como também a nossa relação com ambos? Eis as perguntas que se deve fazer: esta seção teria alguma relevância com relação ao argumento

geral da Epístola aos Romanos? Se tem, qual é? Esta seção segue-se naturalmente do que acabou de ser dito, ou é outra partida, inteiramente nova? Acrescentamos a estas uma pergunta final: se esta nova seção é seqüência do que foi dito antes, seguir-se-ia disso, de maneira geral, de todo o argumento prévio, ou estaria ligada unicamente ao que acabou de ser dito no contexto imediato? Essas duas explicações são possíveis. Poderíamos argumentar no sentido de que, tendo terminado a sua grande exposição sobre a justificação pela fé e suas conseqüências, o apóstolo vai adiante e expõe a maior dedução tirada dela; ou poderíamos dizer que a conexão é mais local e imediata com o que ele disse nos versículos 9-11. Qual será?

Sugiro-lhes que ambas estas idéias são corretas – os versículos 12 a 21 têm uma imediata ligação com os versículos 9 a 11, e, ao mesmo tempo, só podem ser real e plenamente entendidos à luz de tudo o que o apóstolo diz desde o versículo dezesseis do capítulo primeiro. Noutras palavras, deve-se dar à expressão “Por conseguinte” o seu devido valor. Devemos estar sempre lembrados de que a mente do apóstolo Paulo era extraordinariamente lógica. Geralmente Paulo se move passo a passo, e estágio a estágio. Em suas cartas há sempre um esqueleto, um esboço, uma estrutura definida. Ele não escrevia suas cartas como alguns de nós tendemos a fazer. Pensamos numa coisa que queremos dizer, e a dizemos. Depois fazemos uma pausa e nos perguntamos: será que há mais alguma coisa que posso ou que devo dizer? Se vemos que há, inserimos isso. Nada está mais distante do método do apóstolo. Ele pensava com clareza e com lógica, e sempre planejava o que escrevia. Ele sempre apresenta sua causa e vai em frente e a desenvolve de um passo a outro, de um estágio a outro. Como veremos nesta seção, muitas vezes ele parece esgueirar-se pela tangente porque alguma coisa o atrai, mas logo volta à sua tese e prossegue firme com o seu argumento. Ele organiza as suas provas e desdobra a sua argumentação. Ele não lança

simplesmente os seus pensamentos ao acaso, sem nenhum nexo entre eles.

Neste aspecto Paulo difere de certos pregadores modernos que são muito bons e úteis a seu modo, mas nos quais é extremamente difícil descobrir uma clara linha no que eles estão dizendo. Eles fazem observações, todas excelentes e proveitosas, entretanto é difícil ver alguma conexão entre elas, como elas se originaram na mente deles e por que eles as introduziram nos diversos pontos. Isso é particularmente verdadeiro quanto aos pregadores que soem ser poetas e que pensam em figuras. É verdade também quanto ao pregador do tipo anedótico. É difícil seguir seus sermões porque lhes faltam esquema, ordem e organização. Outros pregadores são lógicos; partem de uma introdução, passam a uma primeira divisão, que leva a uma segunda, e esta a uma terceira, e, finalmente, a um clímax e à conclusão. Certamente o apóstolo Paulo pertencia a essa classe. Seu método era geralmente o que ele empregou na sinagoga de Tessalônica, onde ele “disputou... expondo e demonstrando” os fatos do evangelho (Atos 17:1-3).

Vejamos, pois, o que exatamente Paulo está fazendo na passagem que estamos focalizando. “Por conseguinte”, ele diz. Por que ele faz uso dessa expressão? Sugiro que a chave deve achar-se numa pequena palavra que está no fim do versículo 10. Dirigi a atenção para isso quando estivemos considerando aquele versículo que, na Versão Autorizada (inglesa), diz: “Pois, se quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida”. Mas eu ressaltei que a frase final não deveria ter a palavra “por”, e sim “em”, de modo que a leitura deveria ser: “muito mais, tendo sido reconciliados, seremos salvos em sua vida”. “Em” foi de fato a palavra que o apóstolo empregou. É a tradução que a Versão Revista (inglesa) traz na margem – “em” Sua vida.

Em sua excelente tradução das Epístolas de Paulo, Arthur

S. Way também diz “em” Sua vida. J. N. Darby, em sua tradução da Bíblia, na realidade diz “em” e depois, entre parênteses, acrescenta (“o poder da”) “sua vida”. Isso está certo; é exatamente o que significa. A palavra “em” significa “na esfera de”, ou “no domínio de”, ou “em conexão com” Sua vida. J. B. Phillips, cuja tradução é mais paráfrase do que tradução, e freqüentemente uma interpretação, e com a qual muitas vezes me vejo em desacordo, diz: “Certamente, agora que fomos reconciliados, podemos estar perfeitamente seguros da nossa salvação por meio do Seu *viver em nós*”. Não concordo com essa tradução no seu todo, mas certamente ela salienta a idéia de que há uma íntima ligação entre Cristo e nós. Não estamos sendo salvos “por” Sua vida; estamos sendo salvos “em” Sua vida.

Mas, que relação tem isso com o uso da expressão “Por conseguinte” aqui? No versículo 10 o apóstolo afirma o que já tinha insinuado no versículo 9, que nós não somente fomos perdoados em Cristo, que a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo a nosso favor não meramente obtém a nossa absolvição e o nossos perdão. Vai além disso. Estamos “em Cristo”. É dessa maneira que Deus nos salva. A nossa salvação não é somente externa, judicial e forense. Primariamente é isso, claro; é a justiça de Cristo imputada a nós; porém vai além disso. A reconciliação em Cristo Jesus não somente leva ao perdão de pecados e à declaração de que Deus nos considera como justos, mas também nos introduz em Cristo, e seremos final e definitivamente salvos “em” Sua vida. Se por Sua morte Ele nos libertou da ira de Deus e da punição dos nossos pecados, é por estarmos ligados a Ele em Sua vida que vamos ser salvos de tudo quanto nos separa da vida de Deus. Acaso não foi esse o argumento do versículo 10? – “Se quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido reconciliados, seremos salvos em sua vida”. O propósito do apóstolo é mostrar-nos a absoluta certeza e o caráter final e definitivo da nossa salvação, e a prova suprema

disso é que estamos “em Cristo”, em Sua vida, e nada jamais poderá cindir essa ligação.

Sugiro-lhes, pois, que os versículos 12-21 entram em cena da seguinte maneira: agora estamos “na” vida de Cristo. Todavia isso logo nos faz pensar em nossa situação anterior, e no que a causou. O apóstolo passa agora a tratar disso, e o introduz naturalmente pela expressão “Por conseguinte”. Ele irá mostrar que temos agora a mesma relação com o Senhor Jesus Cristo que tínhamos com Adão, antes da nossa salvação. A conexão expressa pelos termos “Por conseguinte” torna-se assim bastante clara. Tendo empregado a expressão acerca do nosso estar “em Cristo”, Paulo agora vai adiante e passa a salientar que a nossa salvação não é apenas uma questão de perdão, mas também de uma mudança radical de toda a nossa condição e da nossa posição diante de Deus. Agora estamos “em Cristo”; antes, porém, estávamos “em Adão”. O apóstolo tinha ressaltado a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo no versículo 10 a fim de mostrar a certeza e o caráter final e definitivo da nossa salvação, e ainda está interessado nisso. A certeza da nossa salvação depende fundamentalmente de estarmos em Cristo, da nossa condição e da nossa posição perante Deus. Por isso o apóstolo, para deixar isso bem claro, trata dessa questão em detalhe, mostrando como os crentes e toda a humanidade estavam anteriormente em Adão, mas agora, como resultado da sua justificação pela fé, os crentes estão “em Cristo”.

Ao fazer isso, Paulo mostra ao mesmo tempo a nossa necessidade de salvação e a glória e perfeição do método de salvação em Cristo Jesus. Na verdade, os versículos 12-21 são uma continuação do “muito mais” dos versículos 9 e 10, e, em particular, constituem uma explanação sobre os termos “em sua vida”, no fim do versículo 10. No entanto, ao mesmo tempo, eles nos dão uma explicação de tudo o que ele tinha dito sobre os judeus e os gentios na seção que vai do capítulo primeiro, versículo 8, ao capítulo 3, versículo 20. A nova seção

tem tanto uma conexão local como uma conexão mais geral. Ela mostra por que todos precisam ser redimidos, e que unicamente a justificação pela fé é o meio pelo qual obtemos a nossa salvação, por intermédio de Cristo Jesus, mas também mostra como isso torna possível a nova vida em Cristo Jesus.

Atrevo-me a opinar, na verdade a afirmar (e neste ponto concordo com o teólogo luterano sueco Nygren) que, de muitas maneiras, a seção que vai do versículo 12 ao fim do capítulo, constitui o cerne e o centro da Epístola aos Romanos. Primeiro, é um sumário ou a suma de tudo o que foi dito antes. O apóstolo expõe tudo aquilo aqui, mas de outra maneira. Não somente isso, porém; é também o princípio e a introdução de tudo o que ele irá dizer até o fim do capítulo 8. É a seção mais crucial da Epístola toda. A não percepção disso explica grande parte das excentricidades em sua interpretação.

É um sumário, reitero, de tudo o que foi dito antes. Esta porção nos leva diretamente de volta ao capítulo primeiro, versículos 16, 17 e 18. Ali o apóstolo anuncia qual vai ser o tema da sua carta aos romanos. Antes ele tinha dito como ansiava por vê-los, por estar com eles, porque tinha muita coisa para dizer-lhes. Nunca estivera com a maioria deles e, por isso, escreve-lhes uma carta. Esperava visitá-los, mas enquanto isso não se desse, queria que eles tivessem maior conhecimento do evangelho de Cristo a ele confiado. Daí ele escreve: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé. Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça". Essa é a declaração original, que ele então passa a desenvolver. Ele tinha provado que a ira de Deus está sobre os gentios e sobre os judeus; está sobre toda a humanidade. Contudo, ele dá graças a Deus porque

tem esta nova mensagem, que anuncia que Deus realizou algo em Jesus Cristo que nos liberta da referida ira e nos dá Sua justiça como uma dádiva gratuita. Podemos ser justificados pela fé e ser reconciliados com Deus.

Tendo desenvolvido isso, agora o apóstolo praticamente diz: “Estive mostrando que o mundo inteiro estava sob a ira de Deus”. Mas, como é isso, que o mundo inteiro está sob a ira de Deus? Que aconteceu com a humanidade para que ficasse nessa terrível condição? Por que deveria a humanidade ficar sofrendo sob a ira de Deus da maneira como temos visto? Sua resposta é que é tudo por causa do que Adão fez, e ele fala disso na presente seção. Assim ele está dando mais um passo na exposição do grande tema da humanidade decaída e sob a ira de Deus, e a vinda de Cristo para nos salvar e nos entregar a Deus, plenamente restaurados. Para entendermos o nosso problema e a nossa necessidade, precisamos entender o que aconteceu com Adão, e a nossa relação com Adão. Em Adão estamos todos perdidos, mas em Cristo há redenção para todos os que crêem. Ora, como este é o assunto de que Paulo vai tratar nesta seção, fica justificado o uso que ele faz da expressão “Por conseguinte” para introduzi-la.

Essa é a idéia principal; porém há também uma idéia subsidiária. As pessoas para as quais Paulo estava escrevendo achavam muito difícil, como acontece ainda hoje, crer na doutrina da imputação da justiça de Cristo a nós. Muitos ainda tropeçam, como naquela época, nesta doutrina da justificação somente pela fé. Somos propensos a continuar pensando que temos que salvar a nós mesmos mediante vida virtuosa, e que podemos fazer-nos cristãos por nós mesmos. Há sempre dificuldade em receber a salvação como uma dádiva gratuita mediante a justiça de Jesus Cristo. O apóstolo trata disso de maneira nova e vívida aqui. Ele assinala que não há nada de novo nesta idéia de imputação, porque a história de toda a raça humana só pode ser entendida em termos da nossa relação com Adão e da imputação do seu pecado a nós.

Noutras palavras, Deus sempre tratou com a humanidade por meio de um chefe e representante. Toda a história da raça humana pode ser resumida em termos do que aconteceu conosco por causa de Adão, e do que nos aconteceu e ainda nos acontecerá por causa de Cristo. Considerem o estado em que se acha o mundo na hora presente. Pensem nos armamentos, nas bombas atômicas, nos preparativos para a guerra e nos conflitos que hoje de fato sucedem. Que será que vai acontecer? Haverá uma terceira guerra mundial? Pensem depois em toda a miséria e infelicidade, no colapso moral, nos furtos, roubos e assassinatos, no divórcio e na separação; pensem nessas coisas todas. Por que isso? E por que sempre foi assim? Os livros de história nos contam que sempre foi esse o padrão dos fatos. Hoje o mundo não é diferente do que sempre foi. Por quê?

O apóstolo dá aqui a resposta. Ele diz que tudo isso vem de Adão, que tudo isso está ligado ao que Adão fez e à nossa relação com ele. Mas essa é apenas a metade da história da humanidade. Há também a história da Igreja Cristã e do povo cristão. Há pessoas, e houve pessoas, claramente diferentes. Algo lhes aconteceu, passaram por uma grande experiência, parecem novas criaturas. Encontraram uma nova alegria e felicidade, alegam que conhecem a Deus como seu Pai, e estão sendo libertas da tirania do pecado. Que aconteceu com elas? É tudo por causa do que Cristo fez e da relação delas com Ele. Essa é a história geral da humanidade, passada, presente e futura. Tudo depende da nossa relação com Adão e da nossa relação com Cristo.

O apóstolo expõe aqui essa verdade num grande e momentoso parágrafo. Ele resume tudo o que estivera dizendo. Ele nos havia conduzido através do tema com minúcias, mas agora o coloca desta nova maneira. Ele não tinha mencionado Adão antes; tinha simplesmente provado que todos os gentios estavam em pecado e sob a ira de Deus, como igualmente os judeus. Entretanto até aqui não nos tinha dito como foi que

ficamos envolvidos nessa situação calamitosa. Agora ele nos dá a explicação – foi consequência da nossa relação com Adão. Também estivera descrevendo positivamente a gloriosa salvação e nos tinha dito que esta ocorre mediante o sangue de Cristo, a morte de Cristo, a justiça de Cristo; porém aqui ele nos diz que há algo além disso – a nossa participação na bênção resulta da nossa relação com Cristo. Vemos, pois, que há uma continuidade, tanto em geral como em particular, com o que o apóstolo estivera dizendo antes.

Todavia, em segundo lugar, eu disse que esta porção não é apenas um sumário do passado, mas vai além disso no pensamento e no escopo. Por meio da diminuta palavra “em” (“na vida de Cristo”, versículo 10), o apóstolo nos introduz na maravilhosa e estupenda doutrina da nossa união com Cristo. É isso que ele agora deseja expor e salientar – tudo ainda, lembremo-nos, no interesse da absoluta certeza da nossa plena e suprema libertação – e ele faz isso mostrando que a nossa antiga relação com Adão nos propicia uma figura da nossa nova relação com Cristo. Ele diz isso explicitamente no versículo 14: “No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir”. Adão, diz o apóstolo, é uma figura, um quadro descritivo de Cristo, num sentido um tipo de Cristo. Entendam Adão e, em certo sentido, vocês começarão a entender Cristo. A relação da humanidade com Adão é uma figura da relação dos remidos com o Senhor Jesus Cristo. Na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, Paulo fala disso mais claramente quando afirma que Cristo é “o último Adão” (1 Coríntios 15:45). Chama-lhe “o último Adão” e depois, no versículo 47, chama-lhe “o segundo homem”. Adão foi o primeiro homem, Cristo o segundo homem. Adão foi o primeiro Adão, Cristo é o último Adão. Só houve dois chefes da raça humana, Adão e Cristo. Nunca haverá outro. E cada uma de nós está, ou “em Adão”, ou “em Cristo”.

É assim e por isso que o apóstolo introduz esta verdade concernente a Adão. Ele quer que entendamos que o Senhor Jesus Cristo é o Chefe de uma nova humanidade. Há uma nova raça de homens. Como ele diz mais tarde, no capítulo 8, versículo 29, Cristo “é o primogênito de muitos irmãos”. Na verdade, o Senhor Jesus Cristo introduziu uma nova era, um novo reino, uma nova ordem, realidades totalmente novas. O que Paulo quer que vejamos é que nós, como cristãos, não somente estamos perdoados, mas também nos tornamos membros de uma nova humanidade, de uma nova raça. Estamos “em Cristo” e, visto que estamos em Cristo, estamos em Deus, por assim dizer, somos membros da família de Deus, somos filhos de Deus. Deus é o nosso Pai num sentido novo, e somos Seus filhos. Não somente estamos perdoados; fomos libertos da área de domínio do pecado, da morte, da ira e da punição. Estamos numa nova área, no domínio da justiça, da alegria, da paz e da vida eterna que nunca poderão ser destruídas e das quais nada nos poderá separar jamais. Não estamos mais sob o reinado do pecado; estamos destinados a reinar em vida. É isso que Paulo quer que vejamos, e aqui ele começa a apresentar-nos as glórias de nosso estado e de nossa posição. Ele já havia sugerido isso no versículo 10 com a pequena palavra “em”. Agora ele está prestes a dizer-nos algo do que significa estar na vida de Cristo. Antes nós estávamos na vida de Adão; agora estamos na vida de Cristo. E, se devemos regozijar-nos nestas coisas, se devemos “alegrar-nos em Deus”, como ele dissera no versículo 11 (VA), precisamos entender estas verdades. É o homem, ou a mulher, que realmente sabe o que significa estar “em Cristo” que realmente se regozija. Não somente perdoado, não meramente perdoado, mas “em” – nesta nova esfera, parte integrante desta nova humanidade, “herdeiro de Deus” e “co-herdeiro com Cristo”!

Outra vez assevero que vamos examinar o que indubitavelmente é, num sentido, a seção mais importante de toda

esta maravilhosa Epístola. É a chave para o entendimento do argumento todo. Se não entendemos esta seção, significa que até agora não tivemos claro entendimento do que já estivemos estudando; e certamente significa que não vamos entender o que agora passamos a considerar.

Quais são, então, os assuntos tratados nesta seção vitalmente importante? O primeiro é a doutrina do pecado original. Vocês já perceberam que esta é a passagem bíblica clássica sobre a doutrina do pecado original? É o próprio eixo, o centro dela, o seu *locus classicus*. É a passagem mais importante de toda a Bíblia sobre essa doutrina. Que seção!

Em segundo lugar, é uma passagem muito importante com referência à historicidade dos três primeiros capítulos do livro de Gênesis. É lástimável que muitos cristãos atuais digam: “Ah, não tem importância se você aceita os três primeiros capítulos de Gênesis como históricos ou não; isso não faz nenhuma diferença para a nossa salvação”. Independentemente da atitude revelada quanto à autoridade das Escrituras por declarações como essa, ela é inteiramente errada do ponto de vista da doutrina da salvação. Esta seção insiste em nossa aceitação da narrativa de Gênesis como história fatural, real e literal. Vocês realmente não entenderão a necessidade de salvação se não crerem naquela história e não entenderem o que aconteceu em Adão, e se não entenderem a nossa relação com Adão. Portanto, esta seção é sumamente importante, e somente aqueles que entenderam o seu ensino é que não permitiram que certos cientistas os forçassem à aceitação da teoria da evolução.

Em terceiro lugar, é uma seção muito importante em termos do que se conhece como “Teologia do Pacto” ou “Teologia da Aliança”, que ensina que Deus sempre trata com o homem por meio de uma aliança, por meio de um acordo. Esta idéia é proeminente na Epístola aos Hebreus. Deus sempre trata com o homem por meio de uma aliança, e sempre tem alguém para representar o homem na aliança. Adão foi o

primeiro representante; o Senhor Jesus Cristo é o segundo.

Por estas razões – a doutrina do pecado original, a historicidade de Gênesis e a teologia da aliança – fica evidente que esta seção da Epístola aos Romanos é absolutamente vital para um verdadeiro entendimento da doutrina da redenção. Paulo já estivera explicando isso em detalhe em termos da “propiciação”. O que temos aqui é a doutrina da redenção exposta em termos amplos e especialmente seus aspectos finais. O escopo e o alcance deste parágrafo são os maiores e os mais amplos que se pode encontrar em qualquer parte dos escritos deste apóstolo, ou na verdade em qualquer parte das Escrituras. Paulo parece recuar e contemplar todo o panorama da redenção. Ali estávamos em Adão; aqui estamos em Cristo. E devido estarmos em Cristo, estamos nEle para todo o sempre; estamos salvos, estamos seguros. Como Paulo nos dirá no final do capítulo 8, nada “nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!”

Será ocioso saltar para os pormenores e para as declarações particulares, se você não tiver em mente o cenário de fundo, se não vir exatamente o que o apóstolo está fazendo, e por que ele o está fazendo justamente neste ponto em particular. Minha esperança é que agora isso esteja claro e simples. Podemos submeter-nos a um teste fazendo a seguinte pergunta: você compreende, você compreendeu que está “em Cristo”? Você compreendeu o significado dessa expressão? Quantas vezes a encontramos no Novo Testamento! Você entende claramente por que é um pecador, por que todos nós somos pecadores por natureza? Entende bem isso? Essa é a verdade explicada aqui.

Contudo, o aspecto positivo é ainda mais importante. Você realmente entende o que significa a redenção, a salvação? Você percebe que o perdão de pecados é apenas o primeiro passo, e que o fato realmente glorioso é que estamos em Cristo, que “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”? Somos membros de um novo gênero de povo, o povo de Deus, homens

e mulheres que serão o povo de Deus para todo o sempre. Que grande segurança temos porque estamos “em Cristo”! O cristão não é alguém que pode estar redimido e salvo hoje mas amanhã poderá cair e estar perdido. Não existe mais “dentro e fora” na salvação. Ou você está “em Adão” ou está “em Cristo”, e se você está “em Cristo”, tem segurança eterna, está nEle para sempre.

14

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça reinarão em vida por um só – Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça. Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:12-21

Continuamos nosso estudo desta seção, que descrevi como a linha divisória ou como o centro da Epístola, onde o apóstolo expõe em poucos versículos a sua grande mensagem essencial,

a saber, a salvação em Cristo Jesus. A passagem olha para trás e para diante, e nos apresenta as doutrinas bíblicas centrais e fundamentais.

Tendo-a examinado como um todo, passemos agora a uma análise geral do escopo da seção. Digo análise “geral” porque com esta seção, como na verdade com todas as outras seções das Escrituras, se as sabemos ler apropriadamente, é sempre sábio ter uma análise geral antes de passar a uma análise particular. Se as nossas mentes entendem bem o esquema, o rumo e a abrangência de toda a seção, estaremos em melhor posição para tratar de alguns pontos complexos e de algumas dificuldades das declarações particulares.

Ao iniciarmos com o versículo 12, logo nos chama a atenção o pequeno vocábulo “como”. “Pelo que” ou “Por conseguinte, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte...”. A palavra “como” sugere imediatamente uma comparação. O apóstolo está começando com uma comparação, “como” – “assim como”; “como” – “assim também”. Estamos familiarizados com este método, empregado quando lidamos com certas somas na aritmética envolvendo proporção – como esta está para aquela, assim uma terceira está para uma quarta. No versículo 12, com bastante clareza, o apóstolo se aventura a fazer uma comparação. Notemos, porém, que neste versículo ele não completa a sua comparação; ele como que deixa a palavra “como” no ar e não nos leva a nenhum “assim também”. Isso é importante porque alguns argumentam que a expressão “e assim” no meio do versículo significa “assim também” (cf. Almeida), e lêem assim a declaração apostólica: “Por conseguinte, como por um homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”. A resposta simples a isso é que o apóstolo escreveu “e assim”, e “e assim” nunca pode significar “assim também”, por esta boa razão: “e assim” não sugere contraste, mas continuação. Todavia está claro que o apóstolo está

começando com uma comparação e com um contraste. Isso não é questão de opinião, porém até mesmo aqueles que preferem traduzir a expressão por “assim também” têm que admitir que, na verdade, estão fazendo violência à linguagem que o apóstolo empregou. O apóstolo escreve “e assim”, e é vitalmente importante que tenhamos isso em mente.

Como prova deste ponto, vejam o versículo 18 e observem os termos exatos empregados pelo apóstolo: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também...”. Aí está um “como” (VA) corretamente seguido de um “assim também”. Nesse versículo temos um paralelo, uma comparação efetivada, “como” – “assim também”. Mas ele não fala dessa maneira no versículo 12. Ele continua a sua declaração com as palavras, “Por conseguinte, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”. Temos, pois, este ponto interessante, que é iniciada uma comparação aqui, mas não é completada. Em vez de completar a comparação, ele sai com um parêntese. Na Versão Autorizada (inglesa) há um parêntese no início do versículo 13 que só vai se fechar no fim do versículo 17. A Versão Revista (inglesa) faz realmente a mesma coisa por meio de travessão, o que também indica parêntese. Evidentemente isso é importante do ponto de vista da nossa análise geral da seção. Em vez de completar a comparação, em vez de inserir seu “assim também” para corresponder ao “como”, é óbvio que o apóstolo sentiu que era essencial dar mais ampla explicação e dar desenvolvimento à sua primeira declaração.

Suponho que o que aconteceu na mente do apóstolo foi algo como o seguinte: primeiro, ele firma esta proposição: “Como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”; depois ele disse a si mesmo: “Pergunto-me se os cristãos de Roma estão todos entendendo

claramente isso. Antes de completar a comparação, vou certificar-me bem dessa questão”. Por isso (em nossa tradução inglesa) temos colchetes, travessão, parêntese.

Ele começa o parêntese no versículo 13. Sigamo-lo até o fim do versículo 14. Esta é uma exposição do que Paulo tinha acabado de dizer: “o pecado (a morte) passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”. É isso que precisa ser explicado, pelo que ele diz: “Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir”. Só mais tarde faremos uma exposição completa sobre estas palavras. Tudo o que estou asseverando agora é que os versículos 13 e 14 são uma explicação do que ele quer dizer quando afirma que “o pecado passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”.

Isso nos leva ao versículo 15: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa”. Aqui os nossos tradutores diferem na pontuação. Na Versão Revista o parêntese parece terminar no fim do versículo 14, mas na Versão Autorizada o parêntese vai até o fim do versículo 17. Qual delas está certa? Na realidade faz pouca diferença, porque o sentido acaba sendo praticamente o mesmo; entretanto, por amor ao esmero intelectual e ao entendimento, pessoalmente concordo com a Versão Autorizada, pela seguinte razão: acredito que o que aconteceu aqui foi que o apóstolo de novo sentiu que tinha feito uma declaração que precisava ser explicada, ampliada e definida, particularmente a sua afirmação de que Adão “é a figura daquele que havia de vir”. Aí ele quase chega a usar o “assim também”, que deveria corresponder ao “como” do versículo 12; mas outra vez parece achar que esta declaração precisa ser explicada, e assim, nos versículos 15, 16 e 17 ele explica em quais aspectos Adão é realmente uma figura “daquele que havia de vir”, a saber, Jesus Cristo.

A figura não é exata; há tremendas diferenças. A transgressão de Adão, uma só, trouxe a condenação sobre muitos; mas no caso de Cristo, graças a Deus, muitas transgressões foram expiadas, e muitos são libertos por um ato único de um homem. É possível fazer uma comparação entre Adão e Cristo, mas não deve ser exagerada, diz o apóstolo. Há diferenças e contrastes; e são contrastes deveras gloriosos. Assim ele passa a expô-los, e se gloria neles, como veremos quando os desenvolvermos em detalhe. Noutras palavras, estou sugerindo que os versículos 15, 16 e 17 são, digamos, um parêntese dentro do parêntese maior que começa no versículo 13 e termina no versículo 17.

Será isso um mau estilo literário? É, mas freqüentemente o apóstolo esquece totalmente o estilo. Graças a Deus por isso! O estilo quase matou a Igreja e a sua mensagem, ao que me parece. Há aproximadamente cem anos os pregadores começaram a interessar-se pelo estilo. Eles liam Burke e Gibbon, e mais tarde começaram a ler Macaulay, e a imitar o estilo deles. A grande idéia era ter um ministério culto, e assim os pregadores se puseram a escrever ensaios e homilias em vez de sermões. A forma se tornou mais importante que o conteúdo, o estilo mais que a substância. O importante não era tanto a verdade proclamada, e sim, a maneira pela qual era proclamada. Nada está mais longe do modo de ser e de agir do apóstolo Paulo. Impulsionado pelo grande ímpeto do seu pensamento e pela majestade dos conceitos, e ansioso por transmitir a verdade à igreja em Roma, ele não hesita em introduzir um parêntese, e outro dentro do maior. Nada é mais fatal do que pensar no apóstolo meramente em termos de um homem de letras. Ele era um evangelista, um pregador, um mestre, um pastor, que tinha que escrever em meio a uma vida cheia de atividades, freqüentemente com importunações, e de fato muitas vezes na prisão. Acresce que as suas cartas são apenas sinopses do que ele teria exposto mais longamente, se estivesse pessoalmente com as pessoas para as quais escreveu. Contudo,

no fim do versículo 17 Paulo concluiu o trecho parentético, pelo que os nossos tradutores o fecham.

Nos versículos 18 e 19 Paulo, por fim, completa definitivamente a comparação iniciada no versículo 12, mas interrompida pelo parêntese. “Pois assim como” é um retorno à declaração do versículo 12. Ele a retoma e a repete. É como se dissesse: “Pois bem, eu os levei a entender bem os detalhes disso tudo e, assim, tendo-os compreendido, agora vocês estão prontos para acompanhar-me sem tropeços naquilo que tenho para dizer”. “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também” – agora ele completa a declaração – “por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”. E então, no versículo 19: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim” – ele concluiu com digressões e parênteses, tudo está claro e ele pode expô-la claramente agora – “assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”. Dessa maneira ele faz a exposição completa! Os parênteses ajudaram muito, realmente; sim, porque por meio deles o apóstolo pode expor o método de salvação mais completa e explicitamente do que seria possível se tivesse concluído sua exposição imediatamente no versículo 12.

Passemos a mais um ponto, introduzido nos versículos 20 e 21, onde lemos: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Temos aí uma espécie de pós-escrito, e sumamente importante. O apóstolo estava sempre interessado em ajudar a resolver as dificuldades dos judeus, especialmente os que eram membros da Igreja Cristã Primitiva. Mesmo nas igrejas gentílicas havia bom número de judeus, e certamente havia judeus em Roma. Em todo caso, os cristãos do século primeiro estavam sempre tendo que contestar os argumentos

apresentados pelos judeus a respeito da Lei e seu propósito.

Como vimos, o apóstolo vem fazendo uma exposição geral que, à superfície, poderia dar a impressão de que a Lei não tem nenhum lugar ou nenhum propósito, e que não tem a menor importância. Ele vai a Adão e parece inferir que até a vinda de Cristo nada teve importância. Os judeus argumentavam: “Veja o lugar dado à Lei no Velho Testamento. Porventura alguém pode ignorar e despedir a Lei desse jeito?” Estes dois versículos são a sua resposta a essa crítica. Ele não ignora nem despede a Lei, mas, antes, mostra o seu verdadeiro lugar e função. Nunca a Lei foi apresentada como método de salvação. Esse foi o erro fundamental dos judeus. Eles fizeram dela uma parte vital do plano de salvação. Entretanto esse nunca foi o propósito para o qual ela foi destinada. Sua função era a de aio ou preceptor para levar-nos a Cristo e à salvação realizada por Ele, como Paulo diz em Gálatas 3:24. No texto que estamos analisando lemos: “Veio, porém, a lei”. Para quê? “Para que a ofensa abundasse”; noutras palavras, para podermos ver o real caráter da ofensa – do nosso pecado. A Lei o aclara, o avulta; num sentido o exagera e o faz sair à luz.

Mas, graças a Deus, isso não é tudo, pois, “onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também...”(VA: “assim também...”). Como Paulo gosta do “assim como” e do “assim também”! Que mente lógica ele tinha! “Assim como” – “assim também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” Veio a Lei, diz ele, para que a situação da humanidade em pecado ficasse perfeitamente definida e clara; noutras palavras, para que o mundo inteiro fosse convencido e se tornasse como réu convicto, sendo visto como culpado diante de Deus. No entanto, acima e além disso, a Lei veio para que a superioridade da graça refulgisse mais, e mais gloriosamente. Quanto mais enxergarmos e entendermos a natureza do pecado e o que ele fez à raça humana e a cada indivíduo, sem exceção, mais nos maravilharemos e mais admiraremos a extraordinária

e superabundante graça de Deus.

Essa é, pois, a análise geral da seção. O argumento principal, a principal declaração, o maior impacto do parágrafo todo está em nos dizer que, como estávamos relacionados por natureza com Adão, igualmente nós, cristãos, estamos relacionados por graça com o Senhor Jesus Cristo. Esse é o grande princípio. Devemos agarrar-nos a ele e mantê-lo sempre em nossa mente, ou, de outro modo, erraremos em nossa exposição pormenorizada. Às vezes se diz que a gente não vê a floresta por causa das árvores. Esse é o perigo que corremos nesta altura. Quando nos defrontamos com uma passagem difícil como esta, sempre é bom dar um passo atrás, por assim dizer, e, primeiro, observá-la como um todo. Não se metam logo nos pormenores, ou ficarão confusos. Afastem-se, assegurem-se do princípio dominante e, tendo-o examinado, ser-lhes-á mais fácil o domínio sobre as várias declarações particulares.

Em quase todos os passos da vida este princípio altamente importante mostra-se bom. Olhem o todo antes de olharem as partes; inspecionem o todo antes de começarem a analisá-lo. Procurem ter uma visão totalmente abrangente, uma visão panorâmica, antes de mergulharem nos detalhes. Se os estadistas do mundo tivessem este princípio em mente, as coisas andariam muito melhor. Falo em termos internacionais bem como nacionais. A percepção ampla, a visão panorâmica é essencial, se queremos entender as dificuldades particulares. Isso é certamente de vital importância no trabalho médico, e os estudantes são sempre concitados a examinar o paciente como um todo, antes de começarem um exame minucioso. É particularmente importante aplicar este procedimento quando nos vemos porfiando com esta vital e crucial passagem desta Epístola. A grande verdade aqui ensinada é que a nossa relação com Adão era, em essência e em princípio, idêntica à nossa relação atual com o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Neste momento estamos preparados para examinar a seção de maneira rigorosamente minuciosa. Quão importante é o

versículo 12! Ele controla a interpretação da passagem toda e, contudo, ao mesmo tempo, devo assinalar que o sentido da passagem como um todo ajuda-nos a interpretar este versículo em particular. Quando nos empenharmos em resolver a real dificuldade desta declaração, precisaremos usar alguns dos outros versículos para nos ajudarem, porque eles lançam luz sobre ela. Eles são suas extensões, ou conclusões dela extraídas. Isso justifica o nosso método de primeiro ter uma visão geral da declaração toda. As conclusões tiradas de uma declaração ajudam a esclarecer o significado da declaração propriamente dita; muitas vezes o contexto determina o sentido exato de um texto difícil.

Do ponto de vista da teologia, o versículo doze da passagem em foco é um dos mais importantes da Bíblia. Vamos abordá-lo da seguinte maneira: todo aquele que se preocupa com o problema da vida no mundo como ele é atualmente, defronta-se com dois fatos inegáveis. Primeiro, há a universalidade do pecado. Naturalmente nem todos lhe chamam pecado, mas mesmo os que assim fazem têm que admitir e confessar que existe algo que estraga e arruína a vida. Têm que admitir, ademais, que a humanidade em geral parece preferir fazer o que é mau a fazer o que é bom e certo; que, se disserem a uma criança que não faça uma coisa, imediatamente a criança vai querer fazer aquilo, e, freqüentemente, passa a fazê-lo. Muitas vezes o homem do mundo admite isso sem que se lhe peça, e gratuitamente diz: “Claro, não estou afirmando que sou santo”. Com isso ele está dando assentimento à universalidade do pecado. “Santo” é coisa que não existe. Que o pecado é universal é um fato.

O segundo fato é a universalidade da morte. “Quem vive nasceu para morrer”, como o expressa o poeta Dryden. Pensem num bebê nascido há cinco minutos. “Ah”, vocês dirão, “aí está alguém que, seja como for, está começando a viver”. Mas tenho igual direito de dizer: “Aí está alguém que está começando a morrer”. No momento em que a pessoa está entrando

no mundo, está começando a sair dele. O instante em que você respira pela primeira vez é tão-somente o primeiro de uma série de instantes que levam à sua última respiração. “Aos homens está ordenado morrerem uma vez”, diz o autor da Epístola aos Hebreus.

Com efeito, os dois fatos levantam a questão: como explicar a universalidade do pecado e a universalidade da morte? Por que todos nós somos o que somos por natureza? Por que esta conduta, este mau comportamento de que somos todos culpados? E por que morremos? Por que estas coisas são universais? As respostas a estas perguntas entram em duas categorias. Há subdivisões e aparentes contradições, mas, basicamente, são apenas duas respostas.

Em primeiro lugar, há a resposta não bíblica, que se encontra numa diversidade de formas. Refiro-me a todas as repostas não baseadas no ensino bíblico, e, sim, nas filosofias dos homens, na ciência inclusive. Elas representam a afirmação do que o homem acredita ser a explicação contrária ao que a Bíblia dá como a explicação. A alegação é essencialmente esta: o homem nunca foi perfeito; o homem não foi feito perfeito, mas é uma criatura que evoluiu e continua evoluindo do animal. O animal vive em resposta aos seus desejos, cobiças e paixões. Todavia o homem evoluiu, indo além desse ponto; as convoluções do seu crânio são mais desenvolvidas; seu cérebro, a parte superior do crânio, desenvolveu-se em verdadeiro contraste com o restante. É isso que diferencia o homem dos animais. Mas o homem ainda não despejou fora todo o seu passado; tem ainda a mesma natureza animal básica, porém, em acréscimo, tem sua mente, e ela dotada de razão e entendimento. Assim há um conflito no homem, o conflito entre a parte superior e a inferior. Esse é o seu conceito sobre o homem. Ele nunca foi perfeito, mas está evoluindo, e a esperança dos homens do mundo é que daqui a alguns milênios o ser humano terá evoluído tanto que se desprenderá e se desfará de todas as coisas que lhe causam problema; e assim se tornará perfeito.

Segundo esse conceito, realmente não existe pecado, porque o homem sempre foi desse jeito. Não é que outrora ele foi criado perfeito, caiu em tentação e, com isso, tornou-se pecador e culpado. Os proponentes da idéia evolucionista discordam francamente do termo pecado. O que a Bíblia chama pecado eles consideram como algo negativo na constituição do homem. Dizem eles que o problema do homem não é que ele seja positivamente mau ou positivamente maligno; seu problema é que ele ainda não desenvolveu suficientemente o bem que há nele e as suas melhores qualidades e inclinações. Eles insistem conosco no sentido de que nos descartemos da idéia bíblica de pecado e de culpa. Devemos tomar o homem como ele é, e não esperar que ele seja perfeito neste estágio. Virá o dia em que terá desenvolvido estas qualidades mais elevadas e melhores, de modo que poderá exercer controle sobre as outras. Mas ainda não. O homem ainda se encontra numa fase negativa, não se tornou suficientemente positivo. Aí está, dizem eles, a origem de todos os problemas, dificuldades e deficiências do homem. Noutras palavras, eles querem livrar-se completamente da noção de pecado, porque o pecado, conforme o ensino bíblico, é positivo, não negativo. O homem, insistem eles, não é realmente mau; o que se deve dizer dele é que ele não é bom. Quando se vir um homem sobre quem pesa a culpa de embriaguez, assalto violento, crueldade, e de todo tipo de covardia e malandragem, não se deve dizer que ele é mau; o que se deve dizer é que lhe faltam qualidades boas, enobrecedoras e cativantes.

Quando se lhes pede que expliquem a universalidade da morte, retrucam que a morte é apenas uma parte da constituição humana, uma parte necessária ao mecanismo geral da vida. A vida começa, desenvolve-se, cresce, amadurece, floresce, e, tendo atingido o seu ponto mais alto, o seu zênite, entra em declínio, em decadência, e finalmente morre. Esta é a norma da existência humana; é algo inerente à própria vida subir até a sua altura meridiana, e depois declinar e desaparecer. Segundo

este conceito, a morte é simplesmente uma parte do ciclo da vida. Permitam-me ilustrar o que estou querendo dizer.

Lembro-me de uma longa discussão que tive há uns vinte e cinco anos com o diretor de certa escola teológica. Chegando à questão da morte, começamos a discutir sobre o versículo que diz: “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto” (João 12:24). “Sim”, disse ele, “isso é muito simples.” Eu tinha citado esse versículo relacionando-o com toda a questão da expiação, e afirmara que era disso que o nosso Senhor estava tratando ali. “Não, não”, disse ele, “não é isso. É aí que vocês, com suas mentes legalistas, ficam impondo as suas idéias sobre a bela e simples visão que Jesus tinha da vida. Você não vê”, disse ele, “que Jesus está apenas ilustrando ali este princípio inerente à vida? Você coloca a semente no solo; se ela permanecer viva, não terá nenhum valor, mas se ela morrer, degenerar-se e se decompuser, ocorrerá um processo químico que levará à renovação da vida, e daquela única semente surgirão muitos talos de erva ou de cereal. É assim que funciona. Nada se perde. Você afirma que quando morre alguma coisa, é o seu fim. Contudo não é esse o caso. Quando as árvores, as flores e os animais morrem, a matéria decomposta proveniente deles é muito valiosa. Ela produz nitrogênio que, afinal de contas, é a base da vida, e muitos outros elementos constitutivos essenciais. A morte leva à vida mediante a liberação do nitrogênio necessário para formar as moléculas da nova vida. A morte é apenas parte do ciclo da vida.” Esse era o ponto de vista do diretor. O máximo a que chega é que a morte é parte essencial do processo e do ritmo da vida e, conseqüentemente, nunca houve tempo em que não havia morte. Na essência, esse é o argumento não bíblico.

Qual é o conceito bíblico? Acha-se no versículo doze deste capítulo. Examinemos as palavras – “Pecado”. Vocês notaram como o apóstolo personaliza o pecado? “Pelo que”, diz ele, “como por um homem entrou o pecado no mundo...”. O

pecado abriu uma porta. O pecado “entrou”. O pecado é personalizado. Mais adiante diz o apóstolo que “o pecado reinou”. Que será que ele quer dizer com isso? É seu modo de afirmar que o pecado não é apenas a falta de certas qualidades, não é mera fase negativa, mas, sim, que o pecado é ativo, é positivo, faz coisas; o pecado entra, reina, dirige, governa e manifesta um tremendo grau de atividade. Evidentemente temos aqui algo que contradiz completamente o conceito não bíblico. Esta personificação do pecado é característica do ensino bíblico. Isso não nos surpreende, pois o pecado entrou por meio da pessoa do diabo. Naturalmente, os que defendem o outro conceito não acreditam no diabo. Ridicularizam toda a idéia concernente ao diabo, riem-se e zombam dela. “Imagem! Ainda crer no diabo!”, exclamam eles. Mas aqui o apóstolo mostra que o pecado, como algo muito positivo, deve ter uma causa suficiente para explicá-lo. Assim Paulo o personaliza para lembrar-nos de que ele entrou dessa maneira.

Que é que o apóstolo quer dizer com pecado? Várias coisas. Que o pecado é um ato de transgressão e de desobediência que leva à culpa, um ato que, por sua vez, leva à depravação, à mudança da natureza da pessoa. Para o apóstolo, pecado significa também afastar-se da justiça e tornar-se injusto; significa natureza depravada e corrupta e que, por seu turno, leva a um constante “errar o alvo” e à prática de mais atos de desobediência, transgressão e violação da santa Lei de Deus. O pecado é uma atitude de ódio e de rebelião contra Deus e a recusa a obedecer à Sua santa Lei. Há nuances de sentido de pecado em diversas partes das Escrituras, mas o contexto esclarecerá bem qual o aspecto exato ali presente. Pecado significa que um novo princípio dominante entrou na vida do homem. Significa que estamos numa condição decaída, que somos depravados e culpados, que os nossos hábitos e as nossas práticas são governados por esse princípio dominante.

O segundo termo é descritivo do que o pecado fez; o pecado “entrou no mundo”. O verbo significa realmente – e é uma

palavra forte – “invadiu”. O apóstolo não quer dizer que o pecado “começou a estar” no mundo. Ele “entrou no”, “invadiu o” mundo. O pecado irrompeu no mundo; intrometeu-se na vida do homem. A implicação dessa afirmação é da máxima importância e constitui uma parte essencial de todo o ensino bíblico concernente ao homem, ao mundo e à história da redenção. Houve um período da história universal em que o mundo estava inteiramente livre do pecado. O pecado é um invasor. Deus fez o mundo perfeito e lhe chamou Paraíso. Também fez o homem perfeito, à Sua imagem e semelhança. Ele olhou para tudo o que tinha feito, e viu que era bom. Não havia pecado. Entretanto este entrou no mundo. Quão diferente esta perspectiva do conceito não bíblico!

Mas, para colocar a mesma verdade numa linguagem doutrinária, teológica, mais estrita ainda, o apóstolo, nesta frase tremenda, coloca-nos face a face com a doutrina da Queda. Deus fez o homem à Sua imagem. Originariamente, no princípio, o homem era íntegro; tinha uma justiça original e uma vida de obediência a Deus e de comunhão com Deus. Contudo caiu. O pecado entrou em cena e levou o homem àquele ato de rebelião e de desobediência que produziu culpa e aquela condição e forma de vida que todos nós conhecemos muito bem. A universalidade do pecado só é verdadeiramente explicada pela doutrina da Queda.

Isso nos leva à terceira afirmação: “e pelo pecado a morte”. Temos aqui a explicação bíblica da universalidade da morte. Dizendo morte, o apóstolo refere-se principalmente à morte física. Não se refere unicamente à morte física, mas é a que ele salienta aqui. O pecado levou também, inevitavelmente, à morte espiritual pelas razões que acabei de lhes oferecer, porém a principal ênfase aqui é à morte física. Já vimos que, de acordo com o ensino bíblico, “morte” não é apenas resultado da constituição humana, nem mera parte do ciclo da vida. Não é essa a verdade acerca da morte. “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo e... a morte”. De onde veio

a morte? Ouçam a resposta do apóstolo: “pelo pecado”. Foi o pecado que introduziu a morte. O pecado é a causa da imposição da morte como castigo. A morte é penal; veio como punição do pecado; não existia antes. A morte foi introduzida no mundo pelo pecado numa demonstração do fato de que “o salário do pecado é a morte”.

Tudo isso mostra a importância de crermos no ensino dos primeiros capítulos de Gênesis e de deixar-nos dirigir por eles. Vejam Gênesis 2:17, a primeira declaração desta verdade. Deus disse ao homem: “Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Eva repetiu essa declaração à serpente, como vemos no relato da tentação no capítulo 3, e ela reaparece no versículo 19. Deus pronunciou este julgamento: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra” – isto é, até à morte – “porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás”. Esse ensino percorre toda a Bíblia. Paulo o resume em 1 Coríntios 15:56, dizendo: “O aguilhão da morte é o pecado”. Noutras palavras, se Adão não pecasse, não teria morrido. Isso não significa que, pela criação, Adão já estava numa condição imortal, e que continuaria como tal por toda a eternidade. Ele era perfeito, mas não fora glorificado. Adão tinha ainda que conseguir a imortalidade, porém não havia nele nenhum princípio de morte; e ele não teria morrido, se não tivesse pecado. Para ser glorificado e para tornar-se imortal, seu corpo teria que ser transformado para corresponder ao corpo glorificado do Senhor Jesus Cristo, mas, se ele não tivesse caído em pecado, não teria morrido. A morte foi consequência direta do pecado. É a punição do pecado, é penal. Não é tão-somente uma parte da constituição humana.

Passemos a seguir à quarta afirmação do versículo, que é: “a morte passou a todos os homens”. “Passou a” significa “abriu caminho para chegar a” cada membro individual da raça humana. Assim a realidade da morte tornou-se universal, e todos nós nascemos para morrer. Aprenderemos mais

sobre esta trágica verdade mais adiante, quando o apóstolo desdobrar a sua mensagem.

Finalmente, notem a declaração: “por um homem”. A morte universal, que se tornou o destino de toda a humanidade, é resultado da ação de um só homem. Um só homem produziu tudo isso, não a humanidade. Aqueles que não se submetem à autoridade das Escrituras ou não as aceitam como a Palavra de Deus dizem: “Adão representa a raça, a humanidade, o homem em geral”. Mas Paulo diz “um homem”, um indivíduo. No versículo 14 ele se refere especificamente a Adão como um indivíduo da mesma maneira como se refere a Moisés como um indivíduo. Na verdade, o objetivo da passagem toda é, como vimos, comparar e contrastar o homem Adão com o homem Jesus Cristo. Se vocês disserem que Adão não era um homem mas a raça, terão que dizer que Cristo não era um homem porém que representa uma idéia geral de uma nova humanidade. Mas então o objetivo total da passagem desaparece. Se quiserem dar-se ao trabalho de contar, verão que Paulo emprega o termo “um” doze vezes, do começo do versículo 12 ao fim do versículo 19, como que para se antecipar às teorias modernas e para refutá-las antes de nascerem. Ele fica dizendo “por um”, “de um”, “dum só”; “por um só”; “de uma só ofensa”; “ofensa de um só”: “reinarão em vida por um só”; “por uma só ofensa”; um, uma, um só!

O apóstolo não está se referindo à humanidade, mas a uma só pessoa, a um só indivíduo, cujo nome era Adão, o primeiro homem. Se aceitamos ou não o ensino do apóstolo não é a questão no momento; nosso interesse é descobrir e entender o que ele diz. Insinuar e implantar estas outras idéias na mente do apóstolo Paulo e dizer que ele, há mil e novecentos anos, defendia estas teorias céticas modernas. Isso é ridículo. Ninguém pode ler os escritos do apóstolo honestamente e com mente aberta sem admitir que ele cria que o que lemos em Gênesis, capítulos 1, 2 e 3, é história

literal. O nosso Senhor também cria na mesma coisa. Por certo vocês se lembram do que Ele disse: “Desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea” (Marcos 10:6). O nosso Senhor cria no Velho Testamento e o recebeu como ele se apresenta. Ele o citou muitas vezes, e ali, como em toda parte, Ele mostrou claramente que cria que o que está escrito em Gênesis, capítulos 2 e 3, é história real. Ele cria no ensino sobre “um homem”.

Resumindo, o ensino aqui – e este é o ensino da Bíblia toda – é que tanto o pecado como a morte “entraram” na vida do homem e na história da raça humana como resultado direto daquele ato de desobediência do homem Adão. Esse é o ensino. Devemos desenvolvê-lo mais adiante para vermos como o apóstolo o expõe com maior clareza ainda. Mas aí está, em geral, a declaração do versículo doze.

O nosso estudo comprova a nossa afirmação de que não é indiferente qual seja o conceito que vocês defendam a respeito de Gênesis, capítulos 1, 2 e 3. Se vocês não acreditam que houve um Adão literal e que o que Paulo diz sobre ele nesta Epístola é verdade, por que haverá alguma necessidade de perdão? Por que a necessidade da expiação? Por que Cristo precisou assumir a natureza humana? Em meu julgamento, rejeite-se o Adão literal, e toda a causa cristã e a mensagem cristã entrarão em colapso. Não se pode tratar a Bíblia com leviandade. Ela é um todo coeso. Cada parte está entrelaçada com todas as demais, e todas dependem umas das outras nesta admirável unidade. O grande tema da Bíblia, do começo ao fim, é o homem e seu mundo em relação com Deus. Ela narra como o homem errou e as conseqüências disso; porém, graças a Deus, ela nos diz também que o homem pode ser restaurado. Adão! Cristo! “Assim como em Adão, assim também em Cristo.”

15

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos. Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça. Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:12-21

Em nossa exposição deste crucial versículo (5:12), chegamos agora à última declaração, que é a mais difícil de todas. Como se acha na Versão Autorizada (inglesa), é: “pois

que todos temos pecado”. Está ligada, como vocês podem notar, à declaração anterior: “assim também a morte passou a todos os homens, pois que todos temos pecado”. Pois bem, concorda-se geralmente que esta declaração é a mais difícil declaração singular desta Epístola. Mas, embora difícil, é ao mesmo tempo altamente importante.

A primeira coisa que se deve determinar é a tradução correta; e, infelizmente, a Versão Autorizada não é boa aqui. Uma tradução melhor seria feita substituindo “pois” por “porque”, e “temos pecado” por “pecaram”, e assim teríamos: “porque todos pecaram”. Mas talvez vocês perguntem: qual é a diferença? Este é um ponto crucial. Se vocês disserem que “todos temos pecado”, estarão fazendo uma afirmação geral que naturalmente é verdadeira. Significa que todos realmente e de fato têm cometido pecado. No entanto, não é isso que o apóstolo estava interessado em dizer. O que ele de fato diz é que “todos pecaram”.

Não estou sozinho na defesa desta opinião. Vocês verão que, fora a Versão Autorizada, todos os tradutores e expositores (da língua inglesa) estão de acordo nisto. O apóstolo empregou aqui o tempo aoristo, que comunica a idéia de um ato definitivamente completo na história, um evento ou fato histórico, não uma descrição de um estado geral. É devido o apóstolo deliberadamente ter empregado esse tempo verbal que a tradução certa é “porque todos pecaram”. (Almeida, Atualizada). O apóstolo está se referindo a uma ação específica realizada num ponto particular do tempo. Dizer “todos temos pecado” significa que podem ter pecado ontem ou na semana passada ou em qualquer outro tempo; mas a expressão do apóstolo refere-se especificamente a uma ação definitivamente consumada. “Todos pecaram.”

Eis então o nosso problema: que será que o apóstolo quer dizer concretamente? Diz ele que “assim a morte passou a todos os homens porque todos pecaram”. Ao abordarmos este problema, firmemos dois princípios que nos ajudarão. O

primeiro é este (e digamos de passagem que este é um bom modo de abordar qualquer passagem difícil): não se apresse a examiná-lo, não o aborde demasiadamente direto. O segundo princípio de interpretação é: tente encontrar algumas situações relacionadas com a que está em foco quanto às quais você se sente bem seguro, parta dessas situações e então vá caminhando para o problema que está querendo resolver. Aplicando esse método, podemos proceder como segue: devemos lembrar-nos de que o principal objetivo da seção toda é manter diante de nós a comparação entre Adão e o Senhor Jesus Cristo. Adão era a figura daquele que havia de vir”. A finalidade dessa comparação é dar ênfase ao fato de que a nossa relação com um é exatamente paralela à nossa relação com o Outro. Aquilo que é real com respeito a nós em Adão é real com respeito a nós em Cristo. É vitalmente importante apegar-nos a isso, porque, se a nossa exposição ou interpretação de alguma declaração particular ferir aquele princípio determinante, teremos que rejeitá-la de vez. A segunda coisa que nos ajuda é que, como já vimos, os versículos 13 e 14 visam expor a frase que agora estamos examinando.

Permitam-me repetir a afirmação do apóstolo: “a morte passou, entrou na vida de toda a humanidade, porque todos pecaram”. A universalidade da morte é resultado do fato de que todos pecaram. É isso que Paulo está dizendo; não há lugar para duas opiniões sobre esse ponto. Mas, qual será o sentido exato? Vejamos de novo os versículos 13 e 14: “Porque”, diz ele (Paulo está explicando, está expondo) “Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”. Não precisamos ir além porque o restante está claro – “o qual é a figura daquele que havia de vir”.

Que é que Paulo quer dizer com a expressão “até à lei”? É

obviamente uma referência a algo que era uma realidade antes da Lei ser dada por Deus a Moisés para os filhos de Israel. Ele está se referindo àquele período da história, sobre o qual lemos no livro de Gênesis e na primeira parte de Êxodo, período que se estendeu desde a queda de Adão até à dádiva da Lei por meio de Moisés. O que define o sentido além de toda dúvida é sua referência, no versículo 14, ao reinado da morte “desde Adão até Moisés”. A Lei é a que foi dada a Moisés quando ele estava com Deus no Monte Sinai e que depois ele deu ao povo. Portanto, a declaração é que, durante aquele período da história, “estava o pecado no mundo”.

Por que o apóstolo fala dessa maneira? Uma de suas razões para fazer isso (coisa que já encontramos nos primeiros capítulos) é que o judeu achava difícil pensar no pecado à parte da Lei. Estava tão acostumado a pensar no pecado e na Lei juntos que não conseguia separá-los. Portanto, o apóstolo está simplesmente estabelecendo o fato de que havia pecado no mundo antes da dádiva da Lei mediante Moisés. Ele está asseverando que, obviamente, todos nasceram num estado de pecado, e que todos os homens, na continuidade, demonstram isso cometendo atos de pecado. Mas ele diz mais que isso. Não somente o fato do pecado era evidente e claro na história, porém também as conseqüências do pecado eram igualmente evidentes. Deus puniu o pecado de maneira extraordinária com o Dilúvio, quando o mundo inteiro foi tragado pelas águas. Esse fato é uma prova conclusiva de que o pecado estava no mundo. Contudo, tanto antes como depois do Dilúvio, o fato chocantemente notável é que, fora o caso único de Enoque, todos os seres humanos morreram durante aquele período. Isso, diz o apóstolo, foi um resultado direto do pecado. Assim o pecado e suas imensas conseqüências eram evidentes no mundo, antes da dádiva da Lei por intermédio de Moisés. Isto significa, argumenta ele, que, como é óbvio, os homens eram considerados pecadores durante aquele tempo; significa que eles

eram tratados como pecadores e que morreram porque eram pecadores. Essa era a realidade anterior à dádiva da Lei por meio de Moisés.

Prossigamos agora para a segunda declaração do versículo 13, e também esta é realmente difícil. “Mas o pecado”, Paulo diz, “não é imputado, não havendo lei”. A palavra “imputado” não é a mesma empregada no capítulo 4 (VA), onde temos “considerado” ou “avaliado” como justiça. Ali o apóstolo estava tratando do tema da justificação, e ele afirma que “Abraão creu em Deus, e isso foi avaliado como justiça em seu favor”. Mas não emprega a mesma palavra aqui empregada, porém um termo que significa que o pecado de uma pessoa não é registrado no livro de contabilidade, por assim dizer; não é levado em conta.

Entretanto o que quer dizer o apóstolo com a expressão “o pecado não é levado em conta quando não há lei”? Há muita divergência sobre isso; mas me parece que devemos adotar aqui a mesma exposição que fizemos quando expusemos o capítulo 4, versículo 15, onde lemos: “Porque a lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão”. Noutras palavras, Paulo não está dizendo que “onde não há lei também não há pecado”, pois ele já estivera dizendo que o pecado estava no mundo e, (no capítulo 2) já dissera que os gentios, que nunca tinham conhecido a Lei de Moisés, não obstante eram uma lei para si mesmos porque tinham a Lei escrita em seus corações (versículos 14 e 15). Portanto, ele não está querendo dizer que não havia pecado e que Deus não considerava o pecado como tal antes da dádiva da Lei. O Dilúvio prova que Deus considerava o pecado como tal naquele tempo. Ele afogou o mundo antigo por essa mesma razão; e, todavia, a Lei não tinha sido dada. Que faz então a Lei? A Lei prova que o pecado é transgressão, estabelece-o e define-o como tal. Paulo nos dirá isso muito mais claramente quando chegarmos aos versículos 20 e 21, no fim do capítulo. Assim, o que ele está dizendo aqui, no versículo 13, é que o pecado pode

existir, e Deus o considera como pecado, e trata dele como pecado, independente de ser ele definido como transgressão da Lei dada por meio de Moisés. O pecado continua sendo pecado, porém não é considerado ou avaliado como transgressão, digamos, nos livros, enquanto a Lei não for claramente dada.

O apóstolo torna isso ainda mais claro no início do versículo 14, onde ele afirma que “o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés”. Diz ele que é óbvio que, apesar de não ter sido dada a Lei como tal, e de o pecado não ter sido assinalado expressamente como transgressão, contudo, claro está que Deus o tratava como pecado, porque a morte reinou durante o período que se estende de Adão até Moisés. Evidentemente, havia operante uma lei pela qual Deus considerava todos os seres humanos da era Adão-Moisés como pecadores, e Ele os tratava como tais; e isso porque todos morreram, com a única exceção anotada (Enoque). O argumento do apóstolo é que a morte vem pelo pecado”, e é um fato que a morte veio sobre todas aquelas pessoas, como também é evidente que a sua morte só pode ter ocorrido por causa do pecado.

Depois, e para deixar isso ainda mais claro, Paulo diz: “até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”. Há duas explicações possíveis destas palavras, e não estou certo se não devo aceitar ambas. Alguns expositores dizem que o termo “até”, como aqui empregado, é uma explicação do que o apóstolo tinha acabado de dizer, e se refere a todos os que morreram entre os dias de Adão e os de Moisés. Há outros que rejeitam essa interpretação e afirmam que Paulo está se referindo a um segmento particular do povo – pessoas que “não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”. Quem seriam elas? “Ah”, dizem eles, “esta é uma referência às crianças pequenas que morreram antes de poderem praticar nenhuma ação.” Como eu disse, é quase impossível decidir qual destas interpretações é a correta. Neste

ponto Charles Hodge e Robert Haldane não estão de acordo; e, todavia, em última análise estão, porque, como estou sugerindo, a aceitação das duas explicações cobre perfeitamente a situação.

Os expositores que dizem que Paulo se refere a “todos” explicam sua posição deste modo: eles dizem que, uma vez que não havia Lei em palavras proibindo ações específicas, como houve no caso de Adão, as pessoas que viveram entre Adão e Moisés não pecaram exatamente da maneira como Adão pecou. Devemos entender bem isso. Embora Adão tivesse em seu ser e em sua natureza a Lei ainda não escrita, Deus lhe disse especificamente: “Você não deve comer de um determinado fruto; se comer desse fruto particular, você morrerá”. Houve uma lei exposta abertamente, claramente, e com palavras. Assim Adão pecou contra uma lei exposta e conhecida. Com os que viveram desde Adão até Moisés, dizem os expositores que mencionamos, não foi assim porque a Lei de Moisés ainda não tinha sido dada; só tinham a lei gravada em seus corações. Estavam na situação na qual Paulo afirma que os gentios sempre estiveram; isto é, não tinham uma proibição específica feita mediante palavras. Por isso, quando pecavam, não o faziam exatamente do mesmo modo que Adão, porque Adão estava pecando contra uma lei específica, e estas pessoas não. Assim foi que elas “não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”.

Estou disposto a aceitar isso. Mas também sinto que devo salientar o outro ponto, qual seja que obviamente essa expressão se refere às crianças pequenas. Entre os que morreram no período de Adão a Moisés, sem dúvida houve grande número de crianças. Algumas podem ter morrido logo após o seu nascimento, antes de poderem tomar qualquer decisão moral ou de praticar qualquer ação por si mesmas e resultante do exercício da sua volição; e, contudo, morreram. Parece, então, que o sentido seria que as pessoas descritas como não tendo pecado “à semelhança de Adão” não tinham cometido nenhum

pecado, fosse qual fosse. E, todavia, diz o apóstolo, permanece o fato de que a morte reinou até mesmo sobre elas. A morte havia sido universal durante aquele período, incluindo até as crianças pequenas.

A grande questão com que nos defrontamos é: por que essas crianças morreram? Por que foi que a morte “passou a” essas crianças? Para encontrar a resposta, voltemos ao versículo 12. Ali Paulo nos diz que a morte sempre é apresentada como uma punição do pecado, e ele argumenta, e nós também devemos argumentar de igual maneira, que, portanto, a morte das crianças, dos bebês inclusive, deve-se ao pecado. Mas os bebês não praticaram atos de pecado; e, contudo, morreram. Isso prova que eram culpados de pecado. Como explicar isso?

A resposta dada pelo apóstolo acha-se na frase final do versículo 12 – “todos pecaram”. É porque todos pecaram que todos morrem, até os bebês. Que significa “todos pecaram”? Há quem diga que significa apenas o que a tradução da Versão Autorizada (do rei Tiago) sugere, a saber, “todos temos pecado”; e o apóstolo está simplesmente dizendo que é um fato que todos os que morreram neste mundo pecaram. Por que pecaram? Alguns dizem que todos pecamos porque vimos outros pecando antes de nós; e que as gerações mais antigas viram Adão pecar e o imitaram. Este processo de imitação, dizem eles, tem tido continuidade de geração em geração.

Outros dizem que nós todos temos pecado porque todos os que nascem neste mundo têm natureza pecaminosa. Diz-nos o salmista no Salmo 51 que fomos formados “em iniquidade”; daí, tendo nascido com natureza pecaminosa, todos nós pecamos, e, portanto, pode-se dizer que “todos temos (cometido) pecado”.

Mas não temos a mínima possibilidade de aceitar isso como exposição. O caso dos bebês o torna impossível. Não é verdade que os bebês cometeram pecado nesse sentido. Morrendo a criança logo depois de ter nascido, ela não tem

(cometido) pecado, e, todavia, morre. Ela não tem pecado no sentido de que não praticou atos de desobediência voluntária. Ela não era capaz de fazê-lo; e, contudo, morreu. É, pois, importante que estejamos atentos aos versículos 13 e 14. As pessoas “que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”, não obstante morrem; e se examinarmos particularmente a questão dos bebês, o sentido aqui não pode ser que todos têm de fato cometido pecado, na prática, porque os bebês não fazem isso.

No entanto, eu tenho um segundo motivo para rejeitar essa explicação, a saber, que, se a aceitarmos, desaparecerá inteiramente o paralelo traçado pelo apóstolo no transcurso de toda esta seção entre Adão e o Senhor Jesus Cristo. Se a expressão “todos temos pecado” do versículo 12 significa que todos têm (cometido) pecado fatualmente, será preciso dizer que todos morrem porque todos pecaram fatualmente. Mas, se se disser isso, por outro lado o paralelo seria que os que são salvos são salvos porque têm praticado o bem; e assim a doutrina da justificação pela fé seria posta abaixo. Se você argumentar que o apóstolo está dizendo que a morte passou a todos os homens porque todos têm cometido pecado, então, por outro lado, você terá que dizer que a vida vem ao cristão porque ele praticou boas obras e obedeceu à Lei. Todavia nesse caso, repito, deixa de haver a justificação pela fé, e não há mais nenhum paralelo entre Adão e o Senhor Jesus Cristo. Assim, por dois motivos, o caso dos bebês e a importância do paralelo, eu rejeito aquela explicação sugerida.

Mas examinemos a segunda explicação apresentada, a qual pode alegar que tem o apoio do grande nome de João Calvino. Diz ele que a expressão “todos pecaram” significa que todos têm pecado no sentido de que todos são pecadores. Diz ele que herdamos de Adão uma natureza corrompida, depravada e pecaminosa. Ora, todos concordam com isso, sem contar aquele diminuto segmento que mal merece menção, a saber, os culpados da chamada heresia pelagiana. O argumento é que

todos nós herdamos de Adão uma natureza pecaminosa, depravada e corrompida, e que Deus considera isso como pecaminoso. Ele considera como pecado essa natureza em nós, e a pune com a morte; assim é que somos culpados por termos esta natureza pecaminosa.

Que dizer dessa explicação? Receio que devemos dizer que não podemos aceitá-la, apesar de João Calvino! Não devemos fazer dele um papa! Ele estava sujeito a errar como todo o mundo. Se pudermos provar que a sua exposição não é fiel ao claro ensino das Escrituras, devemos dizer isso; e devemos dizê-lo nesta ocasião. E a razão disso é que o que o apóstolo diz não é que todos “se tornaram pecaminosos”, e sim que “todos nós pecamos”, o que é diferente. Ele não diz que todos nós temos uma natureza pecaminosa; o que ele diz é que “todos pecaram”. Este ponto é muito importante.

Pois bem, em acréscimo a isso, podemos mostrar que, se aceitarmos essa exposição, de novo estaremos dizendo que o paralelo entre Adão e Cristo desaparece, e desta maneira: se somos considerados culpados e condenados aos olhos de Deus, e a morte vem sobre nós porque temos uma natureza pecaminosa, então, por outro lado, deveremos dizer que somos justificados por Deus mediante Jesus Cristo porque temos uma natureza santa. Mas é precisamente isso que nunca devemos dizer, porque, como vimos muitas vezes, Paulo se esforça para dizer que Deus “justifica o ímpio”. Ele justifica o pecador. Vezes sem conta tivemos que ressaltar que não somos justificados porque fomos regenerados, não somos justificados porque temos uma nova natureza, não somos justificados porque fomos santificados. Esse é o erro, a heresia, da igreja católica romana; mas o ensino de Paulo é que somos justificados por Deus, e, aos Seus olhos, como estamos, enquanto “ímpios”, enquanto pecadores, sem haver ocorrido nenhuma mudança em nossa natureza. Naturalmente, a justificação e a regeneração em geral andam juntas, porém nunca devemos dizer que somos justificados porque fomos regenerados.

Segundo o nosso modo de pensar, a ordem e a seqüência em nossa mente devem obedecer à colocação da justificação antes da regeneração. Obviamente, quando Deus determina justificar um homem, também já se terá proposto regenerá-lo; mas Ele o justifica sendo ele “ímpio”, “pecador”, “inimigo”. Isso foi repetidamente salientado no capítulo 4 e na primeira parte deste capítulo 5. Assim, o paralelo exclui completamente aquela explicação, pelo que devemos rejeitá-la.

Então, se rejeitamos estas duas explicações possíveis (uma que afirma que todos morrem porque todos têm pecado fatualmente, e a outra que afirma que todos nós morreremos porque todos nós temos natureza pecaminosa), qual será a nossa exposição dessa declaração? É que todos pecaram “em Adão”. Afirmo que é precisamente o que o apóstolo está dizendo. O reinado da morte (“a morte passando a todos os homens”), segundo o apóstolo, prova isso; e o faz desta maneira: a morte é sempre parte da punição do pecado; logo, a morte sempre pressupõe culpa e condenação. A morte é universal, mesmo no caso dos bebês, que não cometem pecado fatal; mas, porque a morte lhes sobrevem, só podem ser culpados de algum pecado em especial. Eles não pecaram por seus atos pessoais; porém nunca morreriam, se não tivessem culpa de algum pecado.

Este, em meu entendimento, é o argumento básico. Assim, voltando outra vez ao versículo 12, lemos: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”, ou melhor, “porque todos pecaram”, e vemos aí uma seqüência perfeita, perfeitamente lógica. Cada passo leva inevitavelmente ao próximo seguinte. A morte indica que somos culpados de pecado; até os bebês morrem, e, portanto, os bebês devem ser culpados de pecado. Mas, como eles não cometeram nenhum ato pecaminoso, perguntamos: de que pecado são culpados? Paulo assevera que eles são culpados do ato que introduziu o pecado no mundo, o

ato do homem Adão. Noutras palavras, o ensino aqui presente é que o pecado de Adão é imputado a toda a humanidade. Essa é a minha afirmação, e não somente a minha; é a interpretação comumente aceita, dispensando-se detalhes, em todo o ensino reformado; na verdade, no ensino de todos os que não se tornaram liberais ou modernistas em sua perspectiva teológica. Estes últimos, é claro, não crêem em nada disso. Todavia a interpretação acima, detalhes à parte, tem sido a exposição universalmente aceita na igreja. Por isso, deixem que eu a repita. A afirmação do apóstolo é que o fato de que a morte sobrevém a todos é prova do fato de que todos pecaram. A morte é consequência do pecado e, portanto, ele diz: “todos pecaram”, isto é, todos pecaram no pecado original de Adão.

Permitam-me dar-lhes mais uma prova disso. Posso fazê-lo indo um pouco mais adiante nesta passagem. Esta exposição não depende só dos versículos 12, 13 e 14; o apóstolo continua a repetir a mesma verdade; do versículo 15 ao 19 ele repete cinco vezes a sua declaração sobre “a ofensa”, “a ofensa de um”, “uma só ofensa”. Sigamo-lo nesse trecho. Notem o versículo 15: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa”. “Porque, se pela ofensa de um morreram muitos...”. Vocês vêem o que ele diz – “pela ofensa de um”, a saber, Adão. Diz ele que, por causa daquela única ofensa de Adão, muitos morreram. Como, porém, este único ato pode levar à morte de muitos, exceto desta maneira – que esses muitos são culpados daquele único ato? É isso, porém, que Paulo já tinha dito no versículo 12 com as palavras “todos pecaram”. “Pela ofensa de um.” Ele não está dizendo que indiretamente, por meio da nossa natureza decaída, muitos morreram. O que ele diz é que muitos são os que morrem por causa (ou por meio) da ofensa desta única pessoa, Adão.

Podemos provar isso com outros elementos mais, desenvolvendo o paralelo entre Adão e Cristo. “Muito mais”, diz Paulo, a graça de Deus e o dom pela graça, que é por só

homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. "O pecado de um homem (Adão) trouxe a morte a todos nós. Uma só ação de Cristo, esta ação de um homem (Cristo), traz vida a todos nós. O paralelo prova, pois, que é "pela ofensa de um" que "muitos morreram".

Passando ao versículo 16, vemos que o apóstolo diz coisa parecida. "E não foi assim o dom como a ofensa." Temo-lo ali de novo – "um só que pecou" – "Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação". Ele o repete. O juízo, a condenação veio sobre todos nós em consequência do pecado deste único homem, Adão. Depois ele o completa, desenvolve o paralelo, e prossegue, dizendo: "mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação".

Aqui ele contrasta as muitas ofensas com a única ofensa. A ofensa única de Adão trouxe a morte a todos, e a condenação. Mas, diz ele, por outro lado, as muitas ofensas que os homens têm cometido recebem o devido tratamento e são postas de lado pela ação única do Senhor Jesus Cristo. Isso ainda é dizer a mesma coisa. É aquele ato único de Adão que importa. Foi aquele único pecado de Adão que trouxe a morte a todos os homens, e só há uma explicação de como ele fez isso – estávamos todos nele, todos pecamos ali em Adão, nosso cabeça e nosso representante.

Vejam em seguida o versículo 17: "Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse...". Aí está, simples e claro; e, completando o paralelo, "muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo". Ele continua a dar ênfase a um só homem e a esta ação única.

Nos versículos 18 e 19 o ensino fica ainda mais claro. Vejam o versículo 18: "Pois"(ele está resumindo) – "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação...". Mas como pôde vir o juízo sobre todos os homens para condenação em consequência daquela ação única? Há somente um modo como isso pode ser justo, reto e equitativo

– é que pecamos em Adão – todos pecaram – que é precisamente o que ele diz no fim do versículo 12. Mas Paulo está desejoso de acentuar que é em consequência da ofensa de um só que “veio o juízo sobre todos os homens para condenação”. E de novo o paralelo o comprova – “assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”.

Mas, para um fecho seguro e um argumento conclusivo, basta ir ao versículo seguinte, o 19: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores...”. Temos aí duas palavras muito importantes. Consideremos a palavra “feitos” e o seu significado. Quase todos os comentadores concordam que a melhor tradução aqui seria “constituídos” – “pela desobediência de um só homem, muitos foram constituídos pecadores”, “registrados” como pecadores. Mais uma vez o paralelo vem em nosso auxílio – “assim pela obediência de um, muitos serão feitos (a mesma palavra que significa “constituídos”) justos”. Temos ressaltado repetidamente que é isso que se quer dizer com justificação somente pela fé, que Deus nos considera justos, que Deus nos constitui povo justo. Não nos regenerando; Ele nos “constitui”, nos “considera”, nos “declara” justos. É questão forense. Pois bem, o que é verdade quanto a um lado do paralelo, só pode ser igualmente verdade com relação ao outro. Pela desobediência de um só homem, fomos postos na categoria de pecadores, fomos constituídos pecadores.

De novo devo salientar que Paulo não está dizendo que fomos constituídos “pecaminosos”, que é como Calvino e alguns outros explicam. Diz o apóstolo que fomos constituídos “pecadores” – não apenas que temos natureza pecaminosa – que somos considerados por Deus como pecadores, o que é simplesmente outra maneira de dizer que todos nós pecamos. Aqui está, pois, uma declaração bem clara no sentido de que foram a desobediência de Adão e o seu pecado que nos colocaram na condição de pecadores e que levam Deus a

considerar-nos pecadores. O argumento é que o reinado da morte prova que todos nós somos considerados judicialmente por Deus como pecadores; e que é assim por causa do pecado de Adão. Essa é a declaração de Paulo.

Esse trecho particular da exposição é o mais difícil que nos confronta na Epístola toda; mas é essencial e vital que o acompanhemos e o compreendamos, se é que desejamos colher os gloriosos benefícios do que o apóstolo diz e continuará dizendo. O paralelo é com o nosso Senhor e a obra que Ele realizou. Todo o parágrafo incumbe-se da justificação e de sua finalidade, e eu posso resumir o que Paulo está dizendo como segue: um ato de desobediência de Adão constituiu-nos pecadores; assim, a obediência do Senhor Jesus Cristo constitui justos a todos os que nEle crêem, e os justifica pela fé. Aí está o paralelo. De um lado, o pecado de Adão nos é imputado; de outro, a justiça de Cristo nos é imputada. Mas é preciso manter o paralelo. É insensato e errôneo dizer apenas: “Ah, gosto de ouvir a segunda afirmação – que a justiça de Cristo me é imputada!” Se você aceita essa, terá que aceitar a outra também, diz o apóstolo Paulo.

De novo, jamais nos esqueçamos de que, como “Adão é a figura daquele que havia de vir”, assim o pecado de Adão nos é imputado exatamente da mesma maneira que a justiça de Cristo nos é imputada. Claro está que herdamos uma natureza pecaminosa de Adão; não cabe discussão sobre isso. Mas não é isso que nos condena. O que nos condena e nos faz sujeitos à morte é o fato de que todos nós pecamos em Adão e que todos nós somos culpados de pecado. Esse é o ensino do apóstolo. A morte é sempre a punição da culpa do pecado, do pecado fatural; e, portanto, sua universalidade, mesmo nas crianças, só pode ser explicada pelo fato de que todos nós pecamos em Adão e nos tornamos pecadores quando Adão pecou. O oposto é que aqueles que estão em Cristo têm todos os benefícios de Sua vida e do que Ele fez.

Deixem que me expresse da seguinte maneira: em

1 Coríntios 15:56 lemos: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei”. O que introjeta o aguilhão na morte é o pecado. É como a morte vem; é o pecado que a produz. Mas, todos morrem, até as crianças. Qual será o aguilhão? Só pode ser o pecado. Mas as crianças, pessoalmente, não cometem pecado nenhum. Que pecado está envolvido então? É o pecado de Adão. Quando Adão pecou, todos nós pecamos – “todos pecaram”. De volta ao fim do versículo 12. Essa é a única maneira pela qual podemos ver como o aguilhão do pecado entra, com relação a toda a humanidade. É a nossa união com Adão que explica todo o nosso problema. É a nossa correspondente união com Cristo que explica a nossa salvação. Quando Adão pecou, todos pecaram, e a morte e o castigo vieram sobre todos. E, como Paulo explica em 1 Coríntios, capítulo 15, em Cristo todos os que estiverem unidos a Ele podem receber vida, e a receberão. O paralelo percorre a seção toda, do começo ao fim. O apóstolo está afirmando que foi aquele ato único, aquela única desobediência, aquele único pecado, de um único homem, que trouxe a morte sobre todos nós, “constituiu-nos” a todos pecadores. Não é apenas que Adão nos deu uma natureza pecaminosa; Deus nos “constituiu” pecadores por causa da nossa relação com Adão; e a pena pelo pecado veio sobre toda a raça humana na forma de morte.

Sendo essa a exposição e o significado da declaração, ficamos a pergunta: como estamos exatamente por natureza unidos a Adão? Isso, por sua vez, leva-nos a perguntar em seguida: como é que, correspondentemente, nós, que estamos em Cristo, estamos unidos a Ele?

Estive delineando e explicando o que sempre foi conhecido como doutrina do pecado original, e essa doutrina inclui o princípio segundo o qual todos nós somos culpados e mantidos culpados aos olhos de Deus pelo pecado de Adão. “Ah”, você dirá, “mas não entendo esse tipo de coisa.” Não me surpreende; eu também não entendo. Eu e todos os outros pregadores não fomos chamados para dizer coisas que

entendemos plenamente; fomos chamados para expor as Escrituras. Se você começar a dizer: “Ah, mas eu não entendo isso, não consigo enxergar aquilo, o que você terá para dizer ao homem do mundo, de fora da Igreja, que diz que não pode entender como um pode morrer por todos e, assim, rejeita a sua doutrina da expiação e da salvação mediante o sangue de Cristo? Esse argumento é o do incrédulo: “Não entendo”. No momento em que você introduz esse argumento e declara que não entende, que não consegue ver, então falta-lhe fé, e você já se tornou um racionalista. O seu entendimento passa a ser a autoridade, e já não é a Palavra de Deus que governa o seu pensamento.

Quem pode entender uma doutrina como esta? Meu dever é expressar tão claramente quanto eu puder o que o apóstolo ensinou. Estou bem ciente de que os teólogos liberais dizem: “Ah, sim, mas Paulo era dominado por idéias judaicas”. Se você seguir essa linha, que resposta dará ao liberal quando ele tirar os milagres da Bíblia, o nascimento virginal, e tudo mais desse teor? Ou você aceita isto como é, ou não. Quando você aceitar isto, muitas vezes verá que terá que dizer: “Não entendo”. Quem pode entender a doutrina da Trindade? Quem pode entender a doutrina das duas naturezas na Pessoa do Senhor Jesus Cristo, e ainda dizer que há nEle uma só Pessoa? Entender! A raiz de toda dificuldade consiste neste desejo de entender, e de dizer: “Não posso aceitar e crer, se não entender”. Você nunca entenderá isso. Mas Deus, em Sua infinita sabedoria, deixou claro e simples, por meio de Seu servo, que quando Adão pecou, todos pecaram, e é por causa do pecado que a morte veio sobre todos, e ainda estamos nesta condição. Mas, graças a Deus, há este outro lado, que também não posso entender; é-me dito, porém, e creio nisso, que Deus “lançou sobre ele a iniquidade de todos nós”. “Ah, mas isso é imoral”, diz o seu liberal; “como pode alguém morrer por outro, e ainda pelo pecado do outro?” Deixe que ele faça as suas perguntas. Eu dou graças a Deus por essa verdade. É a minha única

esperança, e me basta. Assim é que, aqui, não entendo bem nenhum dos lados, mas posso ver o equilíbrio perfeito – que, como eu estava em Adão, agora estou em Cristo.

Passaremos a tentar entender o ensino da Bíblia quanto a esta nossa relação – originariamente, nossa união com Adão, e agora, a nossa união com Cristo. Isso é essencial, se é que vamos auferir o pleno benefício do ensino deste parágrafo. E mais ainda quando chegarmos ao capítulo 6, onde se nos diz que “morremos com Cristo”, que fomos “sepultados com ele” e “ressuscitados com ele”. Como pode alguém entender verdades tão gloriosas? Eu não posso; porém me glorio nelas. São fatos, são verdades reais; e nos é dado o privilégio de sondá-las, de maravilhar-nos em face delas, de encantar-nos com elas. E não se esqueçam de que o que estivemos considerando é uma parte vital de toda a mensagem bíblica – o mundo está como hoje se vê porque, quando Adão pecou, todos pecaram, e sempre, desde aquele tempo, o pecado e a morte têm sido universais e têm vindo sobre a humanidade toda. É um mistério, um fato assombroso; mas “Quem conheceu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” “O Senhor conhece o caminho que Ele escolhe”, e fé é crer quando não podemos entender nem provar. Nós aceitamos esta Palavra como a Palavra de Deus dada por intermédio dos Seus servos por Ele inspirados. Cremos que esta Palavra é infalível; e quando vemos nela este maravilhoso paralelismo, enxergamos e podemos seguir o argumento. Não o entendemos em seu sentido pleno e final, mas podemos seguir-lhe o raciocínio. Crendo nele, regozijamo-nos no fato de que a justiça de Cristo nos é imputada sendo nós ainda pecadores, estando ainda fracos, sendo ainda ímpios, sendo ainda inimigos! Graça a Deus por essa maravilhosa imputação!

16

“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.” – Romanos 5:12

À luz da nossa exposição da frase “todos pecaram”, apresenta-se imediatamente uma questão. Se dizemos que todos nós pecamos em Adão, como foi que isso aconteceu exatamente? Qual é a nossa relação com Adão? Esta questão surge porque, como já vimos, o apóstolo está argumentando que tínhamos relação com Adão, e agora temos relação com o Senhor Jesus Cristo. Daí a pergunta: qual a relação do homem natural com Adão? Como se pode dizer que todos os que nascem neste mundo pecaram em Adão, uma vez que Paulo afirma que “todos pecaram” e que o pecado é a causa de a morte ter passado a todos.

O parágrafo que estamos focalizando realmente não trata de maneira explícita da questão que estou colocando; não obstante, é importante examiná-lo porque, embora não a trate explicitamente, está implícita nele.

Há duas principais respostas à questão sobre a exata relação de toda a humanidade com Adão. A primeira é o chamado “conceito realista”, segundo o qual Adão era a totalidade da natureza humana. Ele foi o pai de toda a humanidade. Portanto, de acordo com esse conceito, residia nele a totalidade da natureza humana. Daí dizer-se que a natureza humana de cada pessoa nascida desde o tempo de Adão é uma divisão, uma parte dessa totalidade da natureza humana que havia em Adão. Mas, uma vez que a totalidade estava em Adão, quando ele

agia toda a humanidade agia, e, conseqüentemente, todas essas subdivisões que estavam nele estavam agindo ao mesmo tempo. Dessa maneira, esse conceito realista explica que a declaração em estudo significa que quando Adão pecou, todos nós pecamos nos termos acima descritos; estávamos nele, éramos partes integrantes dele. O que o todo faz, necessariamente as partes fazem, porque o todo inclui todas as subdivisões, as diversas partes. Por isso os homens que sustentam essa idéia afirmam que cada parte componente desse todo é culpada com Adão da transgressão que ele cometeu quando se rebelou contra Deus.

Esse conceito tem sido sustentado por muitos homens notáveis da Igreja Cristã, e me parece que, ao menos em parte, há muita coisa que se pode dizer a seu favor. Como acabei de dizer, creio que ele vai um pouco longe demais. Não posso aceitar a idéia de que existe uma espécie de divisão matemática da natureza humana e que a natureza humana de cada pessoa individualmente considerada seja meramente uma espécie de fração daquela totalidade original que havia em Adão. Isso, para mim, é filosofia, é especulação, e acredito que vai longe demais. Todavia, apesar de crer que vai longe demais, parece-me que temos que considerá-lo, tendo em vista a declaração que consta nos dez primeiros versículos do capítulo sete da Epístola aos Hebreus. É interessante observar, de passagem, que em seu famoso comentário desta Epístola aos Romanos, o Dr. Charles Hodge, forte oponente desse conceito realista, ao refutá-lo não menciona a declaração de Hebreus, capítulo 7. Isso me parece bastante significativo. Ele devia tê-la considerado e ter dito algo a respeito. Mas não o fez.

A declaração crucial do capítulo 7 de Hebreus é a que se acha nos versículos 9 e 10: “E, para assim dizer, por meio de Abraão até Levi, que recebe dízimos, pagou dízimos. Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro”. Aqui a referência é à narrativa registrada no capítulo 14 do livro de Gênesis, onde

se nos diz que Abraão, tendo obtido notável vitória sobre certos reis, pagou o dízimo dos despojos tomados deles, e, na verdade, até mais que isso, a um rei Melquisedeque. Não nos interessa no momento a narrativa em si, porém o argumento do autor da Epístola aos Hebreus, que é como segue: ele argumenta no sentido de que o fato de Abraão ter pago dízimos a Melquisedeque é prova positiva de que Melquisedeque era maior do que Abraão. Prossegue então e afirma que Levi, um dos filhos de Jacó, e este sendo neto de Abraão, estava nos lombos de Abraão quando ele pagou os dízimos, e, portanto, podemos dizer que Levi também pagou aqueles dízimos. O autor de Hebreus está pressupondo que os seus leitores sabiam que o sacerdócio araônico se compunha dos que pertenciam à tribo de Levi, e que os filhos de Israel tinham que pagar seus dízimos aos levitas por eles serem membros do sacerdócio araônico. Mas vemos ali, diz ele, que Levi, o pai destes sacerdotes araônicos a quem normalmente os dízimos são pagos, pagou dízimos, ele próprio. Ele o fez em Abraão, “estava nos lombos de seu pai quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro”. Não é necessário tropeçarmos na palavra pai, que de fato aí significa avô e bisavô. Essa é uma prática bastante comum nas Escrituras; muitas vezes elas não fazem distinção entre pai, avô e bisavô, porém simplesmente dizem “pai”. Num sentido Abraão era o pai de Levi, como agora é “o pai de todos os que crêem”.

O ponto interessante é que o escritor afirma que Levi estava nos lombos de Abraão quando este pagou o dízimo; e que, portanto, Levi pagou o dízimo porque naquele tempo estava nos lombos de Abraão. Essa expressão é de grande interesse. O termo empregado está na voz passiva. Não é bem que Levi pagou dízimos, e sim que ele pagou em Abraão, o que, em última análise, vem a ser a mesma coisa, exceto que, naturalmente, não declara que Levi estava ativa, voluntária e conscientemente pagando os dízimos. O que o texto diz é

que, porque Levi estava nos lombos de Abraão, Abraão estava virtualmente pagando dízimos por si e por toda a sua progênie ao mesmo tempo, Levi inclusive. Isso deve ser introduzido na discussão concernente à nossa relação com Adão neste capítulo cinco da Epístola aos Romanos. Como é certo dizer que Levi já estava nos lombos de seu pai Abraão quando este pagou seu dízimo a Melquisedeque, exatamente da mesma maneira é certo dizer que toda a humanidade estava nos lombos de Adão quando ele pecou e transgrediu e assim caiu sob a condenação da lei e de sua pena. Foi assim que a morte veio sobre Adão, e, portanto, a todos os que saíram dos seus lombos, isto é, a toda a humanidade.

Devemos ser cautelosos aqui, porquanto isso é tudo o que as Escrituras dizem a nosso respeito. Não devemos especular ou forçar essas declarações além do que é legítimo, porém, ao mesmo tempo, certamente devemos dar-lhes cabal atenção. Assim, apesar de rejeitarmos o conceito segundo o qual a natureza humana, em todos os seus aspectos, estava em Adão, condenando-o como pura especulação e demasiado mecânico, há um sentido em que todos nós estávamos "nos lombos" de Adão e, portanto, estávamos agindo em Adão. Ou pelo menos podemos dizer que passivamente estávamos envolvidos e comprometidos pela ação de Adão; logo, é certo que, nesse sentido, quando Adão pecou, "todos pecaram".

As duas realidades (a relação com Adão e a relação com Cristo) certamente devem ser tomadas juntas; são paralelas. Ao pensarmos em Adão, se recusarmos dar suficiente atenção a este paralelismo, parece-me que enfraqueceremos um pouco e prejudicaremos o outro lado da comparação – a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Fiquemos por aqui, porém. Aí está o que se chama conceito "realista" da nossa relação com Adão.

O segundo modo de ver é o que se chama conceito "representativo", ou "representacional". Quer dizer que não somente é certo dizer que Adão foi de fato o chefe da raça

humana – que toda a raça humana descende dele – mas também que, além e acima disso, ele foi o nosso representante. Este conceito afirma que Adão não somente foi o chefe ou cabeça “natural” da raça mas que, em acréscimo, Deus o constituiu o chefe ou representante federal da raça toda. Esta, dizem os defensores deste conceito “representacional”, foi uma ação executada pelo próprio Deus. Ele fez Adão e, tendo-o feito, disse praticamente o seguinte: “Adão, considero você não somente o primeiro de uma série, não meramente o cabeça no sentido natural de que todos procederão de você; eu constituo você o cabeça representativo, o cabeça federal de toda a humanidade; vou fazer uma aliança com você e vou tratá-lo como representante de toda a raça humana da qual você vai ser o progenitor. Minha intenção é fazer uma aliança com você com a finalidade de que todos os benefícios que você gozar passem para a sua progênie; e também qualquer castigo que seja dado a você igualmente passe para toda a sua progênie. Quando você agir, não estará agindo só por si mesmo; estou constituindo você o chefe e representante federal da raça humana e, portanto, o que você fizer envolverá todos os membros da raça humana”. É nesse sentido, dizem eles, que devemos explicar a declaração de que “todos pecaram” em Adão.

Naturalmente, esta é uma idéia com a qual estamos familiarizados em muitas áreas da nossa vida. Por exemplo, um embaixador pertencente a este país e nos representando noutro país age em nosso nome. Quando ele faz uma declaração, ele a faz em nosso nome; quando assina um documento, compromete a todos nós. Ele é o nosso representante federal. Com muita freqüência delegamos poderes semelhantes a certas pessoas. Essa é a idéia aqui, mas com esta diferença – foi Deus quem designou Adão para ser o nosso cabeça e representante federal. Ele tem todo o direito de fazê-lo. Se Deus decidiu agir assim, não há nenhuma razão pela qual deixe de fazê-lo; e não há nenhuma força no argumento que diz: “Como Adão

pode representar-nos, quando não lhe pedimos isso?” Essa questão nem se levanta, e por este motivo: se o Senhor, o Deus todo-poderoso, o Criador de todas as pessoas e de todas as coisas, o Criador do homem, por Sua escolha decidiu dizer a Adão: “Minha intenção é fazer de você o cabeça federal de todos quantos procederem de você”, não havia razão nenhuma pela qual Ele não devesse fazer isso, porque Ele é quem é. Adão atuou como o chefe e representante de toda a raça, e atuou como responsável que era. Foi-lhe dito claramente que se ele obedecesse, não só teria pessoalmente grandes benefícios, mas também toda a sua progênie os desfrutaria. Também lhe foi dito de forma igualmente clara que se ele pecasse, todos os que dele procedessem estariam envolvidos na catástrofe e na calamidade que lhe sobreviriam.

Daí, Adão é o nosso cabeça e representante federal. Esse é o ponto de vista “da representação” ou “representacional”. Sua ênfase recai no princípio da solidariedade no sentido federal, e se vê muitas vezes nas Escrituras. Vejam, por exemplo, a declaração presente nos Dez Mandamentos, onde Deus declara que visitará “a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração” daqueles que O aborrecem. É outra declaração do mesmo princípio. Ali diz Deus que imputará a ação de um indivíduo a seus sucessores, à sua progênie, atingindo até os seus tetranetos.

Como eu disse anteriormente, parece-me que as duas idéias que expliquei são certamente ensinadas aqui. A primeira é que Adão é nosso representante, como Cristo é nosso representante. No entanto, não somente isso; Adão foi também o cabeça da raça, como Cristo é o cabeça de uma raça. Além disso, há esta união, esta união mística que estivemos considerando, o ensino concernente ao fato de estarmos nos lombos de Adão, e depois, como crentes, a nossa união mística com o Senhor Jesus Cristo. Diga-se de passagem que o ensino sobre o fato de que estamos nos lombos de Adão, como Levi estava nos lombos de Abraão, é conhecido como teoria da “Identidade Seminal”.

Estar nos lombos significa, por assim dizer, estar no sêmen. Estávamos identificados com Adão porque estávamos em seu princípio de vida seminal, germinal. Daí viemos, e fomos produzidos por esse meio.

Não podemos ir mais longe. O que desejo ressaltar neste ponto é que há dois princípios que devemos observar sempre que estudarmos as Escrituras. O primeiro é nunca ir além das Escrituras. É uma tentação à qual os teólogos particularmente estão sujeitos. Eles tendem a ir longe demais, e a forçar a sua lógica. A habilidade natural e a razão começam a insinuar-se, e eles especulam além do ensino da Palavra. Não temos direito de fazer isso, e não devemos fazê-lo. Por outro lado, é igualmente importante que sempre vamos até onde as Escrituras vão. Portanto, se alguém me dissesse: “Não posso incomodar-me com esta sua teoria da Identidade Seminal”, eu lhe diria: “Meu amigo, você deve preocupar-se com isso, porque, quando você ler a Epístola aos Hebreus e chegar ao capítulo 7, versículos 9 e 10, se estiver lendo inteligentemente, você perguntará: que será que o autor quer dizer quando afirma que Levi pagou díizimos a Melquisedeque porque na ocasião do pagamento ele estava nos lombos de Abraão? Você não tem direito de passar por alto isso; deve parar e enfrentá-lo”. O que venho tentando fazer é explicar e entender isso, e mostrar o suporte que dá à nossa posição. Isso vai se tornar tremendamente importante, e cada vez mais, conforme formos adiante no estudo desta Epístola, especialmente quando chegarmos à admirável doutrina da nossa união e da nossa identificação com o Senhor Jesus Cristo.

Então, o que está claro é que Paulo está dizendo aqui simplesmente que todos pecaram em Adão, e que todos são culpados diante de Deus por causa daquele pecado único de Adão, quando transgrediu deliberadamente o mandamento de Deus. Deus imputou a toda a raça humana, a nós inclusive, esse pecado de Adão. Adão pecou e todos nós pecamos. Isso constitui uma parte essencial da doutrina do pecado original.

Torno a repetir o que disse antes, que não devemos começar a questionar a nossa relação com o primeiro homem existente no mundo, Adão, porque toda vez que for levantada essa questão eu farei a mesma pergunta acerca da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Se você me disser: “Seria justo que o pecado de Adão seja imputado a mim?” reponderei perguntando: “Seria justo que a justiça de Cristo seja imputada a você?” Se você acrescentar: “Não posso entender esse tipo de coisa”, eu lhe perguntarei: “Você pode entender o outro?” Sem isso você fica sem evangelho, sem esperança, sem salvação. Esta é uma doutrina sublime. Está além do entendimento, mas, como digo, é nosso dever tomar as Escrituras como elas são.

Estou ciente de que muitos comentadores modernos discordam inteiramente do que estou dizendo; e posso dar-lhes a razão disso. Eles dizem: “Em Romanos 5:12 e até o fim desse capítulo Paulo está simplesmente mostrando que ele tinha sido fariseu. Ele está ministrando o típico ensino rabínico que era comumente ensinado naquele tempo”. “Claro”, acrescentam eles, “atualmente ninguém crê em nada disso. A ciência, e em especial a antropologia, mostraram e provaram que toda essa teoria é impossível e que nunca existiu um primeiro homem, Adão. Adão é um termo genérico para representar a humanidade toda. Nunca existiu um indivíduo como Adão; e o que se lê nos três primeiros capítulos de Gênesis não é história real. Mas Paulo – que ninguém o culpe! – não sabia disso como nós sabemos agora, e, portanto, ele repetia este ensino rabínico”. Aparentemente eles resolveram o problema com a maior simplicidade. O apóstolo estava cometendo um grande engano, um grave erro, e isso devido à pura ignorância.

Quanto a mim, se eu aceitasse essa idéia, me sentiria obrigado pela lógica a ir adiante e a fazer uma pergunta mais ou menos nestes termos: “Que dizer da idéia de que Cristo morreu por meus pecados, que Ele foi apresentado como

propiciação por mim? Não seria isso um ensino rabínico também? Não seria simplesmente Paulo, o velho fariseu, entrando de novo em ação? Não seria outro exemplo da enganosa transmissão que Paulo nos faz de suas idéias pessoais?”

“Mas se é assim”, alguém lhes perguntará, “resta-lhes algum evangelho?” “Ah, sim”, respondem os críticos modernistas, “temos um evangelho; o nosso evangelho é este: “Deus é amor”. Essa é a totalidade do evangelho; no fim tudo vai estar bem para todo o mundo. Pecado é coisa que não existe – essa era apenas uma idéia legalista do judaísmo; essa e todas as idéias relacionadas com justiça, ira e punição estão todas erradas.”

A isso faço esta réplica: se vocês começarem a dizer que o apóstolo estava errado com relação a um assunto, e que ele estava sendo governado pela ignorância da sua época, como vocês decidirão o que crer e o que não crer? Essa é a situação e o problema final de vocês. Noutras palavras, somos levados a estas perguntas: qual é, exatamente, a autoridade das Escrituras? Qual é a autoridade dos apóstolos? Essa é a questão básica. Portanto, antes de começarem a discutir com as pessoas esta passagem particular das Escrituras, e a questão específica da imputação do pecado de Adão, esclareçam bem isso com eles. Como conceituam eles estes escritos apostólicos? São ou não são divinamente inspirados? Seriam os escritores tão-somente homens hábeis apresentando suas idéias pessoais (algumas das quais eram o ensino corrente), ou seria certo dizer o que as próprias Escrituras afirmam, que estes homens foram “movidos pelo Espírito Santo”? (2 Pedro 1:21). O apóstolo Pedro, referindo-se aos escritos de Paulo, fala a respeito do ensino do “nosso amado irmão Paulo” que certas pessoas “torcem e igualmente as outras Escrituras, para a sua própria perdição” (2 Pedro 3:15,16). Ele coloca os escritos de Paulo na mesma categoria dos do Velho Testamento, dos quais ele dissera que não são “de particular interpretação”, mas foram produzidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:20).

A Igreja Primitiva estava de acordo em atribuir a estes apóstolos uma autoridade única, singular. O apóstolo Paulo afirma pessoalmente que o ensino que ele ministrava não era seu, nem o tinha recebido de homens, porém lhe fora dado por revelação (Gálatas 1:11,12). Diz ele também, no capítulo três de Efésios, que todo o seu ensino era algo que fora revelado a ele e aos demais apóstolos. Como direta consequência disso, retornamos àquela questão fundamental: se, pois, eu considero este homem, Paulo, um escritor inspirado e infalível, não posso dizer, ao expor esta passagem, que o que nela temos é apenas ensino rabínico, porque isso significa que eu teria que concordar com aqueles que dizem que ele estava errado neste ponto. Assim, sou levado a esta posição: tenho que aceitar o ensino desta passagem como ele está; e, aceitando-o como está, vejo que é totalmente coerente com o ensino apostólico em toda parte – na verdade, coerente com o ensino da Bíblia em todas as suas partes. Tenho um todo completo e coeso, sem nenhuma contradição. Mas, se tiro esta passagem e a rejeito, para onde vou? Tenho igual direito de tirar e rejeitar outras passagens.

Aquele modo de pensar acabaria dando nisto – que o evangelho é o que eu acho que deve ser, e eu sou a autoridade final. Tiro esta parte, elimino aquela. De outra parte posso dizer: isso está certo, e eu o aceito. Essa atitude obviamente significa que eu me coloco como a autoridade; mas, como eu me conheço bem, não sou apto para ser autoridade nisso. Não sou bastante grande para ser autoridade. Sou demasiado falível para ser autoridade. Homem nenhum é capaz de ser tal autoridade. Ou eu me submeto à autoridade das Escrituras, ou ficarei num pântano no qual não há onde firmar o pé. Posso tentar satisfazer-me dizendo que é isso que os eruditos modernos ensinam. Citei anteriormente o comentário desta Epístola aos Romanos de autoria do Dr. C. H. Dodd. Ele não hesita em adotar a atitude que mencionei. Ele não evita dizer que o ensino da Igreja até os tempos modernos foi errado em

algumas destas matérias cruciais. Diz ele: “A nova luz a nós advinda sobre as línguas grega e hebraica habilitam-nos a termos bom entendimento”. Os reformadores protestantes não entendiam, os grandes “pais” da Igreja antes deles não entendiam; até o presente século não houve nenhum entendimento correto das Escrituras! Se vocês se contentarem em aceitar isso, não terei mais nada que dizer. Contudo, nesse caso, peço-lhes que expliquem a história da Igreja, peço-lhes que expliquem os avivamentos, peço-lhes que expliquem homens como Jonathan Edwards e as coisas que Deus fez por meio dele. Segundo esse ensino moderno, o que Jonathan Edwards ensinou sobre o pecado original e sobre a ira de Deus estava errado; mas o Espírito Santo de Deus honrou aquele ensino, para a salvação de incontáveis centenas de pecadores. A mesma coisa se pode dizer de Whitefield, e também se aplica à pregação dos puritanos, como também, antes deles, aos próprios “pais” protestantes, e, retrocedendo ainda mais, a Agostinho.

Como o apóstolo Paulo fazia, também fiz digressão, porém é uma digressão essencial, feita por esta razão – que, no momento em que você começar a basear a sua posição em sua incapacidade de entender, estará assumindo a posição daqueles críticos e liberais dos nossos dias, os quais, em última instância, não têm evangelho nenhum e cujo ministério, em consequência, é inteiramente ineficiente. Eles falam em cultura e erudição, mas jamais se soube que uma alma foi salva sob o ministério deles. O ensino deles não tem feito nada senão esvaziar as igrejas. É hora de dizer estas coisas com franqueza e com clareza, para que nos demos conta das consequências que se seguem quando começamos a estabelecer o nosso entendimento e a nossa razão como a sanção suprema e a autoridade final.

Já basta, quanto à exposição da cláusula final do versículo 12; com este entendimento da relação de todos os homens com Adão, devemos agora seguir Paulo quando ele afirma que Adão

é “a figura daquele que havia de vir”. É isso que acima de tudo o apóstolo está interessado em mostrar. Sua declaração é que, além e acima da historicidade de Adão e da nossa queda nele, Adão é um tipo de Cristo. É uma figura ou uma prefiguração do Senhor Jesus Cristo, que havia de vir. Portanto, o que se vê em nossa relação com Adão, deve-se ver também em nossa relação com Cristo.

Aqui, então, ele introduz esta comparação maravilhosa. Ele começa a esboçá-la, entretanto pára no início do versículo 15. No versículo 14 ele diz: “até sobre aqueles que não pecaram à semelhança de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir”, o que desde logo sugere que o paralelo entre Adão e Cristo é idêntico em todos e em cada um dos seus aspectos. Mas não é bem isso. “Devo fazer uma ressalva aqui”, ele parece dizer. Há uma grande similaridade central, porém também há contrastes, e diferenças extraordinárias. “Não vá avante com a idéia”, parece estar nos alertando, “de que estou dizendo que tudo o que se pode dizer da nossa relação com Adão é exatamente e nos mínimos detalhes o que se pode dizer da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Não é assim. Há diferenças, como também semelhanças.”

Quais serão as semelhanças, pergunto eu? Em quais sentidos é certo dizer que Adão foi um tipo de Cristo? Adão – Cristo! Eis aqui dois personagens axiais de toda a história humana. Aqui vão as semelhanças: primeiro, ambos foram designados por Deus. Como já estive mostrando, Deus designou Adão para ser o nosso cabeça e o nosso representante, e de igual maneira o Senhor Jesus Cristo, como nos é dito em muitas passagens do Novo Testamento, foi enviado, designado, separado e selado por Deus para a Sua obra e para ser o nosso representante.

Segundo, é certo dizer de cada um deles que é o cabeça de uma raça, de uma humanidade. Esta mesma tese é exposta de maneira particularmente clara e extensa pelo apóstolo no capítulo quinze da Primeira Epístola aos Coríntios. Não

somente aqui ele diz isso, mas o diz também ali, com aquelas ardorosas palavras que estamos acostumados a ouvir nos funerais e que tão poucos entendem: “O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu” (versículo 47). No versículo 45 ele se expressa sobre isso com outras palavras, dizendo: “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante”. Adão foi o “primeiro Adão” e o “primeiro homem”. O Senhor Jesus Cristo é o “segundo homem” e o “último Adão”. Essa é uma distinção muito importante. O famoso hino de John Henry Newman, que começa com as palavras “Louvai o Santíssimo nas alturas”, descreve o Senhor Jesus Cristo como o “segundo Adão”, porém, rigorosamente, não está certo. Ele é o “segundo” homem, mas é o “último” Adão. Por que será que Paulo faz esta distinção? Por este motivo: jamais haverá outro. Há somente dois cabeças de uma raça; o primeiro foi Adão, o segundo e último é o Senhor Jesus Cristo. Ele é o último Adão. Jamais haverá um sucessor para Ele, jamais haverá outro que seja designado para cabeça de uma raça de homens.

Terceiro, cada um deles foi elemento de uma aliança, e, portanto, é chefe pactual. Deus, como vimos, fez uma aliança com Adão. Praticamente lhe disse: “Você poderá ter e gozar esta vida de comunhão Comigo enquanto obedecer a certas condições. Você pode comer o fruto das árvores, mas não deve comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal – esse está proibido, esse lhe está vedado. Se comer, morrerá”, e assim por diante. Essa foi uma aliança. Exatamente da mesma maneira Deus fez uma aliança com Seu Filho. Tendo-o designado para Cabeça e Representante do Seu povo, Deus fez uma aliança com Ele, e a aliança foi que, se Ele levasse sobre Si os pecados do Seu povo, Deus o libertaria e o teria como Seu povo. Se Ele fosse obediente à Lei e satisfizesse a justiça de Deus, levasse os pecados dessas pessoas sobre Si e sofresse a pena que elas deveriam sofrer, elas estariam livres e seriam declaradas justas

aos olhos de Deus. Essa é a aliança de redenção que Deus fez com Seu Filho. Assim, cada um deles – Adão e o Senhor Jesus Cristo – é a cabeça da aliança feita com cada um deles.

O próximo ponto de semelhança é que cada um deles representou toda a sua semente. Ouçam isto de novo em 1 Coríntios, capítulo 15, versículos 21 e 22: “Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo”. Cada um deles representa toda a sua semente.

E o último ponto de semelhança é que cada um deles passou a toda a sua semente os efeitos e os frutos de sua obra. O pecado de Adão e suas conseqüências foram passados a todos nós, sem exceção; a obediência e a justiça de Cristo foram passados a todos os que crêem nEle.

São essas as semelhanças, os pontos partilhados em comum por Adão e pelo Senhor Jesus Cristo. É nesses termos que Adão é uma figura ou um tipo dAquele que havia de vir.

Fiquemos por aqui. Um bom número de pontos sumamente interessantes surgirão. O apóstolo prossegue para mostrar contrastes, dessemelhanças, diferenças entre as chefias de Adão e de Cristo. Ele o faz trazendo à luz o seu característico e ressonante “Muito mais”, com relação à graça de Deus, à dádiva gratuita da graça, em nossa salvação. E, no desenvolvimento disso, teremos que encarar outro problema que tem deixado muitos perplexos.

Muitas vezes as pessoas colocam esse problema na forma de perguntas. “Você fala destas similaridades” dizem elas – “assim como em Adão, assim também em Cristo” – e aí estão estas muitas declarações, como “Não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos”. “Se você vai dizer”, continuam essas pessoas, “que este é um paralelo perfeito, e você já nos disse que, por causa do pecado de

Adão todo o mundo é culpado perante Deus, e todos morrem, então você irá dizer que, por outro lado, Jesus Cristo salva todo o mundo?” Você é então universalista? Você crê que a salvação abrange todos? O “muitos” num lugar seria idêntico ao “muitos” no outro? A palavra “todos” significaria sempre a mesma coisa? Como você interpreta estas palavras “muitos” e “todos”? Enfrentaremos com honestidade essas perguntas e depois passaremos a mostrar o “muito mais” da graça de Deus em que Paulo tanto se deleita.

17

“Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.” – Romanos 5:15

Agora estamos preparados para desenvolver a comparação que o apóstolo faz entre a nossa relação com Adão e a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. Paulo a introduz no fim do versículo catorze onde, falando de Adão, ele diz: “O qual é a figura (o tipo) daquele que havia de vir”. Já vimos que há certas semelhanças e analogias notáveis entre Adão e o Senhor Jesus Cristo. Ambos foram designados por Deus; cada um deles foi o cabeça de uma raça; cada um deles foi o cabeça de uma aliança; cada um deles representou sua semente; cada um deles passou à sua semente os efeitos e os frutos de sua obra. Nesses aspectos há este óbvio paralelo entre a nossa relação com Adão e a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo; e é isso que o apóstolo está desejoso de demonstrar. Mas também vimos que o apóstolo interrompe imediatamente o seu curso de ação para assinalar que, conquanto haja este óbvio paralelo, há também uma diferença e um contraste muito óbvios. Sejam os claros, porém, em nosso prosseguimento, que as diferenças não anulam o paralelo; o paralelo é a realidade fundamental. O principal interesse do apóstolo é desfraldar a glória da graça e ele o faz mostrando que, embora o paralelo fundamental seja verdadeiro, no momento em que o examinamos em detalhe, o que nos impressiona e nos deixará mais admirados é a série de contrastes, todos eles refletindo a

glória e a maravilha da graça.

Ele passa a fazer isso nestes três versículos, 15, 16 e 17. Na nossa primeira análise desta seção já assinalamos que no fim do versículo 12 há a abertura de um parêntese (VA). Também indicamos que há mais um parêntese – um parêntese dentro de outro – e que após ele haver terminado isso, no fim do versículo 17, ele retorna, no versículo 18, à sua declaração fundamental iniciada no versículo 12. Agora vamos desenvolver particularmente os contrastes, as diferenças entre a nossa relação com Adão e a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo.

A maneira mais conveniente de classificar estes contrastes é considerá-los sob os títulos de gerais e particulares. A principal diferença geral é uma que o apóstolo não expõe explicitamente com palavras, mas está implícita no texto. Devemos extraí-la e salientá-la. O contraste geral básico advém do fato de que a nossa relação com Adão é natural, é física. Como vimos previamente, todos nós estávamos “nos lombos” de Adão – ele é o pai de todos nós, o princípio da raça humana; toda a raça procede dele. Assim, a nossa relação com Adão está baseada numa conexão física e numa descendência física. Podemos até ir além disso e dizer que todos nós fomos criados em Adão, e isso essencialmente, neste aspecto físico. Mas, quando passamos a falar da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo, logo vemos o contraste. A relação já não é física, e sim, espiritual. Isso, naturalmente, é óbvio, à superfície; e, contudo, as pessoas às vezes parecem omitir isso quando tentam forçar o paralelo em cada detalhe, como lhes mostrarei. Esquecem-se de que há esta diferença essencial. Procedemos de Adão fisicamente, mas a nossa ligação com o Senhor Jesus Cristo é espiritual, não física. Devemos ter isso em mente constantemente.

Permitam-me ilustrar este ponto referindo-me a um claro contraste entre o Velho Testamento e o Novo. No primeiro caso, tudo tende a ser material e materialista. Um homem era

abençoado no Velho Testamento, e era visto como abençoado, pelo número de bois, ovelhas e camelos que possuía. Não se vê isso no Novo Testamento; na verdade, vê-se quase o oposto. No Velho Testamento a verdade é comunicada de maneira externa, física, material; no Novo Testamento a comunicação é espiritual. De igual modo, a pessoa pertencia à nação de Israel mediante descendência física; porém não se pode pertencer ao reino de Deus mediante física descendência, mas como resultado de um renascimento espiritual. É isso que devemos ter em mente aqui. A nossa relação com o Senhor não é física; é espiritual. Esse é o grande ponto geral de contraste neste paralelo traçado pelo apóstolo.

No entanto agora, deixando de lado as diferenças gerais, vejamos as particulares. O apóstolo traça um arrojado quadro destas diferenças particulares no versículo quinze: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa”. Quer dizer que o que é verdade sobre a ofensa não é verdade sobre o dom gratuito em todos os aspectos; há um contraste aqui também, e é um contraste glorioso. As próprias expressões “a ofensa” e “o dom gratuito” imediatamente sugerem um contraste a nossas mentes; mas o apóstolo não se contenta em afirmar isso em termos gerais; ele o divide em detalhes para nós. Contudo, o que é fundamental é que de um lado existe uma ofensa, e do outro este grande e glorioso dom.

Examinemos essas expressões. Primeiro, “a ofensa”. Quando pensamos em Adão, e em nossa relação com Adão, o que de imediato vem a nossa mente é sua ofensa, o pecado que ele cometeu, a transgressão na qual caiu, a desobediência de que se fez culpado. O apóstolo tinha ressaltado isso: “Como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens”. A simples menção do nome de Adão lembra-nos a ofensa. Ele desobedeceu ao mandamento de Deus, quebrou a lei e assim se fez culpado de uma transgressão. Ao que leva tal conduta? A resposta acha-se, na Versão Autorizada, nas palavras “pela

ofensa de um, muitos morreram”. E, como vimos muitas vezes, a expressão significa que estávamos envolvidos na culpa. Ofensa e culpa sempre levam à morte. Vimos que o apóstolo vem dando ênfase a isso desde o versículo 12: “Entrou o pecado no mundo” e então, porque o pecado entrou, “pelo pecado (entrou) a morte”. A morte sempre faz parte da punição da culpa do pecado. Daí, por causa desta ofensa única, muitos morreram. Todavia, como a morte é algo que se segue como resultado de culpa, é necessariamente certo que a morte é o justo merecimento de todos nós. Se somos punidos pelo pecado, é óbvio que merecemos isso. Uma ofensa sempre merece punição porque envolve culpa. E é isso que acontece com todos nós, por causa da nossa relação com Adão. Quando Adão pecou, todos nós pecamos – “por isso que todos pecaram”, como nos é dito no fim do versículo doze. Assim, a nossa relação com Adão tornou-nos a todos ofensores e pecadores, o que significa que todos nós morremos; e merecemos essa morte porque estamos envolvidos na culpa do pecado.

Resumamos isso com a colocação feita pelo apóstolo no fim do capítulo 6: “O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. A morte é uma espécie de “salário” que nós ganhamos. Deus fez uma aliança com Adão. Disse-lhe o que ele não devia fazer, e que se ele ofendesse seria punido, e que a punição seria a morte e o banimento da Sua presença e do jardim do Éden. Isso incluía a morte física bem como a espiritual. Adão fez o que estava proibido, e recebeu o salário devido ao que ele tinha feito. Assim a punição aplicada a nós todos em consequência do pecado deve ser considerada em termos de algo ganho, de salário recebido. “O salário do pecado é a morte.” Recebemos o que merecemos, morremos, e merecemos morrer por causa do nosso envolvimento na culpa do pecado de Adão. A aliança foi feita com Adão como nosso cabeça e representante. Estávamos nos lombos de Adão. Ele

não estava agindo apenas quanto a si mesmo; estava agindo com respeito a todos nós. E o que aquela ação merece é: “O salário do pecado é a morte”.

“Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa”; e a própria terminologia logo nos faz sentir o contraste completo – “dom gratuito”. Agora estamos na área dos “salários”; não é mais questão de merecimentos. E aqui Paulo expõe o seu grande e glorioso contraste – de um lado “ofensa”, e tudo o que leva a isso, e, do outro lado, o “dom gratuito”.

Mas ele não se contenta com o simples uso da expressão “dom gratuito”. Ele a expõe e deixa que o sigamos nesse processo. “Porque”, diz ele, “se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.” Temos aqui uma daquelas gloriosas declarações do evangelho e da salvação que o apóstolo utiliza tão livremente neste particular capítulo desta Epístola, e, seguramente, nenhuma é mais gloriosa do que esta. Cada termo é importante, cada palavra conta, e, portanto, devemos vê-los e examiná-los cuidadosamente.

Devemos começar com a expressão “muito mais”, porque, em certo sentido, ela diz tudo. Todavia, embora ele tenha dito tudo quando a empregou pela primeira vez, continua a repeti-la. “Se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais...” – e todo o evangelho está neste “muito mais”.

Que será que esta expressão significa aqui? Muita coisa! Em primeiro lugar, significa que, se a nossa conexão com Adão, que era tão-somente homem, levou certa e inevitavelmente ao resultado que se concretizou em nossa morte, “muito mais” com a nossa conexão com o Senhor Jesus Cristo, que é Deus como também homem, certamente levará ao resultado prometido. Coloco isso em primeiro lugar porque estou certo de que era isso que acima de tudo o apóstolo tinha em mente, e pela seguinte razão: temos visto, desde o princípio deste capítulo, que o que estava dominando a mente do

apóstolo e mais o comovia, tanto que mal podia expressar-se bem, era a certeza absoluta da salvação. “Se”, diz ele, “um homem está em Cristo Jesus e foi justificado pela fé, tem paz com Deus. Além disso, ele tem acesso a esta graça na qual estamos firmes, e se regozija na esperança da glória de Deus.” E ele foi repetindo isso, vez após vez. Vimos que ele discutiu isso com muito vigor nos versículos 9, 10 e 11: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação”. Mas isso não é tudo; ele retorna aqui ao “muito mais”. O argumento é, num sentido, o mesmo dos versículos 9 e 10. Adão era apenas homem, entretanto, mesmo em seu caso, o resultado do seu único ato foi certo e seguro. Agora, porém, como o Senhor Jesus Cristo é o Deus-homem, o resultado do Seu único ato é infinitamente mais certo e seguro; necessariamente acontece. A certeza disso tudo é assinalada pelo “muito mais”.

Mas há outro elemento aqui. Acredito que no emprego da expressão “muito mais” o apóstolo tem em mente o contraste entre a morte e a vida. A morte é inevitável, a morte é uma certeza; há uma finalidade com relação à morte. Todavia, afinal de contas, a morte não é tão poderosa como a vida; e aí está o contraste. Paulo está contrastando a morte com a vida. “Porque, se pela ofensa de um morreram muitos.” Ah! Eis aqui, porém, Aquele que tem vida, a vida perene, a vida eterna, a vida de Deus. Isso é “muito mais” que a morte. Se a morte é certa, quanto mais certa há de ser a vida! Já não estamos sob o poder da morte; estamos na esfera da vida e experimentando o poder da vida, pelo que dizemos: “Muito mais”.

Há, contudo, outro sentido nisto. Se a justiça e a a retidão de Deus levam à punição, “muito mais” o Seu amor, a Sua

graça e a Sua misericórdia e compaixão levarão à salvação. Quanto mais conhecermos a Deus, mais compreenderemos que tudo o que Ele faz é absoluto. É por isso que, quando Deus fez a aliança com Adão e impôs as condições, era inevitável que a morte viesse na seqüência. Mas (e seguramente nós temos direito de dizer isto) Deus tem mais prazer em Seu amor do que em Sua justiça. O amor é Sua natureza; Sua natureza e Seu ser são amor. Assim temos o direito de apresentar o “muito mais” desta maneira. Se podemos dizer (e podemos) que a justiça essencial e eterna de Deus levaram à punição e à morte, quão infinitamente mais certo e seguro podemos estar – especialmente tendo visto tudo isso demonstrado vividamente em Cristo – que o Seu amor vai realizar por nós o que Ele disse que realizaria, isto é, dar-nos vida. Temos aqui, pois, um contraste entre a justiça e retidão por um lado, e o amor por outro. Não há divisão ou contradição, porque todos estes atributos estão juntos, e juntos estão presentes em Deus. O contraste é apenas mental em nós, por assim dizer, salientando que Deus Se deleita em Seu amor e em Sua generosa graça.

Pois bem, eu me aventuro a acreditar que há um outro elemento neste contraste; e este é muito importante para nós do ponto de vista prático, na verdade de todo e qualquer ponto de vista. O que o Senhor Jesus Cristo fez por nós, os que nEle cremos, não é mera e unicamente restaurar-nos ao que éramos em Adão. Ele fez muito mais. Vejam isso da seguinte maneira: estávamos em Adão. Adão pecou, cometeu uma ofensa; e nós caímos com ele, todos nós morremos. Que fez o Senhor Jesus Cristo por nós? Assevero que Ele não Se limitou a colocar-nos de volta onde estávamos, em Adão. O conhecido hino de Isaac Watts, que começa com as palavras “Jesus reinará onde quer que o sol”, assinala muito bem esta idéia. No original há uma estrofe que, por alguma razão completamente inexplicável, é omitida em nossos hinários. Creio que estou certo quando digo que só se encontra no Hinário da Igreja Batista e

no Livro de Hinos Metodista. Nessa estrofe omitida encontram-se estes dois versos:

*Em Jesus Cristo as tribos de Adão gozam
Mais bênçãos que as perdidas por seu pai.*

Creio que Isaac Watts está certo quando afirma que as bênçãos da salvação excedem as perdas sofridas em consequência da queda de Adão. O nosso Senhor não nos coloca apenas onde estávamos antes da Queda; leva-nos para além desse ponto. “Muito mais”; “Mais bênçãos que as perdidas por seu pai”! Em breve retornaremos a este assunto, examinando-o mais minuciosamente.

Basta, quanto à primeira expressão, “muito mais”. Isso nos leva inevitavelmente à expressão “a graça de Deus”. É a graça de Deus que produz este “muito mais”. Em estudos anteriores já definimos muitas vezes a palavra “graça”, mas, para mim, como para Philip Doddridge, a graça é um “som encantador, harmonioso aos ouvidos”, que me obriga a relembrar a vocês o seu significado. A graça é a qualidade de Deus, o atributo de Deus que O leva a tratar generosamente e a abençoar seres totalmente indignos. Graça é favor demonstrado para com pessoas que não merecem favor algum, pessoas que, na verdade, merecem exatamente o oposto. Não há como exagerar na lembrança deste fato. É por isso que o Novo Testamento o repete com tanta frequência. Foi quando nós estávamos “ainda fracos”; foi quando ainda éramos “ímpios”; foi quando ainda éramos “pecadores”; foi quando ainda éramos “inimigos” que Deus enviou Seu Filho unigênito, Seu bem-amado Filho ao mundo, e para morrer por nós! Isso é graça! É favor feito a pessoas que nada merecem senão ira, ódio, punição e perdição. A graça de Deus! “Muito mais”, diz o apóstolo Paulo, “a graça de Deus”.

A que leva a graça, então? “A graça”, diz o apóstolo, leva a “um dom”. “Muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça,

ou “o dom que vem por meio da graça”. Vê-se o contraste em toda parte, em cada termo empregado. Ele não está falando mais em “salário”, mas em “dom”. A salvação é algo que nos é dado e que recebemos absolutamente de graça, como dom de Deus. Se de algum modo você acha que foi salvo e perdoado por causa de alguma coisa existente em você, duvido que esteja perdoado. O apóstolo já nos tinha falado disso com toda a clareza no versículo vinte e quatro do capítulo 3: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”. Se não vemos que tudo é dom, é presente de Deus, algo que não fizemos nada para merecer, conquistar ou ter direito de receber de forma alguma, então simplesmente não temos visto “a verdade como está em Jesus”. Tudo é para a glória da graça. Essa é a essência da salvação. Deus “justifica o ímpio”. É uma dádiva realmente gratuita. Não há nada em nós que a mereça. Até mesmo se você está dependendo no fato de que você crê, está arruinando tudo. Não há em nós absolutamente nada. É inteiramente um dom gratuito da graça de Deus. Totalmente “dado”. O apóstolo realmente não define dom aqui; ele o faz mais adiante, nos versículos 17, 18 e 21. O “dom” é a “vida eterna”; de novo o contraste com a morte – “por causa da ofensa todos morreram”. O dom gratuito da graça de Deus é a vida eterna, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor.

Isso nos leva à próxima expressão. “Muito mais”, diz o apóstolo, “a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.” Temos aqui a expressão – a mais encantadora delas, penso eu – expressão na qual Paulo sente tanto prazer que a repete nos versículos 17 e 20. “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo.” E no versículo 20: “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas onde o pecado abundou, superabundou a graça”. O que está empolgando e comovendo profundamente

o apóstolo e está produzindo esta tremenda eloquência é – o caráter “abundante” da graça de Deus.

Aqui também, que maravilhoso contraste! A morte é improdutiva; a morte é o fim; a morte é final; a morte não produz fruto. A morte é, por definição, algo completamente infrutífero. Assim, quando você diz “a morte entrou e todos morreram”, se não operar nenhum outro fator, não poderá dizer coisa alguma sobre eles, exceto que continuarão nessa condição por toda a eternidade. Não há desenvolvimento. Mas não é esse o caso com a graça de Deus. O “muito mais” leva à vida, e assim leva a algo que é abundante. É da própria natureza da vida desenvolver-se, multiplicar-se, crescer. Vejam isso nos domínios da natureza. Pensem numa semente que vocês semearam, e depois vejam a abundância do fruto que dela provém. Ela se divide por um processo de fissão que continua e se multiplica. A semente tem vida, e a vida se multiplica e se reproduz numa espécie de progressão geométrica. “A abundância foi abundante”, diz o apóstolo. Se não vimos este elemento da graça, perdemos um dos seus aspectos mais gloriosos. João Bunyan o viu, e por isso ele dá a um dos seus livros mais famosos o título de “Graça abundante para o maior dos pecadores”.

A graça é sempre abundante. Nunca se deve pensar na graça em termos estáticos, mecânicos, mercenários. Não, não! Não há medida para a graça, não há limite – é ilimitável. Observem as expressões empregadas com relação a ela nas Escrituras. João, no capítulo primeiro do seu Evangelho, no versículo 16, diz: “E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça” – graça sobre graça, graça após graça. Quando você pensa que já tem tudo, vem mais, e mais, e assim continua mais e mais, eternidade adentro. Não tem fim; até à Sua “plenitude”; é eterna, é ilimitável, é imensurável. Este mesmo apóstolo Paulo, escrevendo aos efésios, fala no capítulo dois das “abundantes riquezas da sua graça”. No capítulo três da mesma Epístola diz ele que tem o grande

privilégio, para o qual foi chamado, de pregar entre os gentios “as riquezas incompreensíveis de Cristo”. “Incompreensíveis”, inestimáveis, insondáveis, riquezas que não se pode computar, às quais nada se pode acrescentar, riquezas sem fim. Como este é o domínio no qual fomos introduzidos, seria de admirar que o apóstolo diga “muito mais”? Seria de admirar que ele goste tanto da expressão “abundância da graça” ou que a graça foi abundante?

Que é que significa graça, graça abundante? Ah! Como isso é importante para nós! Suponho que vou ofender alguém se disser isto: como pregador, eu tenho grande vantagem sobre as pessoas que me ouvem expor estas grandes expressões. Vocês vêm dos seus escritórios, das suas profissões, ou seja lá do que fazem; estiveram ocupados durante o dia. Vocês não têm escolha, é seu dever cumprir suas diversas vocações; mas eu passei o dia com estas grandes expressões e idéias que lhes exponho. Os privilégios do pregador são muito grandes, e sua responsabilidade é correspondentemente grande. De todas as pessoas o pregador é quem deve estar preparado para exaltar a incomparável graça de Deus. Mas todos os cristãos que crêem nestas coisas devem meditar nelas e considerá-las atentamente, para poderem cantar com todo o seu ser —

*Há bênçãos abundantes onde Ele reina;
O prisioneiro salta para soltar seus grilhões.*

Lembrem-se destas coisas na próxima vez em que cantarem esse hino. Ele nos relembra a “graça abundante” e que para a graça de Deus não há limite.

Estudemos a graça de Deus e analisemo-la um pouco. Receber a graça não significa que apenas somos perdoados. Somos perdoados, graças a Deus. A primeira coisa de que necessitamos é de perdão; estamos arruinados sem ele, estamos perdidos. Precisamos do perdão, precisamos ser lavados e purificados da culpa do pecado. No entanto, a graça de Deus

não se detém no perdão. O Senhor Jesus Cristo não veio do céu, viveu, morreu e ressuscitou tão-somente para providenciar perdão para nós e garantir que não vamos para o inferno. A salvação não fica nisso; inclui muito mais do que pôr-nos de volta onde Adão estava antes de cair.

Considerem a situação. Adão foi feito à imagem e semelhança de Deus. Vivia num estado de inocência. Não tinha cometido pecado e sua natureza era sem pecado. E, contudo, havia algo negativo mesmo naquele estado; a inocência sugere a ausência de alguma coisa. Mas não é essa a situação na qual a abundante graça de Deus nos introduz. Somos colocados numa situação em que, como Isaac Watts diz com muito acerto, temos uma posição melhor que a de Adão. Temos algo que faltava a Adão, pois estamos “em Cristo”. Adão não estava em Cristo. Adão foi feito à imagem de Deus mas estava, por assim dizer, fora da vida de Deus. Nós, porém, estamos “em Cristo”. Deus o Filho veio à terra; Ele assumiu a natureza humana; e nós estamos “nele”. Adão nunca esteve nessa posição. Nós fomos incorporados em Cristo. Nós somos membros da família de Deus. Não foi assim com Adão. Ele era um homem perfeito, era inocente, não tinha cometido pecado; todavia não era membro da família de Deus.

Vou mais longe. Acaso estão prontos para acompanhar o estudo? Não estamos mais numa condição de prova e sujeitos a cair; mas essa era a posição de Adão. Ele foi feito à imagem de Deus, era inocente, era perfeito e sem pecado, porém estava em prova, havia a possibilidade de ele cair, e caiu.

*Em Jesus Cristo as tribos de Adão gozam
Mais bênçãos que as perdidas por seu pai.*

Reitero que em Cristo não estamos em estado de prova, e que não há possibilidade de cairmos da graça. Estamos além disso. A nossa glorificação está garantida, como vimos nos versículos 1 e 2 deste capítulo cinco, e como veremos vez após vez à

medida que prosseguirmos.

“Qual é a sua autoridade para dizer tais coisas?”, perguntará alguém. Não há nenhuma dificuldade em responder. Minha autoridade é todo o argumento do próximo capítulo (capítulo 6) e mais ainda do capítulo 8. Mas, se você quiser a resposta em declarações particularmente específicas, poderá encontrá-las no capítulo 2 da Epístola aos Efésios. Eis o que diz o versículo 4: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”. Isso, afirma Paulo, já nos aconteceu. Não é um prospecto; aconteceu. Se estamos em Cristo estamos assentados “nos lugares celestiais”; não estamos em prova e não podemos cair. Não se pode dizer isso de Adão, mas de nós, cristãos, sim.

Vejam também como essa verdade é ratificada no capítulo oito desta Epístola aos Romanos: “Aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (versículo 30). Nós “nos gloriamos na esperança da glória de Deus”, exultamos nisso, estamos seguros disso. Sabemos que vamos estar lá. “Ninguém as arrebatará da minha mão” nem “da mão de meu Pai” (João 10:28,29). A perseverança final dos santos é garantida por este “muito mais” da graça de Deus que se mostra abundante para conosco. Se você está em Cristo você vai para a glória, e nem o pecado, nem o inferno, nem o diabo podem ficar entre nós e a nossa entrada lá. “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (capítulo 8, versículos 38 e 39). Vocês temem esta doutrina? Nenhum dos membros do povo

de Cristo estará faltando, nenhum deles se perderá. Não fomos meramente restaurados à condição de Adão, fomos levados para além desse ponto. O Filho de Deus garante isso, e o fim é tão certo como o princípio.

A próxima expressão que nos cabe considerar é uma que o apóstolo nunca deixa fora. Notem a frase que ainda não mencionei. “Muito mais”, diz ele, “a graça de Deus e o dom pela graça, que é *dum só homem*, Jesus Cristo.” O apóstolo, digo e repito, nunca deixa isso fora; e este é o contraste mais glorioso de todos. Em Adão estávamos unidos a um homem, um ser humano criado. Mas Jesus Cristo não foi criado. Ele é o unigênito Filho de Deus o Pai – “gerado, não criado”. Ele nasceu como homem, porém não foi criado; foi gerado da virgem, Maria, mas não foi criado. Não é uma criatura, um ser criado. É heresia dizer que é. Os anjos são seres criados, mas Ele não. Ele é o eterno Filho de Deus. Ele era desde o princípio; Ele está sempiternamente no seio do Pai; Ele é um com o Pai. “No princípio era o Verbo” – “gerado, não criado”. Ele é o Filho eterno; e nós estamos unidos a Ele.

Como seres unidos a Adão, estávamos preocupados com a questão da desobediência; mas em Cristo nos gloriamos em Sua obediência perfeita. A bênção nos veio por meio dEle e de Sua obediência. Se vocês nunca se aperceberam disso antes, apercebam-se agora. Não há bênção que alguma vez tenha vindo ou venha de Deus ao homem que não venha por meio do Senhor Jesus Cristo. Sem Ele não há salvação. O que vou dizer digo com reverência, mas mesmo Deus não poderia perdoar-nos independentemente do que aconteceu em Jesus Cristo. A encarnação não é uma exibição teatral. A morte na cruz não é um quadro. Não, não! Foram essenciais, tinham que acontecer, esse era o único caminho. A justiça de Deus exige isso; a integridade do Ser divino e eterno insiste nisso. A graça de Deus nos vem única e exclusivamente no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Se Ele não tivesse vindo, se não se pudesse dizer dEle que, apesar de que “não teve por

usurpação ser igual a Deus”, Ele Se humilhou e Se fez como alguém sem boa reputação, tomou a forma humana, até mesmo a forma de servo; se Ele não Se humilhasse e não fosse obediente até à morte, e morte na cruz, e se não Se submetesse passivamente a ter os pecados dos homens postos sobre Si e punidos nEle – sim, se Ele não tivesse feito isso tudo, se o Seu sangue não fosse derramado e Ele não tivesse ressuscitado, não haveria nenhuma graça abundante, não sealaria na “abundância da graça de Deus” com relação a nós. Tudo nos vem por intermédio dAquele Pessoa única – verdadeiro homem, verdadeiro Deus, duas naturezas numa só Pessoa, o Deus-homem, Cristo Jesus. “Muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.”

A questão vital, a questão supinamente importante, é esta: você conhece esta graça abundante? Você se regozija nela? Você se emociona ao contemplá-la? Você a está experimentando? Você pode dizer com Charles Wesley,

*Tu, ó Cristo, és tudo quanto eu quero,
Bem mais que tudo em Ti encontro.*

Seria Cristo isso para você? Sua salvação é meramente uma questão de dizer: “Eu creio que os meus pecados estão perdoados”, ou você está se regozijando nela? Você está “recebendo de Sua plenitude”? Você está ciente de que Ele vem ao encontro de todas as suas necessidades? Você está olhando para o futuro, para a glória vindoura, e está se regozijando em sua antecipação dela? Está seguro disso – da “abundância da graça”?

Cada vez mais me convenço de que somente quando eu e vocês, e outros membros da Igreja Cristã, estivermos regozijando-nos nesta graça abundante como devemos, estaremos atraindo as pessoas que estão fora da Igreja. É assim que eu entendo a evangelização. Se eu, vocês e todos os outros

cristãos estivermos andando por este mundo como homens e mulheres que estão experimentando a “abundância da graça” e este “muito mais”, veremos que as pessoas nos param, em meio ao seu trabalho, aos seus negócios, ao exercício de sua profissão e na rua, e nos dizem: “Diga-me, que é isso? Quero saber como é isso. Quero-o para mim”. Mas como a coisa é na realidade atual, muitíssimas vezes as pessoas nos olham e dizem: “Se o cristianismo é isso, não quero saber dele”. É pecado viver sem o gozo da “abundância da graça”. É pecado viver como mendigo quando se foi destinado a ter vida de príncipe. Jamais fomos destinados a ficar girando em penúria; somos “filhos do Pai celestial”. Levantem a cabeça! Andem pelo mundo mostrando a abundância das riquezas da graça de Deus em sua vida e em sua experiência; e assim proclamem Sua graça e proclamem Seu louvor.

18

“Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.” – Romanos 5:15

Já examinamos o contraste entre Adão e o Senhor Jesus Cristo em geral, e também demos alguma atenção ao tratamento mais particular dado pelo apóstolo ao assunto. Mas, antes de entrarmos mais nos detalhes, talvez seja melhor considerar nesta altura a questão que parece levantar-se na mente de muitos quanto ao uso dos termos “muitos” e “todos”. Na verdade, quanto ao termo “muitos”, na tradução da Versão Autorizada (inglesa), a expressão empregada pelo apóstolo deveria ser traduzida “os muitos”. Não que isso faça a menor diferença, porém deveria ser: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram os muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre os muitos”. Depois se vê que Paulo utilizou o termo “todos”. Vejam o versículo 18: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”. A seguir, no versículo 19, ele volta a “os muitos”. “Porque, como pela desobediência de um só homem, os muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um os muitos serão feitos justos.”

Sinto-me compelido a considerar esses termos a fim de descobrir até que ponto o paralelo aplica-se numericamente.

Há pessoas que dizem: “Obviamente, as expressões “os muitos” e “todos” significam exatamente a mesma coisa tanto num caso como no outro”. “Afinal de contas”, dizem elas, “todos” significa “todos”, e “os muitos” significa “os muitos”, e se “os muitos” significa “todos” num lugar, só pode significar “todos” no outro.” Por isso elas deduzem que evidentemente o apóstolo está ensinando que todos serão salvos. E se vocês forcarem as palavras impondo-lhes o sentido literal, essa é a única conclusão a que poderão chegar. O ensino é bastante claro e direto no sentido de que “todos morreram em Adão” – todo o mundo. Estivemos salientando isso desde o princípio – as crianças, todos. Todos os que viveram entre o tempo de Adão e o de Moisés morreram, todos os homens morrem em Adão. Portanto, argumentam elas, como temos o mesmo termo no outro lado, deve significar que todos serão salvos em Jesus Cristo.

Este conceito é chamado universalismo. Existem os que acreditam no universalismo e o ensinam. Atualmente existem muitos deles, os quais acreditam que todos os seres humanos, sem exceção, serão salvos. O principal argumento deles é que temos aí “os muitos” e “os muitos”, e “todos” e “todos”; e eles dizem: “Todos” significa “todos”, e aí está!”

Seria tão simples assim? Seria desse jeito que se deve manusear e aplicar as Escrituras? Sugiro-lhes, com todo o vigor, que não é; e por várias boas razões. Esta, para começar: usar as Escrituras dessa maneira é fazer-se culpado de puro literalismo, que, parece-me, revela falta de inteligência. É um erro tomar isoladamente cada palavra das Escrituras dessa maneira literal, pois muitas vezes as Escrituras empregam figuras e símbolos. “Como você sabe quando elas estão fazendo isso?” alguém perguntará. A resposta é que geralmente o contexto mostra isso com clareza. O certo é que não devemos tolamente pegar uma palavra aqui e outra ali; devemos tomar cada declaração em seu contexto.

Se vocês agirem dessa forma correta, vão descobrir que

palavras como “todos”, “o mundo”, “muitos” etc., como empregadas nas Escrituras, muito freqüentemente não se referem a cada pessoa, individualmente. Eles parecem ser termos abrangentes – “todos”, “o mundo” etc. – mas há muitas instâncias nas Escrituras onde claramente não significam cada membro da família humana. Vejam, por exemplo, o que nos é dito no início do capítulo dois do Evangelho Segundo Lucas, referente à ocasião do nascimento do nosso Senhor. O texto fala do decreto que ordenou “que todo o mundo se alistasse”. Não significa que cada indivíduo do mundo inteiro deveria submeter-se àquele recenseamento. Vê-se um emprego semelhante da expressão “todos” no versículo vinte e seis do capítulo três do Evangelho Segundo João. Tinha surgido uma questão entre alguns discípulos de João Batista e os judeus acerca da purificação, e lemos: “E foram ter com João, e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e *todos* vão ter com ele”. Se vocês preferirem dizer que isso significa que todos e cada um dos habitantes do mundo foram ter com Jesus naquela ocasião, naturalmente ninguém poderá impedi-lo, mas o certo é que fazer isso é absurdo. Os judeus falaram hiperbolicamente; era sua maneira de dizer que muita gente estava indo ter com Cristo. Parecia que todos estavam indo para lá. Às vezes dizemos: “O mundo inteiro foi atrás dele”, quando nos referimos a alguém que goza de popularidade; não se vá imaginar que significa que cada pessoa do mundo, literalmente, foi atrás dele. O que queremos dizer é que muita gente encontrou nele um centro de atração.

Aí estão dois exemplos do uso inexato de expressões dessa categoria. Mas não são os únicos. Vejam também a citação que, em seu sermão pregado em Jerusalém, Pedro faz do profeta Joel sobre o dia de Pentecoste. Pedro diz: “Estes homens não estão embriagados... isto é o que foi dito pelo profeta Joel: e nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne”. Essa foi a estupenda promessa

da vinda do Espírito Santo, “a promessa do Pai”. “Do meu Espírito derramarei sobre toda a carne.” Vocês realmente acreditam que todas e cada uma das pessoas que estiverem vivas nos “últimos dias” – e Pedro aplica a promessa à era do evangelho – serão batizadas pelo Espírito Santo? A declaração de Joel, tomada literalmente, parece implicar isso, e pode não significar outra coisa – “toda a carne”. O universalista diria que aqui “toda a carne” quer dizer “toda a carne”, e isso significa “todo o mundo” ou “todos”. Assim, com base nesse argumento, vocês teriam de dizer que um homem que durante toda a sua existência teve uma vida má e torpe, e que morreu blasfemando do nome de Deus, recebeu o batismo do Espírito Santo. Teriam de dizer que Deus derramou o Seu Espírito sobre ele. No entanto, quão patentemente ridículo é isso! Portanto, não se pode dizer simplesmente que “todos” significa “todos”, e que “os muitos” significa “os muitos”, e que isso é tudo. Isso é, reitero, uma forma extremamente tola de literalismo, e quem procura entender o ensino das Escrituras jamais deveria fazer-se culpado de usá-lo.

Mas há um segundo motivo para a rejeição de um literalismo tolo. A palavra “todos”, da maneira como é freqüentemente empregada nas Escrituras, é limitada por condições que as próprias Escrituras mostram com clareza; isso aplica-se às palavras que estamos examinando no texto em foco – “todos” e “os muitos”. O limite aqui está perfeitamente claro, no versículo 17: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse” – e Paulo tinha acabado de dizer que a morte reinou sobre todos, e continuou repetindo essa afirmação – “muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Ele não está dizendo que todos recebem a abundância da graça e do dom da justiça. O que ele está dizendo é que “os que”, e somente os que recebem essa graça, é que “reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Aí, notem vocês, é introduzido um limite. Todos morreram em Adão, porém nem todos reinarão

em vida. Quem vai reinar em vida? Somente aqueles que “recebem a abundância da graça, e do dom da justiça”! Assim, o próprio contexto põe logo um limite a “os muitos”, da parte de Cristo. Unicamente aqueles que recebem a abundância da graça e do dom da justiça é que vão reinar em vida. Assim é que, sem sairmos do contexto imediato, vemos que é imposto um limite a este segundo “os muitos”, e ao segundo “todos”. Não fui eu que introduzi este limite; foi o apóstolo Paulo que o introduziu deliberadamente.

Contudo, há outros lugares onde é introduzida uma limitação. No capítulo três desta Epístola aos Romanos, o apóstolo, como já vimos, diz nos versículos 21 e 22: “Mas agora se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem”. “Os que crêem”! Não é para todos, no sentido de cada pessoa individualmente considerada, mas para “todos os que crêem”. Aí está a condição. Logo, o significado do termo “todos” ali é imediatamente limitado por esta condição de crer, como neste capítulo cinco é condicionado pelo recebimento desta “abundância”. Vocês podem ver ainda exatamente a mesma coisa no capítulo 4, versículo 16: “Portanto”, Paulo diz, “é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão, o qual é pai de todos nós”. Abraão é o pai de todos os que crêem, como já fora dito no contexto imediato. Abraão é o pai espiritual de todos os que têm esta fé, e de ninguém mais. “Porque nem todos os que são de Israel são israelitas” (Romanos 9:6). São filhos de Abraão somente os que são filhos da fé. Assim, de imediato, o termo “todos” é limitado por esta condição em particular.

Devemos dar-nos conta da grande importância disto, por conseguinte permitam que lhes ofereça outra ilustração, tomada do livro de Atos dos Apóstolos. Paulo, pregando em Antioquia da Pisídia, diz em Atos 13:39: “E de tudo... por ele

(Cristo) é justificado todo aquele que crê”. Todo aquele que crê é justificado; não todos, não todo o mundo; “É justificado todo aquele que crê.” Ora, o apóstolo não diz uma coisa em Antioquia da Pisídia e outra quando escreve aos cristãos da cidade de Roma. Seu ensino é coerente em toda parte. Há, pois, invariavelmente, essas condições introduzidas para limitar o uso desses termos à primeira vista totalmente inclusivos, totalmente abrangentes.

Mas eu não tinha necessidade de dizer tudo isso. Eu o fiz apenas para mostrar que, simplesmente baseado na língua, o universalismo não pode resistir nem por um momento. Todavia há algo que é muito mais evidente. Sem nenhuma dúvida, se há uma coisa que sobressai proeminentemente nas Escrituras de capa a capa, é a divisão da humanidade em dois grandes grupos finais – os salvos e os perdidos. Vê-se isso claramente no Velho Testamento. Deus separou o povo de Israel de todos os demais, e a distinção foi preservada o tempo todo e da maneira mais minuciosa. Chegando ao Novo Testamento, vê-se João Batista, o precursor, afirmando com muita clareza esta distinção final. Quando fala sobre o nosso Senhor, ele diz: “Em sua mão ele tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará” (Mateus 3:12). Aí está a divisão, tão clara quanto possível.

Nota-se a mesma distinção no ensino do nosso Senhor: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Que se diz dos que não crêem? Jesus Cristo afirma que “quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do Unigênito Filho de Deus” (versículo 18). E no fim desse capítulo três do Evangelho Segundo João acha-se esta tremenda declaração: “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida; mas a ira de Deus sobre ele permanece”. O que poderia ser mais claro? Esta divisão final

encontra-se em toda parte. Ainda no Evangelho Segundo João, capítulo 5, diz o nosso Senhor que Ele foi enviado para julgar. Eis o que Ele diz: “E (o Pai) deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem. Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação” (versículos 27-29). Aí está de novo esta divisão em duas classes de homens, como se vê de fato em todas as partes das Escrituras.

O apóstolo já tinha dito a mesma coisa no capítulo 2 desta Epístola aos Romanos. Vejam os versículos 6 a 9: “...o qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer (o) bem, procuram glória e honra e incorrupção; mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade; tribulação e angústia sobre toda alma que faz o mal; primeiramente do judeu e também do grego”. Todavia, se não tivéssemos nada mais que o livro do Apocalipse, seria suficiente; em toda parte temos referências a esta mesma separação. Entretanto, em nenhum outro lugar isso está mais claro que em Mateus 25, nas palavras do nosso Senhor mesmo, onde Ele fala em ovelhas e cabritos e na divisão dos que estarão à Sua direita e os que estarão à Sua esquerda. E é divisão absoluta e eterna.

Apesar disso tudo, há os que tolaemente dizem: “Ah, mas aqui diz “os muitos” e “os muitos”, e “todos” e “todos” ; e “todos” significa todos...”. Não percebem que, argumentando dessa maneira, estão transformando num absurdo o claro ensino das Escrituras. De qualquer forma é, clara e evidentemente, um procedimento nada inteligente. Sejam os cuidadosos quando manusearmos a Palavra de Deus, e procuremos compreender que toda declaração das Escrituras deve ser tomada no contexto do conjunto geral. Devemos comparar Escritura com Escritura. Devemos “manejar bem” a Palavra

da verdade (2 Timóteo 2:15). Não devemos basear uma doutrina numa declaração particular, e devemos lembrar-nos sempre de que as Escrituras nunca se contradizem. Todas elas procedem de Deus; são um todo completo; em toda parte são coerentes consigo mesmas. Por essas razões irresistíveis, deve estar mais que claro que a passagem que estamos estudando não ensina o universalismo. Em parte nenhuma a Bíblia ensina que todos serão salvos.

“Muito bem”, dirá alguém, “se não significa salvação universal, significa então que o que o apóstolo está ensinando aqui é que a oportunidade ou possibilidade de justificação deve ser oferecida a todos? Estaria ele dizendo que em Jesus Cristo todos podem ter a oportunidade de se justificarem, se crerem e aceitarem a mensagem? Se não é um fato concernente a todos, é uma possibilidade para todos?” Mais uma vez, parece-me que não há dificuldade em dar-lhe resposta. Devemos rejeitar essa colocação por este bom motivo – que o que Paulo está acentuando neste capítulo não é a possibilidade, e sim, a certeza. Quando começamos a exposição deste capítulo, dissemos (e pudemos demonstrá-lo repetidamente) que em toda esta parte o apóstolo está interessado nesta finalidade, na certeza absoluta da salvação, e no fato de que nada pode impedi-la. E nós o temos acompanhado enquanto ele desenvolve o tema em termos da expressão “muito mais”, que ele emprega nos versículos 9 e 10, e de novo nesta seção posterior. O que ele está salientando não é o que pode acontecer, mas a certeza do que acontece e acontecerá. Ele não está falando de possibilidades, mas de fatos reais.

Além disso, a analogia se romperia completamente se ele estivesse meramente denotando uma possibilidade. Não foi a mera possibilidade de cairmos que surgiu para nós quando Adão caiu, foi a certeza disso; e aconteceu. E, por outro lado, o que Paulo está asseverando é que a salvação daqueles que estão em Cristo é uma certeza absoluta, não uma simples possibilidade. Não pode ser menos do que o outro fato; na verdade,

ele afirma que é “muito mais”, que é “abundante”. Portanto, só pode ser ainda mais certo e seguro, e não estamos lidando com a mera possibilidade da graça, com a mera possibilidade da salvação.

Contudo há outro motivo para rejeitarmos a segunda interpretação sugerida; baseia-se na palavra “feitos” (VA: “constituídos”), no versículo 19. “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram constituídos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão constituídos justos”. Com estas palavras é a ação de Deus na justificação que Paulo está salientando e explicando. Ele não está expondo o que nós talvez pudéssemos fazer, e sim o que Deus faz, e uma vez que Deus o faz é uma certeza.

Visto, pois, que rejeitamos as duas idéias como sendo errôneas, vocês têm o direito de perguntar: “Como você interpreta as expressões “os muitos” e “todos”?” Em meu parecer, se vocês deixarem que as Escrituras falem, a resposta será muito simples. A perplexidade é decorrente do fato de que todos nós somos naturalmente filósofos, e nos pomos a dizer: “Se você rejeitar aquelas explicações possíveis e der ênfase à certeza, como então se poderá conciliar o amor de Deus com essa posição?” Mas isso é introduzir filosofia. Se permitirmos que as Escrituras falem, a situação será bem simples. Deixem-me explicá-la. Certamente está bastante claro que o que o apóstolo está contrastando é “todos” os que estão vinculados a Adão com “todos” os que estão vinculados ao Senhor Jesus Cristo. Ele realmente não está preocupado com números, como tais; ele está interessado no princípio fundamental. Diz ele, efetivamente, que aqueles que estão vinculados a Adão caíram com Adão, e que aqueles que estão vinculados a Cristo estão salvos em Cristo. Incidentalmente, todos, sem exceção, estavam envolvidos num lado, mas não é com esse ponto que ele está preocupado; o que o preocupa é a natureza da relação com Adão e a natureza da relação com Cristo. Mais adiante, no capítulo 9, ele lidará com números,

porém aqui não é isso que lhe interessa. Ele tem em mente uma comparação e um contraste de peso, e é, como venho tentando mostrar (e continuarei mostrando) que, ao passo que certas coisas eram próprias dos que estavam ligados a Adão, há outras que são próprias dos que estão ligados ao Senhor Jesus Cristo. Estas últimas, diz ele, são muito mais maravilhosas: O “dom pela graça” sempre leva à superabundância.

Permitam-me aduzir mais uma ilustração deste mesmo ponto. Notem como o apóstolo Paulo fala em 1 Coríntios, capítulo 15, do versículo 20 em diante. Seu tema é a ressurreição, e ele começa dizendo: “Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem”. Depois continua: “Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda”. Aqui nos encontramos outra vez com a palavra “todos”. “Assim como *todos* morrem em Adão, assim também *todos* serão vivificados em Cristo.” À primeira vista parece que ele está dizendo que o mundo inteiro, todos os homens e mulheres que alguma vez terão vivido, serão vivificados em Cristo dessa maneira. Todavia, se tomarmos a exposição toda, verão que Paulo deixa bem claro que está falando apenas daqueles que pertencem a Cristo. De fato, neste capítulo quinze de 1 Coríntios o apóstolo não se ocupa dos perdidos. O capítulo é dedicado unicamente ao destino dos que estão em Cristo, como esclarece o versículo 23: “Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda”. As únicas pessoas nas quais ele está interessado nesse capítulo são as que pertencem a Cristo. Ele fala em “todos”, porém deixa absolutamente claro que, com a palavra “todos”, refere-se aos que são de Cristo, a todos os que estão “em Cristo”.

É precisamente igual ao que temos neste capítulo cinco

da Epístola aos Romanos. O grande interesse do apóstolo, repito, é descrever a certeza e a glória daquilo que vai acontecer com os que estão em Cristo. É a certeza do cumprimento da promessa, como ele diz no capítulo 4, versículo 16 – “a toda a posteridade” (VA: “a toda a semente”). Adão tem sua semente; Cristo tem Sua semente. Nem todos os homens “nascem do Espírito”, nem todos os homens “nascem de novo”, nem todos os homens “nascem do alto”, mas *há* os que nascem do Espírito. Adão tem a sua semente, Cristo tem a Sua. É nisso que o apóstolo está interessado aqui. Ele está desejoso de mostrar a “superabundância” dada à semente de Cristo, a “todos”, a “os muitos”, que estão em Cristo; e ele não está interessado em coisa alguma, senão nisso.

Uma coisa devemos entender claramente; jamais devemos fazer deduções que vão além do que está exposto nas Escrituras. Por exemplo, certas pessoas, tendo ouvido a exposição feita por mim, podem pensar que eu ensinei, e que o apóstolo Paulo ensina, que todas as crianças que morrem na infância vão para o inferno. Eu nunca disse isso, nem creio nisso. O apóstolo Paulo tampouco diz isso. Por que alguém deduziria tal coisa? O que o apóstolo faz é dizer que quando Adão pecou, todos pecaram – toda a humanidade pecou. Ele afirma que “todos morreram em Adão”, as crianças inclusive, e que essas crianças morreram porque pecaram em Adão. A morte *sempre* é a punição do pecado, como vimos. É por isso que a morte vem a toda e qualquer pessoa. Isso foi provado mais que suficientemente pelo apóstolo. Assim quando uma criança morre, morre por causa da culpa vinculada ao pecado de Adão. É só isso que o apóstolo diz. Mas dizer isso não significa que todas as crianças vão para o inferno, como tampouco se pode dizer que todos nós iremos para o inferno.

Nesta altura o apóstolo não está interessado em quem é salvo e quem não o é. Deus tem Sua maneira maravilhosa de fazer as coisas. Não sei qual o destino de toda criança que nasce. Dentre os que sustentam a fé reformada, existem aqueles que

afirmam que a toda criança que morre na infância é aplicada a salvação realizada por Cristo. Será? Não sei. Talvez seja assim. Não sei porque não consigo encontrar nenhuma declaração específica nas Escrituras nesse sentido. Mas tampouco encontro nas Escrituras alguma afirmação específica de que todos os que morrem na infância estão condenados à perdição eterna. Tudo o que eu sei é que todos morrem em Adão, todo nascido de mulher; porém, quanto à salvação, é algo que pertence à inescrutável sabedoria de Deus. Para Deus, é tão fácil aplicar a redenção e a salvação de Cristo a um bebê recém-nascido como aplicá-la ao pecador mais endurecido no fim da sua vida. Mas minha tese é que o apóstolo não levanta a questão aqui; e, assim, ninguém mais deve levantá-la. O que ele diz é que todos nós estávamos envolvidos em Adão e seu ato, e que, em consequência, certas coisas acontecem. Depois ele passa a dizer que, por outro lado, há certas coisas que são verdadeiras quanto àqueles que estão envolvidos em Cristo, que estão “em Cristo”, os quais receberam de Cristo este dom da vida eterna.

Neste ponto o apóstolo realmente não está interessado em dizer outra coisa. Desta maneira, quando vocês lerem este capítulo, não devem tirar falsas deduções do que o apóstolo diz. Fazer isso seria fazer mau uso das Escrituras, seria “torcer as Escrituras”. Em nenhum sentido devemos fazer isso. O apóstolo não considera aqui aquela outra questão que certa vez alguém levantou para o Senhor Jesus Cristo: “Senhor, são poucos os que são salvos?” A resposta do nosso Senhor foi surpreendente: “Porfiai por entrar pela porta estreita” – o que entendo que significa: “Não perturbe a sua cabeça com essas questões teóricas; certifique-se de que você está lá” (Lucas 13:23,24).

Aqui estamos face a face com o maior mistério do universo. Muitas vezes as pessoas me dizem: “Não posso entender isso. Se todos foram perdidos em Adão, por que então todos não são salvos?” É muito fácil dizer coisas desse tipo, é muito fácil

fazer declarações arrebatadoras, radicais, e fazer perguntas que mais parecem armadilhas, perguntas capciosas. Mas, “quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” Tudo o que podemos fazer é ler as Escrituras e praticar o que elas ensinam, com inteira submissão. Esta é uma questão solene e aterradora. Nem todos serão finalmente salvos. O próprio Filho de Deus disse isso na parábola registrada no fim de Mateus, capítulo 25, onde Ele afirma que as pessoas que estiverem à esquerda serão enviadas à destruição eterna, e onde Ele fala de ovelhas e cabritos e da divisão final. Mas, logo depois disso, você diz: “Mas então não entendo como um Deus de amor...” . Não, eu bem sei que você não entende; nem eu tampouco entendo. Entretanto isto lhe direi: renunciei às tentativas de entender. Como eu entendo o sentido da palavra “fé”, significa que fico contente por não entender certas coisas desta vida e deste mundo. Deuteronômio 29:29 contém a essência da sabedoria para nós nesta questão – “As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei”. É até aí que podemos ir, e fomos destinados a ir.

A dificuldade real do homem em pecado é que ele sempre quer entender. O pecado supremo do homem é o orgulho intelectual. É por isso que é sempre certo dizer que “não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados” (1 Coríntios 1:26). O sábio segundo a carne quer entender. Ele põe o seu cérebro contra a sabedoria de Deus, e diz: “Não vejo”. Naturalmente que não! E Cristo lhe diz: “Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mateus 18:3). Se você acha que com a sua mente, que é tão pequena, comparada com a de Deus, e que não é só pequena mas também pecaminosa, pervertida, corrompida e torcida – se você pensa que, com a mente que tem, pode entender o modo de agir da mente e da sabedoria de Deus, evidentemente

você não conhece a Deus, está fora da vida de Deus, está perdido. A primeira coisa que é preciso acontecer para que você venha a ser cristão é você submeter essa sua mente pequenina e começar a dizer: “Claro que não posso entender isso! Toda a minha natureza é contra essas verdades. Vejo que há só uma coisa a fazer; submeto-me à revelação que a Deus aprovou dar-me. Submeto-me Àquele que esteve neste mundo e disse que tinha vindo da parte de Deus e que Sua mente era uma com a de Deus. Vejo que Ele fala desta divisão entre salvos e perdidos; não entendo isso, porém confio nEle, e sempre confiarei. Sei que seja o que for que Deus faça é reto, justo, bom, santo e amoroso. Entender isso, eu não posso”.

Cada vez mais eu vejo que muitos de nós, cristãos, somos inconscientemente culpados do terrível pecado de queixar-nos da nossa incapacidade de entender os caminhos do Senhor. Essa é a situação do incrédulo; ele não pode ver isto, não pode entender aquilo; e, visto que não pode, rejeita todo o evangelho. No momento em que você vê que essa atitude é errada, há de ver que é errada em todos os pontos da esfera espiritual. Portanto, se você encontra uma passagem que não consegue entender bem, não se preocupe; vá até onde puder chegar, mas não tente ir além desse ponto. Pare no limite da revelação; humilhe-se diante dela. Diga: “Sei que o Juiz de toda a terra sempre age retamente; sei que Ele é justo em todos os seus caminhos, e santo em todas as suas obras” (Gênesis 18:25; Salmo 145:17).

Finalmente, eu creio que na glória receberemos entendimento de algumas destas coisas que agora nos deixam frustrados. No entanto me parece trágico que certos cristãos, quando chegam a pontos difíceis do ensino das Escrituras, de repente voltam diretamente aos procedimentos do mundo e fazem perguntas tolas que a filosofia sempre fez e faz. É muito triste que, tendo chegado a estar debaixo da graça e nos domínios da revelação, de repente retrocedem aos domínios

da razão e do entendimento humano. O verdadeiro entendimento neste ponto ensina-nos e nos indica que devemos contentar-nos em “crer onde não podemos provar”, aceitar o que não podemos entender, e dar-nos conta de que a síntese final acha-se no Ser santo e no santo caráter de Deus.

Dediquei tempo a este assunto porque sei que alguns andam inquietos com estas questões. Espero que o ensino do apóstolo agora esteja claro. As Escrituras não ensinam universalismo; ensinam exatamente o oposto. Às vezes as pessoas se vêem inconscientemente dizendo coisas de teor universalista simplesmente porque não entendem as Escrituras, ou não as interpretam corretamente, ou, por loucura ou ignorância, retornam ao velho modo de pensar filosófico. Queira Deus manter-nos na “simplicidade que está em Cristo”. Oxalá sejamos homens da Palavra, homens do Livro, contentando-nos em não saber certas coisas, em não entender algumas verdades, mas sabedores de que “Deus faz bem todas as coisas”.

19

“E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo.” – Romanos 5:16,17

Continuamos o nosso estudo do extraordinário contraste que o apóstolo traça entre o que aconteceu com todos nós em Adão e o que acontece com os que crêem no Senhor Jesus Cristo. Tendo tratado da questão do sentido exato de “os muitos” e de “todos”, podemos voltar agora ao ponto que, afinal de contas, constitui o principal objetivo desta seção e o principal propósito que ele tinha em mente no início do contraste. Ao mesmo tempo, ele está interessado em mostrar que há semelhanças e diferenças em nossa relação com Adão e em nossa relação com o Senhor Jesus Cristo – Adão é “a figura daquele que havia de vir”.

Como vimos, no versículo 15 o apóstolo expõe a grande diferença de maneira geral, mas nos versículos 16 e 17 ele desenvolve em detalhe o que tinha exposto em geral. Este é o método que ele adota frequentemente. Ele expõe a proposição como um todo, e depois, a fim de nos ajudar, divide-a em suas partes componentes, com o propósito de mostrar a gloriosa superioridade daquilo que o Senhor Jesus Cristo fez por Seu povo em relação ao que Adão fez. Veremos o que Adão fez por todos quantos ele representa, mas o objetivo é mostrar o “muito mais” que o Senhor Jesus Cristo fez por

tantos quantos pertencem a ele. O versículo 15 diz-nos que pela ofensa de um só “muitos morreram”. Ali Paulo expõe a verdade em geral, mas agora, nos versículos 16 e 17 ele passa a dar-nos os passos inter-mediários.

Notem que no versículo 16 ele começa mais uma vez com um contraste. “Não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou.” “Não assim... como.” Paulo nos diz aí que não vamos ver, no caso do Senhor Jesus Cristo, exatamente o que vemos no caso de Adão. É certo que estávamos todos em Adão; é certo que todo o Seu povo está em Cristo. Até aqui há um paralelo e uma semelhança, mas o que se deve notar é o grande e extraordinário contraste – “Não assim... como”. É evidente que Paulo está em vias de comparar e contrastar a desobediência de Adão, o pecado de Adão, a ofensa de Adão, com a obra perfeita que o Senhor Jesus Cristo realizou em nosso favor.

Quais foram as conseqüências do pecado? O apóstolo nos diz francamente: “E não assim o dom como a ofensa, por um só que pecou”. O pecado levou a que? A resposta é: “Porque o juízo veio de uma só ofensa para condenação”. Aqui ele está dando os passos e os detalhes. Adão fez a ofensa, Adão pecou, e esse pecado levou ao juízo. Que é juízo? É uma sentença ou uma decisão da parte de um juiz. O próprio termo “juízo” traz-nos à mente a figura de um tribunal e de um juiz em sua cátedra. Ele ouve a exposição de uma causa. As provas são apresentadas pela promotoria, que faz a acusação; a defesa apresenta o que pode. Então, tendo ouvido tudo, o juiz pronuncia o seu julgamento e declara a sentença. Assim o pecado leva a um juízo.

De antemão Deus advertiu Adão de que, se pecasse e desobedecesse, o juízo viria em seguida, e, diz o apóstolo Paulo, foi precisamente isso que aconteceu. Notem, porém, que ele diz: “Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação”. (VA: “...o juízo foi por um só para condenação”.) Um só o quê? Há os que dizem que significa “por um só

homem”. Certamente significa “por um só homem”, mas eu acredito que significa algo muito mais específico. Prefiro interpretar a expressão “um só” como se referindo a “um só pecado”, (cf. Almeida), pois, não estivera o apóstolo salientando precisamente esse ponto? Ele o fizera na primeira cláusula do versículo 12 – “por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte”. Isto se refere ao seu primeiro pecado. Mas há mais uma razão. Devemos dizer que este “um só” refere-se a “um pecado” por causa do contraste que o apóstolo traça na segunda metade da frase. Diz ele que o juízo foi por “um só” pecado para condenação, mas o dom gratuito provém de muitas ofensas – de muitos pecados – para justificação. O único contraste possível com as muitas ofensas é “uma só ofensa”. É por isso que é muito importante ter em mente que Paulo está desejoso de ressaltar o contraste, o “muito mais”. Por um lado, um só pecado de Adão levou àquele juízo, e, por outro lado, as “muitas” ofensas são cobertas por “um só” ato do Senhor Jesus Cristo.

O juízo foi o resultado de um só pecado, e este, diz o apóstolo, levou à condenação. Já consideramos esta doutrina, mas o apóstolo tem tanto interesse em que os cristãos romanos a entendam que ele a reitera. Significa, noutras palavras, que uma sentença de condenação foi passada contra todos os homens por causa e como resultado daquele “um só” pecado de Adão. Já adentramos exaustivamente a doutrina, porém devemos ao menos observar a maneira pela qual o apóstolo a repete. Não nos é deixada apenas a declaração do versículo 12. Vemo-la repetida em quase todos estes versículos. Todavia, as pessoas continuam tropeçando nela, não gostando dela, fazendo-lhe objeção e rejeitando-a. Ei-la, porém, aqui, clara e objetiva. Esse “um só” pecado de Adão levou ao juízo de condenação.

Devemos entender bem isso. Paulo não está dizendo que o “um só” pecado de Adão teve o efeito de levar-nos a seguir o exemplo de Adão, e então pecarmos e, com isso colocar-nos

sob condenação. O que ele diz é que o juízo de condenação veio como resultado daquele *um só pecado* cometido por Adão – e nisso consiste toda a sua argumentação no trecho todo. Tampouco diz ele que, em consequência daquele pecado de Adão, nós todos herdamos de Adão uma natureza pecaminosa e que, por isso, Deus nos condena. Ele afirma que o juízo para condenação veio sobre aquele “um só pecado”. Ele não está dizendo que, porque temos essa natureza pecaminosa, todos nós, por nossa vez, caímos em pecado e, com isso, nos colocamos sob condenação. Enfaticamente o ensino é que foi o “um só pecado” que levou ao juízo para condenação e colocou nessa trilha todas aquelas más e terríveis consequências. Assim, resumimos tudo, mais uma vez, dizendo que a asserção do apóstolo é que, como resultado daquele “um só pecado” de Adão, a sentença de condenação foi passada contra todo o mundo dos homens.

Mas, graças a Deus, podemos ir para o outro lado. “Não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou” (ordem de termos diversa da VA, que diz: “E a ofensa, por um só que pecou, não foi como o dom”). Graças a Deus, repito, podemos passar para este outro lado, “pois, ao passo que o juízo foi por um só para condenação, o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação”. Notem estes contrastes; são muito importantes. O contraste é completo, e é feito entre o que a desobediência de Adão produziu, de um lado, e, de outro, o que a obediência de Cristo providenciou para nós. Vemos aí uma referência a “o dom gratuito”. A que se opõe? Ao juízo. “E a ofensa por um só que pecou não foi como o dom gratuito.” Notem de novo a expressão “dom gratuito”, e como Paulo se deleita em repetir esses termos. Ele se gloria na graça livre ou gratuita e no dom gratuito da salvação. É tudo de graça, é sempre um dom, um presente, uma dádiva. Ele nunca nos deixa esquecer isso, nem por um momento. Embora o tenha dito claramente no versículo 15, aqui está de novo: “E a ofensa, não como o dom gratuito (ou: “Não a ofensa,

assim também o dom gratuito”).

É um bom teste da nossa profissão de fé cristã perguntarmos para nós mesmos e descobriremos como reagimos a esses termos. Gostamos deles como o apóstolo gostava? Temos prazer em falar da “livre graça” e do “dom gratuito”? Os fariseus jamais gostam disso, porque eles têm consciência de que esses termos fazem deles mendigos como todos os demais. Eles gostam de pensar que conquistaram a salvação ou ao menos que contribuíram para isso. Não gostam de salientar a “gratuidade” da salvação. Se um homem se deleita na livre graça e no “dom gratuito”, vocês podem estar certos de que esse homem enxergou a sua total pecaminosidade, o seu total desamparo e sua condição de total desesperança. O dom gratuito é o contrário do juízo.

Notem depois este segundo contraste: diz o apóstolo que o que temos em Cristo é que as pessoas culpadas de “muitas ofensas” são ou foram justificadas, isto é, foram ou são declaradas justas, apesar disso. Como já mostrei, as “muitas ofensas” estão em contraste com a “uma só ofensa” de Adão, e, por isso é muito importante que notemos que as “muitas ofensas” incluem, não somente o pecado original de Adão, mas também todos os pecados já cometidos ou que serão cometidos por todo e qualquer membro do povo de Cristo. Fomos condenados por causa do “um só pecado” de Adão; porém quando somos justificados, somos justificados, não somente com relação àquele pecado, mas também com relação a todos os pecados que nós mesmos cometemos – as “muitas ofensas”. Pela obra realizada por Cristo em nosso favor não somos apenas libertos do que herdamos de Adão, como também libertos e purificados de todos os pecados e ofensas das quais alguma vez nos tornamos culpados. Que salvação grandiosa, gratuita, gloriosa! Todos os nossos pecados, todos os pecados do Seu povo, foram lançados sobre Ele; todos os pecados, até daqueles que ainda não nasceram e que virão a fazer parte do Seu povo, foram lançados sobre Ele: nEle todos os que crêem são

justificados de todos os pecados, passados, presentes e futuros! É isso que Paulo está dizendo; ele o expõe neste contraste entre a ofensa única e as muitas ofensas.

O contraste final é introduzido pela palavra “justificação” que, como vocês podem notar, ele emprega como a antítese de “condenação”. Este é um ponto sumamente importante. Nunca se deve pensar na justificação em termos do nosso estado e da nossa condição; certamente, nunca em termos da nossa santificação. Como tenho salientado repetidamente, justificação é um termo judicial ou forense; refere-se a um julgamento conduzido por um juiz em sua cátedra num tribunal. A justificação é sempre o oposto da condenação; e aqui está o versículo que talvez diga isso mais claramente do que qualquer outro versículo singular. Noutras palavras, como condenação é um termo forense, o contraste, que é resultado do dom gratuito, é um pronunciamento forense, isto é, um ato legal, judicial, de justificação. Deus, como Juiz, declara-nos justos em Cristo. A despeito do que herdamos de Adão, a despeito de todos os pecados dos quais nos fizemos culpados, Deus nos declara limpos; e declara que nos considera justos em Cristo. Todos os nossos pecados são cancelados, e Deus declara que somos aceitáveis e justos aos Seus santíssimos olhos. É o completo e exato oposto, a antítese, daquela condenação que veio sobre nós em consequência do pecado de Adão e do juízo sobre ele pronunciado. Nada poderia ser mais completo, nada poderia ser mais gratuito, nada poderia apresentar-nos um contraste tão glorioso e tão surpreendente.

Assim o apóstolo nos trouxe a este ponto. Ele dissera no versículo 15 que a ofensa única de Adão tinha levado a este resultado – que muitos morreram. Agora, no versículo 16, ele nos leva mais longe; a ofensa única, o pecado único, levou ao juízo, e o juízo foi condenação; mas “o dom gratuito” veio de muitas ofensas para justificação”. No versículo 17 ele nos conduz um passo adiante. O pecado leva ao juízo, e o juízo à condenação, porém agora ele nos diz que a condenação passada

e pronunciada é a “morte” – “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse”. Aqui ele completa a declaração geral do versículo 15, tendo-nos mostrado os vários passos que nos trazem a este ponto em que fala da morte. Então, por outro lado, ele nos fala que a salvação não pára na justificação, mas leva adiante àquilo que chama “reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Assim ele desenvolve a declaração completa do versículo 15 em todos os seus detalhes em todas as suas partes componentes.

Sigamo-lo de novo, à medida que nos for conduzindo passo a passo. Notem que ele não hesita em repetir: “Porque, se pela ofensa de um só”. É realmente espantoso que alguém deixe de ver a verdade ou que tente argumentar contra ela. De fato, isso não é matéria de discussão. Ou você o aceita como é, ou terá que dizer, como muitos expositores modernos dizem, que o apóstolo estava errado neste ponto, que ele estava cometendo um engano e que estava meramente seguindo o ensino rabínico do seu tempo. Não há por que questionar o que Paulo diz; e é o que eles fazem. Portanto, eles são levados à posição segundo a qual dizem que Paulo estava errado e que eles simplesmente não concordam com ele. Ele era um filho da sua época, dizem eles, e caiu em erro neste ponto. Devemos conceder que é uma posição clara e lógica, mas nenhum cristão que crê que esta é a Palavra de Deus tem direito de ficar embotado ou confuso, pois o apóstolo, em cada versículo desta seção, fica repetindo as suas palavras sobre “a ofensa de um só homem” (VA). Esse homem era Adão, e é por essa única ofensa que a morte reinou sobre todos.

Agora devemos examinar a frase “a morte reinou por esse” (VA: “a morte reinou por um só”). Novamente a ênfase recai em “um só homem”. A contínua repetição que o apóstolo faz disto prova o fato de que ele considera este ponto como uma questão crucial e essencial. O único homem, Adão, e a única ofensa desse único homem! Numa só sentença (versículo 16) ele usa a expressão de exclusividade duas vezes: “por um só” e

“de uma só”. Um só homem, Adão, e uma só ofensa dele introduziram a morte. Mas vocês devem notar que o apóstolo coloca isto numa frase deveras extraordinária – “Se pela ofensa de um só, a morte reinou”. “A morte reinou”! Que declaração impressionante! Vocês podem criar no pensamento ou imaginar alguma declaração que resuma mais perfeitamente a vida neste mundo sem Cristo do que essa frase em particular? “A morte reinou”! A morte entrou como um conquistador; a morte triunfou sobre todos; a morte passou a ter domínio sobre “toda a carne”. E assim, em consequência deste único pecado de Adão, toda a humanidade ficou sujeita à morte e à tirania da morte.

O apóstolo já o dissera no versículo 12: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também *a morte passou* a todos os homens”. No versículo 14, ainda mais definidamente: “No entanto, *a morte reinou* desde Adão até Moisés”. Que terrível, que horrível frase é esta, e, não obstante, quão verdadeira! Ele torna a dizê-lo no versículo 15 – “morreram muitos”. Mas agora ele o diz muito mais claramente. Não é apenas que a morte passou a todos os homens, ou veio sobre todos os homens; a morte, diz ele, tem estado reinando. Um bom comentário sobre esta afirmação acha-se no capítulo dois da Epístola aos Hebreus, versículos 14 e 15: “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” – isto é, a humanidade debaixo da escravidão do pecado. Esta verdade é freqüentemente ilustrada no Velho Testamento. Um salmista, por exemplo, vê vir a morte e praticamente diz: “Quero louvar a Deus aqui e agora, pois, podem os mortos louvar-te?” Depois se vê o sábio de Provérbios dizendo: “Melhor é um cão vivo do que um leão morto”. Sem Cristo, a morte é por demais devastadora; parece o fim de tudo. É por isso que no Velho

Testamento, antes de a plena e gloriosa exposição da doutrina da ressurreição ter sido trazida à luz, como o foi pela ressurreição do Senhor Jesus Cristo, sente-se que há uma espécie de obscuridade e de um senso de ruína. Aos patriarcas e a outros foi dada fé suficiente para poderem ver além da morte. Mas, isso à parte, independentemente dessa capacidade de antecipação que lhes foi dada, há certa obscuridade, e a morte parece o fim. Os poetas e os literatos do mundo sempre reconheceram e confessaram isso. Ouçam este lamento de John Dryden:

*Desde que todo homem que vive nasceu para morrer
E ninguém pode jactar-se de real felicidade,
Com mente vigorosa, o que houver suportemos,
Sem alegria ou tristeza demais pelo que se nos escapa.
Quais peregrinos, ao destino determinado!
O mundo é uma estalagem, e a morte o fim da jornada.*

Ou escutem Thomas Gray enquanto ele medita e rumina naquele cemitério de Stoke Poges. Eis o que vocês o verão dizer:

*O orgulho da heráldica, a pompa do poder,
E tudo o que a beleza e o ouro sempre deram,
Tudo espera igualmente a hora inevitável;
As veredas da glória ao túmulo apenas levam.*

“Estavam por toda a vida sujeitos à servidão”! E o mundo atual vive sob o terror da morte, como sempre viveu. Grande parte da agitação relacionada com a bomba de hidrogênio tem isto como sua causa. Os homens do mundo não têm nenhuma esperança que vá além deste mundo, além da morte e do túmulo, pelo que protestam; e aí está a razão desse protesto. Eles nada sabem da vida na glória; a presente vida é tudo para eles, e, portanto, a morte é a coisa mais horrível que eles podem imaginar. Inconscientemente estão confessando isso. Essas

coisas eu digo independentemente das idéias pessoais acerca do uso de bombas de hidrogênio, o que, sob qualquer aspecto, é pura loucura. Mas é interessante notar o tipo de pessoa que fica muito agitado por causa disso. Sem querer, estes rebentos de Adão estão apenas reconhecendo que a morte reina sobre eles, e estão horrorizados e aterrorizados. De novo, o culto moderno à preservação da juventude perene e da aparência jovem, em vez de envelhecer com elegância, é tudo parte da mesma coisa; é ocasionado pelo medo e tremor, pelo horror e terror da morte; provém do temível espectro que os espanta, os apavora e que eles vêm aproximar-se deles cada vez mais. Deixem que eu cite outro fragmento de poesia, desta vez de Walter Savage Landor:

*Com ninguém lutei,
Pois ninguém merece que com ele lute;
A natureza ameí,
E logo após a natureza, ameí as artes.
Minhas mãos aqueci ao calor da vida;
Vejo tudo afundar; estou prestes a partir.*

Que absoluta falta de esperança! Tais pessoas não têm nada em que se apoiar – “a morte reinou”.

Permitam que eu cite ainda as palavras do presidente de uma escola de Oxford, palavras tiradas de sua autobiografia, escrita durante a guerra recém-passada.. Disse ele: “Mas, quanto a mim, a guerra pôs fim ao longo verão da minha vida. Daqui por diante nada tenho para ver no futuro, exceto o frio outono, e o inverno ainda mais frio. Todavia, devo de algum modo tentar não perder a esperança!” Não conheço nada que seja tão vazio de esperança como isso.

“A morte reinou” – e continua reinando. Desde que Adão caiu, a morte vem reinando sobre toda a humanidade, no mundo inteiro. O mundo é um lugar de cemitérios; é um lugar de morte, escuridão e fim. “A morte reinou.” Quanta verdade há nisso, e quão agradecidos devemos estar por podermos

voltar-nos para o contraste e por termos algo mais que considerar! Ouçam: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais” – “muito mais” – “os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Examinemos os termos. Qual é o contraste? “Muito mais”, diz ele, “os que recebem.” O contraste é que, enquanto que neste lado cristão nós recebemos e cremos voluntariamente, estamos inconscientemente envolvidos no pecado de Adão. Este não é um ponto de contraste que me ocorreu; faz parte da exposição de João Calvino. Diz Calvino que um dos contrastes aqui presentes é exposto pela frase “os que recebem”, denotando a atividade da fé. No momento o apóstolo não está interessado na questão sobre como o homem obtém fé; disso ele trata noutros lugares. Aqui ele está simplesmente dizendo que os cristãos recebem abundante graça. Estávamos inconscientemente envolvidos em Adão; aqui nos abraçamos conscientemente ao dom da salvação – e todo cristão faz justamente isso.

Eis aí, pois, o primeiro contraste. “Os que recebem” é contrastado com o que nos aconteceu no passado, no Jardim do Éden, muitos séculos antes de nascermos. Estávamos envolvidos naquilo; pecamos lá inconscientemente. Mas aqui nós recebemos; “os que recebem”. A seguir vem esta grande frase, na qual não precisamos demorar-nos porque já a estudamos no versículo 15; vamos, porém, dar a nós mesmos o prazer de repeti-la: “Os que recebem a abundância da graça, e do dom” – o quê? “O dom da justiça.” Aqui devemos fazer uma pausa porque Paulo deu mais um passo na doutrina. No fim do versículo 16 ele nos deixou com a justificação. Aqui ele diz que a justificação não é o fim, é apenas o começo; é só uma parte do que recebemos, a saber, o “dom da justiça”. Deixem-me explicar isso.

A justificação significa que fomos declarados justos. Inclui o perdão dos pecados e a declaração de que somos justos, que Deus sorri para nós e que somos reconciliados com Deus. Mas

Paulo aqui nos informa de que há até algo mais. Não é somente que somos perdoados, mas, além e acima de sermos perdoados, a justiça de Jesus Cristo é posta em nossa conta, é posta sobre nós. Somos revestidos da justiça de Jesus Cristo: “Muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça”. Não nos é dito apenas que os nossos pecados são perdoados, sendo nós ainda deixados como éramos. Absolutamente não! A justiça de Cristo nos é imputada, somos cobertos por ela. Assim Zinzendorf pôde escrever seu hino e João Wesley o traduziu, dizendo:

*Jesus, Teu sangue e Tua justiça
Minha beleza são, minha gloriosa veste.*

A justiça de Jesus Cristo é a roupa com que somos vestidos.

Devo lembrar-lhes mais uma vez que Isaac Watts estava certo quando disse:

*Em Jesus Cristo as tribos de Adão gozam
Mais bênçãos que as perdidas por seu pai.*

Adão antes da Queda era justo, mas era sua justiça própria, como um ser assim criado, era justiça de homem. Adão nunca teve sobre si a justiça de Jesus Cristo. O que ele perdeu foi sua própria justiça. Mas eu e vocês não tivemos apenas de volta uma justiça humana, a justiça que Adão tinha antes de cair – é-nos dada a justiça de Jesus Cristo. “Muito mais” – abundância, superabundância – dêem a isto o valor que tem! Recebemos esta abundância da graça e do dom da justiça.

Como isso é importante! E não há hora mais importante do que quando oramos a Deus. Por que oramos? A oração é ter uma audiência com o Rei; e não há nada mais importante, ao entrar na câmara de audiências, do que você estar vestido adequadamente, ou, caso pareça melhor, se você se apresentar de maneira suficientemente respeitável. É isso que captaria a nossa atenção, se fôssemos ter uma audiência com a rainha da Inglaterra; iríamos querer que tudo estivesse certo e perfeito.

Quão infinitamente mais importante é isso, quando vamos ter uma audiência com o Construtor e Criador do universo, com Deus! Nunca nos esqueçamos de que o nosso único direito de ingresso, o único caminho pelo qual podemos entrar com alguma confiança, é saber que recebemos “o dom da justiça”, que estamos vestidos com a justiça de Jesus Cristo, e que, portanto, num sentido, temos direito de estar ali. “Tendo pois, irmãos” (diz o autor da Epístola aos Hebreus) “ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus” – confiança, segurança (Hebreus 10:19). É tudo porque recebemos a justiça de Jesus Cristo. Não é somente perdão; não é somente absolvição; é receber a dádiva da justiça de Jesus Cristo e ser revestido dela.

Que mais? A antítese final é a que ocorre entre ser dominado pela morte, de um lado, e ser identificado com o Cristo vivo, de outro. A morte reinou sobre todos os homens. “Se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse”. Qual será o oposto disso? Evidentemente, o oposto de “a morte reinar” é “a vida reinar”. Mas o apóstolo diz aqui muito mais que isso, porque o contraste com a morte reinar é que “reinaremos em vida por um só – Jesus Cristo”. Que tremenda distinção! Noutras palavras, ele não está somente dizendo que, como resultado da obra realizada pelo nosso Senhor e porque a morte já não reina sobre nós, vamos receber o dom da vida eterna, e que, portanto, a vida vai reinar sobre nós. Essa é uma gloriosa verdade, mas ele vai além e afirma que nós mesmos reinaremos em vida. “Muito mais” – não é meramente o oposto, é “muito mais” que isso.

Que será, então que ele quer dizer com a declaração de que “reinaremos em vida por um só – Jesus Cristo”? Em parte ele quer dizer que reinamos em vida por Jesus Cristo mesmo aqui e agora, no presente mundo. Vocês verão isso na Epístola aos Efésios, capítulo dois, onde ele diz: “Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, (Deus) nos vivificou juntamente com Cristo... e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo

Jesus” (2:5,6). Isso aconteceu conosco; faz parte deste reinar em vida, mesmo aqui e agora. Outra declaração desta verdade acha-se em Hebreus 2:15, onde nos é dito que a obra realizada por Cristo traz libertação a “todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão”. Por meio de Cristo o cristão é liberto do medo da morte. Longe de continuar debaixo da vil servidão de tal temor, ele está “reinando em vida” sobre a morte vencida. Ele já tem a vitória, antes de encontrar-se com ela.

Não somente isso, porém; o pecado também já não reina sobre o cristão; pois o pecado, vocês recordam, leva ao juízo, e o juízo à morte. Daí, se havemos de reinar em vida, devemos estar livres do domínio do pecado. No próximo capítulo o apóstolo nos dirá, no versículo 14: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. E não só temos vitória sobre o pecado, mas temos vitória até sobre o diabo. “Resisti ao diabo”, diz Tiago, “e ele fugirá de vós” (4:7). E Pedro diz quase a mesma coisa: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar, ao qual resisti firmes na fé” (1 Pedro 5:8,9).

Aí está o que Paulo quer dizer com “reinarão em vida”. Perdemos o medo da morte, não estamos mais debaixo do domínio do pecado, não estamos mais debaixo do domínio do diabo, podemos resistir a ele e fazê-lo fugir. Na verdade, nem debaixo da tirania da própria vida estamos mais. No capítulo oito, depois de nos dar uma lista de coisas que se põem contra nós, o apóstolo dirá: “Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou”. Somos “mais que vencedores”, estamos “reinando em vida”. Ele diz a mesma coisa numa gloriosa declaração registrada no capítulo quatro da Epístola aos Filipenses: “Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e

sei também ter abundância: em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (4:11-13). Paulo está reinando em vida. Ele dominou o pecado, satanás, a vida, a morte, tudo; ele é mais que vencedor. Essa verdade aplica-se a nós, já no presente.

Mas tremendas e gloriosas coisas estão por vir. O nosso presente reinado é apenas “primícias”, “antegozo” disso tudo. Enquanto o Senhor não voltar (quando estaremos com Ele) não saberemos plenamente de fato o que significa “reinar em vida”. E como se pode descrever o nosso futuro reinado? O apóstolo já nos dera uma idéia disso no capítulo dois, versículos 7 e 10, onde ele diz que estamos procurando “glória, honra, incorrupção (ou imortalidade) e paz”. O nosso Senhor nos falou disso. Um dia Ele dirá a Seu povo: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). No fim da sua longa, árdua e sofredora vida, disse o apóstolo Paulo: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada” (2 Timóteo 4:8). E, de novo, vemos o autor da Epístola aos Hebreus dizer no capítulo 2, versículo 5: “Não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos”. E se não foi aos anjos, a quem o sujeitou? Aos “herdeiros da salvação”. João, no livro do Apocalipse, capítulo primeiro, versículo 6, diz praticamente a mesma coisa: “E nos fez reis e sacerdotes para Deus; ou melhor: “E nos fez um reino de reis e sacerdotes para Deus”; e no capítulo 3, versículo 21, vemos Cristo falando: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono”. “Vem aí o dia da coroação.” Ainda, no capítulo 5, versículo 10, lemos: “E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra”. E para concluir este ponto, o apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, em sua Primeira Epístola, capítulo 6, versículo 2, diz: “Não sabeis

vós que os santos hão de julgar o mundo?” E depois, no versículo 3: “Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?” Temos aí algo do riquíssimo conteúdo do ensino que fala de que “reinaremos em vida por um só – Jesus Cristo”.

Jesus Cristo é descrito como o “Rei dos reis”. Quem serão os reis de quem Ele é o Rei? Eu e vocês! Não se trata ali de reis terrenos. Tudo isso terá desaparecido então. Ele é “Rei dos reis”. Seu povo é constituído de reis. Cada um de nós é constituído rei. Reinaremos com Ele, julgaremos o mundo, julgaremos anjos. Portanto, não é surpreendente que o apóstolo o expresse como o faz no versículo dezessete deste capítulo: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Adão foi feito senhor da criação, mas perdeu essa posição. Nós não somente teremos isso de volta; teremos infinitamente mais. Compartiremos um trono com o Filho, que comparte o trono dos tronos com Seu Pai. Esse é o prospecto que nos aguarda! Será surpreendente que o apóstolo continue empregando expressões como “Muito mais”, e “Abundância”, e que dê ênfase à liberdade, à gratuidade e à plenitude disso tudo?

Compreendendo estas coisas, eis o que podemos e devemos dizer a nosso próprio respeito –

*De glória em glória transformados,
Até no céu temos recanto
E nossas coroas a Ti entregamos,
Cheios de amor, louvor e encanto!*

Estaríamos cientes neste exato momento que Deus já nos fez “reis e sacerdotes”, que estamos assentados com Ele nos lugares celestiais *agora*, e que, portanto, devemos estar reinando em vida aqui e agora, não importa o que se levante contra nós? Acaso não devemos considerar-nos sempre como pessoas destinadas a julgar o mundo com Ele, e até julgar os anjos?

20

“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”.

– Romanos 5:18,19

Estes dois versículos estão destinados a fazer duas coisas importantes. A primeira é resumir e sumariar o que o apóstolo estivera dizendo nos versículos anteriores. Ele estivera elaborando um argumento em detalhe nos versículos 13 a 17, trecho que na Versão Autorizada (inglesa) vem entre parênteses. E agora, depois de ter feito isso, ele coloca tudo diante de nós num sumário conclusivo; ele torna a expor o grande princípio que estava interessado em enunciar.

Mas estes dois versículos prestam-se também a uma segunda função, ou, se vocês preferirem, eles devem ser considerados de outra maneira. Certamente vocês se lembram de que quando comecei o estudo desta grande passagem – que se inicia no versículo 12 e vai até o fim do capítulo – fizemos uma análise do seu conteúdo para podermos entender melhor o seu tema principal. Poderá causar-nos confusão, se deixarmos de compreender bem como ela se divide e a relação das várias cláusulas umas com as outras e com o todo. Ele começa no versículo 12 com a declaração: “Pelo que, como por um homem”. Era de esperar que ele continuasse, dizendo: “assim também...”. Mas não o faz, deixando de completar a sua declaração ali mesmo; em vez disso, passou a dizer: “Pelo que,

como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”. Então se espera a outra metade da declaração, mas não vem ali; em lugar dela tem-se outra declaração que na Versão Autorizada vem entre parênteses. Na verdade, nos versículos 13 e 17 há dois parênteses. O primeiro está nos versículos 13 e 14, onde ele explica e expõe a última declaração do versículo 12, a saber, “todos pecaram”. Ele quer comprovar isso. É tão importante essa questão que ele não pode deixá-la assim, sem mais nem menos, pelo que se dispõe a prová-la e a demonstrá-la, assinalando que até a Lei o pecado estava no mundo e que a morte havia passado a todos – mesmo entre o tempo de Adão e o de Moisés, quando não existia Lei – provando com isso, não somente a universalidade da morte, mas também a universalidade do pecado, porque a morte é a punição do pecado. Esse é o sentido do primeiro parêntese.

Por certo vocês se lembram também da asserção feita pelo apóstolo de que as pessoas que nunca tinham cometido pecado “à semelhança da transgressão de Adão”, não obstante, morreram. Interpretamos isso como se referindo de maneira especial às crianças pequenas que morrem antes de praticarem algum ato voluntário. Todos os seres humanos estão envolvidos na transgressão de Adão. A menção de Adão leva Paulo logo em seguida a dizer que, afinal de contas, ele era o tipo, ou a sombra, ou a figura daquele que havia de vir. Tendo dito isso, ele precisou fazer-lhe restrições imediatamente, e por isso temos o segundo parêntese. Adão é a figura de Cristo, e de um modo muito interessante. Há uma notória linha comum, mas, o principal é mais questão de contraste do que de comparação. Ele é uma figura de Cristo, mas quando desenvolvemos esse texto em detalhe, o que nos causa maior impacto é o extraordinário contraste, o “muito mais” daquilo que Deus fez por nós em Cristo, em contraposição ao que aconteceu conosco em Adão. Noutras palavras, os versículos 15, 16 e 17 visam mostrar

exatamente a natureza da comparação entre a nossa posição em Adão e a nossa posição no Senhor Jesus Cristo.

Agora, tendo declarado isso, ele diz “Pois”, como nos contando que vai retomar o que estava começando a dizer no versículo 12. Mas, tendo ainda em mente os pensamentos dos versículos 13-17, nos versículos 18 e 19 ele faz um sumário de todo o argumento interposto, e, ao mesmo tempo, completa a declaração original que tivera a intenção de fazer. Notem agora o interessante fato de que ele o diz de duas diferentes maneiras, sem dúvida porque deseja dar particular ênfase ao que ele declara no versículo 19. O versículo 19 começa com a palavra “Porque”, indicando que se trata de uma explicação do versículo 18. E só poderemos fixar-nos bem em seu conteúdo, se nos lembrarmos uma e outra vez de que o propósito do parágrafo (como na verdade do capítulo todo) é mostrar-nos a completude* e a plenitude da justificação pela fé.

A justificação pela fé leva a alguns resultados inevitáveis. Isso o apóstolo deixa perfeitamente claro. No versículo primeiro ele tinha começado dizendo: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”; e viera desenvolvendo essa mesma declaração virtualmente em cada versículo do capítulo, provando e demonstrando a absoluta certeza de tudo aquilo. A justificação pela fé é uma das mais profundas verdades que se pode apreender. Mas o apóstolo também está ansioso por vermos se fomos justificados, se a nossa salvação final é certa e segura, visto que nada jamais pode privar-nos dela nem se colocar entre nós e ela. E ele vai continuar dizendo isso, argumentando a respeito, até chegar ao magnífico clímax do fim do capítulo 8, onde ele assevera: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os princi-pados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra

*Neologismo que tomei a liberdade de criar em 09.03.96. Nota do tradutor.

criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". Quem são "nos"? Respondo: os que foram justificados em Cristo Jesus. O grande tema dos capítulos 5, 6 e 7 é a segurança da salvação. Jamais devemos esquecer isso, e não devemos deixar-nos desviar por outras subdivisões sugeridas, segundo as quais Paulo se dedica ao tema da santificação a partir do capítulo 5, versículo 12. Não é assim; o seu tema é a segurança da salvação, a certeza e a finalidade de tudo isso, no caso dos justificados, e como isso é levado a efeito.

Nesta seção em particular o argumento do apóstolo é que a nossa salvação é certa e segura porque estamos "em Cristo". Estamos "em sua vida", como ele diz nos versículos 9 e 10; se tanto assim nos aconteceu como resultado de Sua morte, quanto mais será realizado por Sua vida? Estamos "em sua vida", estamos "em Cristo".

Esse é ao cenário de fundo do argumento apostólico, e estou salientando isso de novo porque o próprio Paulo o faz. Ele já deixou isso bastante claro, nós pensaríamos, mas ele ainda o diz mais uma vez, e com especial clareza, nos versículos 18 e 19. Certamente a razão é que, do ponto de vista experimental, e pelo bem da nossa felicidade e alegria, enquanto estivermos neste mundo, é de vital importância que compreendamos esta verdade particular. É desta maneira que desfrutamos a segurança da salvação; e é porque o apóstolo desejava muito que aqueles cristãos romanos tivessem essa bênção que ele a desenvolve em detalhe com eles, e depois a repete, e, por assim dizer, a sublinha.

Um princípio que devemos ter sempre em mente é que, conquanto seja certo dizer que, na questão da salvação, Deus nos trata individualmente, também é certo defender que Deus nos trata federativamente, como partes de um todo. O Senhor Jesus Cristo morreu por Seu povo, o povo que Deus Lhe tinha dado; e somos feitos membros deste povo. O que Adão fez levou a certos resultados para o seu povo, o que Cristo fez igualmente leva a certos resultados para o Seu povo. Devemos

fixar-nos na idéia de que pertencemos a um povo, e que como Adão foi o nosso cabeça federal, assim também o Senhor Jesus Cristo é o Cabeça e Representante Federal do Seu povo. Nesta passagem, o argumento de Paulo é que sempre Deus tratou a humanidade desta maneira federativa, isto é, por meio de um cabeça, de um representante – por meio do primeiro Adão, por meio do último Adão. Assim, o que ele vai colocar de novo diante de nós é a diferença entre estarmos em Adão e estarmos em Cristo. Examinemos essa diferença.

Primeiro vejamos o que nos aconteceu em Adão. Assim ele o diz no versículo 18: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação”. Em muitas Bíblias algumas palavras estão em itálico porque não se acham no original. Foram supridas pelos tradutores para tornar o sentido mais simples e claro; e são de grande valor, e sem dúvida são corretas. Mas o que de fato Paulo escreveu foi: “Pois assim como por uma só ofensa sobre todos os homens para condenação”. E de igual modo na segunda parte do versículo os tradutores acrescentaram “veio a graça”. O que Paulo escreveu foi: “assim também por um só ato de justiça sobre todos os homens para justificação de vida”. Esse é um ponto meramente técnico. O que o apóstolo está dizendo é que, por causa de um só pecado de Adão todos os membros da humanidade são tratados como pecadores. É o que ele tinha dito originariamente no versículo 12: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”. Aqui ele o diz de novo: “Como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação”. Por causa daquele único pecado de Adão estamos todos sob juízo, e é um juízo de condenação. Somos todos tratados como pecadores, e o juízo e a punição que vêm sobre os pecadores foram declarados sobre todos.

Pois bem, essa é a primeira declaração do versículo 18. Mas vejamos com ela a primeira parte do versículo 19:

“Porque”, diz ele, “como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores.” Esta declaração vai além da do versículo 18. O versículo 18 afirma que por causa de uma só ofensa de Adão todos foram tratados como pecadores. O versículo 19 vai mais longe e afirma que, não somente todos foram tratados como pecadores, mas também foram considerados como pecadores. Na verdade, a expressão de Paulo é: “feitos pecadores”. “Feitos” é palavra importante. Referi-me a ela anteriormente, mas devo fazê-los lembrar-se dela porque é uma parte vital deste argumento. A palavra traduzida aqui como “feitos” é muito mais forte do que esta tradução sugere. Significa “enquadrar na posição de”, ou “colocar na categoria de”, ou “nomear para uma determinada classe”. Permitam que lhes explique isso mediante uma ilustração. No capítulo doze do Evangelho Segundo Lucas nos é dito que, certa ocasião, quando o nosso Senhor estava pregando, deve ter parado por um momento, e um homem gritou para Ele: “Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”. Diz-nos o texto que o nosso Senhor olhou para aquele homem e lhe disse: “Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?” (Lucas 12.13,14). A palavra aqui traduzida por “pôs” (VA: “fez”) significa “Quem me nomeou?” ou “Quem me designou ou me constituiu juiz ou repartidor entre vós?” “Quem me colocou na categoria de juiz?” A mesma palavra empregada para “fez” é utilizada pelo apóstolo no versículo que temos diante de nós, e com o mesmo sentido. É imperativo que compreendamos isso – a saber, que “pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores”.

Além disso, devo salientar a palavra “pecadores”. Paulo não está dizendo que muitos foram constituídos “pecaminosos”, termo que sugere possibilidade, mas que “muitos foram constituídos pecadores”. Ele não faz uso de um adjetivo, mas de um substantivo. Ele não está dizendo que por causa da desobediência de Adão toda a humanidade foi feita pecaminosa,

e, portanto, sujeita a pecar; e por estar sujeita a pecar, pecou, e porque pecou, foi punida. Não é o que o apóstolo diz. Ele assevera que por causa desta desobediência de Adão todos foram constituídos pecadores, foram feitos pecadores, foram considerados por Deus como pecadores.

Vocês apreciarão a importância da minha ênfase neste ponto, pois a segunda parte deste versículo dezenove afirma que, por outro lado, em Cristo fomos “feitos”, “constituídos” justos – e vocês devem dar à palavra a mesma força e o mesmo sentido nos dois lados. Se não lhe atribuímos aqui a plena força que tem, como lhe atribuiremos a plena força ali? O apóstolo afirma que por causa de um só ato de desobediência de Adão todos os membros da raça humana foram constituídos legalmente pecadores, todos os homens foram postos na categoria de pecadores aos olhos de Deus. Essa é a nossa posição judicial diante de Deus. Por causa de um só pecado de Adão todos nós fomos postos na categoria de pecadores.

Muitas vezes usei uma ilustração para esclarecer este ponto. Se um cidadão deste país causasse problema noutro país, aquele país poderia declarar guerra contra este. E, embora eu e vocês não tivéssemos feito nada que prejudicasse aquele país, não obstante sofreríamos as conseqüências. O outro país declara guerra e nós, portanto, legalmente, segundo a lei internacional, fomos constituídos inimigos daquele país, apesar de nada termos feito de mal pessoalmente. É um procedimento judicial. De acordo com o apóstolo, foi isso que aconteceu conosco – judicialmente, a nossa posição diante de Deus veio a ser a de pecadores, não por algum ato pessoal da nossa parte, mas inteira e unicamente por aquela única desobediência do primeiro Adão. O apóstolo repete isso em quase cada versículo, desde o versículo 12 até este ponto. Faz isso porque evidentemente este é o pensamento dominante em sua mente.

Reconsidere-se que nos versículos 13 e 14 o apóstolo fixa a sua declaração sobre a Queda e suas conseqüências dando atenção ao caso das crianças. Por que morrem as crianças? Sua

resposta é que a morte é sempre a punição do pecado; portanto, se uma criança pequena morre, é porque pesa sobre ela a culpa do pecado. Mas a criança nada fez pessoalmente; por que motivo, então, ela deve morrer? Por que motivo está sendo punida? A explicação é que todos pecaram em Adão. Já deixei claro que isso não significa que todas as crianças pequenas que morrem necessariamente vão para o inferno, mas significa que todas as crianças, desde o momento do seu nascimento, foram constituídas pecadoras. Que Deus pode aplicar Sua graça redentora é outra questão. O que devemos compreender é que todo nascido de mulher, desde Adão, as crianças inclusive, foram constituídos, foram postos na categoria de pecadores. Cristo Jesus é a única exceção. Não somos pecadores porque temos uma natureza pecaminosa e porque cometemos atos de pecado. É o inverso. Temos esta natureza pecaminosa e cometemos atos de pecado porque somos pecadores. O que Paulo assevera é que pela desobediência única de Adão todos os membros da humanidade foram constituídos, foram postos na categoria de pecadores. A natureza pecaminosa, a depravação, a corrupção e os atos de pecado resultantes são simplesmente partes da punição que se seguiu, a forma que a punição tomou. O que de fato é vitalmente importante é que vejamos que por causa de um só ato de desobediência de Adão todos nós fomos “feitos pecadores”.

Pois bem, isto é um ato judicial de Deus. Deus fez o homem e designou Adão para ser o representante de toda a raça humana. Ele tinha todo o direito de fazer isso. Ele decretou que toda a humanidade fosse representada pelo primeiro homem e sofresse as conseqüências da ação desse homem. E foi isso que aconteceu. Quando Adão pecou, Deus fez o que tinha dito que faria, e constituiu pecadora toda a progênie de Adão. Todos nós pecamos em Adão e com ele, porque ele era o cabeça e representante federal; e por isso Deus nos declarou pecadores, a todos nós. O apóstolo proclama que isso é um fato; e não pode ser discutido com razão porque nos

defrontamos com os fatos gêmeos da universalidade do pecado e da universalidade da morte. Como explicar a universalidade do pecado e da morte, senão em termos deste grande e tremendo fato que está por trás, o fato de que todos pecamos em Adão e fomos declarados pecadores por Deus?

Aí está, pois, um lado, mas, graças a Deus, podemos passar para o outro lado. Foi isso que aconteceu conosco em Adão; que acontece conosco em Cristo? É isso que o apóstolo quer expor e salientar logo a seguir; esta é a certeza que ele quer dar-lhes. O que ele está dizendo é praticamente o seguinte: tudo o que aconteceu com vocês em Adão é um fato; apercebam-se de que tudo o que aconteceu com vocês em Cristo também é um fato. Se aquilo foi coisa líquida e certa, apercebam-se de que isto é igualmente certo, e mais que isso, porque neste caso a graça de Deus entra em ação, e não a Sua ira e o Seu julgamento. Esse é o argumento do apóstolo. A grande verdade é que tudo quanto temos vem da obediência deste segundo Adão. Todos os benefícios da salvação nos vêm única e totalmente por causa da obediência do Senhor Jesus Cristo. A nossa salvação é inteiramente dEle, procede dEle, e é nEle. Quanto ao fato de eu ser um pecador, isso vem inteiramente de Adão; toda a minha justiça e o ser eu um cristão vêm inteiramente do Senhor Jesus Cristo.

O colorário de tudo isso é que se você quer ter certeza da salvação, não se deve começar com seus sentimentos, e sim, com seu entendimento; então os sentimentos virão em seguida. A maneira de ter certeza não é por tentar sentir alguma coisa, mas é por apreender esta verdade objetiva. Veja-se em Adão; embora não tenha feito nada, você foi declarado pecador. Veja-se em Cristo; observe que, embora não tivesse nada, você foi declarado justo. Esse é o paralelo. Precisamos livrar-nos de toda ideia de nossas ações. Não há lugar para orgulhar-se. Nós não fazemos nada; tudo o que somos e temos é resultante da obediência do Um – nosso Senhor.

Não há assunto mais glorioso que o da obediência do nosso

Senhor. Considerem primeiro a Sua obediência ativa. Cristo veio sob a Lei – “nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4:4). Aquele que, como Filho de Deus, tinha feito a Lei com Seu Pai, colocou-Se debaixo da Lei a fim de redimir-nos. Era preciso que a Lei de Deus fosse satisfeita; era preciso que ela fosse honrada, fosse vindicada; e assim, vindo à terra para redimir os homens e resgatá-los da “maldição da Lei”, Cristo prestou ativa obediência à Lei.

Pensem também no que aconteceu por ocasião do Seu batismo. “Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?”, disse João Batista a Jesus Cristo. “Deixa por agora”, respondeu o nosso Senhor, “porque assim nos convém cumprir toda a justiça”. Ele colocou-Se “sob a Lei”. Ele Se colocou em nossa posição. Ele é o nosso Cabeça e Representante. A Lei aí está e exige que seja cumprida; por isso Ele a cumpriu, e nunca falhou, nem num jota ou num til. Ele prestou perfeita e completa obediência à santa Lei de Deus.

Vejamos então a Sua obediência passiva na cruz, e, antes disso, a Sua agonia* no Jardim do Getsêmani. “Meu Pai”, disse Ele, “se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” Que é que significa isso? Ele estava face a face com a terrível decisão de submeter-Se passivamente a levar sobre Si os pecados dos homens e de sofrer a pavorosa punição merecida por eles. Significaria separar-se do Seu Pai por um terrível momento. Ele pergunta: “Não há outro caminho? Se não há, vamos em frente!” Isso fez parte da Sua obediência passiva. Ele caminhou para a cruz “como um cordeiro levado ao matadouro”. Não resistiu, não fez objeção. Nossos pecados foram postos sobre Ele, e Ele os carregou. Ele assumiu a dor e o sofrimento da nossa punição.

* Como nos lembra Unamuno, agonia, em seu sentido etimológico, é luta. Caldas Aulete informa que “agonia” nos vem do grego, via latim, e significa combate contra a morte. No latim o termo *agon, onis*, radical de *agonia*, significa luta, combate, conflito. Nota do tradutor.

Ele fez expiação. Suportou a ira de Deus contra o pecado. Nisso consiste a Sua obediência passiva! Ele foi perfeitamente obediente – Sua obediência foi ativa; Sua obediência foi passiva. Foi Sua obediência, diz o apóstolo, que produziu esta total mudança em nós e em nossa situação, e levou aos extraordinários resultados alistados nos versículos que estamos estudando agora.

O apóstolo menciona o primeiro resultado no versículo 18 – “Justificação de vida”. Ele estivera expondo isso desde o versículo dezessete do capítulo primeiro – “Justificação pela fé”. “O justo viverá da fé” (ou “pela fé”). Isso, como vimos, consiste em perdoar-nos Deus, em apagar Ele inteiramente as nossas transgressões. Mas inclui mais: É Deus declarar-nos justos. E ainda mais: É sermos libertos do reino da morte no qual éramos mantidos. Examinamos em detalhe esse ponto quando estudamos o versículo 17 deste capítulo 5: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só”. A justificação não se restringe ao perdão dos pecados; significa também que demos cabo do reino da morte; estamos “em vida”, estamos “reinando em vida”. Agora pertencemos ao reino e ao território da vida, da vida eterna, e temos os olhos postos adiante, numa esperança eterna. O versículo 19 afirma isso com maior força: “Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”. Assim, os que pertencem a Cristo são feitos justos. Procuremos dar à palavra “feitos” seu conteúdo pleno – “constituídos”, “postos na categoria de”, “judicialmente considerados como”. É esse o sentido aqui, como é esse também o sentido no outro lado, em nossa relação com Adão.

Foi isso, diz o apóstolo, que aconteceu com todos nós que estamos em Cristo; e acontece conosco exclusivamente por causa da Sua obediência, unicamente com base em Sua obediência. Esse foi o grande tema de Paulo. Vejam-no em 2

Coríntios 5:21: “Àquele que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós”. Por quê? “Para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”. É precisamente o que ele está dizendo nestes dois versículos. Como fomos constituídos pecadores por causa de um só pecado de Adão, independentemente de qualquer ação da nossa parte, assim fomos constituídos justos, pessoas justas, de forma inteiramente independente de qualquer coisa que tenhamos feito ou que façamos. É inteira e unicamente por causa da obediência de Cristo. Esse é o grande princípio salientado repetidamente neste parágrafo. “Outrora vocês estavam em Adão”, diz ele; “agora vocês estão em Cristo.” Tudo aquilo que com razão se podia dizer de vocês anteriormente foi resultado daquele ato único de Adão. Tudo isto que com razão se pode dizer de vocês agora é resultado da obediência de Cristo.

Tenho dado ênfase ao fato de que Paulo não disse que em Adão fomos constituídos pecaminosos, mas, sim, que fomos constituídos pecadores. Aqui, por outro lado, devemos compreender que em Cristo somos considerados como pessoas justas. Deus nos coloca nesta categoria, nesta classe, de pessoas justas. Ele nos vê como se nunca tivéssemos cometido nenhum pecado. Liquidamos a nossa antiga situação; deixamos de ser pecadores. Fomos tirados daquela classe e fomos colocados nesta nova classe. Fomos constituídos pessoas justas. Fomos retirados do reino da morte. A morte já não tem domínio sobre nós nesse sentido; para nós passou a ser como sono. Pertencemos ao reino da vida. É isso que o apóstolo quer que entendamos. Essa é a segurança que devemos usufruir. É tudo verdade porque, não somente fomos perdoados e considerados como justos, porém o que torna esse fato ainda mais certo e seguro é que estamos “em Cristo”, pertencemos a Ele. A nossa relação com Ele é a mesma relação que tínhamos com Adão no princípio. Este é um fato definido e certo. Estamos “em Cristo”.

Permitam-me repeti-lo desta forma: não devemos pensar

em nossa salvação em termos demasiado individualistas. Devemos apegar-nos à idéia de que a nossa salvação dá-se inteiramente em Cristo, e de que o que nos salva é que fomos inseridos “em” Cristo. Não devemos pensar que, nesta conexão, Deus nos trata um a um, e que para cada um de nós é necessário um ato separado de salvação. Nada disso! Cristo fez isso uma vez por todas – com Sua vida, morte e ressurreição. Se eu fui inserido em Cristo, então fui crucificado com Ele, morri com Ele, ressuscitei com Ele e estou nos lugares celestiais com Ele. Estou “em Cristo”. É assim que devemos ver a obra de salvação, e, vendo-a assim, a nossa certeza e a nossa segurança nunca sofrerão abalo.

Paulo expõe a mesma verdade na Primeira Epístola aos Coríntios: “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). É tudo nEle, e, se estou nEle, tudo se torna meu. Como aquele pecado de Adão levou a muita coisa em meu caso, assim também aquela obediência de Cristo leva a muita coisa em meu caso. Se simplesmente estou em Cristo, Ele não somente é minha justificação, não somente é minha justiça, mas é também minha santificação, e igualmente é minha redenção final. Não posso retirar partes de Cristo. Ele é um Cristo completo e uno, e, se estou nEle, todos os Seus benefícios virão a mim. Esse é o argumento. Sou considerado por Deus como uma pessoa justa porque estou em Cristo. Fui constituído justo, e foi Deus que fez isso tudo, e como foi Deus que me constituiu uma pessoa justa – mesmo levando em conta que anteriormente Ele me havia constituído pecador – e como foi um ato judicial do próprio Deus, obviamente a minha salvação só pode ser certa e segura, e nada jamais poderá mudar isso. Se Deus fez um pronunciamento judicial a meu respeito, no sentido de que, porque eu estou em Cristo, Ele me considera uma pessoa justa, então certamente eu sou uma pessoa justa. Digo mais, porém; serei sempre uma pessoa justa.

“Ah”, dirá alguém, “mas, que dizer se você pecar amanhã?”

Respondo que ainda assim continuo sendo uma pessoa justa. O fato de que amanhã eu possa pecar não significa que a minha posição perante Deus seja alterada e que eu volte à situação anterior e esteja “em Adão” mais uma vez, como antes. Você não pode ir para trás e para diante quanto à sua posição – tal idéia é monstruosa. Ou estamos “em Adão” ou “em Cristo”. E como Paulo nos irá mostrar nos dois versículos seguintes, e depois mais ainda nos capítulos 6 e 7, embora eu, como um homem que está “em Cristo”, possa pecar, não tornarei a estar sob a Lei. Acabei com isso para sempre, “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. Essa é uma das mais importantes “coisas velhas”. Nesse sentido, o cristão deu fim à Lei, não está mais “sob” a Lei.

Não significa que o cristão não deve guardar a Lei; mas não está “sob” ela. Devemos entender bem isso. Fui constituído uma pessoa justa – é como Deus me considera. Agora estou em Sua família, sou Seu filho, e, quando peço, não estou pecando contra a Lei, estou pecando contra o Amor. Já não se trata de ação de um criminoso; é ação de um filho. É na relação de amor que agora falhamos. Toda a situação é diferente. Não deixo de ser uma pessoa justa quando peço; embora seja uma pessoa indigna, continuo sendo uma pessoa justa. Deus declarou isso. Ele me estabeleceu nessa posição, Ele me pôs nessa categoria, e não se pode entrar e sair dessa categoria. Vocês não conseguem ver quão monstruoso é sugerir que num momento vocês estão entre os justos e no momento seguinte estão “em Adão”? A simples idéia disso é ridícula, e, claro, totalmente inverídica. Quando Deus faz este pronunciamento, esta declaração, quando Deus nos constitui justos dessa maneira, somos justos, estamos em Cristo. Essa é a nossa nova posição, “e ninguém nos arrebatará da sua mão”. Nada nos poderá “separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Essa é a declaração que o apóstolo faz nestes dois momentos versículos. É o resumo do seu argumento. “Como”, e

porque quando você estava em Adão, o seu ato de desobediência levou a todos os males e pesares, “assim” – “assim também”, porque você está em Cristo, Sua obediência, e unicamente a Sua obediência, leva a bênçãos indizíveis. O apóstolo diz aos coríntios que a obra de todo cristão vai ser julgada no fim, e que, se alguém edificar com madeira, feno ou palha, será queimada, mas ele mesmo será salvo, “todavia como pelo fogo” (1 Coríntios 3:12-15). Noutras palavras, é salvo porque é uma pessoa justa. Ainda que todo o seu edifício seja inútil e não permaneça, ele mesmo permanecerá – “salvo, todavia como pelo fogo”.

Essa é a segurança da qual eu e vocês devemos apossar-nos. O apóstolo escreveu tudo isso, e repetiu muitas vezes o mesmo ponto, a fim de promover isso em nós. Por que ele nos fica falando que foi o pecado único de Adão que nos fez pecadores? Por que ele expressa isso de maneira explícita no versículo dezenove, onde afirma que fomos “constituídos” pecadores? Por que ele mostra tanto interesse em imprimir isso em nós? Só existe uma explicação adequada, a saber, para que possamos ver claramente o outro lado. As conseqüências da obediência de Cristo são tão certas e seguras como as que resultaram da desobediência de Adão; na verdade, são muito mais certas e seguras. Quais são estas conseqüências? Somos postos na categoria de justos; estamos “em Cristo”, na própria vida de Cristo, ligados a Ele, a Cabeça viva de Seu povo; e o nosso futuro eterno está garantido e seguro. Nada nos poderá privar disso.

Segue-se disso que o meio pelo qual podemos testar se realmente captamos o argumento ou não é este: você está certo e seguro da sua salvação? Ou você continua dizendo: “Não gosto de dizer que estou seguro, porque não posso confiar em mim. Posso pecar amanhã ou no próximo ano”. Falar dessa maneira equivale a confessar que você não acompanhou a argumentação. A sua salvação, como também a minha, depende única, inteira e exclusivamente da obediência de

Cristo. “Ah”, dirá alguém, “isso não é um convite para pecarmos?” Mas era precisamente isso que aquela gente estava dizendo a respeito de Paulo e do seu ensino. É o que ele nos diz no versículo primeiro do capítulo seis: “Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?” Noutras palavras, se a sua pregação não parece antinomismo, você não está pregando o evangelho! O evangelho parece perigoso para o homem meramente moral, mas, naturalmente, não é perigoso, porque o homem que está em Cristo não argumenta desse jeito. O homem que está em Cristo vê esta verdade estupenda, enche-se de admiração e se regozija tanto nela que não poupa esforços para merecê-la. “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). O argumento dá a volta por cima.

Deixo a questão com você: você seguiu o argumento? Você se vê realmente “em Cristo?” Não olhe simplesmente para você; olhe para você “em Cristo”, porque é onde você está. Você foi colocado ali, foi enxertado nEle, você está nEle, e, portanto, você foi constituído uma pessoa justa. É como Deus o vê. Deus não o vê mais como pecador e como você era quando estava em Adão. Esta é a tese global do evangelho, e você nunca mais deve ver-se como pecador. Você não é pecador, você é filho de Deus. Um filho que falha, que cai, mas não é mais pecador; não é mais um “miserável pecador”. Um cristão dizer-se “miserável pecador” é negar o argumento inteiro. Era um “miserável pecador”, mas agora é uma pessoa justa; e quando ele falha e cai, falha e cai dentro da esfera da família, dentro do reino do amor. Mas, graças a Deus, o cristão não muda de situação; sua posição não é mudada, a sua relação com Deus não é alterada. Veja-se sempre exclusiva e inteiramente em Cristo, assim como antes você estava inteira e exclusivamente em Adão.

Você se sente como eu me sinto? Dou graças a Deus porque, por Seu Espírito, levou o apóstolo Paulo a dar ênfase a este

ponto sobre Adão e Cristo, e também ao ensino de que todos nós éramos pecadores por causa do pecado de Adão. Isso me leva e me habilita a observar o outro lado e dizer: “Sou justo, apesar de tudo o que se pode dizer de mim, porque estou “em Cristo”. Não sou mais um pecador; fui constituído uma pessoa justa”.

21

“Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.”

– Romanos 5:20, 21

Estes dois versículos vêm no fim da importantíssima passagem que estivemos considerando, passagem que se inicia no versículo 12. A própria expressão “Além disso”, do começo do versículo 20 (VA), prende logo a nossa atenção. É óbvio que temos aqui algo adicional em relação ao que fora dito.

Por que o apóstolo diz “Além disso”? Permitam que lhes responda nestes termos: por certo, vocês se lembram de que lhes demonstrei que os versículos 18 e 19 resumem o argumento que o apóstolo tanto se interessou em apresentar-nos. Ali diz ele: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos”. Essa era a grande verdade que ele estava desejoso de transmitir, e, num sentido, ele de fato já tinha concluído a sua exposição e o seu argumento no fim do versículo 19. Mas ele continua: “Além disso...”. Ele tem mais alguma coisa para dizer. Que será? E por que ele diz isso?

Este estilo é bem típico e característico do nosso apóstolo. Evidentemente, ele sente que deixou uma espécie de ponta

solta, e que não pode deixar a coisa nesse pé. Nos versículos treze e catorze ele fizera uma referência à Lei. “Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão”. Tendo mencionado a Lei ali, agora retorna lá e mostra sua exata relação com o que estivera dizendo no curso do argumento. Isso não é essencial ao argumento, porém ele sabia que isso ajudaria os cristãos judeus, especialmente se ele resolvesse a questão.

Os judeus, como temos visto uma e outra vez, estavam em grande dificuldade com relação a este assunto. Quando digo judeus, não me refiro somente aos judeus incrédulos, mas também a muitos judeus que realmente se haviam tornado cristãos. Levaram muito tempo para entender o lugar exato da Lei na economia de Deus, em Seu grandioso plano e propósito de salvação. Quando Paulo escreveu as suas cartas, seu propósito principal não era produzir tratados teológicos, mas fora movido pelo coração de pastor e pelo desejo de ajudar as pessoas simples a entenderem a sua fé. Ele se afana bastante em explicar-lhes as coisas, a fim de lhes alegrar a mente.

Paulo sabia que os seus escritos levariam certas pessoas a levantar questões e a perguntar: “À luz do que você prega, com que objetivo e propósito Deus nos deu a Lei? Até onde podemos entender a sua argumentação, a Lei não tem nenhum valor, e nunca teve. Você tomou esse tempo todo, e o repete constantemente, para dizer que não é pela Lei que nos justificamos. Isso está claro para nós. Antes pensávamos que só podíamos justificar-nos pela observância da Lei, entretanto agora você estabeleceu e ressaltou claramente que “nenhuma carne será justificada pelas obras da Lei”. Até esse ponto aceitamos que a Lei não foi dada para que fôssemos justificados por meio dela; mas agora você foi mais longe. Nesta passagem, que começa no versículo 12, você

afirma que a Lei nem nos condena. Se é assim, qual foi o objetivo da Lei? Qual o seu propósito? Você nos convenceu de que ela não foi dada para nos justificar, mas agora você está dizendo que tampouco foi dada para nos condenar, porque, como você tem exposto a duras penas, todos nós fomos condenados por “um só pecado de Adão”. Foi pela desobediência de um só homem que muitos foram constituídos pecadores; foi por causa da ofensa deste único homem que o juízo veio sobre todos. A Lei não justifica; a Lei nem mesmo nos condena. Qual é então o efeito da Lei? Afinal de contas, ela faz alguma coisa? Houve algum propósito na dádiva da Lei?”

É fácil imaginar que aguda questão isso deve ter sido para o judeu, porque para ele a Lei que fora dada por meio de Moisés era a coisa mais valiosa em sua vida. Para ele, nada tinha sido mais importante do que os fatos que se desenrolaram no Sinai. Isso realmente marcara os israelitas dentre todas as outras nações, que não receberam a Lei daquela maneira. E aqui vem um ensino que, em todo caso, à superfície, parece dizer que a Lei não tem nenhum valor, que ela nem justifica nem condena. Portanto, eles tinham todo o direito de perguntar qual o propósito e a função da Lei. A questão surge porque Paulo estivera insistindo neste ponto nos versículos 13 e 14. Diz ele: “Até à Lei” – isto é, até quando a Lei foi promulgada por intermédio de Moisés – “estava o pecado no mundo” e “a morte reinou desde Adão até Moisés”. Claro está, pois, que a raça humana não foi condenada em primeira instância pela Lei dada mediante Moisés, porque a condenação já estava presente antes de ser dada a Lei. Isso está provado pela universalidade do pecado e da morte, de Adão a Moisés. Assim, a questão quanto à função da Lei surge de maneira deveras pertinente; e as Escrituras nos dão a conhecer a resposta.

Graças a Deus, o apóstolo trata disso. Ele acrescenta este pós-escrito: “Além disso”, diz ele, como para indicar que não

tinha esquecido o problema da Lei. Mas parece estar um tanto interessado no estilo. Como vimos, ele já tinha introduzido um parêntese nos versículos 13 e 14, e um segundo nos versículos 15, 16 e 17, e parece lembrar-se de que há limite para o número de parênteses que um escritor pode introduzir. Assim, evitando a introdução de outro, ele conclui o seu argumento, passando a tratar da questão da Lei no pós-escrito que se vê nos versículos 20 e 21.

Devo confessar que este homem e tudo o que ele faz me encantam. Admiro o seu método, gosto do seu estilo, e sua maneira de fazer as coisas me atrai. Mas, particularmente, e acima de tudo mais, admiro o seu grande coração pastoral. Ele não era o tipo de mestre que evita as dificuldades; ele não deixa de lado os assuntos e problemas difíceis, tratando apenas das questões simples. Seu desejo ardente era ajudar as igrejas; como mestre, ele devia dar uma explicação desse assunto. E o faz aqui, a seu modo típico e característico. A questão que ele coloca e responde é: qual é a função da Lei dada por meio de Moisés? A Lei – esclareçamos isto – no versículo 20 refere-se à Lei que fora dada por meio de Moisés no Monte Sinai, não somente a Lei Moral, mas também a Lei Cerimonial; de fato, a totalidade da Lei.

Talvez alguns estejam inclinados a perguntar: “por que não passamos ligeiro pelos versículos 20 e 21, indo logo aos interessantes capítulos 6, 7 e 8?” Precisaríamos nos preocupar com estes dois versículos? Sugiro-lhes que não devemos fazer isso porque não poderemos entender corretamente o Novo Testamento se não entendermos este ensino concernente à Lei. Por isso ele é apresentado tantas vezes nas cartas deste apóstolo. Vejam, por exemplo, o capítulo três da Epístola aos Gálatas, e todas as passagens nas quais é considerada a situação dos judeus, ou a resposta do apóstolo ao ensino errôneo dos judaizantes. Não se tem a mínima possibilidade de entender o ensino do apóstolo se não se sabe exatamente o que ele está dizendo nestes versículos da Epístola aos Romanos.

“Além disso”, diz Paulo, “veio” ou “entrou a Lei...”. A palavra “entrou” é muito interessante. Cada palavra que o apóstolo emprega precisa ser observada. Vimos esta mesma palavra “entrou” quando estudamos o versículo 12: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte”. Todavia o apóstolo não escreveu exatamente a mesma palavra nos dois lugares, pois no versículo 20 ele acrescenta o prefixo (grego) “para” à palavra empregada no versículo 12, e esse prefixo dá a idéia de “ao longo de”, “ao lado de”. Este acréscimo produz uma palavra mais abrangente e mais expressiva do que a empregada no versículo 12. No versículo 12 diz ele que “o pecado entrou no mundo”; aqui ele afirma que “a Lei entrou ao lado de”. Ao lado do quê? Ao lado do pecado, que já tinha entrado. Havia um certo estado de coisas; mas agora, algo adentra essa situação. Não é tanto que isso crie uma nova situação; vem ao longo da outra situação. Se entendermos este princípio, teremos meio caminho andado para entendermos a função da Lei. A própria expressão acrescentada “ao longo de”, que Paulo emprega aqui, fala-nos que a Lei, por si mesma, não é de importância fundamental para nós. É algo adicional, algo que entra provisoriamente, para uma função particular. Não é fundamental no sentido em que o pecado e a salvação são fundamentais; é algo que entra como acréscimo, algo que “entra ao lado de”.

Às vezes o apóstolo emprega esta palavra noutro sentido. Na Epístola aos Gálatas ele fala de algumas pessoas que tinham entrado “secretamente” ou “clandestinamente”. “E isto por causa dos falsos irmãos que se tinham entremetido, e secretamente...” (Gálatas 2:4). A idéia de “secretamente” não se aplica ao texto de Romanos 5:20, mas a palavra tem o mesmo sentido geral. Indica que a Lei não é fundamental, é algo não essencial. Tem uma função, porém não é vital na questão da salvação. Essa é a chave para o entendimento desta declaração.

Entrou ao lado de, diz o apóstolo Paulo, “para que a ofensa

abundasse”. A palavra “ofensa” refere-se à ofensa de Adão, mas não somente isso; significa tudo o que resultou da ofensa de Adão. E, como já vimos, inclui as nossas ofensas também, pois o apóstolo já nos tinha dito no versículo 16 que “o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação”. Assim quando ele diz, “para que a ofensa abundasse”, está se referindo ao pecado de Adão e a todos os pecados dos homens daquele tempo em diante. A Lei entrou ao lado a fim de que este pecado (estes pecados e ofensas) abundasse – quer dizer, “se avolumasse”, “aumentasse”. Qual será, então, a função da Lei, segundo o apóstolo? Ela foi introduzida ao lado a fim de que a ofensa (os pecados) abundasse.

Agora estamos em condições de discutir a real tarefa e o real objetivo da Lei. A Lei, é óbvio, nunca foi destinada a ser um meio de salvação. Não há necessidade de nos demorarmos nisto porque o apóstolo o deixou muitíssimo claro nos quatro primeiros capítulos, como, por exemplo, com as palavras: “Nenhuma carne será justificada diante dele pela obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (3:20). Como eu disse na análise geral de toda esta seção concernente à justificação pela fé e seus resultados, este é o fim de uma grande seção, e assim, mais uma vez ele resume a posição concernente à Lei. Vemos a mesma coisa, explicitamente, no capítulo três de Gálatas, versículo 21: “Logo, a lei é contra as promessas de Deus? De modo nenhum; porque, se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei”, o que, obviamente, significa que isso é impossível. Nenhuma lei é capaz de dar vida.

Livremo-nos, pois, uma vez por todas, da idéia de que Deus deu a Lei aos filhos de Israel para dar-lhes a oportunidade de salvar-se por sua obediência a ela. Nunca lhe foi atribuída esse propósito; ela não foi acrescentada como um possível meio de salvação. Os pregadores e os evangelistas às vezes dizem que Deus lhes deu (aos israelitas) a oportunidade de salvar-se pela Lei. Mas isso não é verdade. A Lei entrou

para que a ofensa abundasse, e nunca foi planejada como meio de salvação.

“Mas”, alguém poderá perguntar, “isto significaria que a Lei foi deliberadamente “introduzida ao lado” por Deus a fim de fazer-nos pecar mais, para que a ofensa abundasse?” Imediatamente replicamos que isso é completamente impossível. “Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta”, diz Tiago (1:13). Deus jamais fará algo que nos incite a pecar; tal coisa é totalmente impossível; na verdade, essa idéia é blasfema.

Qual é, então, o ensino do apóstolo? Ele está afirmando que a Lei realmente aumentou o pecado, e tinha o propósito de aumentá-lo, de três principais maneiras. A primeira é que a Lei aumenta o nosso conhecimento do pecado. Retornemos ao capítulo 3, versículo 20: “Pela lei vem o conhecimento do pecado”. A mesma verdade aparece de novo no versículo sete do capítulo sete: “Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum: mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: não cobiçarás”.

A primeira tarefa da Lei é, pois, aumentar o meu conhecimento do pecado; e ela faz isso principalmente de quatro maneiras. Uma é que a Lei aumenta o meu conhecimento do pecado porque define o pecado para mim. Em certo sentido, somos todos ignorantes no que se refere ao pecado; as pessoas cometem pecado sem saber que estão pecando. Portanto, precisamos ser instruídos sobre o pecado. Um homem fez algo durante anos, e não via nenhum mal nisso; ou pode ter visto algum mal nisso, porém de modo vago; mas ainda sem perceber exatamente o que estava fazendo.

O dever da Lei é codificar e definir o pecado. Claro, é isso que evidentemente acontece com as leis da maioria dos países. As sociedades primitivas virtualmente não tinham leis, mas com o passar do tempo viram que era necessário pôr certas coisas por escrito para saberem o que era certo e o que era

errado, o que podiam e o que não podiam fazer. É preciso codificar estas questões e defini-las, porque duas pessoas podem não concordar sobre certas práticas. Assim, as leis vieram a ser escritas, ou as causas legais começaram a operar – não precisamos alongar o assunto – e, como resultado, as comunidades vieram a ter certo número de princípios e um sistema complexo de normas e regulamentos para guiá-las. Pois bem, essa é uma das funções da Lei: definir o pecado, assinalá-lo bem.

O apóstolo já tinha dito isso duas vezes. A primeira, no capítulo 4, versículo 15, onde ele diz: “Porque a lei opera a ira. Porque onde não há lei também não há transgressão”. Há pecado, mas não há transgressão. Aqui notamos a diferença entre pecado e transgressão. Transgressão é pecado definido como tal pela Lei. Já não é meramente um ato errado; também envolve agora a quebra de uma lei. Visto que a Lei a definiu, passou a ser o que não era – transgressão. Vimos este ensino no versículo 13 desta seção: “Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei”. Interpretei essa declaração no sentido de que, embora houvesse pecado no mundo antes de ser dada a Lei, ele não “entrou no livro razão”, na contabilidade, por assim dizer, enquanto não foi promulgada a Lei. Era pecado, as pessoas cometiam pecado, porém, na ausência de um código de leis escritas, o pecado não era posto na conta. A diferença feita pela Lei é que ela assinala e define o pecado.

No entanto, acima e além disso, em segundo lugar, a Lei nos ajuda a entender e a saber a real natureza do pecado em sua profundidade. Todos nós sabemos algo sobre o pecado e temos noção de certo e errado. Todos nós, por natureza, como Paulo afirma em seu argumento no capítulo 2 – e ele inclui como resultado da sua investigação até os pagãos que nunca tinham tido a Lei – todos nós temos em nosso ser uma consciência pela qual os nossos pensamentos nos acusam ou nos escusam (2:15). Todos sabemos quando fizemos algo errado, mas o fato de que temos este conhecimento não significa que

sabemos muita coisa acerca da natureza do pecado. Só a Lei nos dá um verdadeiro entendimento da natureza do pecado. Vemos Paulo dizer isso com muita clareza no capítulo 7, versículo 13: “Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno”. A Lei me ensina sobre a profundidade do pecado, a torpeza do pecado, a real natureza do pecado, a excessiva malignidade do pecado. Eu não poderia saber isso sem a Lei. Sem a Lei o homem realmente não entende a natureza do desejo, da cobiça, do que Paulo chama “concupiscência”. Todavia a Lei no-lo ensina.

Consideremos algumas outras expressões do apóstolo, como as do capítulo 7, versículo 5, onde ele fala sobre “as paixões dos pecados” que estão em ação “em nossos membros para darem fruto para a morte”. É a Lei que estimula essa atividade, diz ele, fazendo-nos mais plenamente conscientes da sua significação. Não sabíamos bem isso antes, mas a entrada da Lei nos dá conhecimento do caráter do pecado, e, com isso, aumenta, faz avolumar-se o pecado.

Nesse mesmo capítulo sete o apóstolo nos ensina sobre o terrível poder do pecado. Enquanto a Lei não vem e não nos ensina, realmente não vemos o pecado em si e como ele existe isoladamente de nós. Sabemos que erramos, porém apenas pomos isso de lado como algo lamentável e como defeito. Mas quando a Lei nos ensina e nos esclarece, ficamos espantados com essa coisa horrível, esse terrível poder que entrou no mundo e nos tiraniza a todos. É a Lei que abre os nossos olhos para essa tragédia. Quem não recebe ensino e instrução sobre a Lei nada sabe sobre isso; nisso temos a medida da sua ignorância e da sua cegueira.

Esse aspecto da Lei, conferindo-nos esclarecimento, leva-nos, por sua vez, a terceira maneira. É unicamente a Lei que nos revela de que maneira terrível o pecado se apoderou do coração humano. É unicamente a Lei que nos ensina que o

pecado não é simplesmente uma questão de fazer coisas erradas, entretanto que ele torceu toda a nossa natureza. É unicamente a Lei que me mostra que sou uma criatura decaída, e que, em consequência da transgressão de Adão, todo homem nascido neste mundo está moralmente enfermo, toda a sua natureza está sendo desfigurada e pervertida. No capítulo sete o apóstolo voltará a falar-nos do que o pecado fez e faz no coração humano.

Finalmente, a quarta maneira. A Lei mostra o terrível poder de enganar do pecado: “Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou” (Romanos 7:11). Ninguém tem conhecimento disso enquanto não entende o ensino da Lei. Por natureza, ninguém sabe coisa alguma do caráter enganoso do pecado. É somente a Lei que ensina ao homem que o pecado o afetou tão adversamente que a própria Lei que tinha por objetivo ajudá-lo o fez pecar ainda mais. Foi isso que o pecado fez.

Assim pois, para resumir este primeiro ponto, vemos que “pela lei vem o conhecimento do pecado”. Isso deveria levar aqueles de nós que somos ministros a ver a importância da pregação da Lei. Uma das maiores dificuldades da igreja hoje, bem como do mundo, é que os homens não têm conhecimento do pecado como deveriam ter. O pecado é considerado superficial e levianamente. Somos considerados mórbidos se pregamos a mensagem do capítulo sete de Romanos e expomos diante das pessoas a sua pecaminosidade. Os homens estão prontos a admitir que precisam de alguma ajuda e que são fracos neste ou naquele aspecto; mas as Escrituras nos ensinam sobre a profundidade, a hediondez e a excessiva malignidade do pecado. Os nossos pais, os nossos avós, e principalmente aqueles que os antecederam, sabiam tudo sobre isso, e foi em tais ocasiões que ocorreram grandes avivamentos espirituais. É quando homens e mulheres se dão conta da profundidade da iniquidade e do pecado que há neles que eles começam a clamar a Deus. Contudo, se os homens não tiverem

real entendimento do pecado, se lhes faltar o conhecimento do pecado que é dado unicamente pela Lei, então se darão por satisfeitos com uma evangelização superficial. Certamente este é um dos nossos maiores problemas atuais; daí a importância de aprofundar-nos com muita atenção e em detalhe neste pós-escrito acrescentado a este capítulo cinco. A primeira coisa que a Lei faz é aumentar o nosso conhecimento do pecado.

Em segundo lugar, e por causa do primeiro fator, a Lei aumenta a nossa convicção de pecado. Não se trata aqui meramente de um conhecimento mental ou de informação intelectual. Se realmente tivermos o conhecimento, ele nos tornará convictos de pecado. Acredito que isso é feito de duas maneiras principais. A primeira é que faz o nosso pecado aumentar porque, com o conhecimento que a Lei nos deu, nós não somente praticamos o mal, mas também sabemos que estamos praticando o mal. Não sabíamos isso antes; éramos como crianças. Uma criança pequena faz alguma coisa errada, porém não entende realmente o que está fazendo. Só quando ela aprende e obtém maior conhecimento é que terá entendimento da malignidade do mal que ela pratica.

A Lei nos convence mais profundamente dos nossos pecados. Com este conhecimento compreendemos que quando praticamos algum mal, não somente estamos praticando uma ação má, mas também estamos desafiando a majestade de Deus e nos contrapondo à santidade e a justiça de Deus, colocando-nos contra a Sua Lei. Este é um dos aspectos mais terríveis do pecado. Não é apenas que fizemos algo que depois nos entristece, e que nos prejudicamos ou prejudicamos alguém; é, acima de tudo, uma ação contra Deus. Davi viu algo disso quando ele disse no Salmo cinquenta e um: "Contra ti, contra ti somente pequei". Ele disse isso, quando na verdade era um adúltero e um assassino. Todavia, ao mesmo tempo, ele enxergou o real e fundamental sentido do pecado. O aspecto mais terrível do que ele tinha feito não é que ele

tinha cometido adultério com Batseba e tinha assassinado o seu marido, mas – “Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos parece mal”. Davi aprendeu a lição. Foi isso que o humilhou até o pó e o fez sentir-se incapaz de perdoar a si próprio.

A mesma coisa é verdade a respeito de todos nós, uma vez que conhecemos algo da Lei. Não é somente que fazemos coisas erradas; estamos insultando a santa vontade de Deus, estamos repelindo a voz divina, estamos deliberadamente contrapondo a nossa vontade à vontade de Deus. Adão fez isso; e nós, por nossa vez, posto que conhecemos a Lei, tornamo-nos cônscios de transgressão semelhante à de Adão. Os que viveram entre o tempo de Adão e o de Moisés, como nos é dito nos versículos 13 e 14, não compreendiam isso plenamente; pecavam, porém não sabiam o que estavam fazendo – não pecaram “à semelhança da transgressão de Adão”. Mas, desde que a Lei entrou, ela nos dá este conhecimento e, assim, torna muito pior o nosso pecado. Pela Lei o nosso pecado torna-se muito maior, e a nossa ofensa muito mais odiosa.

Por que isso me preocupa tanto? E por que dou tanta ênfase a isso? Seria porque estou convicto de que este seja o meio pelo qual se possa convencer “o bom homem moral” de que ele é pecador? Há muitas pessoas do mundo moderno, gente instruída, gente de boa moral, que se aborrecem quando se lhes diz que são pecadores. Naturalmente não são ébrias, adúlteras, assassinas! São pessoas respeitáveis na região ou no país, e podem sentar-se e ouvir pregações que denunciam esses pecados e também denunciam os marginais e os viciados em drogas – e não se sentem tocados. Nunca fazem nem fizeram essas coisas, e fazem o bem em grande escala; são idealistas, são filantropas, fazem o bem com ambas as mãos. Há só um meio de convencer essas pessoas de pecado; é fazer-lhes estas perguntas: que lugar Deus ocupa na vida delas? Elas estão sempre pensando em Deus? Vivem vidas virtuosas por causa de Deus e para a Sua glória?

O fato puro e simples é que Deus é inteiramente ignorado por tais pessoas e, com isso, Ele é insultado por elas. Eu diria que os maiores pecadores do mundo são os que estão satisfeitos consigo, os que giram em torno de si mesmos, os que são bons e têm boa moralidade, os que crêem que, assim como estão e como são, estão aptos para apresentar-se a Deus e a permanecer em Sua presença. Além disso, esses elementos na realidade estão dizendo que Deus nunca teria tido a necessidade de enviar Seu Filho ao mundo, no que tange a eles, e que nunca teria sido necessário que o Filho de Deus morresse na cruz. Não há maior insulto a Deus do que esse; mas é precisamente disso que eles são culpados. Não existe no universo maior pecador que o homem que nunca sentiu necessidade do sangue de Cristo. Não há maior pecador do que esse. O homicídio, o adultério e a fornicção não são nada, em comparação com aquela insultuosa forma de pecado.

É, pois, sumamente importante que compreendamos esta verdade concernente à Lei; ela determina o caráter da nossa pregação e da nossa evangelização. Se pregarmos e evangelizarmos meramente em termos de “você está com problemas, sente-se infeliz?” o homem bom e de boa moral dirá: “Naturalmente, isso não me diz respeito; sou perfeitamente feliz, não tenho nenhum problema”. Se depois pregarmos a respeito dos que são vítimas da bebida, do sexo etc., ele dirá: “Ele não está pregando para mim; estas coisas não me incomodam absolutamente. Sou feliz no casamento, tenho bons filhos, e tudo vai bem”. Este homem bom e de boa moral senta-se como os fariseus se assentavam para ouvir o Senhor Jesus Cristo. É-nos dito que eles “se assentavam por perto”, observando como espectadores. A pregação que omite o ensino sobre a relação da Lei com o pecado é gravemente defeituosa. Não devemos começar falando das necessidades dos homens, suas fraquezas, seus temores, suas fobias etc. A nossa pregação não deve ser apenas subjetiva. Que devemos pregar, então? Devemos pregar Deus, o Senhor do universo, o Criador, o

Senhor Deus todo-poderoso, o Deus eterno. Devemos declarar aos homens que eles foram feitos por Ele, que são responsáveis perante Ele, e que eles estão diante dEle. O homem bom e de boa moral entra aí; todo o mundo entra aí.

Não é de admirar que são tantos os que estão fora da Igreja. Temos sido culpados de pregar o evangelho de um modo que a muitos parece irrelevante. Devemos colocar a humanidade de frente para Deus, face a face com Ele, e no momento em que fizermos isso não será difícil provar que “não há um justo, nem um sequer”, e que todo o mundo é “condenável diante de Deus” (Romanos 3:10,19). Isso inclui o homem que só gira em torno de si mesmo com sua satisfação própria e com tudo o que só lhe interessa, que nunca pensa em Deus, nunca O adora e nunca vem aos cultos dominicais para juntar-se a outros nos louvores ao Seu santo nome; esse é o maior pecador de todos. Ele pensa que pode viver sem Deus, não está interessado em Deus, e quanto a ele o Filho de Deus nunca teria sido necessário. É a Lei que nos ensina isto e nos convence de pecado, porque a Lei sempre nos coloca face a face com Deus.

Permitam-me oferecer-lhes a prova final do que estou dizendo. Lembrem-se do homem que um dia foi ter com o nosso Senhor com uma pergunta capciosa? Ele perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?” Ele sabia qual era, pois vinha dos círculos de pessoas que estavam sempre discutindo estas coisas. Alguns diziam que o adultério era o maior pecado, outros diziam que era o assassinio, e outros diziam as mais variadas coisas. Mas era sempre algo que o homem fazia. A resposta do nosso Senhor foi devastadora; eles nunca poderiam esperar que fosse essa. Ele disse: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento”. Esse é o primeiro mandamento – nossa atitude para com Deus. Somente depois é que entra a nossa atitude para com o nosso próximo. Esse é o segundo mandamento; é “semelhante” ao primeiro. As ações não vêm

primeiro; a primeira coisa é a nossa relação com Deus e a nossa atitude para com Ele.

Unicamente a Lei nos ensina esta lição; e assim ela nos convence de nosso fracasso básico, e, portanto, da extensão da nossa pecaminosidade. Como Paulo diz no capítulo 7: “Eu, nalgum tempo vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”. Por que Paulo escreve sobre si no capítulo 7, onde se descreve como “miserável homem” e fala da sua total incapacidade de fazer alguma coisa para salvar-se? Faz isso por causa do que a Lei lhe ensinou. A Lei o convenceu da gravidade da sua pecaminosidade, da sua incapacidade, sua total incapacidade de contribuir com alguma coisa para a sua saúde espiritual, e o compeliu a dizer: “em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum” (7:18).

Isso nos leva à terceira divisão maior. A Lei não somente aumenta o nosso conhecimento do pecado, e não somente fortalece a nossa convicção de pecado, mas também, pelo que o pecado fez conosco, a Lei de fato nos faz pecar, e nos incita a pecar. Ouçam a evidência disso no capítulo 7, versículos 5, 8 e 11: “Porque quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, obravam em nossos membros para darem fruto para a morte”. Essa é a primeira declaração a respeito. Vejam agora o versículo 8: “Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, obrou em mim toda a concupiscência: porquanto sem a lei estava morto o pecado”. E então o versículo 9 dá continuidade: “E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri”. Depois, no versículo 11: “Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou”. Pelo que o pecado nos fez, porque perverteu a nossa natureza e porque se apoderou do nosso coração, a própria Lei que nos proíbe coisas cria em nós o desejo de fazê-las ainda mais. Paulo diz a Tito: “Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis: antes o seu entendimento e

consciência estão contaminados” (Tito 1:15).

Nunca acreditei no que se chama ensino da moralidade – quero dizer, o ensino sobre o sexo que em algumas partes agora está sendo introduzido nas escolas e, por esta razão, que, em consequência do pecado, a mente das crianças não é pura, e o que tal ensino tem a probabilidade de fazer é criar nelas um maior desejo de saber estas coisas e fazê-las. Elas já descobrem estas coisas sub-repticiamente; e o ensino simplesmente intensificará esse interesse e as estimulará a pecar. O conhecimento do pecado nunca impediu ninguém de pecar. Na verdade, quanto mais a pessoa conhece o pecado, mais sujeita estará à tentação de cometê-lo. Por isso Paulo afirma que a Lei aumentou o pecado até no sentido de que nos fez pecado ainda mais. Nunca foi propósito da Lei fazer isso. A Lei “é justa, santa e boa”; o problema está em nós. Não devemos dizer que há algo errado com a Lei. Diz o apóstolo: “Logo tornou-se-me o bom em morte? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno”. Que coisa terrível é o pecado! É unicamente a Lei que nos mostra isso.

O quarto e último ponto na verdade não é abordado aqui, porém, como o apóstolo o expõe tão claramente na declaração paralela de Gálatas, capítulo 3, pareceu-me bem introduzi-lo aqui. O objetivo supremo da Lei (e isto leva à segunda parte do versículo vinte) é levar-nos a Cristo. Em Gálatas 3:22-24 ele é expresso assim: “Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes. Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar” – esse era o propósito da Lei – “de maneira que a lei nos serviu de aio” – nos serviu de pedagogo, aquele que nos leva pela mão e nos conduz à escola para aprendermos a lição de que tanto necessitamos – “a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados”.

Fazer isso era o propósito da Lei. Longe de ser designada para salvar-nos, foi dada para mostrar-nos que nada nem ninguém nos podem salvar, senão unicamente o Filho de Deus, o nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo. Eis aqui, pois: “Além disso, a lei entrou para que a ofensa abundasse”, a fim de capacitar-nos tanto a ver a nós mesmos como somos e estamos em pecado, como a conhecer e sentir a nossa total e completa desesperança e vacuidade.

Expliquei a questão da Lei e da sua função um tanto longamente porque sinto que de uma forma ou de outra temos esquecido esta ação da Lei em nossa pregação. Os grandes pregadores de dois ou três séculos atrás costumavam tomar longo tempo com aquilo que eles chamavam “trabalho da Lei”. Hoje em dia não ouvimos muito sobre isso; e eu tenho a impressão de que a Igreja está como está em parte por essa razão. A nossa pregação é muito superficial; para apreciarmos a glória da salvação precisamos conhecer algo da gravidade do pecado. Expressamente por esta razão “a lei entrou para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça”. Você não poderá apreciar bem a segunda parte deste versículo, se não avaliar bem a primeira parte.

O homem que conhece melhor a sua pecaminosidade conhece melhor a graça de Deus. O homem que pensa que há muito pouca coisa errada nele, também acredita que pode endireitar-se facilmente, e com isso mostra que tem pouco, se é que tem algum, entendimento da graça. Mas Samuel Davies, que viveu há duzentos anos nos Estados Unidos da América, e foi um dos sucessores de Jonathan Edwards como presidente da Universidade de Princeton, expressa o verdadeiro entendimento cristão. Ele foi um gênio da mais alta estirpe, comparável ao próprio Jonathan Edwards, e, como Edwards, foi um poderoso pregador, extraordinariamente usado por Deus. Ele fala da graça da seguinte maneira, em seu famoso hino:

*Grande Deus de maravilhas, Teus caminhos
São sublimes, divinais, incomparáveis;*

(Deus opera na criação, na natureza, em toda parte.)

*Mas a glória encantadora da Tua graça
Mais divina refulge, e sem rival.*

(Isso é o que há de realmente estupendo!)

*Quem é Deus perdoador como Tu és?
Quem tem tão maravilhosa e livre graça?*

Somente quando compreendemos as graves profundezas do pecado é que podemos realmente entoar as palavras desse hino. “Onde abundou o pecado, a graça superabundou.”

Retomaremos o tema da “graça” mais adiante. Neste ínterim, meditemos no conhecimento que a Lei nos dá. Vejamos como estamos à luz da Lei. Não sejamos como os falsos profetas de Israel contra os quais foi lançada esta acusação: Eles “curam a ferida da filha do meu povo levemente, dizendo: paz, paz; quando não há paz” (Jeremias 6:14; 8:11). Não basta dizer apenas ao pecador: “Venha para Jesus”. Antes, façamo-lo saber o que ele está fazendo, façamos que ele se enxergue. Se você quer que ele admire a incomparável graça de Cristo, veja que ele primeiro se dê conta do que ele é, sendo confrontado pela santa Lei de Deus. Ele não poderá compreender plenamente a natureza e o poder da graça sem o ministério da Lei. Primeiro ele precisa ver que o pecado abundou; e a Lei realiza esse efeito da maneira explicada pelo apóstolo. Depois ele poderá ir para o outro lado, e começar a gozar “as maravilhas da Sua graça”, mesmo ainda neste mundo, e a preparar-se para gozá-las cada vez mais, perenemente, nos incontáveis séculos da eternidade.

22

“Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.”

– Romanos 5:20,21

Vimos que o apóstolo se ocupa da questão da função e do propósito da Lei nestes dois versículos porque esta era uma questão vital e urgente para os judeus. A alguns judeus a pré-dica da salvação em Jesus Cristo dava a impressão de que os apóstolos estavam dizendo que a Lei nunca teve valor algum; em todo caso, à superfície, parecia sugerir isso. Assim, o apóstolo, a fim de corrigir o pensamento errôneo deles, diz-lhes aqui por que a Lei foi introduzida, e qual era realmente a sua função. Esse é o principal propósito atendido por estes dois versículos; mas, ao fazer isso, eles prestam-se a algo mais, pois neles o apóstolo nos dá incidentalmente um dos seus admiráveis sumários de todo o evangelho. Ouso afirmar que estes dois versículos podem ser considerados como um sumário de tudo o que o apóstolo estivera dizendo até este ponto – desde versículo dezesseis do capítulo primeiro da Epístola. Seu método é sempre esse. Ele declara a sua proposição; ele a estabelece, desenvolvendo-a em detalhe; e depois, tendo feito isso, ele sempre junta os diversos pontos de novo numa vigorosa declaração.

É o que ele faz aqui. Estes dois versículos são um maravilhoso sumário do plano da salvação que veio para os homens em Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo – e outra vez é uma

característica do método do apóstolo – eles nos oferecem uma introdução da parte que se seguirá. Vocês realmente não poderão entender os capítulos 6 e 7 desta Epístola, se não entenderem estes dois versículos. Vou mostrar-lhes que estes dois capítulos são virtualmente apenas um extenso comentário do que ele diz no capítulo 5, versículos 20 e 21.

Já examinamos a primeira declaração destes versículos – “Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse”, e vimos algo sobre o seu sentido. Todavia, graças a Deus, o apóstolo não pára aí. Ele nunca teria escrito nada se isso fosse tudo o que tinha para dizer. “Mas”, diz ele, “onde o pecado abundou, superabundou a graça.” Observem a palavra “mas” sempre que ocorrer, porque quase invariavelmente vocês verão que ele introduz o evangelho com essa palavra. Paulo faz isso com prazer. Ele pinta o lado negro do quadro, pára, e diz: “Mas”. E com essa palavra ele introduz o seu maravilhoso evangelho.

Devemos dar maior atenção a esta declaração, e, ao fazê-lo, devemos examinar cuidadosamente as palavras que de fato o apóstolo utilizou. Desafortunadamente, a nossa versão (a do rei Tiago) não expõe o sentido tão bem como deveria; as palavras por ela empregada são muito fracas. Vejam, por exemplo, a palavra “abundar” (também na ARC). “Além disso, a lei entrou para que a ofensa abundasse. Mas onde o pecado abundou, a graça abundou muito mais.” Vocês poderiam muito bem supor que o apóstolo tinha empregado a mesma palavra cada vez que aqui é traduzida por “abundar”. Todavia na verdade não é o que ele faz; ele se deu ao trabalho de utilizar duas palavras diferentes. Onde lemos, “a graça abundou muito mais”, a palavra não é a mesma que tinha sido empregada antes; o apóstolo usa deliberadamente uma palavra mais forte. Mas não fica nisso; ele acrescenta a ela um prefixo; e o prefixo é um superlativo que significa “super”. É um termo que nós também usamos comumente. Quando queremos assinalar a idéia de que algo é superlativo, dizemos: “Aquilo

foi super". O apóstolo acrescentou isso à palavra traduzida por "abundou" para dar ênfase à tese que está defendendo, a de que, seja o que for que o pecado tenha feito, a graça fez muito mais, imensamente mais.

Permitam que eu acentue isto. O apóstolo não usa um comparativo; usa um superlativo. Não havia a mínima possibilidade de dizer mais; ele disse tudo quanto podia. Assim, devemos traduzir "abundou muito mais" por "super-abundou" (cf. Almeida), ou, se vocês preferirem, "abundou além da conta", ou ainda melhor, "transbordou". A idéia é de um transbordamento, como se um tremendo caudal rompesse as barreiras e varresse tudo o que encontrasse pela frente. Na verdade poderíamos empregar o verbo "engolfar" – tal a abundância, tal a superabundância, que inunda e engolfa tudo.

Deixem que eu faça uso de uma ilustração. A idéia é a mesma expressa pelo apóstolo em 1 Coríntios 15:54, onde ele exclama: "Tragada foi a morte na vitória"! Essa é a idéia. Não é somente que foi contrabalançada ou simplesmente cancelada; é muito mais. A morte foi "tragada" na vitória – foi engolida, como se fosse, e ficou fora da vista. Essa é a idéia que o apóstolo está comunicando aqui; a de um tremendo superlativo, de um transbordamento. A Versão Revista Padrão (inglesa), neste caso em particular, chega mais perto da tradução certa; ela diz: "Onde o pecado aumentou, a graça abundou ao máximo". É muito boa tradução, porque assinala a diferença entre "aumentar" e "abundar". A primeira palavra deve ser traduzida por "aumentou" (cf. ARA; ver também a NVI: "...onde aumentou o pecado, transbordou a graça"). "Além disso, a lei entrou para que a ofensa aumentasse (avolumasse); mas onde o pecado aumentou, a graça abundou ao máximo." É uma pena que os tradutores da Versão Autorizada tenham empregado "abundar" no lado negativo, porque isso os impede de assinalar suficientemente o contraste, mesmo acrescentando "muito mais". É melhor pensar no texto

em termos de “aumentar”, no primeiro caso, e de “abundar ao máximo”, no segundo.

Então, o princípio ensinado é este: o que a graça fez não foi contrapor-se exatamente ao que o pecado fez. Se a graça fizesse isso, e tão-somente isso, ainda seria algo maravilhoso. Se o efeito da graça fosse meramente o de apagar, cancelar, tudo o que tinha acontecido do outro lado, já teríamos tema suficiente para louvar a Deus por toda a eternidade. Mas, diz o apóstolo, não se trata de mera compensação; o que eu tenho num lado não corresponde exatamente ao que eu tenho no outro. De fato, não há comparação; dá-se uma inundação, uma abundância, um engolfar-se, um transbordamento no lado da graça.

Devemos apegar-nos a esta verdade a todo custo e tê-la clara em nossa mente. O ponto é que a graça não apenas contrabalança exatamente, não simplesmente desfaz o que o pecado fez; faz muito mais. Vejam isso de outra maneira; considerem as duas palavras, “morte” e “vida”, no versículo 21. Suponham que se diga de uma pessoa que está viva, simplesmente que ela não está morta. Seria uma afirmação verdadeira e precisa. Se um homem está vivo, não está morto. Entretanto, quem sonharia em dizer: “Bem, esse homem não está morto”? Vocês pensariam que aquele homem estaria precisando de um pouco de “dinamite” ou de um tônico que o despertasse e lhe infundisse energia. Bem, diz praticamente Paulo, é exatamente isso; a graça não cancela simplesmente a morte – a graça nos dá vida. Não é apenas questão de equilíbrio; a graça é abundante, a graça transborda. A vida é positiva; não é apenas a negação da morte. É isso, mas não pára aí.

Desse modo retornamos às declarações com “muito mais” de Paulo. Já as encontramos, mas são tão maravilhosas que eu devo repeti-las. A primeira acha-se no versículo 9: “Muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”; a segunda, no versículo 10: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu

Filho, muito mais, estando já reconciliados” – aí está! A diferença entre a vida e a morte – “seremos salvos pela sua vida”. Depois, no versículo 15: “Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é dum só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos”. A seguir, no versículo 17: “Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. E assim chegamos ao clímax: “Além disso, a lei entrou para que a ofensa abundasse. Mas onde o pecado aumentou, a graça abundou muito mais”, e transbordou e engolfou-se em sua grandiosidade e em sua glória.

O apóstolo fica repetindo este “muito mais” porque, embora esteja virtualmente dizendo a mesma coisa cada vez que emprega essa expressão, também está expondo diferentes aspectos da verdade. Ele faz isso, torno a dizê-lo, porque para ele esta é, acima de tudo mais, a verdade que devemos captar e entender com relação ao evangelho. Por essa mesma razão ele declara logo na introdução, no capítulo primeiro, versículo 16: “Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”. Paulo exulta no evangelho, regozija-se nele. Por quê? Por causa da sua grandiosidade e do seu caráter gloriosamente empolgante. Ele continua a assinalar esse aspecto de grandeza multiplicando esta expressão, “muito mais”. Pensar nesta vitória o comove. Ele vê o que o Senhor Jesus Cristo fez, e quer que os seus leitores se regozijem nisso também.

Noutras palavras, estou sugerindo que, se não nos aposarmos firmemente deste princípio do “muito mais”, não teremos uma visão fiel do plano de salvação. O apóstolo está profundamente interessado nesta “justiça de Deus” que se introduziu, nesta justificação pela fé. Ele quer ver tudo o que estes termos abrangem. A justificação não é mera formalidade, é a origem e a fonte da salvação; todas as bênçãos fluem dela.

De igual modo e na mesma extensão, devemos captar o princípio do “muito mais”, da superabundância, para podermos ter uma verdadeira certeza da salvação.

O apóstolo deseja que vejamos a absoluta certeza da nossa salvação. Ele quer que percebamos que se realmente aprendemos a olhar para Jesus Cristo pela fé e se temos nos visto justificados pela fé, então devemos ter uma certeza que não pode ser abalada por coisa alguma. Temos uma esperança, diz ele, que nos habilita a também gloriar-nos “nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão” (ou “não causa vergonha”, VA). E tudo isso resulta da justificação pela fé. Esta é a base da nossa certeza, da nossa segurança. Eu diria também desta maneira, que é unicamente na medida em que temos alguma concepção deste fator “muito mais” da graça que nos regozijaremos em nossa salvação como fomos destinados a regozijar-nos e como devemos fazê-lo.

Sejamos bem práticos, pois, afinal, não se deve expor as Escrituras omitindo o aspecto prático. Não sou preletor, sou pregador. Não acredito em preleção sobre a Bíblia. A Bíblia deve ser pregada, e sua mensagem deve ser aplicada. Eis o que estou querendo dizer: uma coisa é estudarmos estas repetições de “muito mais”; porém a questão é: como estamos reagindo a elas? Estaríamos nos regozijando na salvação? Acaso ficamos emocionados só em pensar nela? Damo-nos conta, por experiência, da veracidade de tudo o que venho salientando? A Epístola não é simples peça de literatura. É magnífica literatura, gloriosa e magistral; é eloqüente e emocionante. Mas, estaríamos sendo tocados, não somente pela linguagem, e sim também pelo pensamento e pelo conceito? Estaríamos nos regozijando na vitória da graça sobre o pecado?

São esses o interesse e o desejo do apóstolo. Os grandes santos de todos os séculos sempre se firmaram nisso. Martinho Lutero sofria miseravelmente enquanto não enxergou a

verdade acerca da justificação pela fé. No entanto depois, tendo-a enxergado, ele se pôs a cantar. A redescoberta da justificação pela fé na época da Reforma Protestante mudou muitas coisas; mudou até o canto da Igreja. Vocês já ouviram a espécie de música que costumavam cantar antes da Reforma? Alguns a consideram grande música; pode ser; porém é monótona e negativa. Para mim é pagã, porque contém lamento. Não há triunfo, não há vitória nesse “cantochão”, como lhe chamam – e, de fato, é exatamente o que é – canto chão. Falta-lhe plenitude, falta-lhe um sentimento de glória, de triunfo. Esses elementos estão totalmente ausentes. Ao ouvi-lo podemos ver os monges marchando cabisbaixos. Estão gemendo. Por quê? Porque estão numa escravidão. Mas, com o irrompimento da Reforma Protestante, os olhos de Lutero foram abertos para esta maravilhosa doutrina da justificação pela fé, ele se pôs a cantar, e todos os que enxergaram a verdade puseram-se a cantar igualmente. Ah, a glória do que Deus em Cristo fez por nós! Reduz as dimensões de todas as outras coisas e as engolfa – até mesmo o extraordinário ato divino de criação.

Todos os santos se gloriavam e se deleitavam nesta doutrina. Vejam João Bunyan. João Bunyan escreveu sua autobiografia, e lhe chamou: *Grace Abounding to the Chief of Sinners* (Graça Abundante para o Maior dos Pecadores). Ele não entrou de rastos no reino de Deus, por assim dizer. Ele teve o que Pedro chama “uma ampla entrada” (cf. 2 Pedro 1:11). E é desse modo que devemos entrar no Reino. O apóstolo Paulo já tinha salientado isso no versículo dois deste grande capítulo. “Pelo qual também”, diz ele, “temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes.” Estando na graça não estamos por baixo, agachados; o propósito a nosso respeito é que estejamos firmes na graça, firmes e eretos. Por quê? Porque entendemos este “muito mais”. Temos o sentimento da vitória, entramos “com ousadia” na presença de Deus. Por isso João Bunyan fala e escreve sobre a graça, sobre a graça abundante, acerca da graça abundante para com ele como o maior dos pecadores.

Charles Wesley também não se contenta em dizer simplesmente que encontrou a graça em Cristo. Eis como ele se expressa a respeito:

*Copiosa graça em Ti se acha,
Capaz de cobrir todo o meu pecado;
Cura-me com Tuas torrentes,
Faze-me e mantém-me puro nelas.
Tu, Senhor, da vida és a fonte;
Deixa-me tomar de Ti, livremente;
Jorra Tu em meu coração,
E salta para a eternidade.*

Copiosa! Abundante! Não apenas o suficiente! A jorrar! A saltar para a eternidade! Tudo em Cristo, e perenemente, sem fim!

Todos estes livros e hinos são interpretações do ensino desta porção das Escrituras. Notem que o apóstolo usa os mesmos superlativos no capítulo dois de Efésios: “As abundantes riquezas da sua graça”. Mais adiante ele fala das “insondáveis riquezas de Cristo” (VA e ARA). Aí estão estes termos característicos. Demoro-me neste ponto porque presumo ser esta a maneira pela qual podemos descobrir onde estamos. Uma vez que tenhamos um vislumbre desta superabundância, desta graça abundante, isto necessariamente nos põe de pé e nos faz cantar. Temos segurança, certeza, temos alegria. Temos que ter! “Ah”, você dirá, “mas que dizer das sombras e das trevas que há em meu coração?” Certo! Mas o meu argumento é que quanto mais você conhecer as sombras e as trevas do seu coração, se você for cristão, mais você cantará finalmente. Se você só ficar olhando para as sombras e trevas do seu coração, e aí permanecer, não estará se portando como cristão. É preciso que você comece ali, porém não deve parar ali. Esse angustiioso suspiro deve fazê-lo voar para Cristo; e depois, quando você vir a superabundância da graça que nEle há, você começará a cantar.

Assim, até o seu pecado o fará cantar, porque você verá que ele recebeu o devido tratamento, e de maneira gloriosa e superabundante. Na verdade, como estive tentando mostrar, e como estes versículos nos levam a ver, é quando você coloca estes dois lados juntos que você pode ter um correto conceito da salvação – a profundidade da iniquidade e as alturas da graça, da misericórdia e da compaixão. Quando você tem os dois, o de baixo e o de cima, você realmente começa a medir o imensurável, e se junta a Paulo e a todos os santos na tentativa de sondar e descobrir “a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o entendimento” (Efésios 3:18,19).

Logo em seguida, no versículo 20, Paulo disse tudo. Com o fim de ajudar aquelas pessoas, com o fim de nos ajudar, Paulo não deixa o tema só em termos de uma declaração geral; ele prossegue, e no versículo 21 dá-nos uma exposição dela: “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Estaríamos cientes de como a graça superabundou em relação ao pecado? É isso que ele quer saber, e está pronto a ajudar-nos. Vejam isso de novo, ele parece dizer. Ele se havia demorado nas comparações e nos contrastes entre o que nos aconteceu em Adão e o que nos aconteceu em Cristo. Temos desenvolvido isso em detalhe. Aqui ele o diz mais uma vez e o resume.

Vejam o que o pecado fez, diz o apóstolo. É aqui que se deve começar. Cada um dos homens do mundo está numa de duas posições – ou está “sob o pecado” ou está “sob a graça”. Ou ele está sendo dominado e governado pelo pecado, ou está sob o reinado e o governo da graça. Essas são, reitero, as únicas duas posições possíveis. Como Paulo ficou repetindo: você está “em Adão” ou está “em Cristo”; está “sob o pecado” ou “sob a graça”. Ele dirá isso várias vezes no capítulo seis, mas seu objetivo aqui é assinalar o contraste, o “muito mais”. Isso se faz, diz ele, primeiro examinando o que o pecado nos fez.

Ainda devo ressaltar este ponto. Ninguém poderá jamais fazer uma fiel apreciação da grandeza e da glória da graça, se não tiver claro entendimento do que o pecado lhe causou, a ele e a todos os seres humanos desde Adão. Precisaréi repeti-lo? Precisaréi salientar isso outra vez? Começamos, por assim dizer, ao rés do chão; mas, se você quiser ser capaz de medir a grandeza da graça, terá que baixar e subir. Terá que ver do que fomos libertos, bem como para que fomos libertos. É por isso que eu dei ênfase ao fato de que, se não houver uma adequada pregação da Lei, nunca haverá uma fiel concepção da graça e da salvação. É por causa do sério defeito neste ponto que é certo dizer que a nota que mais está faltando na Igreja atual – e é pena, porém eu incluo até círculos evangélicos – é a nota do verdadeiro louvor e glória. Temos negligenciado o trabalho da Lei, temos estado demasiado ansiosos para apressar as pessoas a algum tipo de “decisão”. É quando você está sofrendo grande dor que você aprecia melhor o alívio. O homem que, estando às portas da morte, foi curado é quem estará mais agradecido por sua cura. É o pecador que chegou a ter um vislumbre do inferno que apreciará mais as glórias do céu.

Este é um princípio que percorre a Bíblia toda. O nosso Senhor deixa isso claro em Sua parábola registrada no fim do capítulo sete do Evangelho Segundo Lucas, narrada em conexão com a mulher que tinha lavado os Seus pés com suas lágrimas e os tinha enxugado com os seus cabelos. Ela O amou muito mais que Simão, o fariseu. E o nosso Senhor dá a explicação. Porque muito se perdoara a ela, diz Ele. Na realidade, ela era maior pecadora que Simão, conforme os moralistas reconhecem e avaliam o pecado, mas o objetivo de Cristo é mostrar que o sentimento de pecado era muito maior na mulher do que em Simão, e que, por isso, ela fez maior apreciação do perdão. Ela sabia que era pecadora. Um fariseu realmente nunca entoava louvores a Deus; ele nunca está verdadeiramente alegre. Ele não conhece a “abundância” da graça porque nunca enxergou a sua pecaminosidade. Em nosso versículo 21, pois,

o apóstolo dá ênfase à necessidade de entendermos esta verdade – que “o pecado reinou para morte” (VA). Essa expressão nos cabe passar a analisar.

O estado de toda a humanidade não regenerada, em consequência do pecado de Adão, é justamente esse. A humanidade, separada de Cristo, está “sob o reinado do pecado”. A dificuldade de todos nós desde a queda de Adão – de todos os nascidos neste mundo – não é simplesmente que pecamos, e sim que nascemos sob o *domínio* do pecado. É isso que os não regenerados não entendem. Ao mesmo tempo é nisso que temos a chave – parece-me – do interesse pelas almas dos homens e das mulheres; como também é a chave da verdadeira evangelização. O mundo que não está “em Cristo” está sob o “domínio” do pecado. O apóstolo vai fazer uso precisamente desse termo no próximo capítulo. É por isso que eu digo que estes versículos são uma introdução do próximo capítulo. O pecado é uma tirania. Aqui o apóstolo parece personalizar o pecado; diz ele que o pecado atua como um tirano sobre nós, em consequência do pecado de Adão. Quando Adão se rebelou e pecou contra Deus, ele e a sua progênie caíram sob o domínio do pecado, tornaram-se escravos dominados e governados pela tirania do pecado. A liberdade desapareceu.

O apóstolo diz a mesma coisa no capítulo dois da Epístola aos Efésios: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos (governa os) filhos da desobediência” (Efésios 2:1,2).

Esse é o ensino bíblico relacionado com o pecado, em toda parte. O pecado é uma tirania. Devemos parar de pensar no pecador como uma pessoa que ocasionalmente pratica algum mal. Isso é verdade, mas esta é a menor parte do seu problema. O verdadeiro problema do pecador é que ele é um escravo, está sob o domínio do pecado. Desde o momento em que o homem caiu, deixou de haver liberdade. Desde a queda de

Adão, liberdade é coisa que não existe. Adão era livre. Nem um só filho de Adão jamais foi livre. Adão perdeu por nós a nossa liberdade, e nós nascemos formados em iniquidade. “Em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmo 51:5). Nascemos sob o domínio do pecado.

Permitam-me expressar este ponto da seguinte maneira: o homem em pecado não é livre para pecar. Ele é governado, dirigido e controlado pelo pecado. O pecado “reina”. Esta é a chave para entender-se o mundo moderno. Vocês têm ouvido pessoas inteligentes pela televisão e pelo rádio tentando encarar o problema moral de hoje? É patético. Como não são pessoas cristãs, não entendem disto, e admitem que não entendem. Não vêem que a única explicação da situação que a todos nos perturba é que tudo se deve ao reinado do pecado. Nenhum cristão deve surpreender-se com as condições do mundo atual; deve esperar que seja assim. O que é surpreendente é que houve períodos em que a situação foi um pouco melhor. Vocês poderão ver que tais períodos sempre vêm depois que surge algum grande avivamento que chegou a influenciar até mesmo gente que de fato nunca se tornou cristã; também, sob essa influência, algumas vezes o Parlamento aprovou leis visando melhorar as condições. Vejam a questão das leis que regem a observância do Dia do Senhor. Quando foram aprovadas? Em dois casos: no período puritano, e como resultado do despertar evangélico ocorrido há duzentos anos.

Mas, fora tais acontecimentos, o homem é governado pelo pecado, e o pecado é uma escravidão. Ouçam o Senhor Jesus Cristo dizer-nos isso em João, capítulo 8, versículo 34. O incidente que provocou essa declaração expõe em termos precisos o seu significado. O nosso Senhor estava pregando ao povo sobre a relação existente entre Ele e Seu Pai. Foi, evidentemente, uma ocasião notável, porque nos é dito que quando Ele disse estas coisas “muitos creram nele”. E o nosso Senhor olhou para eles e efetivamente lhes disse – e isto é muito bom: “Se vós permanecerdes na minha palavra,

verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (versículos 31 e 32).

Era de esperar que eles gritassem: “Aleluia! Louvai o Senhor!” Contudo não foi o que fizeram. Em vez disso, eles disseram: “Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém (ou: “nunca fomos escravos de ninguém”); como dizes tu: sereis livres?” Uma parte da resposta que o nosso Senhor lhes deu está no versículo trinta e quatro: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado”. Noutras palavras, Ele afirma que o problema do homem que comete atos de pecado não é meramente que ele comete esses atos, mas que ele é servo do pecado. E “o servo”, continua Ele, “não fica para sempre em casa”. Entretanto depois, continuando, Ele diz: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”. Contudo, a frase determinante é que “todo aquele que comete pecado é servo do pecado”.

Ora, o homem em pecado não gosta disso. Ele gosta de pensar que é moralmente neutro, e que, quando é tentado e cai em tentação, apenas cometeu um ato de pecado, e que, depois de expressar sua tristeza, está livre de novo. O fato é que ele nunca esteve livre. Por que cometeu pecado? Porque é “servo do pecado”, é escravo do pecado. O homem é sempre escravo. Ou somos escravos do pecado ou então, com Paulo, somos “escravos de Jesus Cristo”. O ponto que estou salientando é que o pecado é sempre uma forma de escravidão. A tragédia dos homens e das mulheres do mundo é que ignoram esse fato. Eles lamentam-se por aqueles de nós que nos encontramos para estudar as Escrituras, quando podíamos estar num cinema ou num teatro ou num salão de baile ou num bar, ou fazendo isto ou aquilo que eles costumam fazer. Pensam que são livres, e que nós somos os pobres escravos da religião, não suficientemente inteligentes para passar por tudo o que a religião oferece e safar-nos dela. Todavia eles são livres! A tragédia, repito, é que eles são escravos sem saber; o pecado os

deixou tão cegos que não conhecem a verdade. Mas eles estão presos no cativeiro do pecado.

O apóstolo desenvolve o tema no capítulo 2 de Efésios, onde afirma que eles são escravos do modo de ser do mundo, do “curso deste mundo”. Todos eles fazem as mesmas coisas. Por que será? Porque todos os outros fazem isso. Não é porque são livres. Toda a perspectiva deles, toda a vida deles, é determinada pelo “curso deste mundo”. Eles praticam o que lêem nos jornais e o que vêem os outros fazerem. Fazem isso simplesmente porque são escravos do padrão geral. São como ovelhas; vão todas juntas, em grandes grupos, passando pela mesma porta. Não sabem por quê. É pura escravidão. Quão verdadeira é a mensagem das Escrituras!

Mas devemos desenvolver ainda mais este ponto. O modo de ser e de agir do mundo, ditado como é pela mente e pela perspectiva do mundo, é a causa dos maiores problemas da vida atual. Os moralistas andam inquietos por isso. Eles são confrontados pelo problema da delinquência juvenil, do aumento da violência, dos inumeráveis males do padrão dominante, mas não conseguem enxergar que, enquanto as pessoas forem controladas pelo padrão do cinema, dos jornais, da televisão e do rádio, inevitavelmente as condições que prevalecem hoje continuarão dominando. Seria de admirar que os meninos vivam querendo dar tiro, quando vêem as pessoas constantemente dando tiros umas nas outras na tela do televisor, e acham que isso é um entretenimento excitante e maravilhoso? Se continuamente estão dizendo ao povo que as pessoas mais encantadoras do mundo são as que estão constantemente se divorciando, causaria espanto para nós se outros seguem o exemplo delas? Mas aí está! O princípio de que o pecado é uma escravidão não é entendido pelos homens e pelas mulheres do mundo que nos cerca.

A mente e o espírito do mundo, fortalecidos pelo próprio diabo – “o príncipe das potestades do ar”, “o espírito que agora atua nos filhos da desobediência” – governam todos os que

não são cristãos. E, que pena, atuam tiranicamente sobre toda a vida do homem. Controlam a mente dos homens. O pecado controla e governa a mente dos não regenerados. Controla-a e dirige-a positivamente na direção do mal. Os regenerados também conhecem algo do poder do pecado, vocês sabem, mas este não reina sobre eles. Quando talvez você esteja tentando ler um bom livro, ou orar, de repente o seu pensamento pode ligar-se a alguma coisa má. O que fez isso? O pecado! O poder terrível que pode penetrar sua mente e transtorná-la daquela maneira num momento! O pecado faz a mente voltar-se na direção do mal e contra a verdade.

Vejamos ainda a declaração de 1 Coríntios 2:14: “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. Por que não pode conhecê-las? Por que não as pode receber? Porque o pecado controla e governa a sua mente contra elas. Como o apóstolo o expressa também na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 4, versículos 3 e 4: “Se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos”, a menos que sejam iluminados. Eles não podem crer porque estão sendo governados em suas mentes pelo diabo. O coração deles é igualmente governado pelo pecado. A mente natural, o coração natural, está em inimizade contra Deus. O homem natural odeia Deus. O homem natural, claro, fez um deus por sua conta, que ele considera Deus, porém odeia o Deus verdadeiro e mostra isso no momento em que Deus revela a Sua santidade. O homem natural não gosta disso, e assim que Deus introduz a Lei e lhe mostra sua verdadeira condição como impotente escravo do pecado, ele O detesta. “Porquanto a inclinação da carne (ou “a mente carnal”) é inimizade contra Deus”. Isso demonstra o pecado dominando o coração.

O pecado controla a vontade da mesma maneira. Isso de livre-arbítrio não existe. *A Escravidão da Vontade* é o título que

Lutero deu ao famoso livro que escreveu em sua controvérsia com Erasmo – e como andou certo nisso! A vontade humana tem estado aprisionada desde a queda de Adão. Por natureza, o homem não está livre para escolher a Deus. O “deus deste século” (ou “deste mundo”) torna-lhe impossível fazê-lo. Estamos “mortos” em delitos e pecados. É uma escravidão; o pecado reina. E o faz, como o apóstolo explica em Efésios, capítulo 2, de duas maneiras – há os “desejos da carne” e os “desejos da mente” (“a vontade dos pensamentos”). Quer dizer, há as cobiças da parte animal, corporal, física do homem, e as da mente. O pecado reina inflamando as cobiças dos homens e fazendo deles criaturas de desejos e de cobiças. Acaso as palavras do apóstolo não são uma magistral análise da sociedade moderna? O pecado está reinando no mundo, e o mundo não sabe disso, pelo que fala estultamente da sua liberdade e da sua permissividade.

Mas o apóstolo nos diz que o pecado exerce este reinado na esfera da morte – “o pecado reinou para a morte” (VA). Uma tradução melhor seria: “o pecado reinou na morte” (cf. ARC). Significa que o pecado leva à morte de todas as maneiras e por todos os meios. Quando Paulo afirma que “o pecado reinou na morte”, ele está resumindo todas as más consequências daquele primeiro pecado de Adão do qual ele estivera falando tanto, desde o versículo doze deste capítulo. A morte da qual ele fala é tanto espiritual como física. Desta última falei anteriormente. Mas, que dizer da morte espiritual? Que é que Paulo quer dizer quando diz aos efésios: “E (Deus) vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados”? Significa a perda da comunhão com Deus. O que é a vida, a vida eterna? “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Quem não conhece a Deus está espiritualmente morto; está apenas existindo. Vida é conhecer a Deus e ter comunhão com Ele. Vida é também entendimento espiritual. Logo, a morte significa a perda do entendimento espiritual, a falta de

discernimento espiritual. Essa era a condição em que vocês estavam, diz o apóstolo aos efésios. Vocês não tinham discernimento espiritual; viviam sua vida animal, inconscientes das grandes realidades espirituais. Vocês não pensavam em suas almas, nem em seu destino eterno. Só pensavam em comer, beber, jogar, dançar e envolver-se nesse tipo de atividade. Estavam espiritualmente mortos, não tinham discernimento espiritual.

Não seria essa a condição do mundo atual? E isso não provaria que o pecado está reinando, está dominando? O pecado reina, embotando e amortecendo a faculdade espiritual. Depois entra outro elemento terrível, a saber, o fator degeneração e corrupção. Quando reina o pecado, um processo de embrutecimento espiritual sempre vem em seguida, à medida que o punho do pecado sobre os homens se fecha mais rijamente. Porventura vocês já não têm visto e observado este processo de embrutecimento? O gosto da pessoa muda, sua sensibilidade muda, seu critério de discriminação muda; na verdade até a sua aparência muda. Não há quem possa beber em excesso e continuar mantendo o mesmo semblante e o mesmo olhar. O pecado embrutece tudo; até o corpo fica embrutecido. É uma das coisas mais trágicas que se pode ver na vida. O pecado embrutece tudo porque faz entrar o fator morte. Introduce a degeneração e a corrupção, até no sentido físico; o pecado sempre causa miséria moral, dificuldades, indignidade, infelicidade e tristeza. Estas coisas estão sempre associadas à morte. “O pecado reinou na morte”, na morte de tudo o que é puro, limpo e nobre. Mas, acima de tudo, causa a morte da faculdade espiritual, que liga o homem a Deus e o capacita a gozar comunhão com Deus.

Finalmente, o pecado leva à morte física. Já expusemos isso no versículo dezessete, onde vimos que “se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só – Jesus Cristo”. Onde reina o pecado reina a morte.

E continua reinando; por isso o mundo está neste aperto. Uma inteligente mulher não cristã admitiu isso no programa de televisão “Brains Trust” (Grupo de Crânios). Ela admitiu francamente que não tinha esperança nenhuma, ânimo nenhum. Ela estava participando de uma discussão sobre pessoas necessitadas de conforto (de ânimo, de fortalecimento). A questão sobre se os filósofos podem dar conforto às pessoas também foi levantada. Sua resposta foi: “Não, porque onde não há religião não há conforto. Há apenas fatos, mas não há conforto”. Dessa maneira ela deu uma demonstração do que significa estar sem Deus – “sem esperança, sem Deus no mundo”. Ela admitiu francamente o dilema; neste ponto ela foi sincera. O resultado de uma vida governada pelo pecado é, inevitavelmente, a tragédia; na verdade não é mais vida, é morte. Não há esperança, não há nada, é o fim. Quanto a *eles*, é o fim – “sem esperança e sem Deus no mundo”. Mas, como o cristão sabe muito bem, não é o fim.

Ah, a desesperança do mundo sob o domínio do pecado! O que os homens e as mulheres consideram vida é mera existência; nem isso é; é morte em vida. E, como cristãos, devemos dar-nos conta disso com relação a eles. Nossos corações devem encher-se de compaixão, quando pensamos nos que não são cristãos. Não permita Deus que sejamos impacientes com eles; não permita Deus que os desprezemos. O nosso dever como cristãos é vê-los como incautos e como vítimas e escravos do pecado. Eles não são livres; nada podem fazer por si mesmos. Não podem agradar a Deus, não podem crer, porque estão mortos. “O homem natural não compreende... nem pode entendê-las.” A inclinação da carne, a mente carnal, é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”, diz o apóstolo também em Romanos 8:7. É impossível, porque é “dominada pelo pecado”, o pecado “reina sobre ela”. O “valente” de quem Cristo falou – a idéia é exatamente a mesma – “guarda, armado, em segurança, a sua casa” – em sua segurança –

domina-a tiranicamente.

Nossas mentes precisam ser límpidas como cristal sobre esta questão. Tratemos de ver que o mundo está como está porque é governado pelo pecado, e que não pode desenredar-se por si mesmo; que nada senão o outro lado deste quadro pode dar esperança. Somente quando a graça começa a reinar nos homens e nas mulheres, individualmente, ou quando a graça começa a reinar num grande avivamento, ou quando a graça reinar definitivamente após Cristo voltar a este mundo – somente então haverá plena emancipação, liberdade e libertação – evidentemente, só para os que crêem nEle.

Encerro a exposição do capítulo com esta pergunta: como cristãos, será que compreendemos, da maneira que devemos compreender, como o pecado outrora reinava em nós? Nosso problema é, por natureza, não simplesmente que fazemos coisas que não devíamos fazer, mas que estamos sob o domínio do pecado e de satanás. O que Deus por Sua maravilhosa graça fez, não foi apenas habilitar-nos a viver uma vida melhor, e sim nos pôr em liberdade. Não estamos mais “sob o pecado”, não estamos mais “sob o domínio do pecado” ou de satanás. Estaríamos cantando de alegria quando nos apercebemos desta qualidade superlativa da graça de Deus, que “superabundou” e que nos tornou livres?

23

“Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:21

É importante que vejamos este versículo vinte e um com o versículo vinte, porque, como vimos, aquele é uma exposição deste. Ele explica por que “onde o pecado abundou, superabundou a graça”. Mas, ao mesmo tempo, é um notável sumário de tudo o que o apóstolo estivera dizendo até este ponto na Epístola. É uma das declarações compreensivas em que este apóstolo em particular parece deleitar-se. Nesta o apóstolo coloca a totalidade do evangelho numa grande e emocionante proposição. Seu objetivo é mostrar que, como o pecado aumentou, a graça abundou, sobrepujou-o, tragou-o, engolfou-o extraordinariamente. Seja o que for que se possa dizer verazmente que o pecado fez à humanidade no passado, o que Deus fez por Sua graça, mediante Jesus Cristo, é infinitamente maior. Expor isto é o objetivo do apóstolo em todo este capítulo, e este objetivo é assinalado pelo “muito mais” que ele fica repetindo.

O método particular que ele adota aqui é personalizar o pecado e personalizar a graça. É uma boa maneira de expor uma ênfase. O pecado, diz ele, “reinou” – como se o pecado fosse uma pessoa. Somente um ser pessoal pode reinar. A fim de mostrar o poder do pecado, e os efeitos do pecado, ele emprega essa figura; e faz exatamente a mesma coisa com a graça. Seu argumento é que o que se tem de um lado, tem-se do outro, a única diferença sendo que é muito maior do lado

da graça que do outro lado. Mas, como no caso da comparação por ele feita entre Adão e o Senhor Jesus Cristo, quando observamos tanto as diferenças e as semelhanças, assim também neste caso devemos ter o cuidado de manter distintos em nossa mente os dois elementos. Vimos que certas coisas diziam respeito à nossa relação com Adão, exatamente da mesma maneira como diziam respeito à nossa relação com o Senhor Jesus Cristo, e não devemos perdê-las de vista na ênfase ao “muito mais” que pertence ao domínio da graça.

O apóstolo faz uso da sua fórmula familiar e, num certo sentido, dele preferida. Já a encontramos antes: “Assim como o pecado reinou na morte, (assim) também...” – e devemos tê-la sempre em mente. Ele começa este importante parágrafo com a referida fórmula. Ele usa a palavra “Como” ali, mas não a completa com “assim também” por causa do parêntese. No entanto, retorna a ela no versículo 18: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”. Observem a maneira lógica pela qual o apóstolo comunica a verdade a seus leitores. Como vimos, esse é o meio seguro de se obter a certeza da salvação. Certeza é coisa de dedução, em primeira instância. Fora a segurança suprema que é dada imediatamente pelo Espírito, certeza do mais alto nível pode ser obtida pela dedução, fazendo uso da lógica deste princípio do “como” ... “assim também” do apóstolo.

Já consideramos o reinado do pecado – “como o pecado reinou na morte”. Graças a Deus não precisamos parar aí. Paulo passa para o outro lado – “assim também...”. Aqui entra o evangelho. Não fosse a graça, não haveria evangelho para ser apreendido. Estaríamos ainda “sob o pecado” e numa situação de desespero. Estaríamos mortos, porque o pecado reina na morte – morte em todos os aspectos e formas, morte espiritual e física. Mas esse não é o fim da história, há este outro lado, “o reino da graça”. O apóstolo quer que estes romanos se

apercebam das características do reino da graça, a glória do reino, o fator “muito mais” deste reino da graça. Por que ele faz isso? Porque o seu objetivo máximo é dar a estas pessoas uma forte certeza da salvação. Há quem diga: “Estas coisas soam maravilhosamente, porém, como posso ter certeza?” Inicialmente, o único meio de obtê-la é seguir o argumento, e ver a verdade objetivamente. O apóstolo havia esboçado a sua doutrina da justificação, e quer mostrar que, se um homem for justificado, estará definitivamente certo, seguro e a salvo. Tudo isso está na justificação devido ao peculiar e especial plano divino de salvação. Assim, ele nos mostra ao mesmo tempo a glória da graça, e a vitória da graça. Precisaremos manter em mente esses dois pontos conforme avançarmos.

Esta é uma das declarações mais gloriosas que encontramos nas Escrituras – “Para que, assim como o pecado reinou na morte, (assim) também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Que tremenda declaração! Dizem que eu repito os meus textos! Claro que repito! É a melhor coisa que eu faço no púlpito. Não posso ir além do apóstolo Paulo. Se eu pudesse proferir estes textos apropriadamente, creio que não haveria necessidade de mais nada. Por isso continuarei a repeti-los.

Que é que diz exatamente a declaração em foco? Há aqueles que dizem que a expressão “Para que”, no início do versículo, significa que Deus “permitiu”, “deixou que o pecado” entrasse no mundo para “extrair do mal o bem” – entre os quais se acha Charles Hodge, em seu Comentário. Notem as palavras “permitiu” e “deixou”. Deus não o enviou. Deus não é o autor do pecado ou do mal, mas Ele permitiu, Ele deixou que o pecado entrasse na ordem da criação e da vida do homem a fim de revelar e desfraldar a glória e a maravilha da Sua graça.

Que dizer dessa interpretação? De minha parte, devo confessar que não posso considerá-la mais que especulação. Realmente não acredito que o apóstolo estivesse interessado

em dizer isso. O que Hodge diz pode estar certo; não sabemos. Esse é, certamente, um dos maiores mistérios que não podemos resolver no presente, mas que temos a esperança de entender na glória. Menciono-o de passagem, mas me parece desnecessário dar a impressão de que o apóstolo está interessado aqui em lidar com a questão da origem do pecado e do mal.

O que certamente o apóstolo está interessado em colocar diante de nós aqui é a glória e a vitória do reino da graça. Lembremo-nos de que graça significa favor imerecido, bondade mostrada para com pessoas que não a merecem, uma coisa dada livremente, gratuitamente. Significa que, apesar de não haver mérito em nós – de fato, o inverso é que é a verdade a nosso respeito, pois estávamos “fracos”, éramos “ímpios”, “pecadores”, e até inimigos de Deus, nada merecendo, exceto a Sua ira – Deus, não obstante, mostrou o Seu favor para conosco; favor para com seres que de maneira nenhuma o merecem.

A afirmação do apóstolo é que a graça é a alternativa ao pecado, a única alternativa. Ou, para dizê-lo doutra maneira, a graça é o único antagonista contra o pecado, a única antítese do pecado. A Lei nunca foi uma alternativa ao pecado, e nunca foi destinada a ser isso. Paulo já tinha tratado disso – “a lei entrou ao lado de”. Assim, nunca se deve colocar a Lei contra o pecado como uma alternativa. Nunca foi seu propósito salvar, e não pode salvar, por causa da nossa fraqueza, porque somos fracos na carne. Nada senão a graça pode ser contraposta ao pecado. Por isso podemos fazer esta declaração. Todos neste mundo neste momento estão “sob o pecado”, ou “sob a graça”. Não há outra posição possível. Ou estamos sendo governados e dominados tiranicamente pelo pecado, ou estamos sob o poder, o governo e o reinado da graça. Estas são as duas únicas possibilidades.

Permitam-me expressar isso ainda de outra maneira. Em que consiste a história da redenção? É a história do conflito entre o pecado e a graça, levando à vitória da graça. É disso

que a Bíblia inteira trata; é essencialmente a história da luta entre estes dois poderes. A história começou desde quando o homem caiu. O inimigo entrou no paraíso de Deus, no mundo perfeito de Deus, tentou o homem e o derrubou. Naquele momento o pecado começou a reinar. Mas, imediatamente Deus fez a promessa e a graça entrou no conflito: “A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente”. O restante da Bíblia registra o grande conflito entre estas duas poderosas forças que aqui Paulo personaliza – o pecado... a graça. A graça é o único poder suficientemente grande para enfrentar o pecado. À medida que vocês lerem a Bíblia, na próxima vez que a forem ler de capa a capa, tenham isso em mente e observem a estafante luta. Por vezes sentirão que o pecado está prestes a vencer, e que a graça será derrotada. Entretanto, nunca! A graça sempre revive e recupera a sua firmeza. Vejam isso na história dos filhos de Israel; observem-no em toda parte, a luta entre a graça e o pecado, levando finalmente à vitória da graça.

Diz o apóstolo que “a graça reina”. No momento em que um homem se torna cristão, o que aconteceu com ele é que a graça começou a reinar nele. Então, que é que este termo sugere a nós? A graça é exatamente o oposto do que estivemos salientando acerca do pecado. Vimos que a dificuldade do pecador não é simplesmente que ele peca e faz coisas que não deve fazer; a tragédia da sua situação é que ele está debaixo do domínio do pecado. O real problema da imensa maioria das pessoas do mundo não é meramente que bebem, jogam, dançam e fazem coisas até piores – não é esse o problema. A verdadeira tragédia dos seres humanos é que são escravos do pecado, e não podem libertar-se. Uma vez que entendamos isso, teremos o coração cheio de compaixão por eles. Nós, como nosso Senhor, olharemos para eles e os veremos como “ovelhas sem pastor”, e ficaremos entristecidos por eles. Somente à medida que percebermos o reinado e a tirania do pecado, é que podemos ter essa compaixão.

Mas agora, diz o apóstolo Paulo, a mesma coisa é verdade

a respeito da graça – “a graça reina”. Que é que significa isso? Deixem que eu o diga negativamente primeiro. Ele não está dizendo que há uma possibilidade da graça interferir; ele não diz apenas que Deus, em Sua bondade, está oferecendo a graça. Tampouco diz que a graça entra como que ao lado simplesmente para ajudar-nos e para suplementar os nossos esforços, lutas e atividades. Tenho que usar estes argumentos negativos porque muitos pensam na graça desse modo. Há os que pregam que a graça é tão-somente uma possibilidade colocada diante da humanidade, e que, portanto, cabe ao homem decidir se a recebe ou não. A graça, dizem eles, é algo que é oferecido. Repete-se o ensino, que se acha mais particularmente na igreja católica romana, segundo o qual a graça suplementa a razão, o esforço e a atividade humanos. Contudo, não é esse o ensino do apóstolo; e graças a Deus que não é! Se porventura fosse essa a verdade a respeito da graça, a certeza e a segurança seriam uma total impossibilidade. Se o problema da salvação fosse, em última instância, deixado com o homem, mesmo parcialmente, então não haveria nada senão fracasso. Não é essa, porém, a situação. “A graça reina.”

Voltemos ao paralelo, ao “como”, em conexão com o pecado. O que vimos foi que a humanidade não tem escolha acerca do pecado. Nisso consiste a tese do argumento do apóstolo concernente ao nosso estar em Adão, ao fato de havermos pecado com ele, à corrupção que recebemos como herança, etc. Somos todos pecadores e todos pecamos, porque estamos debaixo do domínio do pecado, e não podemos solucionar isso por nós mesmos. Não nascemos neutros. Um ser humano que, como Peter Pan, nasce com completa inocência e então decide que caminho tomar, não existe. Toda a doutrina ensinada pelo apóstolo é contra essa idéia. O pecado reina e nos compele a pecar; por isso pecamos. Mas, graças a Deus, “como” o pecado reinou... “assim também” a graça reina. A graça não é mera possibilidade; a graça produz certeza.

Noutras palavras, o apóstolo ensina que a graça não é

simplesmente oferecida a nós; a graça age, atua. Assim como o pecado era um poder em nossa vida, assim também a graça é um poder em nossa vida. Não fora isso, nem uma só pessoa poderia ser salva. A graça age, age como o faz um rei. Reina como reina um rei. Reina no cristão exatamente da mesma maneira como o pecado reina nos não regenerados. Portanto, o que importa é o poder da graça; e todo o propósito do apóstolo é mostrar que a graça é suprema. O Rei que reina controla todas as coisas. Não precisa de assistência; o poder é dEle. O próprio termo “reina” sugere este poder.

O termo sugere também a derrota dos inimigos. Se é que a graça deve reinar “muito mais”, ela tem que vencer o pecado e muitas outras forças hostis; e a tese do apóstolo nesta passagem é que ela faz isso. Seu propósito é mostrar a vitória da graça. A graça reina, exerce este poder governamental; domina-nos e nos mantém sob controle. Desenvolverei este aspecto mais adiante; faço menção dele agora apenas em princípio. É a graça que nos preserva e nos faz perseverar. Se não fizesse isso, todos nós fracassaríamos. O poder da graça é um poder onipotente, e o apóstolo está particularmente interessado em salientar que a graça, em seu reinado, vai completar o que começou. Se não fosse assim, eu não teria nenhuma garantia da minha salvação final, não teria absolutamente nenhuma segurança. Mas em todo este capítulo o apóstolo dá ênfase à certeza e à segurança do cristão. E assim, aqui ele acentua que a graça não apenas dá início a um processo, deixando que nós o continuemos. Longe disso! A graça não se limita a começar a salvação; tendo-lhe dado início, a graça a completa. A salvação é de graça do começo ao fim. Se não fosse assim, o plano de salvação fracassaria. Quando Deus iniciou e deu impulso ao poder da graça, Ele determinou o princípio, o meio e o fim – cada item, cada passo, cada detalhe. A graça reina, a graça controla todos os aspectos, do começo ao fim. Cada passo da nossa salvação é governado e controlado pela graça.

O apóstolo Paulo gosta de dar ênfase a esta verdade. Ele a repete em Efésios, capítulo 2: “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. Ninguém deve nem tem direito de jactar-se de suas obras em nenhum ponto da trajetória. A salvação é toda de graça, cada pequena porção dela; é inteira e unicamente pela graça. A graça reina, e não compartilha o trono com ninguém, nem com coisa alguma. Você não deve colocar as boas obras ali, nem a igreja, nem os sacerdotes, nem os santos, nem a “Virgem Maria” nem coisa alguma. A graça ocupa sozinha o trono; e se você tentar pôr alguma coisa ao lado dela, significa que você não entendeu o que é “o reinado da graça”.

Preocupo-me em ressaltar esta verdade porque é onde podemos ter segurança. Repito a pergunta – se a graça meramente desse início ao processo de salvação em mim e então dissesse: “Aí está, pois; dei um bom começo para você; a você cabe continuá-lo”, como eu me sentiria? A minha segurança, a minha confiança, repousa nisto:

*A obra que a Sua bondade começou,
O braço de Sua força completará.*

Se eu fosse deixado sozinho, eu fracassaria. E essa é a situação de todos nós. Somos tolos, somos lerdos, somos apáticos, somos ignorantes, somos tentados, somos provados, e caímos. Se esta obra de salvação fosse deixada nalgum ponto aos nossos cuidados, o nosso fim seria inevitavelmente a ruína. Quando consideramos a força, o poder e a enormidade do pecado e do seu reinado, quem de nós poderia enfrentar tal antagonista? Minha única esperança é esta: a graça reina, ela controla a situação toda, do começo ao fim, em detalhe, em cada aspecto. É tudo de graça. Vamos agora passar a demonstrar isso. Esse é o tema: o glorioso “reinado da graça”.

Por onde começar tal tema? Retornemos ao princípio – o estabelecimento do reinado da graça. Esse é o método dos livros

de história nos quais lemos sobre a elevação e a queda de grandes dinastias. Um certo rei reina e governa ampla área, mas, de repente começamos a ler sobre alguém surgindo em outro país, o qual funda uma dinastia, derrota o primeiro rei, e começa a reinar. E esse processo vai se repetindo. Paulo usa essa figura com o fim de nos ajudar a entender a verdade. Ele fala desta dinastia da graça, deste reinado da graça, que veio à existência.

Como foi que veio a existir? Qual será a história do estabelecimento do reinado da graça e da inauguração do reino da graça? A resposta é dada em muitos lugares na Bíblia. Por exemplo, na Primeira Epístola de Pedro, capítulo primeiro, versículo 20, lemos a respeito de Alguém: “O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo”. Isso se refere ao tempo quando o reino foi estabelecido e inaugurado, “antes da fundação do mundo”. A graça foi entronizada quando daquele Conselho eterno realizado antes do princípio do tempo, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Surgiu o problema do pecado, e a questão era como lidar com ele. Deveria ser destruído o homem por causa do pecado? A decisão divina foi que a graça deveria ser introduzida, e no devido tempo a graça foi estabelecida e posta no trono. Como os teólogos antigos costumavam dizer, foi feita uma aliança entre o Pai e o Filho, a “Aliança da Redenção”. Essa foi a instalação do reino da graça. No momento em que foi tomada a decisão de que os homens não deveriam ser destruídos, a graça foi estabelecida no trono. Essa foi a grande inauguração – a Aliança da Redenção. E isso envolveu a divisão de ofícios entre as três benditas Pessoas da Santíssima Trindade – o gracioso propósito e plano do Pai, a voluntária subordinação do Filho no sentido de executar o plano, e a obra do Espírito Santo aplicando-o às necessidades dos pecadores.

Assim foi que a salvação originou-se “antes da fundação do mundo”. O Filho como que disse: “Eis-me aqui; envia-me a Mim”. Ele tomou sobre si o encargo de vir à terra e de

despojar-se dos sinais externos da Sua glória eterna. Consideraremos os pormenores mais adiante, porém nesta altura estou meramente descrevendo a inauguração do reinado da graça. O Filho disse: “Descerei, tomarei sobre mim a natureza deles, e me sujeitarei”. O Espírito Santo subordinou-Se igualmente com vistas ao propósito da nossa redenção; Ele subordinou-Se ao Pai e ao Filho. O reinado da graça! Vocês teriam prazer em meditar neste tema? Isso nos é narrado nas Escrituras. Lá na eternidade a graça foi estabelecida no trono.

Aventuremo-nos agora a observar o trono do qual a graça reina. Qual é o seu caráter? De que espécie é o reinado da graça? Toda dinastia tem suas características especiais, ferocidade num caso, generosidade noutro; firmeza e legalidade num, ócio e lassidão noutro. Não somos deixados em dúvida quanto à característica proeminente desta grande dinastia, deste grande trono, deste governo e reinado da graça. É, diz o apóstolo, a justiça – “para que a graça reinasse pela justiça”. Isto é central e básico, e já consideramos o que significa. O apóstolo o está resumindo aqui, como expliquei anteriormente. Ele começou a tratar deste tema no capítulo primeiro, versículos 16 e 17, onde nos diz que se ufana do evangelho e está pronto a pregá-lo em Roma porque, como ele diz, “nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé”. Daí em diante esta verdade é repetida constantemente.

O que exatamente Paulo quer dizer quando afirma que a característica deste trono e deste reinado da graça é a justiça? É importante dar ênfase a isto, pois a graça é a graça de Deus, e, portanto, sempre deve ser justa. Também damos ênfase a este ponto porque há muitos que parecem pensar que a graça é fraca e inconsistente. Alguns parecem pensar que a graça significa que Deus ignora o pecado, ou esquece o pecado, ou finge que não o vê, ou que nunca houve pecado nenhum. Mas Deus não age dessa maneira, e não pode agir assim. Ele é eternamente justo, santo e reto.

Outros são de opinião que a graça significa que a Lei é posta de lado. Deus, dizem eles, até o advento de Cristo olhou para a humanidade através da Lei, mas agora Ele põe de lado a Lei. “Deus não nos trata mais segundo a justiça”, dizem eles, “agora Ele nos trata segundo a graça.” Eles colocam a Lei e a graça uma contra a outra. Mas isso é completamente antibíblico. Na verdade, isso não é o evangelho, mas um insulto ao nome de Deus. Todavia, muitos sustentam a idéia de que a graça de Deus significa que Deus, por assim dizer, agora nos diz que tudo está bem, que o pecado não mais importa, que Ele vai perdoar tudo, e na verdade já perdoou. Esse não é o plano divino de salvação, mas um entendimento completamente errôneo da graça.

“A graça reina pela justiça.” Como? Podemos responder melhor fazendo outra pergunta: como pode Deus, que é santo e eternamente justo, reto e puro, como pode Ele reconciliar consigo o pecador? Deus não pode pôr de lado a Sua Lei. Ele a deu, e não pode nem quer diminuí-la em nada. Isso implicaria no reconhecimento de algum defeito nela. Deus não pode fazer violência à Sua própria natureza. Deus não muda e não pode mudar. Ele “não pode negar-se a si mesmo”, diz este apóstolo em 2 Timóteo 2:13. A questão é: como pode Deus ao mesmo tempo permanecer sendo o que Ele é eternamente e, contudo, perdoar o pecador e ter algum tipo de relacionamento com ele? Como pode esta graça, esta bondade, este favor imerecido – como pode esta graça vir ao homem? A salvação deve ser sempre justa, diz Paulo, porque o caráter de Deus o requer. Assim, o que a graça, a graça de Deus, planejou é a reconciliação dessas duas coisas.

Tudo se realizou em Jesus Cristo e na cruz. Essa foi a grandiosa mensagem que nós vimos no capítulo 3, versículos 24-26: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (ouçam!) “para demonstrar a sua justiça (de Deus) pela remissão dos pecados dantes

cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e (ao mesmo tempo) justificador daquele que tem fé em Jesus”. A graça encontrou o seu caminho, e esse foi o seu caminho. “A graça reina pela justiça” – a justiça de Jesus Cristo. Ele veio, “nascido de mulher, nascido sob a lei”; tomando a natureza humana. Ele esteve sob a Lei. Ele obedeceu à Lei, cumpriu-a, honrou-a, executou-a até ao seu último jota. Depois, na cruz, Ele sofreu a punição que a Lei sentenciava contra o pecado. “Deus o propôs (o enviou) para propiciação.” Deus derramou a Sua ira contra o pecado sobre Ele. Cristo a levou sobre Si: “Pelas suas pisaduras fomos sarados.” A Lei não é posta de lado. A Lei é vindicada, a Lei recebe a merecida honra. A justiça não se afasta; ela olha para Ele e derrama sobre Ele as taças da justiça e da ira. Devido isso ter acontecido, eu e vocês podemos ser perdoados; e Deus continua sendo justo e reto quando nos perdoa. Mais: Ele coloca sobre nós, põe em nossa conta, imputa a nós, a justiça de Jesus Cristo. É assim que a graça reina; sempre reina “pela justiça”. Ela não põe de lado a justiça e a Lei. Ela as honra, as satisfaz, as cumpre. Disse Jesus Cristo: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mateus 5:17).

É vitalmente importante que jamais separemos a graça e a justiça; no momento em que se faz isso, os resultados são prejudicados. Permitam-me ilustrar o assunto com a fascinante frase empregada pelo autor da Epístola aos Hebreus, no capítulo 4, último versículo: “Cheguemos pois com confiança ao trono da graça”. Notem a expressão – “trono da graça”. A graça reina. Quando oramos, o que fazemos é ir ao “trono da graça”. A expressão tem dois lados, e a princípio soa bastante contraditório. Um trono! O trono é um lugar onde a lei é distribuída, a justiça é administrada, o poder é exercido. O trono é um lugar augusto e majestoso. Como posso ir para lá e permanecer diante do trono? Ah, mas o trono para o qual eu vou é o trono da graça, e isso faz toda a diferença. A graça é o

novo fator acrescentado ao trono. Isto só acontece porque Deus é Deus, porque Deus é o Rei e porque é Deus que está reinando por meio da graça, segundo o Seu método justo e reto.

Devemos lembrar-nos sempre dos dois lados. Toda vez que orarmos devemos lembrar-nos de que, pela oração, estamos nos aproximando de um trono, estamos chegando perto de Deus, que é santo e justo. Alguns há que, quando falam sobre a graça, esquecem o trono, e assim eles se tornam levianos e atrevidos, e se dirigem a Deus dizendo-lhe “Caro Deus”! Pensam que com isso estão mostrando que estão sob a graça; que quanto mais atrevidos se mostrarem em sua familiaridade com Deus, mais estarão mostrando que estão sob a graça, e não sob a Lei. Mas eles esquecem de que estão se aproximando de um trono – esquecem-se de que a graça reina. É um trono de graça.

Não devemos esquecer este aspecto, pois ele não somente afeta a nossa oração, porém afeta a totalidade da vida de cada um de nós. Algumas pessoas dizem com alegria e levandade: “Ah, eu não estou sob a Lei, estou sob a graça; agora posso fazer o que eu quiser”. Então se precipitam para o antinomia-nismo, a terrível condição à qual tantas referências são feitas no Novo Testamento. O homem que diz, “Visto que estou sob a graça, o que eu faço não tem importância, posso pecar quanto quiser”, desprezou o trono.

Mas depois, por outro lado, há pessoas que se esquecem da graça. Reagem tão violentamente contra o primeiro tipo de pessoa que o seu método de oração é igualmente errôneo. Oram com espírito temeroso, com dúvida e com hesitação; são sisudos porém inseguros, e na sua vida são legalistas. Estão essencialmente errados porque nos é dito que “cheguemos com confiança ao trono da graça” (VA: “com ousadia”). Contudo, ousadia não é levandade; não é relaxada familiaridade, não é desconsideração pela Lei.

À superfície, a Bíblia parece estar cheia de contradições. No entanto não é assim, e vocês só compreenderão isso sob a

condição de se lembrarem de que “a graça reina”, de que a graça está no trono. Noutras palavras, conforme a ênfase dada pelo autor da Epístola aos Hebreus, devo ir com ousadia, segurança e confiança à presença de Deus, mas, ao mesmo tempo devo ir “com reverência e santo temor, porque o nosso Deus é um fogo consumidor”(VA) (Hebreus 12:28,29). Não há contradição nenhuma nessas palavras, porque o trono é o trono da graça. Estes dois aspectos nunca devem ser separados. Dar ênfase a um ignorando o outro é negar o evangelho e abrir as portas para heresias nocivas, para o terrível e definitivo fracasso na vida e na experiência.

Lembremos sempre este aspecto do assunto: a grande característica do reinado da graça, e do trono do qual a graça reina, é a justiça. A graça não contradiz a justiça de Deus. A graça é o meio projetado por Deus, o meio pelo qual Ele pode ser justo e, contudo, perdoador, pode continuar sendo o que Ele é e, todavia, justificar o ímpio – “Para que ele seja justo e (ao mesmo tempo) justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3:26).

Este é apenas o princípio do assunto. Espero que, tendo-o examinado desta maneira particular, e tendo chegado ao ponto a que chegamos, tenhamos compreendido quanto perderemos se deixarmos de dar atenção detalhada àquilo que as Escrituras nos dizem, e se não meditarmos em seu conteúdo e não o desenvolvermos. Pensem na inauguração deste “reinado da graça”. Se quiserem conhecer o amor de Deus por vocês, é aí que devem começar. Antes da fundação do mundo Deus conhecia vocês, e projetou este método para que vocês fossem salvos e fossem reconciliados com Ele. Esta é a conceituação mais maravilhosa e mais estupenda do universo. Não há nada que seja mais sublime do que este meio que Deus idealizou para reconciliar consigo homens pecadores, e, ainda assim, sem desacreditar, anular ou diminuir a Sua eterna retidão, santidade, justiça e verdade. E lembrem-se, havia unicamente Um que podia efetuar o plano de Deus;

o apóstolo nunca esquece isso: “Por Jesus Cristo nosso Senhor”.

Crendo nestas coisas, podemos ir ao trono da graça “para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:16). Aproximemo-nos, pois, “com reverência e santo temor”, mas também com “santa ousadia”, confiantes e seguros. Uma vez que você sabe que este meio é segundo a justiça, você não tem necessidade de questionar ou duvidar. O diabo lhe dirá: “Você está apto para orar? Veja o que você tem feito, o que você tem sido” – e você achará que não lhe pode responder porque a acusação é verdadeira. Só há uma resposta que pode ser lhe dada, há somente um modo pelo qual você pode ser confiante e ousado – é dizer-lhe: “Eu sei que tenho direito de chegar ao trono”. O diabo lhe perguntará: “Como você sabe que pode ir lá? Como sabe que Deus perdoou o seu pecado? É justo Deus perdoar o seu pecado?” E você pode dizer: “É, pois Deus deu ao meu pecado tal tratamento que eu sei que o Seu perdão é justo”. Se eu não soubesse que isso é verdade, eu não me atreveria a ir a Deus, nem para pedir perdão. Eu temeria que, de algum modo, estive apenas persuadindo a mim mesmo de que isso é de fato verdade. Mas Deus, desta maneira, tratou de tal modo o meu pecado que posso estar certo e seguro de que o evangelho é verdadeiro. Sei que Deus é justo, reto e santo, mas sei também que, ao mesmo tempo, Ele me pode perdoar. Isso porque o trono é “trono da graça” e também “trono da justiça”, é porque Deus fez o que fez na Pessoa do Seu amado Filho quando Ele “o entregou por nós”, lançou sobre Ele os nossos pecados e os castigou nEle ao máximo.

Deus permita que, à luz disto, tenhamos esta bendita segurança quando pensamos, quando oramos e em nosso viver.

24

“Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:20,21

No exame deste tremendo tema da glória, da vitória e do reinado da graça, já consideramos a inauguração do reinado, e vimos que a sua característica suprema é a justiça. Essa é a glória e a maravilha deste plano de salvação. Ele não coloca o amor de Deus contra a Sua justiça; há perfeita harmonia entre ambos. Todos os atributos de Deus refulgem com a mesma glória na salvação do homem. Tudo o que Deus faz é justo, santo e reto; Seu amor é santo, é reto.

A seguir devemos considerar outros aspectos desta glória e desta vitória do reinado da graça, sendo o primeiro deles o que podemos chamar “programa” ou “método” do reinado da graça. Todo reino, toda forma de governo, tem seu programa e sua política governamental. De acordo com a sua autoridade, ele delineia o que se propõe levar a efeito. Isso mesmo se vê no caso do reinado da graça. Não somente é verdade que o reinado da graça foi estabelecido na eternidade, mas também todo o reinado foi planejado na eternidade; e cada passo, cada parte e cada detalhe foram determinados no que se costuma denominar o eterno Conselho entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A política governamental foi decidida e determinada naquele Conselho. Gravem esta verdade firmemente, pois é uma parte verdadeiramente substancial da doutrina bíblica da segurança da salvação. Conforme a declaração feita pelo

apóstolo Pedro em seu sermão pregado no dia de Pentecoste, em Jerusalém, tudo é de acordo com o “determinado conselho e presciência de Deus” (NIV: “por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus”) (Atos 2:23).

Essa é uma verdade a respeito do reinado da graça. A graça jamais se serviu do acaso em seu método. Em nenhum sentido a graça é contingente ou dependente do que o homem faz. É essencial dar ênfase a isso. Há notas numa certa “Bíblia” popular que ensinam exatamente o oposto; dizem essas notas que Deus teve que modificar e mudar o Seu plano porque os judeus não creram em Seu Filho. Dizem elas que o Filho veio para estabelecer o Reino, mas os judeus O rejeitaram, a Ele e ao Reino; por isso Deus teve que suspender o programa por um tempo e introduzir a igreja, que, dizem eles, é uma espécie de parêntese. O “relógio profético” parou naquela hora e só vai começar a andar de novo quando o nosso Senhor voltar. Tudo isso teve que ser feito, é o que nos dizem, porque os judeus não reconheceram o Senhor Jesus Cristo e não creram nEle. Noutras palavras, todo o programa teve que ser reajustado por causa de algo que os homens fizeram ou deixaram de fazer.

Isso é, certamente, uma negação deste conceito de reinado da graça, especialmente do aspecto deste ensino que nos lembra que tudo foi determinado na eternidade, antes da fundação do mundo. De modo nenhum a execução do programa depende das decisões dos homens a favor ou contra. Trata-se do “reino”, do “reinado” da graça. Isso, por sua vez, nos faz lembrar que esse reino é forte e poderoso. Por vezes tendemos a pensar na graça de maneira sentimental. Persistimos em contrapô-la à Lei de um modo que não é certo. Como já vimos, a graça não é fraca; por ser justa, é forte. A graça não quebra a Lei, nem a anula. Não devemos pensar nela em termos de sentimento ou emoção. Esse é um modo inteiramente errado de pensar na graça de Deus. A própria expressão que Paulo emprega aqui, e que se refere ao reinado

da graça, deveria livrar-nos uma vez por todas – para sempre – de todas as noções sentimentais com relação à graça, e deveria habilitar-nos a ver sua força e seu poder.

Tudo isso se esclarece quando consideramos o programa da graça. Quando a graça foi posta no trono, desde o princípio tinha um particular fim em vista. Ela começou declarando e definindo esse fim. É um pobre estadista aquele que age de maneira contingente e fica dizendo: “Muito bem, agora, qual vai ser o meu próximo passo?” Na primeira abordagem, logo no início, o certo é dizer: “Que fim tenho eu em vista? Qual é o meu objetivo final e supremo? Que alvo vou realmente atingir?” Foi isso que aconteceu com relação à graça. A graça estabeleceu o objetivo supremo e final, a meta máxima; e, tendo feito isso, então planejou cada passo que seria essencial para que a meta fosse alcançada. É essa a maravilha e o que há de encantador no programa ou no método da graça. Não há nada que eu conheça que seja tão fortalecedor para a fé, nada que nos dê tão grande medida de segurança e certeza.

Podemos examinar o programa do reinado da graça de duas maneiras principais. Podemos estudá-lo historicamente e em termos gerais, por um lado, e de maneira mais experimental e particular, por outro.

Primeiro examinemos o programa do reinado da graça historicamente. De novo, este aspecto pode ser visto de dois ângulos. Podemos vê-lo na história propriamente dita, nos fatos da história; mas, no Velho Testamento, particularmente, e também, em menor grau, no Novo Testamento, a história sempre está ligada ao fator profecia. Consideraremos os dois aspectos juntos – a história fatural e a anterior antecipação profética. Quando vocês examinarem estes dois aspectos e os rastrearão através da Bíblia toda, só poderão chegar a uma conclusão: que a graça tinha decidido sobre tudo aquilo, e sobre cada passo do processo, lá naquele Conselho eterno, antes do princípio do tempo. Examinemos isso com atenção.

O programa da graça foi anunciado pela primeira vez em

Gênesis 3:15. O homem tinha caído. Lá está ele, no Jardim do Éden, cheio de vergonha e de medo. Deus Se aproxima e Se dirige a ele. Diz Deus ao homem que Ele vai causar inimizade entre a semente da serpente e a semente da mulher. Ali, imediatamente, está a declaração profética de que Deus irá introduzir e começar um tipo de história. Mas o aspecto histórico da graça também entra, pois, ao mesmo tempo, Deus, ao anunciar esse conflito, declara que “a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente”. Pois bem, esse foi o primeiro anúncio do reinado da graça, e ali se acha também esta antecipação profética. Alguns lhe chamam “proto-evangelho”, e em certo sentido está certo; porém, na verdade, é o próprio evangelho, é a primeira proclamação do evangelho – que “a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente”. Esse é o fim principal, o objetivo supremo, do reinado da graça, e nos é apresentado como um anúncio, logo no início. Esse é o princípio da história da salvação.

Observemos, porém, o desdobramento desta história feito no livro de Gênesis. Lemos sobre os filhos de Adão e Eva. Devemos concentrar-nos em Sete, o filho que lhes nasceu depois da morte de Abel. Temos aí uma nova linhagem, na qual a história do Velho Testamento está mormente interessada. De imediato vemos que houve uma separação e uma divisão de acordo com desenvolvimento deste programa da graça. Sete foi selecionado. Depois vemos que o mundo entrou num estado terrivelmente pecaminoso, e Deus anunciou que ia condená-lo e puni-lo; mas Ele selecionou, desta linha de Sete, um homem chamado Noé e sua família. Eram oito ao todo. Entretanto Deus os separou, os poupou e os salvou. Esta é uma continuação do reinado da graça. O juízo entrou, mas a graça entrou ao mesmo tempo. A graça continuou com os olhos postos no seu objetivo supremo, pelo que salvou Noé, sua esposa e sua família – oito pessoas tiradas de um mundo de incrédulos (1 Pedro 3:20). É sumamente gratificante ir através destes fatos da história, passo a passo, estágio a estágio.

É muito bom termos com freqüência uma visão de vôo de pássaro das Escrituras, seu ensino e sua história, para não ficar perdido nos detalhes. Mantenham o seu olhar fixo na linhagem de Sete!

Isso, em seguida, nos leva a Abraão. Aqui Deus faz algo espantoso. Olha para este homem, Abrão, em Ur dos Caldeus, tira-o de lá, separa-o e o leva para outro país. Isso continua sendo parte deste reinado da graça. Deste homem Deus vai formar uma nação, um povo peculiarmente Seu. Depois vem a história de Isaque – “Em Isaque será chamada a tua semente”, e “Em tua semente (em Isaque) serão benditas todas as nações da terra” (Gênesis 21:12; 22:18). A linhagem e o plano não devem continuar por meio do outro filho que Abraão gerou na escrava; é preciso que seja por meio de Isaque.

Mais tarde Isaque, por sua vez, teve dois filhos, Esaú e Jacó. Mas a história da graça não deveria continuar por meio de Esaú; a linhagem da promessa é a de Jacó. Nada disso foi por acaso; tudo foi planejado, foi determinado antes da criação do mundo. É surpreendente para nós, de muitas maneiras, porém o plano é assim. A ação de Deus segue firme adiante, e deste homem vem o povo escolhido. O nome de Jacó foi mudado para Israel, e ali constatamos vir à existência esta família, este povo, esta nação especial. Depois Jacó, ou Israel, teve doze filhos, e deles o escolhido é Judá. Não foi por acidente; foi uma escolha deliberada.

Ocorre então um fato espantoso – o próximo da linhagem é um homem chamado Farés (ARA: Perez). Na tábua genealógica do Evangelho Segundo Mateus vemos o sumário disso tudo. O objetivo dessa lista é assinalar precisamente a idéia de que estamos tratando – o plano e o poder do reinado da graça. Lemos: “E Judá gerou de Tamar a Farés e a Zará”. Judá teve muitos outros filhos, mas nos é dito que ele “gerou de Tamar a Farés e a Zará”. Se me permitem dizê-lo, ele nunca os deveria ter gerado de Tamar. Isso envolvia pecado, envolvia incesto; porém aí está, e faz parte da linhagem da salvação.

Farés é o escolhido. Sigam os seus descendentes e verão que finalmente chegam ao pai de Davi, e depois ao próprio Davi, nesta linhagem de Judá. Davi não era o filho mais velho, e tudo parecia estar contra ele; mas ele foi o escolhido. Davi teve um grande número de filhos, entretanto o escolhido foi Salomão.

Não precisamos ir adiante; mas estou tentando impressioná-los um pouco relatando-lhes este extraordinário programa da graça que, sem omissão nem erro, sempre toma a pessoa certa na hora certa. Às vezes parece totalmente contrário às nossas idéias, e, todavia, assim é feito, e é feito por Deus, e prossegue, sem interrupção.

Continuem seguindo a linhagem, desde Salomão, e percorram os anos da história, chegando afinal a Jesus de Nazaré, nascido da virgem, Maria, e “da casa e da linhagem de Davi”. Aí está! Fizemos o percurso às pressas; mas não se pode ler esta história sem ver este propósito definido e este programa realizando-se firme e sempre. Pensem no fator tempo. Quantas vezes lhe é dada ênfase! Diz-nos a Bíblia que Deus permite que certas coisas continuem acontecendo porque “a medida da iniquidade dos amorreus não está ainda cheia” (Gênesis 15:16). Por que será que Ele não os fere e não os pune de uma vez? Porque ainda não chegou o tempo de Deus; Ele tem em mente outro tempo. A duração exata do tempo que os filhos de Israel deveriam passar no cativeiro era conhecida, e foi dita a Abraão de antemão, muito tempo antes de acontecer, de fato, quatrocentos anos (Gênesis 15:13). Nada é acidental. Este é o povo de Deus, e tudo foi determinado a seu respeito.

Também na profecia de Daniel (capítulo 9) somos informados do tempo exato em que ocorreria o nascimento do Filho de Deus, o Messias. O tempo é “exatíssimo”. E Paulo resume tudo com a sua conhecida frase: “Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4:4). Foi o tempo exato. Não é nada acidental, nada casual. O momento foi determinado “antes da fundação do

mundo”, e então aconteceu. Podemos prosseguir. O nosso Senhor faz certa afirmação em Marcos 13:32. Ele estava falando sobre a ocasião do Seu segundo advento, e diz: “Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai”. Noutras palavras, o tempo do fim do “dia da graça” só é conhecido por Deus, e por Ele é conhecido desde antes da fundação do mundo, antes mesmo do início do processo do tempo. A seguir pensem em todos os pormenores dados pelos profetas a respeito do nosso Senhor – minúcias acerca da Sua vinda, sobre o local do Seu nascimento, sobre como Ele morreu, sobre a Sua ressurreição, sobre o Seu reino e sobre as características do Seu reino. O Velho Testamento prediz todos esses acontecimentos e, no Novo Testamento, vemos o cumprimento das profecias. E ainda existem outras profecias mais, acerca do que acontecerá nas eras vindouras.

Qual é o objetivo disso tudo? É mostrar-nos que a graça está reinando, como o apóstolo nos diz aqui. A idéia é de um plano definido, e o que é mais importante, de um controle absoluto. Se posso dizê-lo assim – “o reino” sugere “o domínio sobre todos os reinos”. Tudo está em poder da graça e, portanto, tudo acontece segundo os ditames da graça, conforme o governo exercido pela graça. Todos estes pormenores implicam inevitavelmente um reinado e um propósito que – passo a passo, taco a taco, pedaço a pedaço – vai se realizando, levando ao fim definitivo e à consumação do plano e do propósito.

No entanto, toda esta história não aponta somente, e de maneira muito definida, para o “reino da graça”; aponta igualmente para o fato de que se trata do “reino da graça”. Acas o vocês notaram isso em alguns dos detalhes que já mencionei? Está claro que a graça reina, a despeito da indignidade das pessoas que ela usa. Todos os homens que mencionei pecaram, tinham culpa, falharam nalgum ponto, alguns deles gravemente; e, todavia, a graça cobriu tudo aquilo, e o “reino” e a “graça” juntos levaram avante o processo

todo. A tábua genealógica do capítulo primeiro de Mateus é uma das coisas mais estupendas da Bíblia. Vemos ali referência implícita ao incesto de Judá, e nos é demonstrado como até isso faz parte do processo, e que Deus sobrepujou o pecado – “a graça superabundou” – para levar a cumprimento o Seu grande desígnio.

Vemos o mesmo poder da graça em ação no caso de Davi. A linhagem vai de Davi a Salomão, mas isso envolve Bate-Seba; Bate-Seba tornou-se mulher de Davi porque este cometera adultério seguido de homicídio. A graça, porém, envolveu-se nisso – “graça suficiente para cobrir todo o meu pecado” – O reino e a graça operaram juntos. Porque a graça estava reinando dessa maneira esquisita e estranha, e apesar do fracasso e da indignidade, e até de pecados graves e grosseiros cometidos pelos próprios agentes utilizados pelo reino, o plano prossegue firme e constante, e levará finalmente àquele objetivo supremo originariamente planejado naquele Conselho eterno.

Contudo, se se vê isto em indivíduos, também se vê, e de maneira extraordinária, quanto a toda a nação de Israel. Na vocação de Abraão evidentemente Deus decidiu que o Seu propósito seria levado a efeito por intermédio desta nação particular. Quando viesse o Messias, seria da semente de Abraão e da semente de Davi; viria como membro da nação de Israel. Deus formou esse povo para Si próprio, para fazer com que isso acontecesse. Mas, olhem para aquele povo, olhem para aquela nação! Vejam o seu fracasso, seus constantes fracassos! Que possibilidade haveria de que este propósito fosse levado a efeito por meio daquela gente? Há só uma resposta; é o “reinado” da graça. Se não fosse pelo fator “reinar”, e pelo poder do “reinar”, todo o propósito entraria em colapso. Apesar dos filhos de Israel, aconteceu que tudo finalmente deu certo. Nada senão a graça de Deus voltada para aquele povo, para aquela nação, poderia tê-la mantido em existência; assim, os dois elementos estão sempre unidos na história maravilhosa

que se desdobra diante de nós.

Mas – e isto é importante – o aspecto histórico do reinado da graça não termina com a história bíblica. Ela continua, ultrapassando os limites daquela, e se vê claramente nos registros da longa história da Igreja Cristã. O estabelecimento da Igreja Cristã foi um ponto vital da história do reinado da graça, porém o que se vê é que o Novo Testamento nos deixou uma Igreja fraca, com heresias entrando e inimigos aparecendo. Começamos a nos perguntar como foi que ela pôde sobreviver; parece tão pequena, em condições tão miseráveis, e tão desacreditada! Mas, eis-nos aqui, ainda nos reunindo sob os auspícios da Igreja Cristã em pleno século vinte século vinte! Há só uma explicação – é o reinado da graça. A graça ainda está efetivando o seu reinado mediante a Igreja Cristã. Vê-se isto na obra regular do ministério e da pregação do evangelho. Homens e mulheres vão sendo chamados do mundo para ingressarem no Reino – um aqui, outro ali – e tudo isso faz parte do reinado da graça.

Mas podemos ver o “reinado” ainda mais extraordinariamente nos grandes avivamentos da Igreja. A história da Igreja é marcada por “altos e baixos”. Começou num grande avivamento ocorrido no Pentecoste, mas logo depois começou a extinguir-se; parecia prestes a morrer; então Deus enviou um avivamento. Essa história repetiu-se muitas vezes, o que prova fartamente que a graça continua a reinar. Se a Igreja fosse confiada a nós, e a pessoas como nós, sua história teria terminado há muito tempo. É apesar de nós e de nossos fracassos, é apesar do mundo, da carne e do diabo, é apesar de todos os nossos retrocessos, quedas e defeitos que ela prossegue. Há somente uma explicação – a graça está exercendo o seu reinado. O homem teria dado fim à história da Igreja logo no começo – não fosse o “reinado da graça”.

Já temos examinado o assunto historicamente e em geral. Vamos agora examiná-lo experimentalmente e mediante um estudo da obra da graça na salvação do indivíduo. Vocês alguma

vez já estudaram o processo envolvido na salvação do indivíduo? “Ah”, alguém dirá, “mas não há nada de mais nisso; o indivíduo é salvo desta maneira – é levado a uma reunião por um amigo, ouve a pregação do evangelho e diz: “Sim eu aceito isto, eu creio”, e assim está salvo. É isso, esse é o processo de salvação”. Pobre conceito de salvação! Acaso não sabem que o programa que visa à salvação de cada pessoa foi determinado e decidido antes da fundação do mundo?

Vocês alguma vez ponderaram e meditaram nos passos e nos estágios da salvação de um indivíduo? Vocês já examinaram a fundo a chamada ordem da salvação, a “*ordo salutis*”, como costumavam chamar-lhe os antigos teólogos? Permitam que lhes diga algo a respeito. Devemos ser cautelosos aqui, pois não devemos ser muito dogmáticos, julgando que um só modo é, em detalhe, o mesmo em todos os casos. Em um ou dois pontos é um tanto difícil verificar exatamente a ordem da operação divina; porém existe uma ordem definida. O apóstolo nos dá uma idéia dessa ordem no capítulo oito desta Epístola. “E sabemos”, diz o apóstolo, “que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (versículo 28). E depois: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou, para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (versículos 29,30). O interesse do apóstolo não era dar-nos em detalhe o programa inteiro, mas sim, mostrar que a graça sempre opera metodicamente. A graça nunca atua ao acaso; sempre segue um sistema. Na verdade, se posso dizê-lo com reverência, é para a glória de Deus que Ele sempre opera sistematicamente.

Vocês não se admiram, muitas vezes, da maneira pela qual Deus sempre segue o mesmo modelo na natureza – por exemplo, a repetida seqüência de primavera, verão, outono,

inverno? A mesma coisa realmente se vê em detalhe em toda a criação; há um modelo definido, e há uma determinada ordem. Nunca ocorre a mínima suspeita de confusão no que Deus faz. O homem em pecado é que é confuso. Deus sempre planeja tudo; o grande e eterno Deus, com o Seu ilimitado poder, sempre opera seguindo um esquema. Poderíamos pensar que Deus iria variar o Seu modo de operar. Nunca! Deus sempre opera da mesma maneira. Por isso os homens podem descobrir o que eles denominam “leis da natureza”. Não são leis da natureza; são as leis que Deus implantou na natureza. Por isso os homens podem trabalhar em suas invenções, porque essas leis são exatas e confiáveis. Por isso os cientistas podem falar sobre “causa e efeito” e demonstrar que uma dada causa produz sempre o mesmo efeito. É assim que Deus age sempre.

A mesma verdade prevalece no reino de Deus. Deus, em Sua graça, é tão exato e metódico em Sua ação redentora como o é na obra que realiza por toda parte em Seu grandioso universo. Examinemos, pois, estes passos e estes estágios conforme vão sendo mencionados nas Escrituras. Começemos pelo pré-conhecimento. Deus sabe de antemão o que vai acontecer, mas o termo “pré-conhecimento”, no sentido em que é empregado nas Escrituras, é muito mais preciso, muito mais exato. Significa que Deus conhece de antemão certas pessoas, individualmente, e tem um interesse especial por elas. Não é que Deus simplesmente as conhece, pois Ele conhece todos os homens, sem exceção. “Conhecer”, nas Escrituras, geralmente significa ter um interesse particular. A clássica ilustração disso é o versículo dois do capítulo três de Amós. Dirigindo-Se aos filhos de Israel, Deus disse: “De todas as famílias da terra a vós somente conheci”. É evidente que tinha conhecimento das outras nações; mas Ele diz: “A vós somente conheci”. Isso é pré-conhecimento. Ele tem um interesse especial por aquele povo. Eis o que Ele estava dizendo àqueles israelitas: “De todas as nações da terra, somente por vós eu

tenho um interesse especial, e vos tendes portado dessa maneira!” Pré-conhecimento. Não sei de nada que me humilhe mais e mais me exalte do que o fato de que Deus me conhecia antes da fundação do mundo.

O que se segue na lista do apóstolo, no capítulo 8 de Romanos – e vimos isso no capítulo primeiro de Efésios, como o vemos em toda parte nos seus escritos – é a predestinação. Faz parte do reinado da graça com relação ao indivíduo. Quem não foi predestinado e eleito não é salvo. Ninguém! Essa afirmação não é minha; é Paulo quem a faz. Na salvação nada é accidental. Tudo isso era conhecido antes da fundação do mundo, diz o apóstolo. E ele não é o único escritor do Novo Testamento que diz isso. O apóstolo Pedro diz exatamente a mesma coisa: “Eleitos segundo o pré-conhecimento de Deus Pai, mediante a santificação do Espírito, para a obediência...” (1 Pedro 1:2, VA).^{*} Tudo isso, diz Pedro, foi determinado antes da fundação do mundo, mas se concretizou “nestes últimos tempos”. A mesma verdade consta no Evangelho Segundo João em termos particularmente claros, nos capítulos 6, 10 e 17. Pré-conhecimento, predestinação, eleição – e depois?

O passo seguinte é a “vocação eficaz”. É preciso que as pessoas predestinadas e eleitas sejam chamadas; e geralmente são chamadas por meio da pregação. Há uma pregação dirigida a todos, em geral, mas há este chamamento especial, eficaz, dirigido aos que foram predestinados e eleitos, àqueles que Deus conheceu antes. Ele os chama de maneira eficaz. Não estou interessado em desenvolver este esquema agora; estou simplesmente dando um resumo bíblico: “Aos que predestinou a estes também chamou”, mas eu devo acrescentar que, se Ele nos predestinou, não vai deixar isso no ar. Se Ele nos predestinou para a salvação, então nos *chamará* e nos introduzirá ali

^{*} O termo “presciência”, cf. Almeida, mata o sentido vigoroso e candente do verbo “conhecer” na Bíblia, presente na palavra “pré-conhecimento”, e induz a interpretações equívocas ou espúrias. Nota do tradutor.

– “das trevas para a sua maravilhosa luz”. Assim a Palavra fala da vocação eficaz. O evangelho é pregado a todos; esse é o chamado geral. Temos, porém, aqui a vocação eficaz – “aos quais destinou a estes também chamou”.

Segue-se a regeneração. Neste ponto a ordem fica um pouco difícil, e não devemos ser muito dogmáticos. A vocação eficaz e a regeneração parecem quase sincrônicas. Temos que separá-las na mente, pelo que colocamos em seguida a regeneração. A graça resolveu pôr este novo princípio no homem que foi predestinado e que foi chamado; assim, ele é regenerado. No mesmo ponto nós temos – a adoção: “E nos destinou para filhos de adoção” (Efésios 1:5). Deus nos adotou, inserindo-nos deste modo em Sua família. Ele nos uniu a Cristo, nos inseriu em Cristo; temos união com Cristo. Isto faz parte do desenvolvimento ativo do programa da graça.

Vem então a justificação! Eu e vocês estamos cômicos da justificação porque exercemos a fé, e exercemos a fé porque temos uma nova natureza, porque fomos regenerados. Como já vimos, não fomos justificados por termos sido regenerados, mas este é o primeiro sinal de vida que damos, que, ao passo que outrora odiávamos tudo isso, agora o desejamos. Depois disso vem a santificação e – finalmente, a glorificação!

Não seria admirável tudo isso? E não seria glorioso? Não é só questão de crer. Deus planejou todos estes passos e estágios. Há certeza nisso tudo, cada passo levando inevitavelmente ao próximo seguinte. Assim como Deus dispôs as coisas para que o lavrador are a terra, abra sulcos nela, lance a semente neles, cubra-os, e mais tarde a semente germine, brote, apareça acima do solo, frutifique e finalmente amadureça – assim também faz Ele no concernente à salvação. Isso faz parte do “reinado da graça”. E eu torno a ressaltar que a graça está no controle de cada passo e de cada estágio; pois, se a graça deixasse de estar no controle, todo o processo entraria em colapso. É a graça que lhe dá começo; é a graça que lhe dá continuidade. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós;

é dom de Deus.” É a graça do princípio ao fim, do primeiro ao último.

Quão maravilhoso é este programa do reinado da graça! Vimos que, antes dos tempos, o Deus triúno determinou detalhadamente que tudo isso acontecesse conosco. Que programa! Nós o estudamos, em geral, como ele tem sido levado a efeito historicamente, e, em particular, como se nos aplica em seus pormenores.

Mas, nesta altura, tendo considerado o método da graça, devemos estudar o poder do reinado da graça. Com tal programa, é óbvio que o poder para realizá-lo só pode ser extraordinário. Aplica-se completamente a isso a analogia com um governo terrestre. Se ao governo de qualquer país faltar poder, ele não poderá executar o seu programa. Semelhantemente, o reinado da graça precisa ter poder. Como pode este tremendo programa ser realizado historicamente e na situação individual? A Bíblia tem uma resposta bem clara para tais questões. A situação seria completamente sem esperança, se o reinado da graça não fosse muito poderoso.

Primeiro examinemos o assunto em geral. Seu desdobramento pode ser visto claramente na história desenrolada no Velho Testamento. Lembremo-nos de que a graça está entronizada; o programa elaborado para salvar os homens da maneira como estive descrevendo é fixo e determinado. Como, porém pode ser levado a efeito, se desde o início enfrenta a oposição do diabo, o adversário? Por causa da loucura do homem em ouvir o diabo, ele se tornou literalmente “o deus deste século”, “o espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (2 Coríntios 4:4; Efésios 2:2). Ele veio a ser “o valente” que “guarda, armado, a sua casa” e “em segurança está tudo quanto tem” (VA: “o homem forte que, armado, guarda os seus bens em paz”) (Lucas 11:21). Uma coisa é elaborar um grande programa, um plano e um propósito; mas, como se pode realizar isso num mundo em que os homens estão dominados por satanás e pelos princípios do pecado e do

inferno? A resposta está na história que eu esbocei.

Vocês podem ver o diabo pondo em ação o seu poder na história registrada no livro de Gênesis. No capítulo seis vemos que o mundo inteiro estava sob o seu poder: “Toda a imaginação dos pensamentos de seu coração (do homem) era só má continuamente”. O mundo se tornara um poço de iniquidade. Parecia que o propósito da graça tinha sido derrotado para sempre. Todavia eu já expliquei que não foi assim, que, embora o mundo todo tenha sido tragado pelo Dilúvio, as oito almas foram salvas. Mais tarde, na história da torre de Babel, vocês poderiam achar que, sob o poder do diabo, o homem certamente havia feito malograr o programa de Deus. Mas, não! Deus confundiu o orgulho e a ambição do homem, e a graça continuou a manifestar o seu poder. Vemos a graça em ação repetidamente na vida de Abraão. Vez por outra o vemos nas mãos de algum rei poderoso, completamente desamparado e indefeso; porém sempre é libertado. Qual a explicação? É o poder do reinado da graça.

Rememoremos a história dos filhos de Israel. Deus lhes deu existência como família. No entanto tiveram que ir para o Egito por causa de um período de fome, e levantou-se um faraó “que não conhecera a José”. Não gostava dos israelitas porque estavam ficando muito fortes e muito numerosos; por isso decidiu exterminá-los ou, ao menos, fazê-los rarear, reduzindo-os ao mínimo possível. Eles estavam literalmente desamparados nas mãos dele. Mas então veio o milagre do êxodo! Que é o êxodo? É tão-somente uma parte da história do poderoso reinado da graça, a execução de um propósito que nada pode frustrar. O poder da graça os tirou sobre-naturalmente. Pensem nas dez pragas, na divisão das águas do Mar Vermelho e na destruição dos exércitos do faraó. Nada “pode fazê-lo a Seu propósito renunciar”. Tragam à memória a triste história dos filhos de Israel, sua repetida desobediência e suas derrotas. Finalmente foram levados para o cativeiro da Babilônia, e mais uma vez se viram completamente

desamparados; mas um remanescente foi levado de volta a Jerusalém e à Canaã. Como podemos explicar isso? Somente pelo poder do reinado da graça; nada pode detê-lo.

Vemos igualmente o reinado da graça no caso individual dos homens a quem me referi. Foi apesar das suas debilidades e fraquezas, dos seus pecados e da sua desobediência que Deus ainda pôde usá-los. Não há nada que possa resistir ao poder do reinado da graça. Ela domina todos os inimigos e leva a cumprimento os seus propósitos no momento aprazado, apesar de tudo – os homens, “os principados, as potestades, os príncipes das trevas deste século, as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”.

Temos, pois, visto o poder deste reinado da graça esboçadamente e em geral, e numa tela panorâmica. A Bíblia nos dirá depois, como veremos mais adiante, que a sua marcha prosseguirá, e isso geração após geração. Houve períodos da história em que um poder terrível surgiu e o cristianismo parecia finalmente condenado à extinção, mas Deus veio em Seu socorro e dispersou os Seus inimigos como o sol dispersa a neblina da manhã; reis, exércitos, impérios e poderes infernais foram reduzidos a nada diante dEle. Ah, o poder do reinado da graça! É por isso que o cristão não precisa ficar alarmado ou agitado nos dias atuais. O cristianismo está em forte declínio hoje em dia, porém muitas vezes esteve em forte declínio anteriormente; e não há nenhum poder, nenhuma filosofia, nada que, podendo levantar sua cabeça diabólica, possa frustrar este propósito ou pôr-se entre o reinado da graça e a concretização final do seu objetivo originariamente designado e determinado.

Mais uma vez me sinto constrangido a perguntar: vocês conhecem alguma coisa que seja tão consoladoramente fortalecedora como “o reinado da graça”? Vocês sabem de alguma coisa que dê tanta segurança como o reino da graça? Recordemos uma vez mais as palavras do apóstolo: “Assim como o pecado reinou na morte”, assim “também a graça

reina pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Porventura compreenderam que estão neste grande plano, neste grande esquema? Parem de pensar em si mesmos e em sua salvação de maneira demasiado individualista; pensem nisso como parte do grande todo. Somos introduzidos no propósito completo, somos feitos membros do corpo de Cristo. A maravilha é que, por Sua infinita graça, este grande propósito, que jamais poderá falhar, nos inclui. Mas não olhem para si mesmos; olhem para Ele, olhem para o propósito, olhem para o plano, olhem para o reinado da graça. Fazendo isso, vocês saberão que têm os seus pés plantados firmemente na “Rocha dos Séculos”, e que nada poderá arrancá-los dali; nada “pode separar sua(s) alma(s) do Seu amor”. Bendito seja o reinado da graça!

25

“Veio, porém a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:20,21

Lembre-mo-nos de que nestes dois versículos o apóstolo começa a mostrar que o poder do reinado da graça é imensamente maior que o poder do pecado. Ele se preocupa em assinalar o “muito mais”, a “abundância”, a “superabundância” da graça; está, pois, muito interessado em dar proeminência ao poder irresistível que caracteriza o reinado da graça. Já examinamos isso em geral, revendo a execução do programa do reinado da graça como se vê na história do Velho Testamento. Vimos também o mesmo princípio no caso de indivíduos que Deus tomou e usou, apesar da fraqueza, da ignorância e do pecado deles.

Passemos agora a considerar o poder do reinado da graça de maneira mais experimental, particular e pessoal, assunto muitas vezes tratado nas Escrituras. Permitam-me colocá-lo na forma de uma pergunta. Aí está a humanidade inteira debaixo do reinado e do domínio do pecado, e do poder do diabo. A grande questão é, pois – como pode ser salvo sequer um único ser humano? Como pode alguém ser redimido e ser resgatado do terrível poder, tirania, escravidão, reinado do pecado? A resposta é que nada pode fazer isso, exceto o poder da graça, que é infinitamente maior do que o poder do pecado e do diabo. Devemos examinar e analisar isso minuciosamente, porque este poder, o poder da graça, em

nossa salvação individual e libertação, é a coisa mais admirável das extraordinárias obras de Deus. É o grande tema das Escrituras; e jamais conseguiremos conhecê-lo demasiadamente. É particularmente importante do ponto de vista da segurança da salvação, que constitui o tema deste capítulo, do começo ao fim. O apóstolo quer que os cristãos estejam certos e seguros da sua salvação, e que saibam que nada jamais os poderá privar dela; e ele faz isso mostrando a eles o poder da graça.

Estudemos, então, o poder da graça como ele se manifesta na libertação e salvação de uma alma perdida, que se acha debaixo do reinado e do domínio do pecado. O que é que o poder da graça tem que sobrepujar? Fora de toda dúvida, a primeira coisa é a nossa condição de mortos espirituais. Já citamos o versículo primeiro do capítulo dois da Epístola aos Efésios: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados”. Por natureza, estamos todos mortos. Essa é a situação de toda a humanidade separada da graça de Deus em Jesus Cristo. Todos nós já morremos – como vimos repetidamente – em Adão. Nascemos neste mundo espiritualmente mortos. Não existe coisa alguma que seja mais forte que a morte. A morte é o fim. “Enquanto há vida, há esperança.” Mas, quando chega a morte, é o fim, e cessa a luta. A morte é o último inimigo. Nada é mais forte que a morte.

Portanto, a primeira coisa com a qual a graça tem que lidar é esta condição de morte espiritual na qual todos nós nos encontramos por natureza. Com isso quero dizer que estamos mortos para os interesses da nossa alma, estamos mortos para a vida de Deus, estamos mortos para as realidades espirituais. Não nos interessam, absolutamente. Essa é a condição da imensa maioria das pessoas do mundo atual. Não pensam nem um pouco nas coisas de Deus, e as repudiam quando lhes são mencionadas. Isso porque estão espiritualmente mortas. Não têm nenhuma percepção espiritual, nenhum entendimento

espiritual, nenhuma concepção destas coisas. Assim, é preciso que a graça se sobreponha a este estado de morte; e nada senão o poder da graça pode fazê-lo. Todavia a graça o fez. Esse é o ponto central da declaração do apóstolo. “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados”. Aqueles efésios tinham sido vivificados, como todos os demais cristãos, isto é, foi-lhes dado vida.

Contudo, devemos acrescentar imediatamente que há um segundo elemento no problema. À primeira vista este parece contradizer o primeiro elemento; mas isso não é o caso, porque as duas coisas são verdadeiras. Não somente estamos espiritualmente mortos, mas também num estado de antagonismo para com a verdade, e de antagonismo para com Deus. Essa é a tragédia da situação do homem natural. Não somente falha, não respondendo positivamente à verdade espiritual, porém a odeia, a desdenha, opõe-se a ela. O apóstolo faz muitas declarações neste sentido. Mais adiante o veremos dizer-nos no capítulo oito desta Epístola, no versículo sete: “A inclinação da carne é inimizade contra Deus”. Não é simplesmente que o homem por natureza está morto e não responde à verdade; ele está em inimizade contra Deus; sua mente e seu coração não se sujeitam à Lei de Deus, nem na verdade podem sujeitar-se a ela. E, de novo, numa passagem muito importante nesta conexão (1 Coríntios, capítulo 2, especialmente o versículo 14), diz-nos o apóstolo que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus”. E por que não? “Porque”, responde Paulo, “lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” O homem natural dá risada destas coisas do Espírito de Deus. Para ele são absurdas, são loucura; são lixo. Por isso não as aceita. Não somente ele não pode aceitá-las, mas, é ativa e incisivamente oposto a elas; ele as rejeita completamente.

Diz a Bíblia que essa é a situação de todos os homens, por natureza. Permitam-me citar apenas um caso particular à guisa de ilustração, o do mesmo homem que escreveu esta Epístola

que estamos estudando. Observem Saulo de Tarso. “Tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus nazareno devia eu praticar muitos atos”, diz-nos ele (Atos 26:9). Ele blasfemava do nome de Cristo, perseguia os Seus seguidores, odiava-O com toda a intensidade de sua natureza vigorosa. Ele fez o máximo que pôde para exterminar o cristianismo. Esse foi o fruto de um positivo antagonismo para com a verdade cristã e para com a mensagem cristã. Essa era a situação de Paulo enquanto era Saulo de Tarso. Temos, então, aqui a pergunta: como pôde um homem como esse tornar-se cristão? Como aconteceu que Saulo de Tarso, o perseguidor, o blasfemo, o agressor, veio a tornar-se o maior apóstolo e o maior pregador que a fé cristã jamais conheceu? Há somente uma resposta a essa pergunta: é o poder da graça. É porque o poder do reinado da graça de Deus é infinitamente maior que o poder do reinado do pecado. Satanás não quer perder os seus cidadãos, os seus escravos. Ele é “o homem forte armado que guarda os seus bens em paz”. Ele os guarda, os vigia, os cerca; ele está vestido de sua armadura e tem à sua volta suas poderosas fortificações. Como poderá alguém ser redimido? Ah, nada, a não ser o poder da graça, o pode fazer; mas o poder da graça pode fazê-lo, e o tem feito.

A fim de que eu e vocês pudéssemos ser salvos e libertos, a nossa condição de espiritualmente mortos e o nosso antagonismo para com Deus e para com a verdade tiveram que ser sobrepujados; é a graça que os sobrepuja. É por isso que os grandes teólogos da Igreja falaram e escreveram sobre o que eles chamavam “graça irresistível”. Não deveria haver nenhum problema quanto a esta expressão; a graça não somente é irresistível; só pode ser irresistível. Pois, se a graça não fosse irresistível, ninguém seria salvo. Essa verdade segue-se necessariamente do fato de que estávamos espiritualmente mortos e em inimizade contra Deus, odiando a Sua verdade. Então, como poderíamos ser salvos? A resposta é uma só – o poder da graça é irresistível. Explicamos isto anteriormente em termos

de “vocação eficaz”; e se a vocação não fosse eficaz, nunca teria sucesso em trazer alguém da morte à vida. O evangelho pode ser pregado a todo tipo de pessoas, mas só isso não as salva; é preciso este poder por trás, o poder do Espírito. Então a pregação torna-se irresistível, torna-se graça eficaz, e o chamado torna-se eficaz. O nosso antagonismo é removido, a nossa condição de mortos é sobrepujada pela poderosa ação da graça que nos “vivifica”, pondo nova vida em nós.

Este é um ponto vitalmente importante. A graça não nos ajuda apenas, a graça não apenas nos assiste. A idéia de que a graça se oferece a nós e que a escolha final permanece conosco quanto a se vamos tirar proveito dela ou não, não somente há uma contradição do versículo que estamos considerando, mas é uma contradição de todo o ensino bíblico concernente ao plano de salvação. Se essa idéia fosse verdadeira, ninguém seria salvo, jamais. Se o homem está morto; se ele considera a verdade espiritual como loucura completa; e se ele está em inimizade contra Deus, como pode de repente decidir fazer uso da graça, agradecê-la a Deus e tomar posse dela? Ele não consegue fazer isso como ele é por natureza; precisa ser transformado. Somente a graça de Deus, que é irresistível em seu poder, pode realizar tal trabalho. E é porque a graça é irresistível que é salvadora e eficaz.

Há muitas declarações desta verdade nas Escrituras. Vejam, por exemplo, o modo como o apóstolo o expressa naquele fragmento de autobiografia que ele nos oferece em 1 Coríntios, capítulo 15. Falando a respeito das pessoas às quais o Senhor ressurreto tinha aparecido, ele diz: “E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus”. Como foi, então, que Paulo acabou se tornando apóstolo? Eis a resposta – “Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã” (1 Coríntios 15:8-10). Foi por causa da graça de Deus para com ele, e pelo poder de Sua

graça; e por nenhuma outra razão. O resultado foi que ele trabalhou “muito mais do que todos eles”, e isso porque a graça de Deus “não foi vã”. O poder que se apoderou dele era tão grande que o levantou daquela condição de perseguidor e blasfemo. Se a graça não fosse irresistível, não haveria salvação; nem uma só alma seria salva; e o grande propósito de Deus jamais seria levado a efeito.

A seguir, a graça manifesta o seu poder em nossa salvação por intermédio do Espírito Santo; e começa buscando-nos. Vejam aquela frase que o apóstolo emprega no capítulo onze desta Epístola, onde ele diz: “No tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça” (11:5 ARA). A graça elege. Antes de tudo mais, a graça nos procura. Depois nos convence do nosso pecado. Que poder é necessário para isso – convencer o homem natural do seu pecado! Pode-se dizer que é fácil persuadir e convencer do seu pecado um bebedor ou um devasso declarado. Será? Bem, tentem fazer isso; vocês verão que ele se defende, racionaliza o seu pecado e o explica de maneira assombrosa. É extremamente difícil convencer tal pessoa do seu pecado. Mas quando vocês chegam a um fariseu orgulhoso, como Saulo de Tarso, que possibilidade haverá de persuadir e convencer tal homem do seu pecado? Reitero que só há um poder capaz de fazê-lo. É o poder da graça que pode atingi-lo na frente e lançá-lo de costas. Nada mais poderá fazer isso. Nada poderia ter feito o orgulhoso fariseu de Tarso dizer de si mesmo: “Em mim (isto é, na minha carne) não habita bem algum”. Mas o irresistível poder da graça de Deus pôde fazê-lo. A graça nos persuade e nos convence do nosso pecado.

Depois a graça continua agindo e nos persuade da verdade. Ela desfralda a verdade diante de nós em magníficas cores e, ao mesmo tempo, atua em nossa mente e em nosso entendimento. Isto faz parte do processo de vivificação. O resultado é que olhamos para uma verdade que costumávamos ridicularizar, e subitamente vemos que ela é a verdade de Deus. Passamos a amá-la, queremos abraçá-la, e somos habilitados a

fazê-lo. Ah! Se não fosse que a graça é tão poderosa, nenhum de nós teria crido no evangelho. “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus.” O que estou salientando agora é o poder, e que nada senão o irresistível poder da graça poderia produzir um único crente.

Só podemos vislumbrar as verdades gêmeas descritas como “vivificação” e “regeneração”. Já nos referimos a elas. Ambas ilustram o irresistível poder da graça. Que é regeneração? Sem a menor dúvida, é obra realizada pelo Criador, que no princípio fez do nada todas as coisas e que disse: “Haja luz. E houve luz”. Retornemos à Epístola aos Efésios, onde o apóstolo Paulo nos lembra isto no fim do capítulo primeiro. Ele ora no sentido de que os cristãos efésios conheçam três coisas: (1) a esperança que caracteriza a vocação deles; (2) as riquezas da glória da herança de Deus nos santos; e (3) a sobreexcelente grandeza do poder de Deus (isto é, a medida do poder da graça): “a sobreexcelente grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação do seu extraordinário poder” (VA; ou, como diz a Versão Revista (inglesa): “a operação da força do seu poder”) (como a ARC).

Qual será a medida deste poder extraordinário? Paulo passa a dizer-nos: “Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro” (Efésios 1:19-23). Vocês tinham percebido que o poder necessário para fazer de mim e de vocês crentes é o mesmo poder que Deus usou para ressuscitar Seu Filho dentre os mortos e fazê-lo subir e sentar-se à Sua mão direita na glória? Muitos parecem pensar que é fácil e simples crer no evangelho; que o homem se posiciona como uma espécie de juiz da verdade. Alguém lhe prega o evangelho e, depois de alguma consideração, ele decide se vai crer ou não. Ele tem poder para esta ou aquela decisão, dizem eles, e simplesmente exerce esse poder.

Mas, diz o apóstolo Paulo, é preciso o mesmo poder que fez o Senhor Jesus Cristo sair do túmulo para lidar com esse homem e transformá-lo. Nada menos que esse poder é necessário ser exercido na alma para habilitá-la a crer e a ser salva. Nada menos! O homem natural é totalmente incapaz disso, como Paulo diz em 1 Coríntios 2:14: "... e não pode entendê-las (as coisas do Espírito de Deus) porque elas se discernem espiritualmente". Se não fosse o fato, repito, de que a graça é irresistível, nenhum de nós teria crido no evangelho, jamais.

Prossigamos, porém, porque o poder da graça não termina com a procura, a vivificação e a regeneração. O próximo título, número quatro, é o aspecto "restritivo" do poder da graça. Graças a Deus por isso! O poder restritivo da graça se manifesta nos filhos de Deus, já antes da sua conversão. Não lhes é permitido pecar ao ponto de se porem fora do escopo da salvação. Nunca lhes é permitido blasfemar contra o Espírito Santo. Podem dizer muitas coisas contra Ele, mas nunca lhes é permitido que blasfemem. Note-se que o poder restritivo da graça é necessário até no cristão, cercado como vive de tentações, muitas vezes sofrendo tentações que brotam do seu íntimo. O cristão verdadeiro pode dizer com Lawrence Tuttiett –

*Quantas vezes à certa destruição
Nossos pés ter-se-iam precipitado,
Não foras Tu, paciente e bom Pastor,
Dos nossos passos o fiel Protetor.*

Ah, graças a Deus pelo poder da graça restritiva, a graça que nos refreia, a graça que nos impede de fazer coisas que fariam dano e estrago em nossa alma imortal.

O quinto aspecto do poder da graça é quanto à santificação – a graça santificadora, ou o poder da graça em nossa santificação. Vemos aqui o poder da graça manifestando-se contra o pecado que habita em nós, o pecado na carne, o pecado no corpo. O argumento de Paulo é que todos nós estamos por

natureza debaixo deste domínio, deste poder do pecado, e que nada, senão o tremendo poder do reinado da graça, pode libertar-nos de qualquer aspecto desta tirania. Isso é particularmente verdade com relação ao pecado em nós. No fim do capítulo sete desta Epístola o apóstolo expressa isso com estas conhecidas palavras: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” Eu não posso libertar-me por minhas próprias forças. O meu conhecimento da Lei não tem esse poder, pois piora a situação por causa do reinado do pecado dentro de mim. Que é que eu posso fazer então? Quem pode libertar-me? Há só uma resposta – “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. E depois: “Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte”. Este é o poder que realiza a obra; é o poder da graça que me santifica e me livra do pecado que habita em mim.

O apóstolo sustenta a mesma tese em Filipenses 2:12,13: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar”. Se Ele não “operasse” desta maneira, não teríamos o poder e não poderíamos fazer nada. Temos o poder para “operar” a nossa salvação porque Ele já esteve operando em nós. “Operai a vossa salvação porque é Deus que opera em vós.” Ele nos dá o poder e opera em nós desta maneira “tanto o querer como o efetuar”. Isaac Watts tinha razão quando escreveu o seguinte hino –

*Seu poder nossos pecados subjuga;
E Seu amor perdoador,
Quanto o ocidente dista do oriente,
Para longe remove nossa culpa.*

Graças a Deus por isto – “Seu poder nossos pecados subjuga”. Não fosse assim, não haveria esperança para a nossa situação. Tudo isso faz parte do poder do reinado da graça no que se refere à santificação.

O ponto seguinte, o sexto, é a graça “sustentadora”, da qual constantemente necessitamos. Eu estive descrevendo o poder do pecado que há em mim, e vimos que somente o poder da graça é bastante grande para vencê-lo e subjugá-lo; mas, que dizer do “mundo, a carne e o diabo”, que estão contra nós e que estão sempre nos atacando e nos ameaçando? Vamos desta vez à Epístola de Tiago, para ver uma declaração acerca do problema. É no capítulo quatro da sua Epístola, versículos 4 a 6. “Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus. Ou cuidais vós que em vão dizem as Escrituras: o espírito* que em nós habita tem ciúmes?” Esta passagem significa que o Espírito que Deus colocou em nós, cristãos, tem ciúme por amor a nós, e está lutando por nós e contra o espírito do mundo que nos ataca. O Espírito que Deus colocou dentro de nós tem “ciúmes” por nós e pela nossa salvação. “Ou cuidais vós que em vão diz a Escritura: o espírito que em nós habita tem ciúmes? Antes dá maior graça. Portanto diz: Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes. Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.”

Que declaração! Todos nós conhecemos algo do poder do diabo. Seu poder só é menor do que o de Deus. Foi assim que ele se tornou “o deus deste século”, “o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Que poder! Seu poder era tão grande que ele realmente acreditou que poderia derrotar o Filho de Deus quando O tentou. É-nos dito que o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo a respeito do corpo de Moisés, “não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda” (Judas, versículo 9). Os anjos, os santos anjos, não fazem gracejos acerca do diabo; e nenhum cristão deveria jamais gracejar acerca do diabo. O poder do diabo é terrificante;

* VA e ARA: O Espírito. Nota do tradutor.

ele é “o deus deste mundo” (VA). E, todavia, Tiago diz: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Notem, porém, que ele só diz isso depois de dizer que (Deus) “dá maior graça”. É somente porque o poder do reinado da graça está em nós, e nos apercebemos dele e nele confiamos, que podemos desafiar o diabo. Pedro diz a mesma coisa à sua maneira: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”. Que esperança pode haver para nós? Esta: “Ao qual resisti firmes na fé” (1 Pedro 5:8,9). Esse é o poder que a graça nos dá a fim de ajudar-nos e de fortalecer-nos contra o terrível poder do mundo e do diabo. É por isso que, como cristãos, podemos entoar palavras como estas –

*Ó Cordeiro de Deus, continua a guardar-me,
Junto ao Teu lado ferido.
Somente junto a Ti em segurança
E em paz eu posso estar.
Que inimigos e laços me rodeiam!
Que cobiças e medos dentro em mim!
Tua graça me buscou e me encontrou;
Só Tua graça me pode manter puro.*

Graças a Deus, a graça de Deus nos pode manter limpos. O poder que nos buscou e nos encontrou, e nos libertou da morte e do antagonismo, pode, e somente este poder pode manter-nos puros.

Mas, que dizer das provações e das tribulações que vêm de encontro a nós? Embora sendo filhos de Deus, não nos é prometido tempo fácil neste mundo. A Bíblia não nos diz, como as seitas nos dizem, que estaremos andando nalgum Elísio,* não tendo mais dificuldades e problemas enquanto

* Referência aos Elísios, ou Campos Elísios, paraíso pagão; lugar de eterna primavera onde após a morte habitam para sempre os que na terra viveram virtuosamente, segundo a mitologia da chamada *Antigüidade Clássica*. Nota do tradutor.

vivermos; que passaremos a vida cantando: “E agora todo dia sou feliz, é só alegria!” Absolutamente não! Não é verdade. Ao contrário, vemos Paulo e Barnabé dizerem aos cristãos primitivos que “por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22). A referência aí é à entrada no Reino final e definitivamente, além deste mundo – “No mundo”, disse Cristo, “tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” – e é aí que repousa a nossa esperança.

Mas talvez o melhor exemplo, com relação ao poder da graça, acha-se na Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 12. Nessa passagem ele nos conta que estava sendo perturbado por “um espinho na carne” (sem dúvida, algum mal físico), e ele orou “três vezes” ao Senhor, pedindo que o espinho fosse retirado. Mas não foi. Como pôde ele, então, continuar fazendo o seu trabalho? Como pôde manter o seu testemunho? Como pôde resistir à essa provação, a esse “espinho na carne”, segundo a descrição feita por ele? A resposta foi notável. O espinho não foi tirado, mas o Senhor lhe disse: “A minha graça te basta”. “Pelo que”, diz o apóstolo, pude aprender que “quando estou fraco então sou forte”. É quando chego à extremidade das minhas forças, e me dou conta de que o que importa é o poder da Sua graça reinante – então é que sou forte. Ele chega ao ponto de dizer que agora se gloria nas fraquezas, nas provações, nas tribulações, porque o fruto destes sofrimentos é lembrar-lhe este poder que nunca o vai abandonar, mas que o conduzirá até o fim, seja o que for que venha contra ele.

Esta gloriosa verdade é constantemente celebrada nos hinários. Edward Mote a expressa assim:

Se as trevas parecem Seu rosto ocular –

Noutras palavras, quando você se sente dominado pela aridez espiritual, já não enxergando o rosto de Deus, e se vê cercado de problemas, provações e tribulações –

*Se as trevas parecem Seu rosto ocultar,
Descanso eu tenho em Sua graça imutável;
Nas ondas mais altas e nos vendavais
Minha âncora firma-se dentro do véu.*

*O Seu juramento e a aliança com sangue
Na enchente inundante firmeza me dá.
Se tudo à minha volta se afasta ou desaba,
Ele é o meu amparo e a minha esperança.*

*Sim, em Cristo, a sólida Rocha, eu estou;
Qualquer outra base é areia movediça.*

Muitos outros hinos dizem precisamente a mesma coisa. Deus nunca abandonará a alma por Ele escolhida. Embora você possa ser chamado para enfrentar provações e dificuldades, para cruzar águas tempestuosas, rodeado de tudo quanto é sombrio e ameaçador –

*A alma que em Jesus se apóia e descansa,
Jamais Ele a deixa aos seus inimigos;
Essa alma que o inferno se empenha em abalar,
Jesus nunca, nunca, nunca desampará.*

Ele prometeu – “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hebreus 13:5). Graças a Deus pelo poder da “graça sustentadora”. “Por baixo de ti (Deus) estende os braços eternos” (Deuteronômio 33:27, ARA) – esse é o poder da graça.

Isso nos leva ao último ponto, o sétimo, a saber, a graça “capacitadora e da perseverança”. Aqui também está algo de que precisamos constantemente. Vimos que fomos tirados da escravidão, da morte e do antagonismo. Vemos como somos restaurados, santificados e sustentados. Mas, como havemos de continuar o restante da nossa jornada? Como nos sairemos no combate cristão e nas lutas da fé? A resposta ainda é a mesma.

É unicamente o poder da graça reinante que torna possível e que garante a perseverança final dos santos. Isto estava bem presente na mente do apóstolo neste ponto; e mais adiante veremos como ele o desenvolve nos capítulos 6, 7 e 8. Por enquanto, vejamos como ele o expressa numa frase que se acha em Filipenses 1:6 – “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”. Não há possibilidade de contestar isso. Significa que, se – por causa deste grande plano e propósito e programa que temos estudado, e por causa de todo este poder – Deus começou uma obra, Ele não desistirá dela; Ele a executará até completá-la. “Aquele que em vós começou a boa obra, continuará a realizá-la até o fim definitivo, até o dia de Jesus Cristo.”

O profeta Zacarias tinha proclamado a mesma verdade. Em seu tempo um remanescente tinha sido trazido de volta do cativeiro da Babilônia, e eles estavam se defrontando com grandes problemas; mas, pela graça, eles foram capacitados a dizer isto: “Quem és tu, ó monte grande? Diante de Zorobabel será uma campina; porque ele trará a primeira pedra com aclamações: graça, graça a ela” (ou “graça, graça para ela”) (4:7). Naturalmente! A primeira pedra certamente será trazida porque a graça capacitará o povo do Senhor a perseverar até o fim.

Não há ensino que contradiga tão fortemente o argumento do apóstolo Paulo em suas cartas como a tola idéia de que o cristão pode cair da graça. Queda da graça não existe. “Que dizer de Gálatas, capítulo 5, versículo 4?”, talvez alguém pergunte. Eu respondo: tudo o que o apóstolo está dizendo ali é que se aqueles gálatas insensatos persistissem em dizer que a circuncisão era essencial, estariam negando a graça, estariam “caindo da posição caracterizada pela graça”, voltando-a falar em “justificação pelas obras”. Isso é tudo o que ele quer dizer nessa passagem, e é tudo o que de fato diz. O que ele diz é praticamente o seguinte: vocês estão falando em justificação pelas obras, e não em justificação pela graça. Ele não diz ali

que alguém pode cair da graça no sentido de perder um estado ou uma condição. Se isso fosse uma possibilidade, não poderíamos falar em “reino” ou “reinado da graça”. Se fosse possível nós cairmos, certamente cairíamos, todos e cada um de nós. Mas nós estamos sob o “reinado da graça”; e este é um reinado poderoso. “Ninguém as arrebatará da minha mão”, diz Cristo (João 10:28). Claro que não! Se fosse possível, aconteceria. Mas o reinado da graça é infinitamente mais poderoso que o do pecado e o do diabo. Nada nem ninguém pode arrebatá-los de Cristo, ou separá-los do Seu amor. Por isso o apóstolo assevera no grande clímax que se vê no fim do capítulo 8: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura” – tudo o que se possa imaginar! – “nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!” (versículos 38,39). E de novo: “Os que dantes conheceu também os predestinou... e aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (versículos 29,30). Neste momento, nós, “em Cristo”, estamos assentados “nos lugares celestiais”, diz o apóstolo Paulo em Efésios 2:6. É tão certo como isso! A graça da perseverança, a graça capacitadora, a graça da sustentação protetora! Se isso não fosse verdade, o sistema inteiro entraria em colapso. “Ah, sim”, diz Augustus Toplady –

*A obra que Sua bondade começou,
Seu braço forte completará;
Sua promessa é Sim e Amém,
E ela jamais frustrada foi!
Quer no futuro, ou no presente,
No céu, na terra, coisa alguma
Pode anular o Seu propósito,
Nem minh'alma separar do Seu amor.*

E podemos dizer com Toplady –

*Das palmas de Suas mãos jamais meu nome
A eternidade apagará;
Impresso está em Seu coração
Por Sua graça, e é indelével.
Até o fim vai permanecer;
Garante-o firme o Seu Penhor!
Sim, mais feliz, não mais segura,
A grei remida está no céu, na glória!*

“Graça indelével!” Que o diabo, o inferno, o universo tentem apagá-la. Não conseguirão. O meu nome foi impresso nas “palmas de Suas mãos” por um poder que nada pode remover. É “graça indelével”. Essa é a expressão: “Impresso está em Seu coração por Sua graça, e é indelével” E por isso eu posso ir adiante e dizer: Sim, “até o fim vai permanecer”. Seria isso jactância? Não! Não poderei permanecer se eu for deixado entregue a mim mesmo, mas, visto que o meu nome está impresso em Seu coração, sei que vou chegar ao fim que me foi destinado. O poder da graça me levará, me segurará e me guiará, e nunca permitirá que eu me perca.

*Até o fim vai permanecer;
Garante-o firme o Seu Penhor!
Sim, mais feliz, não mais segura,
A grei remida está no céu, na glória!*

Graças a Deus pelo poder do reinado da graça. Esta é a base da segurança. Por isso podemos estar certos e seguros. Ele nunca nos abandonará. Nosso frágil apego a Ele muitas vezes enfraquece mas Ele nunca nos abandonará. Hudson Taylor costumava referir-se à sua tradução da declaração que se lê em Marcos 11:22, que muitas Bíblias assim traduzem: “Tende fé em Deus”. Ele disse que deveria ser: “Agarrem-se à

fidelidade de Deus”. Quer dizer: agarre-se ao fato de que Ele está agarrado a você, e que nunca o abandonará. Portanto, quando você se sentir espiritualmente seco, e que dificilmente pode dizer que tem alguma fé; quando você achar que não pode fazer nada, e que você não é nada, descanse nisto – Ele nunca o abandonará. Não é meu frágil esforço para segurar-me a Ele que importa; o que importa é que Ele me segura fortemente. Eu fui “preso por Cristo Jesus”, diz Paulo, “e estou tentando apreender aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus” (Filipenses 3:12). O que importa é que Ele nos capturou, nos agarrou, e que nunca permitirá que nos percamos, aconteça o que acontecer. Ele disse: “Nunca te deixarei, nem te abandonarei” (VA), e, devido o Seu poder ser infinito, eterno, sempiterno, nada jamais poderá tirar-nos das Suas mãos. Ah, o bendito, o poderoso reinado da graça! Porventura vocês o sentem ao seu redor e sobre vocês? Estariam cientes de Suas mãos prendendo-os, segurando-os? Teriam conhecimento da sua segurança? É tudo no poder da graça. Graças a Deus por isso!

26

“Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” – Romanos 5:21

Vou dar por encerrado este grande tema com relutância, e na verdade não o posso fazer enquanto não chegarmos ao que eu considero o clímax. Até aqui estivemos estudando o reinado da graça, a vitória e a glória da graça; e o fizemos sob diversos pontos e aspectos. Passemos agora a mais um aspecto do assunto, ao que eu chamaria o caráter magnânimo ou generoso do reinado da graça. A palavra “reinar” indica realeza, “reinar como rei”. Sempre associamos à monarquia ou ao nome de um rei ou de uma rainha a idéia de munificência, de generosidade e de liberalidade; e certamente isso é bem característico do reinado da graça. Portanto, não há nenhum aspecto no qual vemos o seu contraste com o pecado de maneira mais notável do que justamente aqui. A graça é sempre dadivosa, sempre dá algo, ao passo que o pecado sempre tira alguma coisa.

As Escrituras nos oferecem uma perfeita ilustração deste contraste. Se vocês querem ver como o pecado sempre tira algo, rouba o homem, observem o filho pródigo, que se viu em tal situação que “ninguém lhe dava nada”. Ele tinha perdido tudo, tinha esbanjado a sua fortuna, e “ninguém lhe dava nada”. O pecado sempre nos deixa na mão, sempre tira algo de nós; e nos deixa sem nada, deixa-nos apenas com cascas, com vagens vazias. Isso é o que há de terrível no pecado, e não há nada que mostre tão inequivocamente a cegueira da humanidade como

o fato de que ela tem sido lograda por ele. Parece que o pecado dá muita coisa, mas na verdade não dá coisa alguma. O pecado sempre rouba. Ele cansa o homem e o esgota. Estimula-o de maneira falsa e artificial, e por fim o deixa sem eira nem beira. Falem amanhã de manhã com o homem que a noite passada estava tão animado pelo efeito da bebida, e vejam a sua exaustão. Ele não estava sendo estimulado; estava sendo exaurido, pois, farmacologicamente, o álcool é classificado como depressivo. Essa é sempre a característica do pecado; esse é o efeito do reinado do pecado.

Mas a característica da graça é que ela dá algo. Não somente dá algo; dá regaladamente, dá no estilo da realeza. A graça nada tem de parcimoniosa, não tem nada de parcial ou mesquinha. Ela dá, e o faz liberalmente; dá abundantemente. “Graça abundante”, diz João Bunyan, “para o maior dos pecadores.” Essa é uma característica essencial da graça. O apóstolo já nos estivera lembrando isso. No capítulo 3, versículo 24, ele dissera: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”. Também já vimos neste mesmo capítulo e no parágrafo que estamos examinando como ele fica falando sobre este “muito mais” e esta “abundância” e “superabundância”, este “excesso” de graça. Esse é o ponto ao qual ele vem dando ênfase o tempo todo, e, ao fazer isso, o apóstolo está fazendo apenas o que as Escrituras fazem em toda parte. Para demonstrar isso basta citar as Escrituras.

Eis aqui algumas outras declarações a respeito da munificência, da liberalidade, da superabundância da graça: “E todos nós”, diz João no capítulo primeiro, versículo 16 – “E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça” (VA: “graça sobre graça”). Ouçam o que o nosso Senhor diz, no mesmo evangelho, à mulher samaritana: “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d’água que salte para a vida

eterna” (4:13,14). “Aquele que vem a mim”, diz Ele no capítulo 6, versículo 35, “não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede”. Temos aí esta típica ênfase bíblica à munificência, à generosidade da graça. Vejam depois a declaração registrada em Atos 4:33: “Em todos eles havia abundante graça”. A seguir observem o apóstolo confortando os coríntios que estavam passando por tempos difíceis; diz ele: “Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça” (2 Coríntios 9:8). Que mais você pode precisar do que isso? Em parte nenhuma, talvez, esta verdade recebe maior ênfase do que na Epístola aos Efésios, onde este tema é recorrente – “segundo as riquezas da sua graça” (1:7); “as abundantes riquezas da sua graça” (2:7); “as riquezas incompreensíveis de Cristo” (VA e ARA: “as insondáveis riquezas de Cristo”) (3:8). Estes são apenas exemplos escolhidos aleatoriamente para podermos ter alguma concepção da plenitude, da abundância, da superabundância, deste reinado da graça. Fomos inseridos nele no início deste capítulo, versículo dois, onde o apóstolo diz: “Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes”.

Se eu e vocês, como cristãos, dermos a impressão de que somos muito pobres e necessitados, que estamos tendo tempos difíceis, miseráveis, quão indignos representantes somos do “Deus de toda a graça”. A graça dá com superabundante munificência; e se não estamos recebendo isso e não o estamos desfrutando – que vergonha para nós! Deve-se isso inteiramente à nossa falta de entendimento. Só pode ser que estamos dando ouvidos ao diabo, que sempre quer fazer-nos crer que ser cristão significa que temos que renunciar a muitíssimas coisas e caminhar por uma estrada árdua e difícil. Ele quer que acreditemos que o mundo tem tanta coisa e que está cheio de prazeres, enquanto que nós temos tão pouco! Que vergonha para nós! Vir a Cristo significa receber, e receber da “Sua plenitude, e graça sobre graça”.

Ainda há outras expressões. Considerem a maneira pela

qual o apóstolo Pedro o expressa em sua Primeira Epístola: “E o Deus de toda a graça”, diz ele, “que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco... vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá” (1 Pedro 5:10). “O Deus de toda a graça”! Não há nada que vá além disso. Mas há outra expressão muito interessante empregada pelo apóstolo Pedro acerca da graça. Em sua Primeira Epístola, capítulo 4, versículo 10, ele diz: “Cada um administre aos outros o dom como o recebeu como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”. Graça multiforme! Que expressão maravilhosa! Significa que a graça não somente cuida de cada um de nós e de cada parte da nossa experiência, mas também que este magnífico reinado da graça deve ser visto no seio do povo de Deus, na divisão dos ofícios da Igreja. “Cada um administre aos outros”, diz ele, “o dom como o recebeu.” Não somos chamados todos para o mesmo trabalho, mas todos nós somos chamados para fazer alguma coisa, e somos capacitados por esta multilateral, multifacetada graça de Deus para desempenhar as funções que Ele atribuiu a nós.

Aqui Pedro está dizendo justamente o que veremos Paulo dizer no capítulo doze desta Epístola aos Romanos, versículo 6: “De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar, se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar”; etc. Essa é uma descrição da “multiforme graça de Deus” em ação na Igreja de Deus. O apóstolo diz exatamente a mesma coisa no capítulo quatro da Epístola aos Efésios, versículo sete: “Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo”.

Quão maravilhoso, este reinado da graça! Ele se expressa de múltiplas maneiras; e a graça nos é dada para que desempenhem algum papel específico de que Deus nos incumbiu na Igreja. Se você cuida da recepção, precisa da graça de Deus;

se você distribui os hinários, deverá fazê-lo com a graça de Deus. O que quer que você faça, qualquer que seja o seu papel, se você vai simplesmente dizer uma palavra a quem está sentado ao seu lado, ou se vai visitar os enfermos, faça-o com a graça de Deus. No capítulo doze desta Epístola Paulo menciona todas estas coisas – amor, sinceridade, cordialidade, amizade fraternal, fervor, alegria, hospitalidade, etc. – “A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo”. Em cada exemplo específico somos habilitados pela graça a fazer a coisa específica que Ele nos chama para fazermos. Dessa maneira a graça reina na ministração da Igreja e seus membros. Não somente ao pregador, mas a cada um de nós é dado um dom diferente, “segundo a graça que nos é dada”, a fim de que a Igreja seja edificada e o reino de Deus seja estendido entre os homens neste mundo limitado pelo tempo. Isso, num apertado resumo, dá-nos uma idéia do magnânimo e generoso caráter da graça e do seu reinado.

Chegamos agora ao sexto ponto, a vitória final e suprema da graça. Vimos que a nossa salvação foi planejada antes da fundação do mundo, e que o fim foi planejado – “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” Essa é a meta. Este ponto também pode ser considerado sob dois aspectos diferentes: primeiro, com relação a nós, os crentes, os filhos de Deus, os cidadãos do Reino; e, segundo, de maneira mais geral.

No desenvolvimento do programa, examinamos os diversos passos e estágios, e quando consideramos o poder do reinado da graça, vimos que esse poder se manifestou em nossa regeneração e vocação, em nossa justificação e em nossa santificação. Mas, a que esse programa nos leva? Qual é a meta final? Aonde vamos chegar por fim? Não há dúvida quanto à resposta. Ouçam-na como a encontramos em Efésios 5:27: “Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”. Essa é a

meta, é isso que Paulo quer dizer aqui com a expressão “vida eterna”. A vida eterna nos é dada aqui e agora; mas em sua plena completude está adiante de nós, no futuro, e as palavras do apóstolo nesta passagem descrevem a nossa condição futura, quando teremos essa vida em sua plenitude.

Judas, no versículo vinte e quatro da sua diminuta Epístola, expressa essa verdade nestes termos: “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar” (enquanto estivermos aqui, Deus tem o poder e a capacidade de impedir que caiamos, porém Ele não se limita a isso), “e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória”. (VA: “com sobeja alegria”). Esse é o fim, a vitória final. Sim, Ele pode guardar-nos de tropeçar enquanto estivermos nesta vida na terra (lembrem-se de que nos referimos à “graça sustentadora”), mas isso será consumado na gloriosa perfeição que conheceremos quando Ele nos apresentar “irrepreensíveis, com sobeja alegria, perante a sua glória”.

Consideremos ainda a maneira pela qual o apóstolo Paulo expressa isso em sua carta aos filipenses. Diz ele que “A nossa cidade (ou “a nossa cidadania”) está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o (ou este) nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Filipenses 3:20,21). Isso também descreve esta meta final, este objetivo principal, o triunfo final do reinado da graça. Fomos concebidos e nascemos sob o pecado, e sob o reinado do pecado; e vimos o que isso significa e a que isso leva. A que nos leva o reinado da graça? À perfeição final, quando estaremos “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”. Seremos “santos e irrepreensíveis”, seremos “sem defeitos” em todos os aspectos – corpo, alma e espírito. Não ficará um traço, um vestígio de pecado nem de qualquer de suas conseqüências. Essa é a meta para a qual o reinado da graça nos está levando. Já basta, para o aspecto particular do assunto.

Examinemo-lo agora em termos gerais; pois é pena, mas, quando o pecado e o diabo obtêm o controle, não é só sobre os seres humanos, mas também sobre o mundo inteiro. O diabo é “o deus deste mundo”. Até o solo foi amaldiçoado; espinhos e cardos apareceram, doenças entraram em cena. Isso faz parte do reinado do pecado; não nos esqueçamos disso. Qual será, então, o triunfo, a vitória final do reinado da graça? Ver-se-á naquele importante tempo vindouro a respeito do qual o apóstolo Pedro escreve em sua Segunda Epístola, capítulo três. “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há, se queimarão”. E, chegando ao fim, ele fala nestes termos: “Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça”. Volto a dizer que todos os traços e vestígios dos maus efeitos do pecado sobre o cosmos serão queimados totalmente, serão incineradas, e haverá “novos céus e nova terra, em que habita a justiça”. “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e a nédia ovelha, viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca do áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”. Tudo isso foi predito com essas palavras do capítulo onze da profecia de Isaías.

É isso que virá! Sua glória é indescritível; frustra a imaginação. Mas virá! Seremos levados, eu e vocês que somos cristãos, àquele estado final, àquele estado eterno de homens que estão sob o reinado da graça. Seremos perfeitos, seremos glorificados,

o universo inteiro será glorificado, e passaremos a eternidade na gloriosa presença de Deus. É a isso que o reinado da graça nos está levando; será a vitória final da graça, o estado sempiterno de todos os que estão em Cristo e que pertencem a Ele. Assim como por um só homem entrou o pecado, assim por este segundo homem, Cristo Jesus, tudo isto virá, de modo que “assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor”. Tivemos assim um vislumbre da consumação final do programa que foi planejado e organizado antes da fundação do mundo, antes de ter vindo à existência o próprio processo do tempo.

Isso nos leva à culminante realidade, à de todas a mais gloriosa – Aquele por meio de quem tudo isso acontece, Aquele que, unicamente Ele, torna possível o reinado da graça, Aquele em quem a graça refulge mais gloriosamente. “Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.” Anteriormente já observamos várias vezes que o apóstolo conclui todas estas seções mencionando este Nome bendito. Ele o fará de novo no fim do capítulo seis, dizendo: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”. Depois, no fim do capítulo oito, ele conclui aquela extraordinária passagem com as palavras: “Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!”

Assim Paulo nos compele a olhar para o Senhor da glória. É por meio dEle que tudo nos vem; é somente Ele e Sua obra que garante tudo. O apóstolo personalizou a graça. Ele fez isso, entendendo eu, porque esteve contrastando o pecado e a graça como poderes em conflito. Entretanto isso é apenas uma figura de linguagem, apenas um modo de falar. Na verdade ele esteve descrevendo o que nos vem pelo Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. E, se quisermos aprender algo sobre a graça,

o que devemos fazer é olhar para Ele. Isto Isaac Watts expressa muito bem em seu hino:

*Agora ao Senhor um nobre canto!
Desperta, minha alma; desperta ó língua!
Hosana entoa ao Nome eterno
E o Seu infindo amor alto proclama.
Vê onde ele brilha, no rosto de Jesus,
A mais fulgente imagem de Sua graça...*

De fato! Como diz o autor da Epístola aos Hebreus, Cristo é a expressa imagem da Pessoa de Deus, a refulgência de Sua glória, e assim Watts continua,

*Vê onde ele brilha, no rosto de Jesus,
A mais fulgente imagem de Sua graça;
Deus o Pai, na Pessoa de Seu Filho,
Sua mais estupenda obra consumou.*

Todos os dons e dádivas de Deus são maravilhosos, mas todos empalidecem e se reduzem à insignificância quando contemplamos a face de Jesus.

*A espaçosa terra, a enchente imensa,
Proclamam o sábio e poderoso Deus;
Brilham Suas ricas glórias bem de longe,
Cintilantes em cada estrela móbil.
Mas em Seu olhar fixa há uma glória
O mais nobre labor de Suas mãos;
O radioso brilho dos Seus olhos
Maior é que o esplendor do firmamento.*

Teríamos nós ao menos uma visão de relance disso? Saberíamos algo sobre isso? O Espírito Santo foi enviado e dado a fim de que pudéssemos ter um vislumbre desta “glória na face de Jesus

Cristo”. Pois bem, olhemos para Ele. É onde todos os mais nobres e mais gloriosos aspectos da graça são vistos claramente, e se quisermos compreender o que o apóstolo nos está comunicando com o seu “muito mais”, e “abundância” e “muito mais abundante”, devemos voltar-nos para o Senhor Jesus Cristo. Em Cristo veremos as maravilhas, as vitórias e a glória da graça redentora de Deus.

É impossível resumir o tema presente em poucas palavras! Posso apenas dar títulos e indicar os versículos das Escrituras nos quais estas glórias são retratadas com maior clareza. Devemos estudá-los e ponderar neles até enxergarmos algo das suas riquezas; devemos orar rogando a Deus que abra os nossos olhos por Seu Espírito para que possamos fazer isso. Foi a graça de Deus que O enviou ao mundo. Foi a graça de Deus que planejou tudo isso e decidiu enviar Seu Filho ao mundo. E foi esta mesma graça que levou o Filho a vir e a realizar tudo o que Ele realizou neste mundo. É a graça que continua a impulsioná-LO a realizar tudo o que Ele ainda está realizando pelos Seus, por Seu povo.

O que a graça O levou a realizar? Diz-nos o apóstolo Paulo num só versículo (2 Coríntios 8:9): “Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis”. “Sendo rico.” Tudo era dEle, e por meio dEle tudo foi feito. Ele era o Senhor do universo, tudo estava sob Suas mãos. Mas, maravilha das maravilhas, sendo rico, por amor de nós Ele Se fez pobre. Vemos aí o caráter real da graça. Estivemos falando da munificência, da benevolência e da liberalidade. Aí vocês vêem tudo isso.

Ou vejam outra definição oferecida pelo apóstolo no capítulo dois da Epístola aos Filipenses na grandiosa declaração que começa no versículo 5: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo,

fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. Ou, na expressão de Robert Robinson:

*Do trono da mais alta glória
À cruz da mais profunda dor!*

Se vocês quiserem avaliar a extensão da graça, aí está como fazê-lo – do mais alto céu rebaixado à cruz, descendo depois até ao túmulo, entre os mortos. Esta é maneira pela qual podemos ver o caráter do reinado da graça. Foi a graça, a graça que estava em Seu coração, e no coração da Deidade, que O levou a realizar isso tudo – e finalmente a dar Sua vida em resgate por nós e por nossos pecados. Ele “fez sua alma uma oferta pelo pecado”. Ele “não se agarrou” à glória que compartilhara eternamente com Seu Pai. “Humilhou-se a si mesmo”, “anulou sua reputação”. Pôs de lado a insígnia da glória eterna, desceu à terra, suportou a contradição dos pecadores e foi para a morte de cruz e para tudo o que isso envolvia. Aí vocês podem ver a generosidade, a abundância, a munificência disso tudo. Ele Se entregou até à morte, e morte de cruz. Por isso este aspecto da graça é vista mais gloriosa e mais brilhantemente em Cristo.

Venham, porém, vamos apreciar a vitória da graça como se vê nEle. Ali está Ele, crucificado, morto e sepultado; a pedra é colocada na boca do túmulo e selada, e soldados são designados para vigiá-lo. Mas Ele “rompeu as amarras da morte” e “triunfante sobre o túmulo ressurgiu”. “Ao qual”, diz Pedro em seu sermão em Jerusalém no dia de Pentecoste, “Deus ressuscitou, soltando as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (Atos 2:24). O apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios na Primeira Epístola, capítulo 15, e tratando deste mesmo tema de um ângulo um pouco diferente, lembra-nos o que o Senhor teve que vencer, que a graça tinha finalmente que vencer pela Pessoa de Cristo e por meio dEle.

Diz o apóstolo: “Ora o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte” (versículo 26). Mas Ele a destruiu. O versículo cinquenta e quatro do mesmo capítulo proclama: “Tragada foi a morte na vitória”; noutras palavras, “para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna”. “Tragada foi a morte na vitória.” Essa derrota da morte é para todo o sempre; é a aniquilação da morte; significa agarrá-la e lançá-la fora. “Tragada foi a morte na vitória.” Vemos isso na ressurreição. Observando-a, podemos dizer: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?”; e então podemos prosseguir e acrescentar: “Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”. Aí vocês vêem o aspecto mais glorioso da vitória e do poder do reinado da graça; e continua sendo em Cristo!

Mas o que aconteceu com Ele depois que ressuscitou? É-nos assegurado que Ele ascendeu ao céu e assentou-Se à destra de Deus; “...havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas” (Hebreus 1:3). Nesse mesmo primeiro capítulo de Hebreus o autor passa a apresentar um incontestável argumento, com as seguintes palavras: “A qual dos anjos disse jamais: assenta-te à minha destra até que ponha a teus inimigos por escabelo de teus pés?” Isto se refere à chamada “Sessão* Celestial do nosso Senhor”.

Que significa a Sua “sessão celestial”? Significa que Ele assentou-Se à mão direita de Deus e, portanto, podemos dizer que Ele “pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25).

Quanto ao antigo sacerdócio de Israel, sob o judaísmo, os sacerdotes morriam e havia constante necessidade de novos

* Do latim *sessio*, “ato de assentar-se”. Nota do tradutor.

sacerdotes, pelo que havia sempre um elemento de incerteza, mas “este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo” – imutável, eterno. Portanto, ele pode salvar até ao extremo do fim. Nada ficará por fazer. Seremos levados àquele lugar onde gozaremos a consumação final da redenção.

Repete-se a mesma verdade em Hebreus 10:12 e 13: “Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus. Daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés”. Isso faz parte do reinado da graça. Ali está Ele, assentado à destra de Deus, e tem em Suas mãos todo o poder. Diz Ele: “É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinaí todas as nações” (Mateus 28:18,19). Essa foi a Sua comissão aos Seus discípulos. Ele tem todo o poder, Ele está assentado à mão direita de Deus no trono eterno, e está aguardando até que os Seus inimigos sejam feitos escabelo de Seus pés. E, de novo, Paulo diz em 1 Coríntios 15:25: “Convém que (Cristo) reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés”. Convém que reine. É preciso que reine! E Ele reinará! Nada poderá detê-lo ou impedi-lo.

Vemos em Sua “sessão celestial” todos os aspectos desta graça. Ele é o nosso Advogado com o Pai, e vive “sempre para interceder por nós”. Ele tem todo o poder, e está controlando e dirigindo todo o curso da história humana. Nunca se preocupem com o futuro da Igreja, nunca se preocupem com o destino eterno de vocês – tudo está em Suas mãos. E não somente vocês, e o Reino, mas tudo mais está debaixo do Seu poder. “É-me dado todo o poder”, diz Ele. É preciso que Ele reine. Ele está reinando; está reinando neste momento; nunca esqueçamos isso. Mas vemos tudo isso pela fé; no momento não é visível. O autor da Epístola aos Hebreus argumenta sobre isso para nós no capítulo dois. A promessa é que todas as coisas serão colocadas sob Ele, porém, diz o versículo 8, “Agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas”. E em seguida acrescenta: “Mas vemos Jesus” (versículo 9). Ele já foi

glorificado, e essa é a garantia de que Ele voltará para completar a Sua obra.

Tudo isso é descrito splendidamente no livro do Apocalipse, capítulo 19: “E no vestido e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores” (versículo 16). Ele cavalga um cavalo branco e “da sua boca saía uma aguda espada”. Ele vem para travar uma terrível batalha contra os que se opunham a Deus e a nós, os que nEle cremos. O escritor continua e nos dá um vislumbre da vitória final do Rei: “E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes”. E mais, em Apocalipse 20:10: “E o diabo” – o último inimigo, o primeiro a desafiar a Deus, antes da criação do mundo, “Lúcifer”, a “Estrela da Manhã” que se rebelou contra Deus e se opôs a Ele, e causou todo o estrago, “o deus deste mundo”, “o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência” – “E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre”. E nos versículos 14 e 15: “E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Essa é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo”. É isso que acontecerá! É assim que o Senhor vai consumir a vitória final da graça sobre o pecado!

Esse é o quadro que nos descreve Cristo. E quando esses fatos acontecerem, quando tudo isso se concretizar, então, diz o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 15:24: “Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver

aniquilado todo o império, e toda a potestade e força". Cada um dos Seus inimigos terá sido vencido e destruído. "Assim como o pecado reinou na morte, assim também a graça" reinará "pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor." "Quando (Ele) houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força." O diabo e todas as suas forças, e todos quantos têm sido influenciados por ele e que pertencem a ele, e tudo o que veio a existir como fruto do pecado – o inferno, o hades, a morte e tudo mais – tudo isso será desalojado e posto fora para ser eliminado da presença de Deus para todo o sempre.

E depois: "E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe... Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus" (Apocalipse 21:1-4). Isso é o que virá, quando a vitória se consumir. Não somente o inimigo e todos os seus vestígios destruídos para sempre, mas este "novo céu", e esta "nova terra", e o próprio Deus habitando entre o Seu povo! Saberemos que Ele é o nosso Deus, e Ele passará a eternidade conosco, e nós com Ele. Essa é a glória, e é a glória para a qual, pela graça de Deus, o Senhor Jesus Cristo, certa e seguramente, está levando todos aqueles que nEle crêem.

Em face destas coisas, que podemos dizer? Só posso concitá-los a ouvirem Isaac Watts expressar os seus sentimentos sobre isso tudo, e no hino que já foi citado:

*A graça! Tema terno e encantador;
No nome de Jesus alegre penso;
Demorai-vos, vós anjos, no louvor!
Fazei-o refletir-se na terra, ó céus!*

Acrescentemos a essa declaração os versos com os quais Philip Doddridge expressa os seus sentimentos:

*Graça! Que som encantador!
Harmonioso se ouve;
O céu o eco ressoará
E ouvido será por toda a terra.
A graça ideou primeiro o plano
Para salvar o homem rebelde;
E todos os passos vistos da graça
No belo plano traçados foram.*

*Meu nome a graça logo inscreveu
No livro eterno do eterno Deus;
A graça deu-me ao fiel Cordeiro,
E a minha dor Ele suportou.*

*Minh'alma a graça ensinou a orar
E amor perdoador a conhecer;
Até hoje a graça me preservou
E sempre me guardará.*

*Sua obra a graça vai consumir
No dia eterno, por todo o sempre;
A última pedra no céu porá.
Louvor merece, louvor perene.*

“Graça! Que som encantador! Harmonioso se ouve.” Ah, oxalá passássemos o resto dos nossos dias neste mundo cantando tais hinos para o Seu louvor e para a Sua glória!

*Ah, em mil línguas poder cantar
Louvor ao meu grande Redentor!
A excelsa glória de Deus, meu Rei,
E de Sua graça a vitória plena!*

“Assim como o pecado reinou na morte, assim a graça” reinará
“pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.”

Romanos

Em toda parte do mundo, nas mais diversas situações, encontram-se cristãos que se sentem incalculavelmente endividados ao ministério do Dr. Martyn Lloyd-Jones. Por trinta anos era o ministro da Capela de Westminster, Londres. Ali ele pregou domingo após domingo expondo e aplicando fielmente as grandes verdades das Escrituras. Além disso, nas sextas-feiras à noite o Dr. Lloyd-Jones presidiu reuniões de debate sobre problemas a respeito do viver cristão e também proferiu umas séries notáveis de preleções expositivas e teológicas para grandes audiências. Contudo, para muitos a Capela de Westminster tornou-se um ponto de referência geográfica e espiritual, um lugar onde as pessoas ganharam renovada força e visão. Como resultado direto do ministério do Dr. Lloyd-Jones, muitos foram salvos e grande número de cristãos foi fortalecido na sua fé.

A publicação destas mensagens sobre a Epístola aos Romanos oferece ao leitor a oportunidade de saborear algo da riqueza e do poder da pregação do Dr. Lloyd-Jones e de desfrutar do seu tratamento magistral da maior Epístola do Novo Testamento. Nestes capítulos será achado uma mescla de clareza teológica, percepção aguda sobre os triunfos e armadilhas do viver cristão, bem como uma calorosa aplicação das Escrituras ao caminho do cristão no mundo moderno.

Muitos dos temas mais majestosos do Novo Testamento estão evidentes no capítulo cinco desta Epístola – pecado e graça, esperança e fé, redenção e glória. O leitor cristão descobrirá esta tremenda riqueza explicada e aplicada de tal maneira que sua fé será aumentada e sua certeza confirmada.

Nascido no sul do país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP